"DJUBI PA DIANTI KU SPERANSA BU VITÓRIA NA BIN": AS LUTAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS, A ANCESTRALIDADE E A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA GUINÉ-BISSAU



RAISA MARIA DE SOUSA REGALA

PRESIDENTE PRUDENTE
2024

RAISA MARIA DE SOUSA REGALA

"DJUBI PA DIANTI KU SPERANSA BU VITÓRIA NA BIN": AS LUTAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES CAMPONESAS, A ANCESTRALIDADE E A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA GUINÉ-BISSAU

Tese submetido ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", como parte dos requisitos obrigatórios exigidos pelo referido Programa.

Área de concentração: Produção do Espaço Geográfico

Linha de pesquisa: Trabalho, saúde ambiental e movimentos socioterritoriais

Orientador: Profº. Drº. Raul Borges Guimarães

Presidente Prudente – SP
2024

R333“

Regala, Raisa Maria de Sousa
“Djubi pa dianti ku speransa bu vitória na bin” : as lutas e resistências das mulheres camponesas, a ancestralidade e a promoção da saúde na Guiné-Bissau / Raisa Maria de Sousa Regala. -- Presidente Prudente, 2024
271 f. : il., tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Raul Borges Guimarães

1. Bijagós. 2. ancestralidade. 3. agroecologia. 4. soberania alimentar. 5. promoção da saúde ancestral. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: "*DJUBI PA DIANTI KU SPERANSA BU VITÓRIA NA BIN*: as lutas e resistências das mulheres camponesas, a ancestralidade e a promoção da saúde na Guiné-Bissau"

AUTORA: RAISA MARIA DE SOUSA REGALA
ORIENTADOR: RAUL BORGES GUIMARÃES

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em Geografia, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
RAUL BORGES GUIMARAES
Data: 25/11/2024 20:12:34-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. RAUL BORGES GUIMARÃES (Participaçao Presencial)
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciencias e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/Unesp

Profa. Dra. NEIDE BARROCÁ FACCIO (Participaçao Presencial)
Departamento de Planejamento Urbanismo e Ambiente / Faculdade de Ciencias e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/Unesp

Prof. Dr. JOSÉ MARIA DO ROSARIO CHILAULE LANGA (Participaçao Virtual)
Conselho Municipal de Maputo - Moçambique

Profa. Dra. MARTHA PRISCILA BEZERRA PEREIRA (Participaçao Virtual)
Departamento de Geografia / Universidade Federal Campina Grande - UFCG

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Profa. Dra. ARTEMISA ODILA CANDE MONTEIRO (Participaçao Virtual)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira - UNILAB

Presidente Prudente, 31 de maio de 2024

Dedico essa tese a minha ancestralidade... brasileiras(os) e guineense.
A todas as mulheres que deram, dão e darão seu trabalho para a promoção da saúde.
A todas e todos que sucumbiram em um dos processos mais violentos que o mundo já viu.
A todas e todos os povos do continente africano
O mundo deve mais que um pedido de desculpas pelo período nefasto que o continente africano passou.

Notas sobre a tese:

- Título

A música que compõe o título é cantada pela artista Karyna Gomes· Para ouvi-la, abra o aplicativo spotify e vá em buscar e digitalize a imagem:



Ou ouça em outras plataformas digitais – buscar por:
"SPERANSA KARYNA GOMES"

- Leitura em voz alta

É uma **tecnologia de acessibilidade**, servirá para aquelas e aqueles que necessitarem a utilização de leitura nos aplicativos de PDF· Todas as fotografias possuem uma análise da paisagem·

- Elemento cartográfico de orientação:

A escolha do elemento de orientação apontando para o sul, é uma escolha política do entendimento suleado da pesquisa de doutorado· O símbolo se da a partir da Nimba – a deusa da fertilidade – é uma representação produzida pelos afrodescendentes dos povos Baga e Nalu· Que até a atualidade habitam o que hoje conhecemos como a Guiné-Bissau e a Guiné·

- Sobre a tradução

Todos os títulos e subtítulos de Capítulos, assim como o resumo do texto foi realizado pela Odete Semedo – poetisa e escritora na Guiné-Bissau



AGRADECIMENTOS

"Eu agradeço ao povo brasileiro. Norte, Centro, Sul inteiro" ♫ A oportunidade de chegar aonde estou é grande parte por ajuda dos impostos, e esses financiaram todas as minhas pesquisas – graduação, mestrado, doutorado. Esse povo que me deu essa oportunidade, pode ser que nunca usufrua da mesma chance que eu. Por esse motivo, sempre irei agradecer e dizer... foi por vocês. EDUCAÇÃO PARA TODAS, TODOS E TODES.

As minhas avós e meus avôs, que sempre mostraram ao meu pai, mãe, tios e tias a importância que a educação tem nas nossas vidas e como a partir dela podemos lutar por vidas digna para toda população. Com aquilo que vivi e vivenciei enquanto estava na presença delas e deles me fez buscar tudo que sou hoje. Minhas avós Severina (*In memoriam*), Maria e tia Halime (*In memoriam*), sempre me ensinaram e mostraram o poder que as plantas têm, como elas podem nos curar ou manter a saúde do corpo. Meu avô Severino (*In memoriam*) me mostrando o amor de Deus é a *práxis* das palavras, que ajudar o outro é o mais importante de tudo. Meu avô Francisco (*In memoriam*) não conheci, mas as histórias contadas, seja em Cossé ou em Bissau, mostra o homem que o senhor era, sempre buscou ajudar a todas e todos.

Anália (mainha) e Augusto (painho), que sempre estiveram do meu lado, me deram todo o apoio possível – muitas das vezes parecia ser impossível, mas não foi <3 – para que eu pudesse chegar aqui. Meu muito obrigada por todo carinho, amor, confiança e consideração. AMO VOCÊS. Obrigada por serem sempre presentes na minha vida.

"Entre tapas e beijos [...] Meu mundo sem ela Também é vazio" ♫ Quantas brigas, quantas caras feias, mas numa proporção maior... muito amor, companheirismo e confiança. Quanta alegria em ser sua irmã e poder dividir essa vida com você é um privilégio. Minha companheira de aventuras, trilhas, bagunças, cervejas para mim e cachaça para ela, viagens e textão (dela kkkkkkkkkkk). Aquela que se eu falar "Paloma" está ali para me ajudar e me dar os melhores conselhos. Te amo.

"Há tempo, muito tempo que eu estou Longe de casa E nessas ilhas Cheias de distância" ♫ ... Com essa música eu falo sobre família e a importância dela na minha





construção social e política. Minha família me inspira, me inspirou e tenho CERTEZA de que sempre vai me inspirar. Hoje eu digo a plenos pulmões "Sou professora por influência da minha família", eu nem tinha idade e já ia para a universidade para as aulas de teatro da minha tia na UFPB... Artes, música, história, geografia, biologia, educação física, letras... ser professor está no sangue e eu escolhi isso para minha vida.

As minhas primas e aos meus primos, vocês são irmãs e irmãos, os momentos divididos com vocês são sempre leves, cheio de risadas e alegrias. Mesmo aqueles que tive pouco convívio – por estarmos distantes fisicamente – os encontros eram sempre cheios de amor e carinho. Obrigada por serem quem vocês são na minha vida.

Avós, Avôs, Mãe, Pai, Tias, Tios, Irmã, Primas, Primos... com vocês eu aprendi tudo que eu sei hoje, aprendi a não me calar diante das injustiças, a lutas pelos ideais, que a neutralidade é um pensamento político. Viva a luta! viva o povo! ♡

Agradecer ao meu orientador Raul Borges Guimarães pelas trocas que tivemos durante o meu doutorado. Obrigada por não ter desistido de mim e falado "você só sai dessa universidade Doutora", meu muito obrigada por todos os ensinamentos e aprendizado.

A professora Neide Barroca e ao professor José Langa, pela contribuição na qualificação e as professoras Neide Barroca, Artemisa Monteiro, Martha Priscila e ao professor José Langa por aceitarem a participação da banca final da Tese.

Agradeço a Odete Semedo por toda atenção me dada e pela ajuda nas traduções da língua portuguesa para o Criolo da Guiné-Bissau.

"EXISTE AMOR EM SP" ♫ e eu posso provar. Cês são minha família, meu porto seguro quando eu entrava em desespero, minha escuta, abraços, cervejas, rubacão, carinho, puxão de orelha. Renato, Vivi (Vivian), Rayssa (da Van), Igor, Chico (patrono), Caio (que nunca responde), Geo (Geovana), Zé Luiz, Angelica, Sabrina e Dona Antônia. Obrigada por todas as trocas na alegria e na tristeza.

"Quero chorar o seu choro Quero sorrir seu sorriso Valeu por você existir, amigo" ♫... **Renato** – Meu irmão, aquele que sempre esteve ali para me ouvir, com quem tive, tenho e terei as melhores trocas. **Vivian –** Essa sempre embarcou nas minhas loucuras e que esteve ali para me ajudar. **Igor –** de Nordeste ao Sudeste e

sempre trocando e topando as melhores aventuras. **Rayssa** – ela tenta não ser carinhosa, mas o coração dela é incrível. Obrigada!! Vocês são as minhas pessoas.

Minha terapeuta Isabele Antoniassi, por todo apoio me dado, me ouvido e me ajudado a desenrolar o nó da cabeça, juntar os fragmentos de mim e me reconstruir.

A UNESP e ao PPGG... cês tiraram o pouco de sanidade que eu tinha, mas me proporcionaram conhecer pessoas que eu quero levar para a minha vida: **Ana Carolina –** você é uma irmã, uma amiga, você é um ser de luz... sempre solícita e pronta para ajudar tudo e todos; **Gustavo Henrique –** o menino mais lindo dessa UNESP, a sua capacidade de conquistar as pessoas é única, com você eu sempre me senti tranquila em falar, obrigada meu irmão; **Flávia** com ela os "Hasshuargzshuargz" (taz-mania), as trocas de olhares seguidas de risadas são sempre garantidas, dividir esse tempo com você tornava os problemas leves; **Magno –** todos falam que a gente divide o mesmo neurônio, e eu não discordo. Por mais brindes entusiasmados ouvindo calcinha preta ou boate azul; **Eusébio** (meu menino) – Você sempre teve os melhores conselhos para mim, um ótimo apoio, meu Nordeste em Presidente Prudente; **Jandira** (Fernando) o menino mais carinhoso, amigo e parceiro, com ele eu divido o neurônio da teimosia, aí já viu... kkkkkkkk; **Mumu Muniiiique** (Monique) – o que ela tem de carinho pra te dar, ela tem de demora pra responder o whats (risos), a escuta e a paciência são suas melhores qualidades; **Húrbio** – meu mineirinho <3 quantos conselhos dados, quantos puxões de orelha, obrigada por sempre buscar o melhor de mim. Você tem muita inteligência emocional; **Jana** (Janaina) – obrigada por esses anos dividindo a casa com você, obrigada por toda paciência e as trocas; **Bruno** sua amizade sempre foi cheia de amor para dar, obrigada por sempre me apoiar nas loucuras; **Glenda** que conheci a pouquíssimo tempo, mas conquistou minha amizade, obrigada pelas horas de risadas e escutas. Vocês são pessoas importantes que ajudaram a diminuir a saudade de casa e da minha família, vocês fazem parte da minha família Unesp... assim como Glenda Rodrigues, Nany (Naiara), Camila, Tati, Eduardo, Laís, Renata Rizzon, Amandinha (Baratelli), Marcelo Crepaldi, Laércio, Bruna Borsoi, Carolina, Jota, Gleice, Anderson, Jatanael, Amanda Rossini, Lucas (Campesino), Hellen, Diógenes, Duda, Marlon. Meu muito obrigada a todas e todos por terem participado da construção daquilo que eu sou hoje.

A minha turma de 2020 – Felipe, Aline, Ângela, Gustavo, o desespero une os desesperados (risos). Obrigada por estarem sempre atentos para conversas, seja uma fofoca ou uma dúvida.

"A amizade Nem mesmo a força do tempo irá destruir Somos verdade Nem mesmo este samba de amor pode nos resumir" ♫. A minha primeira casa acadêmica, a UFPB, lá eu fiz grandes amigas e amigos, criei laços que vão sempre me acompanhar Ceci, Geo (Geovana), Lucas, Zé (José Carlos) Diego, Camila, Jeane, Alexandro, Emmy, Kio, ao coletivo INconstrução, a Emília Moreira, Richard Marques.

Ao melhor grupo de Whatsapp ♡ Renato Ribeiro, Vivi (Vivian Reis), Bruno Schreiner, Ronald Coutinho, Bolinho (Little Cake Lucas Silva), Igor Carlos, Luquinhas (Lucas Araújo), Rayssa Leite (da Van), Caio Agusto, Jéssica Castro e Emília, Zé Luiz, Magno Ricardo, Thaimon Socoloski (tico), Luiz Paulo, Jandira (Fernando Almeirda), Thiagão (Thiago Viana), Albert Souza, Thiago Damas, Marcus Costa os sotaques audíveis e ao seu sucessor, com vocês garantem meus risos diários, fui e sou livre para falar sem ser julgada e sempre fui recebida de braços abertos. Mesmo distantes conseguíamos nos apoiar durante a pandemia, aquelas mesas de bar pelo meet me ajudaram a não me sentir sozinha. OBRIGADA POR TUDO E POR SEMPRE.

"Minha vida é andar por esse país pra ver se um dia eu descanso feliz, guardando as recordações das terras onde passei" ♪ cada canto do Brasil me transformou das mais diversas formas, cada pessoa que eu conheci levou um pouco de mim e deixou um pouco delas, e assim eu me construo. Agradeço aos amigos e amigas da Chapada Diamantina, do Rio, Niterói, Camurim, de São Paulo, da Paraíba, da Guiné-Bissau, de Minas Gerais, do Espírito Santo, de Santa Maria, de Fortaleza, de Salvador.

Obrigada a cada um das amigas e amigos citados nesse texto... "Quero chorar o seu choro Quero sorrir seu sorriso Valeu por você existir, amigo". Cada um de vocês sabem a importância que tem na minha vida ♡.

A Jorge e Tereza, e todos que trabalham e trabalharam lá (Geraldo, Pipoca, Ivy, Will, Renan e Pedro). Depois de um dia cansativo, ser recebida com um sorriso e uma cerveja gelada era maravilhoso. "Garçom! Bota uma cerva bem gelada Aqui na mesa [...] Minha alegria deu um porre na tristeza" ♪ Nesse espaço afoguei muitas mágoas e comemorei as vitórias conquistadas, conheci pessoas, sorri, chorei, ouvi e fui ouvida.

Aos meus alunos das turmas que ministrei aula em 2023, com vocês eu descobri que ensinar é uma troca, que da mesma forma que vocês adquirem conhecimento, eu também aprendo. Obrigadas as turmas de Prática de Leitura e Escrita (Matemática e Física) e Estágio Supervisionado IV (Geografia noite).

A ONG Tiniguena, que me deu todo o apoio necessário para a realização do campo. Obrigada Miguel Barros e Emanuel Ramos (Manecas). Sanhã e Sanka por toda a companhia durante minha estadia nas Ilhas de Urok, também agradeço as mulheres que disponibilizaram um tempo do seu dia. E a Toni Bandeira e Luis (comandante e marinheiro) que me levaram por todos os cominhos nas ilhas de UROK. Obrigada a todas e todos (Sanhã e as mulheres das Ilhas de Urok) por ter me passado várias informações e ter dividido seu conhecimento comigo.

As mulheres camponesas das Ilhas de UROK, por me receberem, abrirem as portas de suas casas e de suas vidas. Essa tese é por vocês e é de vocês.

A Odete Semedo, por ter realizado a tradução dos textos e Kriol para português e por ter sido tão atenciosa com a minha pessoa.

Aos trabalhadores da UNESP de Presidente Prudente, que sempre me receberam de braços e sorrisos abertos, vocês são muito especiais nesse meu tempo em terras prudentinas, em especial a Jenifer, Katiane e Joeselfo. Obrigada a Aline Muniz que sempre esteve atenta a todas e todos os discentes do PPGG. A Adriano pelas conversas e ajudas

Ao Centro de Estudos Africanos por compartilhar sua biblioteca e trazer o conhecimento necessário a comunidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

"Pela geografia Aprendi que há, no mundo, um lugar Onde um jovem como eu pode amar e ser feliz" ♪. Por fim, mas não menos importante... agradeço a "Uma deusa, uma louca, uma feiticeira" 🎶 agradeço a mim, só eu sei todos os percalços passados para ter o título de doutora, todos os choros, saudade: de casa, dos domingos em família, dos sábados de praia... enfrentar por meses (sozinha) a pandemia de COVID-19, além de ter adquirido transtorno de depressão e ansiedade, posso dizer. EU VENCI!

UBUNTU [1]:

"Eu sou por que você é"
(Getrude Matshe)
Visão de comunidade, o senso de humanidade
(Mogobe Ramose)

[1] Povos Bantus – África subsaariana

Resumo: Parte-se do processo histórico ocorrido no continente africano, mais especificamente na Guiné-Bissau, com a apreensão da divisão territorial até o presente, e a suas consequências nas questões sociais, econômicas, políticas, de saúde e educação. Nesse percurso foi perceptível a compreensão dos efeitos do tráfico negreiro, escravização e colonização, na Guiné-Bissau. Mais de 500 anos da presença do homem, branco, europeu e cristão no país tem repercussão até os dias atuais. Revoltosos com a situação de exploração e com o apagamento étnico, cultural e religioso, uma parte da população guineense une-se para a libertação e independência do país. Nesse processo temos Amilcar Cabral que se destaca enquanto líder do movimento. Mas não só homens tiveram sua importância nessas atividades, pode-se destacar Titina, Teodora, Carmem, entre outras, que influenciaram no processo pré e pós libertação. As consequências dos processos violentos sofridos pela população reverberam até a atualidade, a instabilidade política e econômica através dos Golpes de Estado ou de Guerras Civis. Essas sucessões de acontecimentos fazem necessário uma ajuda – seja humanitária ou de ONG's ou de associações – muitas buscam o desenvolvimento do país, já outras podem trazer em sua essência o neocolonialismo. Assim como o período colonial apontou o extermínio, epistemicídio e a escravização – cultural, étnica e religiosa – esse novo processo não seria diferente. Desta forma, a população local deve resistir diante de tais situações. Mas existem aquelas que traçam em suas metas o desenvolvimento local, o empoderamento das comunidades e a manutenção cultural das etnias, como é o caso da Tiniguena. Ela apoiou as comunidades para a construção da Área Marinha Protegida Comunitária (AMPC) Ilhas de UROK, onde a comunidade protege além do citado, a cultura étnica Bijagó. Dessa forma, com ajuda organizacional e financeira da Tiniguena e com a forma de vida desse povo, que tem em seu âmago a vivência em equilíbrio com a natureza, e em consonância com a sua ancestralidade, que as mulheres camponesas das Ilhas de UROK vêm construindo e trazendo a promoção da saúde, a partir das produções ricas de diversidade e sem uso de veneno, ou seja, a agroecologia, e a assim se tendo soberania alimentar, e diminuindo a insegurança alimentar tão presente na Guiné-Bissau. Os processos citados, unido à cultura e à ancestralidade dos Bijagó vem sendo possível a promoção da saúde ancestral nas Ilhas de UROK.

Palavras-chave: Bijagós, ancestralidade, agroecologia, soberania alimentar e promoção da saúde ancestral.

Abstract: It starts from the historical process that occurred on the African continent, more specifically in Guinea-Bissau, with the apprehension of territorial division up to the present day, and its consequences on social, economic, political, health, and education issues. Throughout this journey, there was a noticeable understanding of the effects of the slave trade, enslavement, and colonization in Guinea-Bissau. Over 500 years of the presence of white, European, and Christian men in the country have repercussions to this day. Discontent with the situation of exploitation and ethnic, cultural, and religious erasure, a portion of the Guinean population united for the liberation and independence of the country. In this process, we have Amilcar Cabral who stands out as a leader of the movement. But not only men had importance in these activities; figures like Titina, Teodora, Carmen, among others, influenced the pre and post-liberation process. The consequences of the violent processes suffered by the population reverberate to the present day, with political and economic instability through coups or civil wars. These successions of events necessitate assistance—whether humanitarian or from NGOs or associations—many seeking the development of the country, while others may bring neocolonialism at their core. Just as the colonial period pointed to extermination, epistemicide, and enslavement—cultural, ethnic, and religious—this new process would not be different. Thus, the local population must resist such situations. But there are those who outline local development in their goals, empowering communities and maintaining the cultural heritage of ethnicities, as is the case with Tiniguena. They supported communities in building the UROK Islands Community Marine Protected Area (AMPC), where the community protects not only the mentioned, but also the Bijagó ethnic culture. Therefore, with organizational and financial support from Tiniguena and the way of life of these people, who have at their core the experience of living in harmony with nature and in harmony with their ancestry, the peasant women of the UROK Islands are promoting health through diverse and pesticide-free productions, in other words, agroecology, thereby achieving food sovereignty and reducing food insecurity so prevalent in Guinea-Bissau. The processes mentioned, combined with the culture and ancestry of the Bijagó, have made it possible to promote ancestral health on the UROK Islands.

Keywords: Bijagó, ancestry, agroecology, food security, and promotion of ancestral health.

Resumu: Es tarbadju kumsadu ku storia ku passa na kontinenti afrikanu, ma mas na tchon di Guiné-Bissau, dédi otcha e kumsa na rapati teras, te dia di aos, ku molostru o konsukensia k'i tisi suma purbulema sosial, ikonomiku, politiku, purbulema di saudi ku skola/idukason. Na és kaminhu o pursesu, i limpu pus ntindimenti di kuma k'i medunhu rusultadu di bindi ku pekaduris bindiduba na kil tempu, pabia elis i era pretus, i limpu tambi purbulema ku katiberasku ku kolonizason tisi na Guiné-Bissau. Te dia di aos i na sintidu inda kil sinta ku omi branku, oropeu, kriston, sintaba na no tchon, tok i passa mas di 500 anu. Raboltadu ku situason di toma k'i e ta tomaba kil k'i di nos, na sploranu, e kurintinu di no ris ku no rása, no kultura ku no rilijion, un parti di pupulason guinensi djunta pa liberta tera, pa tisi indipendensia na no tchon. Na es kaminhu o pursesu di luta, no tene Amílcar Cabral ku subursai suma kin ku staba dianti di kil muvumentu. Ma, i ka son omis ku mostra balentia na es labur, mindjeris suma Carmem Pereira, Titina Silá, Teodora Inácia Gomes, e mostra se balur, tantu na tempu de luta armada, suma tambi dipus ku tera nganha si liberdadi. Sinal di kasabi o molostru di es pursesu biolentu ku pupulason sufuri, te aos i na sintidu. No na sintil te gosi na falta di susegu na pulitika ku na ikonomia, un falta di susegu ku tene si tuadas na golpis di estadu o na guera sivil. I es akontisimenti sin tuudu, tras di n'utru, ku tisi obrigason di pidi sakur – sakur ku no ta tchama ajuda umanitaria o ajuda ku ONG's ta tisi, utru ora i sakur ku ta dadu pa mandjuandadi o asociason – kilis ku ta bin djuda ku bon sintidu pa disinbolbimenti di tera, utrus ta bin ku korson di neukolonialista, ku sedu findji djuda pa tira purbitu. Suma ku na tempu di kolon kolonialista randjaba manera di kaba ku rásas, di ndjuti no kultura k' tudu kil k'i di tchon, di pui pubis na katiberasku – kultura, rása (etinia), ku tudu ke k'i di rilijion – un manera nobu di fasi kusas (findji djuda, ma ndjuti djintis ku se kultura; findji pati, ma lambu kil di nos ku bali pa leba) e djitu di fasi ka lundju ku manha di kolon. Pabia di es tudu, pupulason lokal, djintis di tchon, dibi di finka pe, pa risisti, dianti di situasons suma esis. Ma i ten kilis ku ta fasi se planu, e ta pui na se meta, ku sedu ke ku e misti iangasa, disinbolbimenti di tchon, disinbolbimenti lokal, pa pui kumunidadi pa e bali se kabesa, pa e pega kultura di se rásas tesu, suma ku Tiniguena pegal tesu sin. Tiniguena apoia kumunidadis na firmanta Aria Marinhu Purtijidu di Kumunidadi (AMPC) na Djiu di Urok, nunde ku kumunidadi ta bisia, i ta tadja Aria di manga kusas danús. E toma konta e djuda tadja kultura Budjugu. Di es forma, ku djuda ku Tiniguena djuda elis pa e organisa, i djuda na organizason di se kontas o finansas, djuntadu ku manera di sta di pubis budjugu, manera ku e ta vivi di forma djustu (ikilibradu) ku tchon, ku naturesa, sempri di akordu ku eransas di se risis, ku djitu di mindjeris ku sinta na matu di Djiu di Urok, e kusas tudu firmanta promoson di saudi, a partir di kusas ku e ta pruduzi, kusas riku, kusas di manga di koldadi, sin pui adubu (k'i venenu pa pekaduris), ku sedu agroekologia – labur ku kil ku tchon ta danu –, ku pudi lebanu pa no pudi da no kabesa di kume, pa rapati nsuguransa na kusa di kume, ku sedu nsuguransa alimentar ku aos ta sintidu na Guiné-Bissau. Es kaminhus/pursesu ku papiadu del, djuntadu ku kultura, ku ardansa di risis di Budjugu, i ta mostra kuma no pudi lantanda saudi di antigamenti (ardansa de risis) na Djiu di Urok.

Fis di palabra: Budjugus, Ardansa di ris (Ansestralidadi), Agroekologia, Suguransa alimentar ku Purmuson di saudi di antigamenti.

LISTA DE SIGLAS

AMPC	Área Marinha Protegida Comunitária
ANP	Assembleia Nacional Popular
BIOGEOS	Biogeografia e Geografia da Saúde
BM	Banco Mundial
CPT	Comissão Pastoral da Terra
FMI	Fundo Monetário Internacional
FRELIMO	Frente de Libertação de Mocambique
GETEC	Grupo de Estudo Trabalho Espaço e Campesinato
IBAP	Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas
KAFO	Confederação Camponesa
MLG	Movimento para a Libertação da Guiné
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PAIGC	Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
PIDE	Polícia Internacional de Defesa do Estado
PIVIC	Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
UDEMU	União Democrática das Mulheres da Guiné e de Cabo Verde
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIOGBIS	Gabinete Integrado das Nações Unidas para a Consolidação da Paz na Guiné-Bissau
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FOTOGRAFIA

Fotografia 1: *Algumas das espécies de aves observadas durante o campo nas Ilhas de Urok* ____ *53*

Fotografia 2: *Reunião e entrega de sementes na tabanca de Abu – Ilha de Formosa* ___ *56*

Fotografia 3: *Reunião e entrega de sementes na tabanca de Ambó – Ilha de Formosa*__ *57*

Fotografia 4: *Conversa e entrega de sementes na tabanca de Botai - Ilha de Maio*_____ *57*

Fotografia 5: *Entrega de sementes na Ilha de Nago* ____ *58*

Fotografia 6: *Entrega de sementes na Ilha de Chedia*____ *58*

Fotografia 7: *Encerramento do projeto Tiban Anjatero* ____ *60*

Fotografia 8: *Teodora Inácia Gomes - ex-combatente para a independência da Guiné-Bissau* ____ *61*

Fotografia 9: *Barco responsável pelo transporte de Bissau para a Ilha de Formosa* ____ *63*

Fotografia 10: *Bolsa de palha utilizada pelos Omi garandis* ____ *129*

Fotografia 11: *Representação do ancestral Irã* ____ *132*

Fotografia 12: *Maneira que as mães carregam as crianças no período Naae e Ongbá* _ *135*

Fotografia 13: *Ferramenta para escalar a palmeira e tirar o fruto ou a palha ou o vinho de palma – cinto e canhaco* ____ *137*

Fotografia 14: *Acessórios utilizados nas festas e rituais* ____ *138*

Fotografia 15: *Fiscalização que resultou na apreensão da rede de pesca* ____ *147*

Fotografia 16: *Cultivo de arrroz na ilha de Chediã*____ *150*

Fotografia 17: *Campo utilizado como Lugar no ano de 2021, já sendo recuperada* ____ *151*

Fotografia 18: *População das Ilhas de UROK observando os mapas durante reunião de encerramento*____ *154*

Fotografia 19: *Armadilha ilegal para pegar peixe* ____ *155*

Fotografia 20: *Construção da casa dos professores na tabanca de Abu – ilha de Formosa* ____ *158*

Fotografia 21: *Organização das escolas - tabanca de Abu*____ *159*

Fotografia 22: *Consórcio na plantação - arroz e inhame genebra – lugar da tabanca Botai Ilha de Maio*____ *175*

Fotografia 23: *Consórcio na plantação - arroz e inhame genebra e jerimum* ____ *176*

Fotografia 24: *Arroz que sofreu com o ataque de praga e arroz crescendo sem ataque* *178*

Fotografia 25: *Repelente natural* ____ *180*

Fotografia 26: *Ninhos de pássaros no lugar* ____ *181*

Fotografia 27: *Quintal produtivo da camponesa Sabado Mendes Maio – Ilha de Formosa* ____ *183*

Fotografia 28: *Quintal Produtivo Maimuna - Ilha de Formosa*____ *183*

Fotografia 29: *Quintal produtivo de Nene - Beatriz* ____ *184*

Fotografia 30: *Maimuna mostrando suas sementes* ____ *185*

Fotografia 31: *Formas de estocar a semente de tomate - parede e nas cinzas (Nenembucha e Anjuleta)* ____ *187*

Fotografia 32: *Bemba - Ilha de Maio – Tabanca Botai* ____ *188*

Fotografia 33: *Mulheres camponesas e a prática da promoção da saúde* ____ *189*

Fotografia 34: *Secagem dos peixes* ____ *191*

Fotografia 35: *Mulheres catando mariscos na maré baixa Ilha de Chedia* ____ *192*

Fotografia 36: *Rua da tabanca de Abú* ____ *241*

Fotografia 37: *Árvore entre as tabancas de Kundjanqui e Ambu* ____ *244*

Fotografia 38: *Estrada que liga as tabancas de Kundjanqui e Ambo* ____ *246*

Fotografia 39: *Discoteca da tabanca de Ambo* ____ *247*

Fotografia 40: *Praia da Ilha de Maio - próximo a tabanca de Botai* ____ *249*

Fotografia 41: *Entrada e caminho para lugar e a tabanca de Botai* ____ *250*

Fotografia 42: *Caminho da tabanca para o porto* ____ *254*

Fotografia 43: *Caminho entre a descida do barco até a ilha de Chediã* ____ *255*

Fotografia 44: *Praia da ilha de Chediã* ____ *256*

Fotografia 45: *Cercado e placa solar da horta comunitária da tabanca de Abu – Ilha de Formosa* ____ *258*

Fotografia 46: *Caminho para horta comunitária de Abu – Ilha de formosa* ____ *259*

Fotografia 47: *Poço da horta comunitária tabanca de Abu - Poço para a irrigação* ____ *260*

Fotografia 48: *Companheiros de trabalho de campo – Toni Bandeira, Raisa Regala, Sanka, Luis, Sanhá – porto de Formosa* ____ *261*

LISTA DE FIGURA

Figura 1: *Área de atuação dos projetos das ONG's* _____ *123*

Figura 2: *Estrutura organizacional de UROK – Gestão comunitária* _____ *145*

Figura 3: *Divisão territorial das Ilhas de Urok - quanto a uso e ocupação do solo* _____ *153*

Figura 4: *Dados da segurança alimentar na Guiné-Bissau – por região* _____ *172*

Figura 5: *Imagem de satélite - observação dos pontos citados* _____ *242*

Figura 6: *Imagem de satélite - observação aérea da tabanca* _____ *245*

Figura 7: *Imagem de satélite - observação aérea da tabanca* _____ *248*

LISTA DE QUADRO

Quadro 1: *Entrevistas realizadas durante o campo* _____ *55*

Quadro 2: *Categorias das idades dos povos Bijagós* _____ *134*

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: *Localização da Guiné-Bissau no continente africano e a divisão regional do país 31*

Mapa 2: *Localização das etnias na Guiné-Bissau 49*

Mapa 3: *Influência da maré na área continental da Guiné-Bissau 50*

Mapa 4: *Localização da Área Marinha de Proteção Comunitária Ilhas de Urok 52*

Mapa 5: *Pontos de passagem do campo 64*

Mapa 6: *Rainhas com destaque no processo de construção dos seus territórios 72*

Mapa 7: *Reinos e Impérios existentes ao longo do tempo no continente africano 74*

Mapa 8: *Comparativo de áreas com pessoas sequestradas e traficadas e território além-mar de países europeus 75*

Mapa 9: *Comparativo de áreas ocupadas na pré-colonização; territórios além-mar; sequestro de pessoas 77*

Mapa 10: *Divisão do continente africano após a Conferência de Berlim 79*

Mapa 11: *Divisão política da África na atualidade 80*

Mapa 12: *Mapa de portos e entrepostos do período da escravização - África e América Latina 83*

Mapa 13: *Fluxo escravização da Guiné-Bissau 86*

Mapa 14: *Evolução das áreas libertas na Guiné-Bissau (1962 - 1973) 100*

Mapa 15: *Territorialização da ONG TINIGUENA na Guiné-Bissau 125*

SUMÁRIO

- NOTAS SOBRE A TESE: 6

APRESENTAÇÃO 23

INTRODUÇÃO 27

***KAMINHU DI FIRMANTA/KUMPU TEZI*: UM CONTO DO CAMPO. 38**

A. *STORIAS DI BIAS* 44

B. *KAL KAMINHUS KU N IANDA PA BUSCA SIBÍ?* 46

C. *NUNDE KU GUINÉ-BISSAU STA NEL* 48

- *BUSKA PA SIBÍ NUNDE KU DJIU DI UROK STA NEL* 51

D. PERFIL DAS ENTREVISTADAS E DOS ENTREVISTADOS 54

E. TRANSPORTE E PESSOAS 61

CAPÍTULO 1 – ESCRAVIZAÇÃO, EPISTEMICÍDIO, EXTERMÍNIO E EXPLORAÇÃO 65

1.1. "MAMA ÁFRICA": *NO DUFUNTUS GARANDI/NO ARDANSA DI NO RISIS MAS GARANDI* 68

1.2. N'MISTI UM PADA DE ÁFRICA: A DIVISÃO TERRITORIAL DO CONTINENTE AFRICANO PELOS EUROPEUS 73

1.3. O TRÁFICO NEGREIRO 82

1.4. *KATIBERASKU KANA KABA INDA* 87

1.4. *ABUS RIBA DI FIDJUS DI TERÁ* 89

CAPÍTULO 2 – "*LIBERDADI PA FIDJU MATCHU KU FIDJU FEMIA*": A INSURGÊNCIA PARA A LIBERTAÇÃO 94

2.1. *N' MISTI LIBERDADI* 97

2.1.1. *TOPOTI LUGAR PA BU TEN'EL* 99

2.1.2. *MINDJERIS DI LUTA* 102

2.1.3. *MATANÇA DI DJINTIS/PECADURIS* 107

2.2. *LIBERDADI PA FIDJU MATCHU KU FIDJU FEMIA* 108

2.3. MAU SITUASON 111

2.3.1. *KUNDUMPAI PA TOMA PUDER O MUVUMENTU LIBERTADUR 1980?* 113

2.3.2. *GUERA* 1998 – 1999 115

2.4. *NUNDE STADU? PUPULASON FIRMANTA STADU DURBA./ PUPULASON KUMPU STADU DANA* 119

2.4.1. *NA KAMINHU DI KUNSI TINIGUENA* "ESSA TERRA É NOSSA" 124

CAPÍTULO 3 – BUDJUGUS : NA SI MANDJUANDADI KU TCHON, NA TOPOTI KUSA DJUNTADU KU NO TADJA (ARIA PURTIJIDU) NA DJIU DI UROK 127

3.1. *RILIGION BUDJUGU* 131

3.2. *SIRMONIA DI IDADE/SIRMONIA DI ANU/TCHUBA* 133

3.2.1. RAPASINHU/OMI 136
3.2.2. BADJUDASINHU/MINDJER 139
3.3. *KUMUNIDADI KU TA TADJA, KU TA BISIA*: ÁREA MARINHA PROTEGIDA COMUNITÁRIA DAS ILHAS DE UROK 142
3. KONTROLA 146
4. *PURJETUS KU TEN NA DJIU DI UROK* 148
5. BLANHA DI ARUS 150
3.4. *KANSERA, DISABENSA KU MANDJUANDADI* 152

CAPÍTULO 4 – *MINDJERIS* E A PROMOÇÃO DA SAÚDE: LUTAR E RESISTIR A PARTIR DA CONTRA-HEGEMONIA 164

4.1. *PARA-PITU/FIRMA/DITIRMINASON* E PROMOÇÃO DA SAÚDE 167
3.2. *PASSADU DI BIDJUGU OU ANTIGUS BIDJUGU:* É A PROMOÇÃO DA SAÚDE ANCESTRAL 169
3.3. PROMOÇÃO DA SAÚDE ANCESTRAL NA AMPC DAS ILHAS DE UROK. 170
3.3.1. SOBERANIA ALIMENTAR COMO PRÁTICA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE 174

RETICÊNCIAS 194

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 198

APÊNDICE 210

6. APÊNDICE I - ENTREVISTAS/CONVERSAS INFORMAIS 211
- SABADO MENDES MAIO – *TABANCA KUNYANQUI* 212
- MAIMUNA AUGUSTO – *TABANCA DE ABU* 214
- ESPERANÇA – *TABANCA DE AMBO* 217
- ANJULETA – *TABANCA DE ABU* 219
- BEATRIZ LOPES – NENEMBUCHA 222
- NELA – *TABANCA DE KUNYANQUI* 224
- MÁ SÁ – ILHA DE NAGO 227
- MUSSU – ODETE APE – ILHA DE NAGO 228
- SABADO – *TABANCA DE BOTAI* 230
- FATU – DJANÃ – ILHA DE CHEDIÃ 232
- CELESTE MENDES – *TABANCA DE AMBO* 234
- TEODORA INÁCIA GOMES 235
- EMANUEL RAMOS – MANECAS – CONVERSA DIA INFORMAL 237

7. APÊNDICE II - *TABANCAS* 239
- ABU – ILHA DE FORMOSA 240
- KUNDJANQUI – ILHA DE FORMOSA 243
- AMBO – ILHA DE FORMOSA 246
- BOTAI – ILHA DE MAIO 249
- ILHA DE CHEDIÃ 253

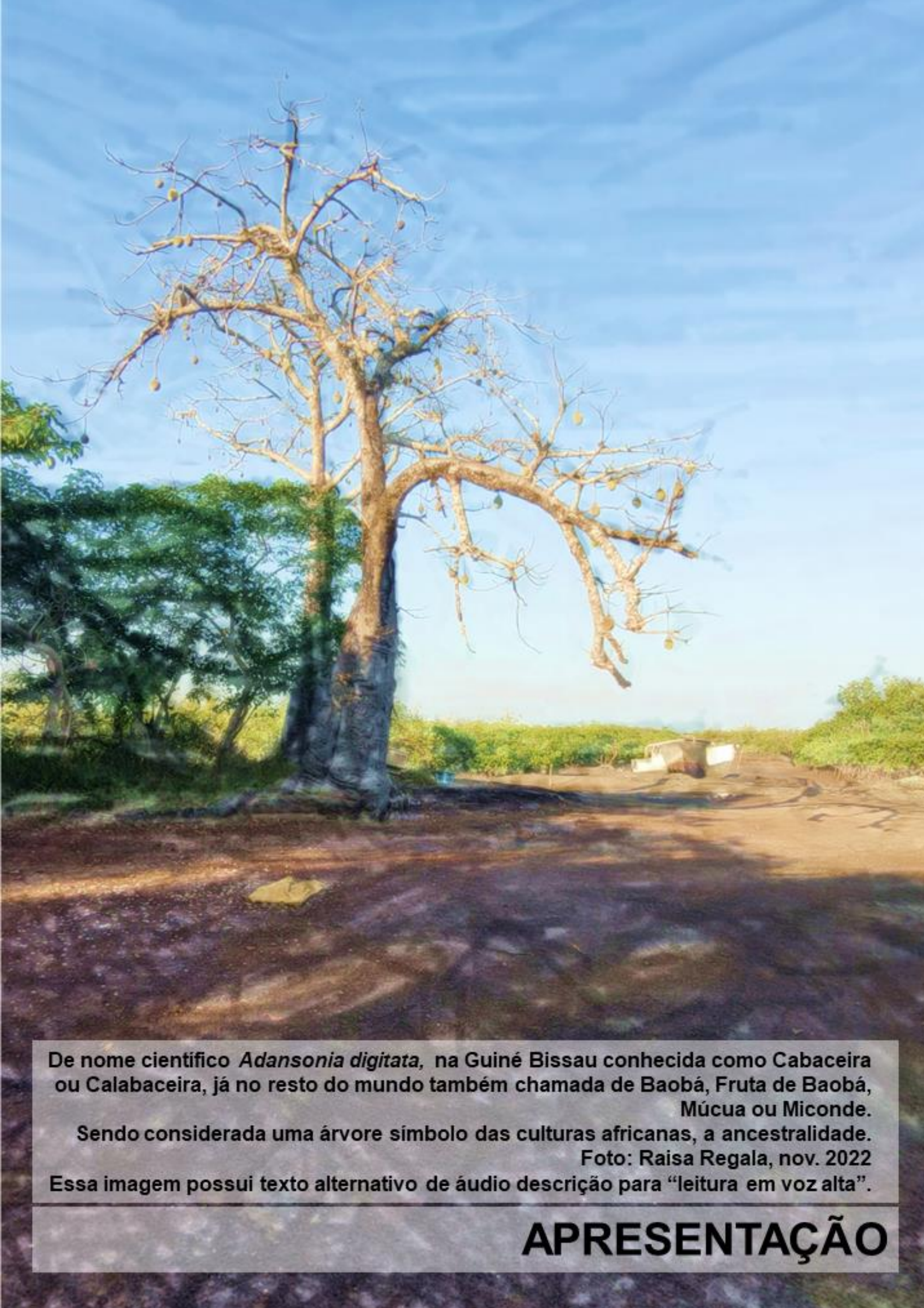
8. APÊNDICE III - HORTA COMUNITÁRIA DE ABU 258

9. APÊNDICE IV – COMPANHEIROS DE CAMPO 261

ANEXO 262

ANEXO I - BOLETIM OFICIAL – CRIAÇÃO DA ÁREA MARINHA PROTEGIDA COMUNITÁRIA ILHAS DE UROK 263

ANEXO II – PROGRAMAÇÃO DE ENCERRAMENTO DO PROJETO *TIBAN ANKATERO* 268



De nome científico *Adansonia digitata,* na Guiné Bissau conhecida como Cabaceira ou Calabaceira, já no resto do mundo também chamada de Baobá, Fruta de Baobá, Múcua ou Miconde.
Sendo considerada uma árvore símbolo das culturas africanas, a ancestralidade.
Foto: Raisa Regala, nov. 2022
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta".

APRESENTAÇÃO

É necessário compreender que o processo de construção de uma tese passa, primeiramente, pela pessoa que a escreve, mas também pelo caminho que ela percorreu – seja ele acadêmico, pessoal e militante - e seus conhecimentos geográficos. Por isso, apresento-lhes quem é Raisa Maria de Sousa Regala.

Sou neta de Severina Cristina Araújo de Sousa e Severino Correia Araújo de Sousa (brasileira/o) e de Francisco Augusto da Fonseca Regala e Maria Assad Said Regala (guineense). Eles tiveram Anália Maria de Sousa Regala e Augusto Francisco da Fonseca Regala, que por fim tiveram Paloma de Sousa Regala e eu.

Filha de mãe brasileira e pai guineense, nascida em João Pessoa – Paraíba, fui criada tanto cá quanto lá. Mas se tratando da Geografia, vivi do lado de cá do oceano, esquecendo que muito havia para estudar e escrever sobre o meu outro lado.

Por falar em Geografia, no ano de 2010 ingresso no curso na Universidade Federal da Paraíba, no segundo semestre no turno da noite e almejando pesquisas no âmbito ambiental, Biogeografia ou Geomorfologia. Com o passar do tempo, e ao conhecer melhor a Ciência geográfica, esses desejos foram sendo modificados. Meu primeiro orientador foi Eduardo Lima Rodrigues Viana, junto ao Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica – PIVIC, que faria relação entre o clima urbano e o uso e cobertura do solo. Após o final do projeto e cursando a disciplina de Geografia da Paraíba, surgiu a oportunidade de usufruir de uma bolsa de iniciação científica sob a orientação da Professora Emília de Rodat Fernandes Moreira e pesquisadores do Grupo de Estudo Trabalho Espaço e Campesinato – GETEC, onde faria uma análise de espacialização e territorialização da luta pela terra no estado da Paraíba.

Após cursar a disciplina de Geografia agrária pude observar que, além da luta pela terra, existia uma resistência para a permanência na mesma, seja na luta por água, na luta por energia, moradia, condições de vida e contra as grandes empresas (principalmente contra o uso de agrotóxico). Com essas inquietações houve algumas modificações no novo projeto de renovação. No mestrado continuo com a mesma perspectiva da graduação, mas havendo uma ampliação e aprofundamento no tema.

Mas como chegar até onde chegou à pesquisa? Furando bolhas, ao observar que na pós-graduação de Geografia da FCT UNESP Presidente Prudente poderia ter uma ajuda de financiamento maior e melhor que na universidade que estava, decidi prestar o processo seletivo do doutorado na instituição. Não foi um processo imediato. O ano de 2015 foi o primeiro contato com Presidente Prudente, junto ao projeto

financiado pelo CNPq Casadinho (Procad) "A questão agrária brasileira no século XXI: dinâmicas e conflitos territoriais" 2011 – 2015, coordenado pelos professores Emília Moreira, Thomaz Júnior e Marta Marques e desenvolvido através de uma parceria entre UFPB, UNESP e USP. E esse estreitamento de relações perdurou por tempos, tendo retorno à UNESP nos anos de 2016 – reunião da Rede DATALUTA; 2018 – para um contato com o professor Raul Borges Guimarães, já que existia um pensamento de inserção da Geografia da saúde no projeto de mestrado; 2019 para uma Reunião de Gestão Coletiva – que foram 3 dias e eu fiquei três meses e assim saiu o projeto de doutorado, que prestei no mesmo ano.

Foi assim que cheguei até o almejado doutorado em Geografia na Universidade Estadual Paulista. O tão desejado CAPES 7, que carrega consigo dores e amores, peso e leveza, dramas e soluções.

Durante toda a vida, seja na educação básica ou universitária, houve sempre envolvimento, nos primeiros momentos com movimentos estudantis secundaristas, já na universidade no primeiro semestre com o centro acadêmico, depois em coletivos, movimentos universitários e a Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB. Para muitos isso pode ser uma perda de tempo, mas participar desses espaços foi de grande enriquecimento pois trouxe várias concepções de compreender o mundo e a própria ideia de ensino, pesquisa e extensão universitária, pois com ela houve o envolvimento e a entender que todos esses âmbitos devem ter um comprometimento social.

Pelo exposto, se constrói Raisa Maria de Sousa Regala, que busca elaborar uma pesquisa a partir de uma perspectiva crítica, considerando a resistência camponesa, a partir de suas contra-hegemonias – formas de produção alternativas, agroecologia, sementes crioulas. Enfim, buscando compreender a ancestralidade.

Mas nem tudo é tão simples e linear quanto aparenta ser. Após a primeira semana de doutorado, o mundo entra em pandemia. Com isso muitas questões são expostas, muitos medos colocados e dúvidas surgem. Será que o meu doutorado estarei trancafiada dentro de casa? Será que conseguirei fazer campo? Será que terei que modificar a minha pesquisa para conseguir terminar?

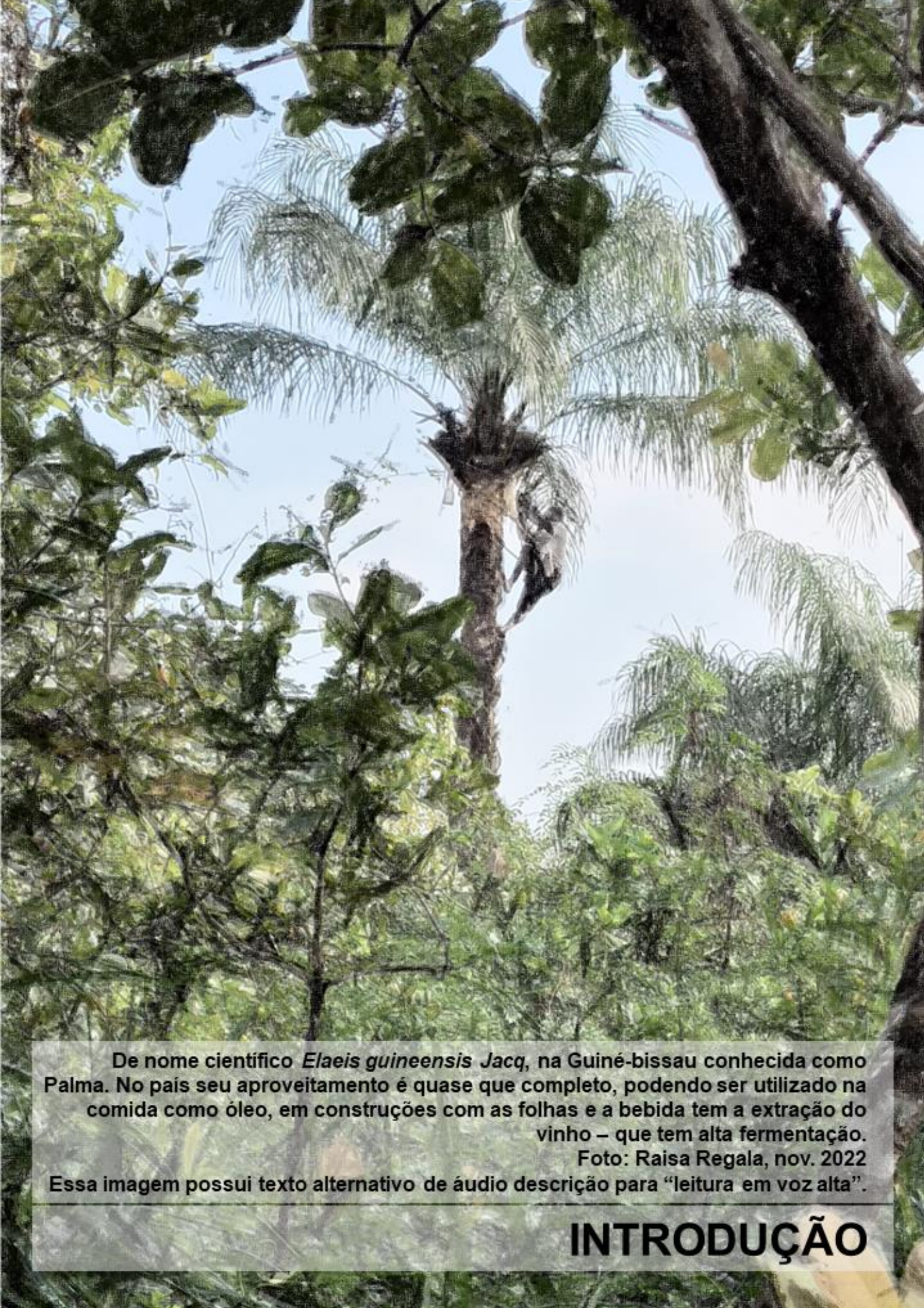
Continuei acreditando que tudo teria um fim e que conseguiria fechar o projeto proposto, mas... nem tudo acontece conforme o planejado ou como a gente quer. Com

o retorno de muitas coisas presenciais e a grande maioria da população vacinada, inicia-se mais uma vez os contatos para campo. O diretor da ONG Tiniguena respondeu prontamente às mensagens, seja por e-mail ou aplicativo de celular, informando os melhores momentos que eu poderia realizar o campo e que haveria quem pudesse me acompanhar. Já onde eu acreditei ser mais fácil, não foi, após vários contatos sem êxito, com desculpas super plausíveis e aceitáveis, mas que acabaram apontando e nos fazendo tomar novos rumos.

Nem tudo é estático, o mundo está em movimento. Após a decisão de escrever a tese somente sobre a Guiné-Bissau vários golpes acontecem – pessoais, políticos e econômicos. No dia 7 de maio de 2022 o deputado na Guiné-Bissau, sofre uma tentativa de assassinato no portão de sua casa. Mesmo com as incertezas e os acontecimentos, segue-se a pesquisa. E no dia 16 de maio de 2022 o presidente dissolve o parlamento e puxa as eleições para o dia 18 de dezembro de 2022, o que não ocorreu. Violências foram vistas em notícias sobre o país – espancamentos daquelas que teceram críticas. Enfim, tudo me trouxe incertezas e medos, pois as eleições ocorreriam durante o meu trabalho de campo. Sigo com as incertezas e a vontade de desistir – essas não foram poucas.

Compreendendo o encurtamento do prazo, desde leituras mais aprofundadas e reunião com o orientador, optou-se pela mudança e retirada do Brasil do projeto e seguirmos apenas com a Guiné-Bissau, compreendendo que é meu outro lugar, minha origem e minha ancestralidade, por nunca ter pesquisado o lugar que toma-se essa posição.

Mas ampliando a escala temporal e analisando uma nova perspectiva e na tentativa de cunhar o entendimento de uma promoção da saúde. Ponto que vocês vão apreciar no decorrer do texto a seguir.



De nome científico *Elaeis guineensis Jacq*, na Guiné-bissau conhecida como Palma. No país seu aproveitamento é quase que completo, podendo ser utilizado na comida como óleo, em construções com as folhas e a bebida tem a extração do vinho – que tem alta fermentação.
Foto: Raisa Regala, nov. 2022
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta".

INTRODUÇÃO

A luta pela libertação é, antes de tudo, um ato cultural
(Amilcar Cabral)

A capa da presente Tese foi bordada pela Raisa Maria de Sousa Regala, autora do trabalho. Para as imagens representadas é possível observar um emaranhado de desenhos – a representação espacial da Guiné-Bissau, a bandeira do país (parte), uma calabaceira (capa do tópico da apresentação) e uma palmeira (capa da introdução) – onde cada elemento tem um motivo e um explicação.

O mapa da Guiné-Bissau poderia ficar apenas contornado, mas compreendendo a representação das cores presentes em sua bandeira, viu-se a importância de sua colocação. O vermelho representa o sangue daqueles que sucumbiram na luta – seja da libertação da Guiné-Bissau ou pela unificação africana; o verde é a esperança, a esperança de "paz e progresso" (CASIMIRO, 2009, s.p) – a mesma que será falada mais a frente; o amarelo a abundância que seria criada pelas mãos daqueles que lutaram e estão na reconstrução do país; já a estrela é a representação da unidade africana – o pan-africanismo (CASIMIRO, 2009). Com isso, representando toda a luta e resistência que será apresentada na tese. Já a calabaceira ou baobá – no Brasil –, representa a ancestralidade, o passando, mas também o presente e o futuro, representa a cultura africana, mais precisamente a guineense – uma árvore muito representativa e observada em todos os lugares do país. Assim como a calabaceira, a palmeira é uma representação da diversidade, da cultura, da alimentação e da ancestralidade, ou seja, elas são a representação da promoção da saúde ancestral.

"DJUBI PA DIANTI KU SPERANSA BU VITÓRIA NA BIN"[2] é parte do título da tese e uma estrofe da música *speransa* de Karyna Gomes, cantora e compositora da Guiné-Bissau. No ano em que o país completou 48 anos da independência, a compositora escreve a música como uma forma de homenagem a esse momento. O lançamento da música foi no ano de 2021, durante o processo de leitura e escrita da tese, ao ouvi-la fiz uma análise aprofundada. Nesse momento de reflexão sobre ela, vi muito desse trabalho. Quando se fala em esperança, entendo como algo móvel, que mulheres e homens se movimentam, através das lutas e resistências.

[2] "Olha para a frente com esperança a vitória vai vir"

Poderá parecer estranho o início dessa tese, mas é necessário apresentar que ela é tecida a partir de posicionamentos, construídos politicamente e embasados de forma acadêmica, e assim me ponho como uma mulher cis que vem sempre em uma luta contra o machismo, mas se essa não for antirracista, anti-capacitista, anti-LGBTQIfobica, não serviria de nada. Com isso exponho que aqui pretendo trazer elucidações sobre a questão colonial escravista ocorrida na Guiné-Bissau, assim como o racismo estrutural, bem como trazer argumentações que apontem o quanto o sistema patriarcal que vivemos em nossa sociedade foi e é prejudicial para nós mulheres. Assim finalizo enfatizando acerca da importância do posicionamento em trabalhos acadêmicos, já que a neutralidade na ciência não existe.

Com isso, trago aqui uma pesquisa baseada em autores africanos e latino-americanos, falando do Sul a partir da perspectiva suleada. Assim, apresento a existência de autoras e autores que estão no continente africano e que produzem conhecimento científico, quebrando a visão de que se é evidente o "atraso" na ciência desses países, bem como rompendo com a ideia de que só há paradigmas europeus e norte-americanos, mas que na verdade esses são os mais conhecidos e que em muitas das vezes escondem a verdade daquilo que já existia. Em outras palavras, a tese que se desenha confirma a existência de um silenciamento que sempre ocorre contra os povos tradicionais no mundo, no continente africano e Guiné-Bissau. Sigo o trabalho muito bem acompanhada, com autores como Amilcar Cabral, Ruy Semedo, Boaventura Santy, Patrícia Gomes, Artemi entre outras e outros.

Pensando a partir do paradigma da afrocentralidade, do mulherismo africano e em um panorama pan-africanista, através de uma unificação na qual se quebre a ideia da democracia social, que nada mais é que uma forma de mascarar o pacto social da branquitude e a supremacia branca e o caos que esses fatos provocaram, provocam e provocarão na vida dos pretos e pretas. Esse horizonte suleado nos fará buscar e valorizar a ancestralidade que o processo eurocêntrico católico misógino e racista, que foi a colonização, tenta findar, para a África, para esse trabalho, a Guiné-Bissau.

Para iniciar, é importante compreender algo debatido por Antônio Carlos Robert Moraes sobre Geografia. Essa ciência para muitos tem um mero intuito de localização. Todo geógrafo e toda geógrafa, principalmente os professores e professoras, sempre tiveram questionamentos de "qual a localização de uma cidade, estado, país" ou

"sobre uma capital". Diante disso, expor que a Geografia, além do citado anteriormente, tem uma maior significância da compreensão do nosso mundo, o contexto de estar inserido nesse lugar, das transformações do sócioterritoriais (MORAES, 2008).

Frente às informações, se apresentam as transformações ocorridas no continente africano – desde o período antes da chegada dos colonizadores, perpassando a divisão territorial das colônias – e as mudanças de Guiné-Portuguesa até a luta libertação e construção da República da Guiné-Bissau, compreendendo as transformações sócioterritorial. Enfim, apreender todo o processo geográfico-histórico da Guiné-Bissau.

A Guiné-Bissau, antes Guiné Portuguesa, surgiu da colônia de exploração portuguesa de 1446 até 1973 (GOMES, 2022), período marcado pelo sequestro de seus povos para serem escravizados e explorados do outro lado do Oceano Atlântico. A luta pela independência foi um processo de extrema importância para o empoderamento das mulheres em suas comunidades, mas paulatinamente, o país foi submetido à outras formas de dominação neocolonial, seja pela dependência dos recursos financeiros do Banco Mundial ou pela implementação de modelos agroeconômicos que favoreceram os grandes grupos empresariais.

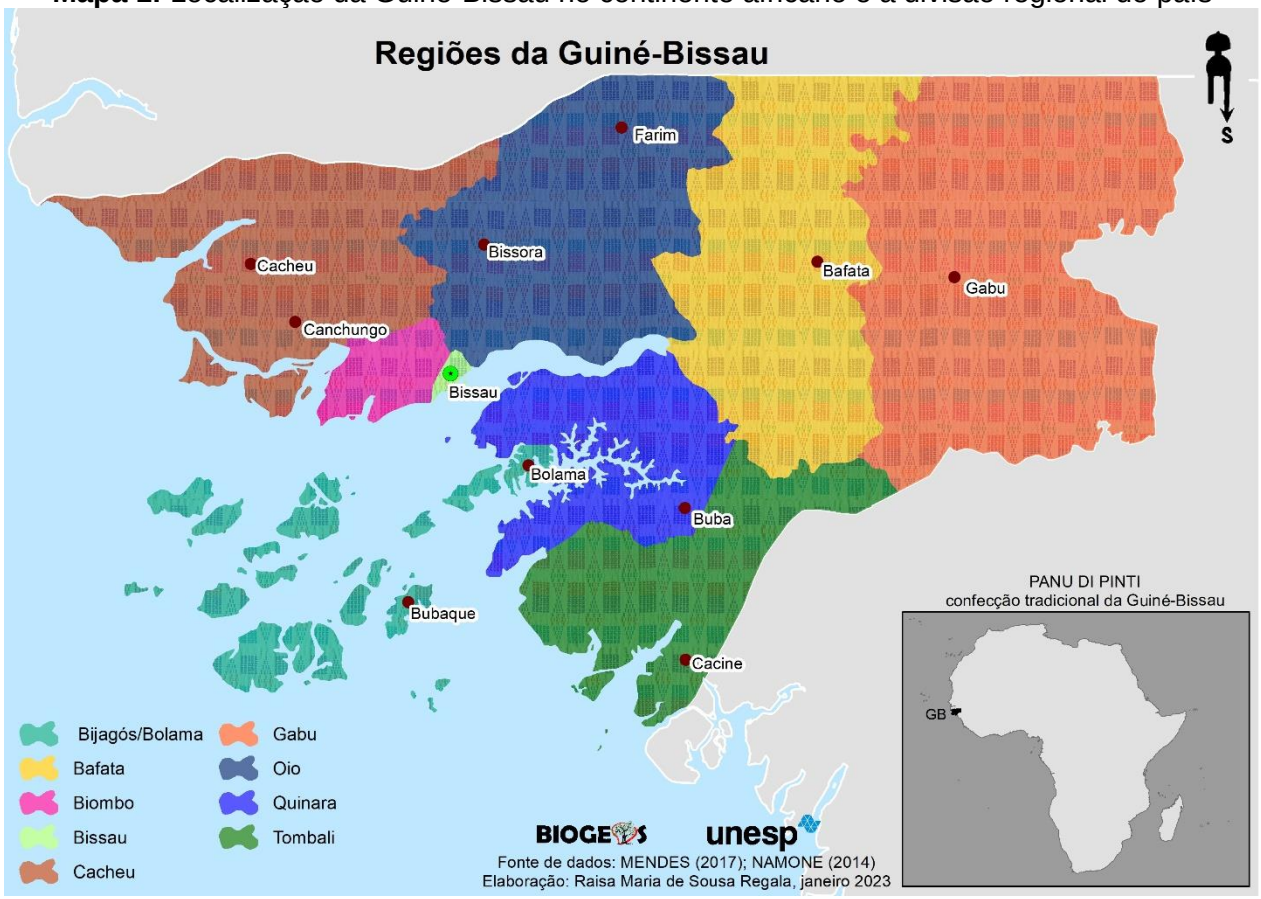
O fim do tráfico de escravo, ainda que tenha ocorrido durante o período colonial, não foi suficiente para romper o processo devastador que representou a colonização portuguesa, se pensada do ponto de vista social e econômico.

Além disso, mesmo depois de ter passado por tantas questões problemáticas, que faz com que até hoje o país sofra com essas consequências, o país ainda vive em constantes tentativas de golpes de estados, assim como ameaças de guerra e guerras civis. Assim sendo um processo de permanente construção e reconstrução da vida, e a população vive em constante medo e apreensão do que pode acontecer na vida cotidiana. É por isso que reiteramos a necessidade de considerar essas múltiplas temporalidades espaciais.

Atualmente, a Guiné-Bissau, país localizado na porção ocidental do continente africano, possui aproximadamente 1.500.000 habitantes divididos em diferentes grupos étnicos. O país está dividido em 8 regiões, além do setor autônomo de Bissau (mapa 1). Dentro delas podem ser encontrados as principais cidades do país. Nessas

regiões também tem grandes relações étnicas, uma das mais marcante é a que dá nome ao arquipélago Bolama Bijagós, que em grande parte dessa área estão presentes a etnia Bijagó.

Mapa 1: Localização da Guiné-Bissau no continente africano e a divisão regional do país



É significativo considerar o processo de formação socioespacial no estudo das práticas promotoras de saúde de mulheres camponesas em comunidades rurais do país. Da mesma forma, será preciso compreender essa formação a partir também da ancestralidade, como tentativa de reparação a partir do epistemicídio (CARNEIRO, 2005) europeu, o que é uma forma de apagamento e silenciamento da memória sobre os grupos étnicos das *tabancas*[3]. Dessa maneira, a presente tese aponta para a importância de uma nova epistemologia africana na compreensão desse processo, a partir da oralidade e da ancestralidade.

[3] Aldeias

Portanto, é importante considerar o processo de formação socioespacial da Guiné-Bissau desde a independência colonial, com destaque para o papel das mulheres anciãs nas formas de resistência aos colonizadores portugueses, como Titina Silá, Teodora Inácia Gomes, Francisca Pereira, Carmem Pereira, que pegando em armas ou não, lutaram no processo de independência da colonização de Portugal na Guiné-Bissau, em busca da retomada econômica, social, política, cultural, educacional e da liberdade de busca ao seu ancestral. E aquelas que ainda estão vivas buscam aquilo que foi conquistado, mas, com o passar dos tempos, principalmente pós golpe de 1980, foi sendo perdido diante de governos e das instabilidades.

Assimilar que mesmo em uma sociedade com uma cultura capitalista patriarcal colonial cristã, as mulheres participam dessas lutas, buscando a liberdade para o país e a sua libertação, enquanto parte duplamente prejudicada no processo colonizador (CABRAL, 1978). E das mulheres camponesas na atualidade, sem perder de vista a reprodução da vida nas comunidades rurais, a partir de suas práticas de agroecologia, com a soberania alimentar, o cuidado, a reprodução e preservação – sementes, culturas – e de manutenção da cultura de suas etnias.

Diante disso, se coloca em debate a resiliência ancestral no país, a partir do processo de rompimento com estruturas políticas, sociais e econômicas herdadas do período colonial (MALDONADO-TORRES, 2019). A liberdade que se lutou ferrenhamente durante o processo de independência era "por um simples ter/sentir a voz e expressar através [dela], mas também lutar contra as opressões sociais, políticas, económicas e culturais que se verificavam no momento, ainda que fosse mais difícil (devido ao regime colonial) do que atualmente" (CORREIA, 2020, s.p). Por isso, a "superação das crises políticas requer a inclusão das mulheres através de políticas deliberadas, de modo que possam tornar agentes da mudança social positiva e consolidadora da paz" (TINIGUENA, 2019, p. 13).

A resiliência ancestral é o ponto de partida para as lutas e resistências, sejam elas culturais, políticas, econômica, armada (CABRAL, 2020), social e camponesa. Dentro dessas resistências e lutas, para aqueles que estavam defronte, o empoderamento das mulheres e a libertação delas era de suma importância – compreendendo que elas, em um processo colonizador, são duplamente prejudicadas

(CABRAL, 1978), a partir da exploração como os outros sofriam e a sexual – para a independência de um país como um todo.

Diante dos fatos, e compreendendo que o ser camponês por si só e pelo seu modo de vida contra-hegemônico, já vive uma resistência. Mas rebuscando o debate sobre empoderamento feminino, agora para um momento atual, se torna importante pois, enquanto mulheres camponesas que resistem, elas que adotam "práticas camponesas herdadas dos conhecimentos tradicionais sustentados pela agroecologia" (ALVES, 2017, p. 54) com "respeito, bem como o seu enfrentamento das práticas do agronegócio e controle mundial da alimentação" (ALVES, 2017, p. 55).

É necessário compreender que não se fala de uma ausência masculina dos processos que serão descritos na tese. Eles estão e são importantes para a construção e reconstrução do país em uma resiliência ancestral, mas para esse trabalho traremos as mulheres como protagonistas.

Por isso, dentro do processo de resistência das mulheres camponesas em seu modo de vida – de interação e respeito com a terra, como seres coletivos, seus saberes e na forma de produzir – elas promovem a saúde camponesa (SIMON, 2020). Afinal, a saúde camponesa é "produzida, vivida e sonhada pelo campesinato a partir das concepções de saúde das mulheres" (SIMON, 2020, p. 31).

Também cabe explicitar que a promoção da saúde também surge desse processo de luta e resistência constante que o país vive, seja em busca de sua independência e pensando em melhorias sociais, econômicas e educacionais, além do resgate de sua cultura e sua ancestralidade, que lhes foi tomada durante o processo de colonização, e que a todo momento pensa no coletivo. Mesmo que a promoção da saúde esteja longe de resultados concretos na escala nacional, e que o país ainda busque erradicar doenças que são triviais para os outros países, ainda podemos compreender que eles almejam e lutam por tal processo mais amplo.

Pelo exposto acima, a presente tese de doutorado toma como base o trabalho que é desenvolvido na Guiné-Bissau por ONG's que, em sua grande maioria, têm pautas relacionadas ao meio rural, como também a emancipação das mulheres, e em especial das mulheres camponesas. Este é o caso da ONG Tiniguena, que está vinculada à Federação Camponesa (KAFO), e apresenta como missão a promoção de "um desenvolvimento participativo e durável, baseado na conservação dos

recursos naturais e culturais e no exercício da cidadania", especialmente, valorizando as tradições ancestrais entre os jovens e mulheres da zona rural.

Dado esse foco de atuação, essa ONG ganha destaque na Guiné Bissau por sua atuação contra-hegemônica, uma vez que os agentes são a própria população e a diretoria da organização é composta, em muitos dos cargos, pela própria comunidade e homens e mulheres que retornaram para seu país de origem – a saída dessas pessoas para outros países se deu por motivos de estudos ou em busca de empregos. Eles têm como cerne a valorização dos saberes tradicionais, além de uma promoção de gênero e de empoderamento de mulheres reconhecidas pela liderança nas comunidades rurais. Cabe expor que a ONG não é a responsável pela promoção da saúde, mas seus projetos aproximam a população e o coletivo enquanto resistência camponesa que promove a saúde.

Em síntese, é de grande importância ressaltar que a vida vivida em grande parte dos países da África, aqui especificamente a Guiné-Bissau, ainda considera a gerontocracia, uma vez que os anciões e as anciãs possuem uma importância social e política, que a sociedade colonial procurou destruir. Com isso, a mulher camponesa produz resistência por si só e pelo trabalho em família, a vida em comunidade, a interação com a terra, o respeito a natureza, o uso de técnicas, os saberes, a forma de produção. Pretende-se distinguir a camponesa e seu universo das relações de produção, bem como as formas de sobrevivência que são típicas e inerentes ao ser camponês (FABRINI, 2006; FABIRNI 2007) que vive do seu próprio trabalho no contexto do capitalismo periférico do qual a Guiné-Bissau faz parte. Ou seja, compreender que as práticas dos movimentos sociais, das ONG's e de associações populares como possibilidades a mais das resistências ao se tornarem um processo coletivo de produção de uma territorialidade e uma resistência política coletiva. Daí que se pretende apreender a promoção da saúde camponesa como um projeto social desse sujeito camponês coletivo, organizado politicamente.

Por decorrência desses pressupostos, a presente tese tem como hipótese central que as mulheres camponesas na Guiné-Bissau, a partir da oralidade de contextualização de vida - possam apontar para as transformações sociais, econômicas e políticas existentes, a partir das formas contra-hegemônicas, ao

produzirem coletivamente alternativas de produção que envolvem as relações afetivas com a terra e a ancestralidade.

A. A compreensão delas enquanto matrigestoras – provedoras da vida, da casa e da alimentação – é uma forma de promoção da saúde, popular e camponesa por meio do empoderamento de comunidades rurais na Guiné-Bissau, tendo como principal base para o ocorrido as ONG'S – a Tiniguena para esse trabalho – bem como os movimento de mulheres durante o período de luta e resistência. Para tanto toma-se como objetivo geral para o entendimento da tese, compreender o processo de construção da Área Marinha Protegida Comunitária Ilhas de UROK, a partir do conhecimento da etnia Bijagó. E temos como os objetivos específicos, que nos ajudarão na construção do objetivo geral:

B. A partir da análise de fatos históricos, compreender a formação territorial da Guiné-Bissau até a sua independência, e como esses têm influência social, econômica, cultural, política e étnica que reverberam até a atualidade;

C. Apreender, a partir da oralidade das mulheres camponesas anciãs o processo de transformação social, político e econômico passado pelas mulheres a partir de suas lutas e resistências;

D. Analisar a importância do empoderamento das mulheres camponesas - para a promoção da saúde;

E. Reconhecer as práticas camponesas enquanto processos de territorialidades e contra-hegemonicos promotores de saúde coletiva na Guiné-Bissau.

Assimilar o processo histórico e territorial até a resistência por libertação compreendendo as consequências desse processo na atualidade, e buscar depreender o processo resistência protagonizado pelas mulheres camponesas na Área Marinha Protegida Comunitária Ilhas de UROK – Guiné-Bissau, tendo em vista a importância da valorização da ancestralidade nos projetos contra-hegemonicos. Diante disso, a tese está estruturada em 4 capítulos, além de um tópico de descrição metodológica.

"*KAMINHU DI FIRMANTA/KUMPU TEZI*: um conto do campo" faz uma retrospectiva da tese, com apontamentos teórico metodológico, além de tecer detalhes sobre a área objeto do estudo. Transcrever essa experiência ajudará a

compreender as dificuldades encontradas, as particularidades, os caminhos percorridos – e como foram feitos. Esse tópico é o pontapé inicial do debate das problemáticas enfrentadas pelos povos africanos, aqui os povos guineenses, causados pelo colonialismo e o neocolonialismo e as suas hegemonias.

"ESCRAVIZAÇÃO, EPISTEMICÍDIO, EXTERMÍNIO E EXPLORAÇÃO", apresenta o processo histórico de ocupação e transformação do continente africano, desde apresentação dos reinos e impérios existentes anteriores a chegada dos colonizadores europeus, apontando as mudanças nas divisões territoriais e as implicações nas sociedades africanas existentes naquele momento. Apontar o assassinato e sequestro sofrido pelos povos e as consequências que podem ter causado. Se não bastasse todos os males causados pelos europeus no continente africanos, ainda tiveram que passar pelo silenciamento e o apagamento cultural, mesmo diante de tanta cultura e vida existente antes da colonização, durante muito tempo a sociedade tinha em mente que a África só existiu depois dos colonizadores. Também será apresentado que mesmo com o fim da escravização, os povos desse país ainda viviam em condições iguais. Mesmo em suas terras de nascimento eles não tinham direitos e deveriam viver de acordo com o que os colonizadores ditavam como regra.

"*LIBERDADI PA FIDJU MATCHU KU FIDJU FEMIA": A INSURGÊNCIA PARA A LIBERTAÇÃO"* trará o debate do processo de libertação, a importância de cada uma das pessoas que lutaram, além de apresentar o nome das mulheres que enfrentaram, sem medo de sucumbir, os portugueses. Pois, o desejo de não permanecerem na situação que estavam, fez com que se revoltassem e é assim que se inicia a luta pela libertação. Além de apresentar as consequências do processo de escravização e colonização dos portugueses para com o país, Guiné-Bissau. Sabendo que a libertação foi tardia – alguns países no mundo estavam vivendo em um mundo globalizado – a consequência disso são os problemas atuais que o país passa a enfrentar. A hegemonia neocolonizadora que se traja de ajudas humanitárias, ONG's, associações e que mais uma vez podem prejudicar a resiliência ancestral. Como também trazer os golpes, as guerras, os assassinatos, e a ausência do Estado, isso ajudará a compreender a resistência das mulheres camponesas.

"*BUDJUGUS: NA SI MANDJUANDADI KU TCHON, NA TOPOTI KUSA DJUNTADU KU NO TADJA (ARIA PURTIJIDU) NA DJIU DI UROK*" diante dos processos apresentados nos capítulos anteriores, compreender que ainda existem etnias que buscam vivenciar a cultura e a religião, mesmo que com algumas resistências. E iniciar o debate sobre ancestralidade, trazendo e tecendo a promoção da saúde. Entender que o povo Bijagó, a partir da religião e da cultura buscam preservar o território usado e assim promover a construção de um território saudável e já trazer e tecer questões para que seja assim trazido último capítulo.

Em "*MINDJERIS* E A PROMOÇÃO DA SAÚDE: LUTAR E RESISTIR A PARTIR DA CONTRA-HEGEMONIA" é um fechamento da compreensão não só das mulheres Bijagó, mas também de todas as mulheres que foram anunciadas em todos os capítulos, e elas enquanto ancestrais apresentaram um caminho para que se fosse construído a contra-hegemonia, o território saudável e a promoção da saúde. Trazer os relatos e entendimentos das conversas realizadas com algumas mulheres nas Ilhas de Formosa, Chedia, Nago e Maio, faz compreender a resistência das mulheres camponesas, a resiliências ancestral e a promoção da saúde.



Trançado de palha de palma, assim os povos da etnia Bijagós costumam carregar seus pescados. Para e
Foto: Raisa Regala, nov. 2022
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta".

*KAMINHU DI FIRMANTA/KUMPU TEZI**: um conto do campo O caminho de construção da tese

* O caminho de construção da tese

O exercício da pesquisa impõe ao pesquisador diversos desafios que referenciam e orientam as ações teóricas e práticas para a investigação da realidade. Dessa forma, para compreender e alcançar os objetivos propostos foi utilizada a pesquisa qualitativa, que juntamente aos conceitos calcados por autores que ofereceram base para análises críticas substanciais, dada principalmente, no discurso (TURRA NETO, 2010), "permite a produção de informações sobre pessoas, lugares e processos por meio do contato direto" (SILVA e MENDES, 2013, p. 212) e da conexão entre a sujeita pesquisadora e a sujeita pesquisada, com as devidas articulações com a realidade estudada.

Absorvida por questões singulares presentes na Guiné-Bissau, mais especificamente na AMPC ilhas de UROK, as relações homem-natureza, essa se dando a partir da valoração do cultural e do sagrado – por meio da simbiose cultura-homem-natureza –, e levando em consideração o território usado, procurou-se analisar alguns pontos a partir da etnografia, mais especificamente de suas técnicas e leituras. Apesar de buscar nos instrumentos etnográficos as ferramentas interpretativas para algumas questões, cabe apresentar que aqui temos uma pesquisa que se baseia no método dialético, buscando as contradições expostas na formação socioterritorial do país e que resultou no processo de resistência das mulheres e com isso promovendo saúde.

Fazendo o movimento de retorno, vai ser compreendido como se deu a formação socioterritorial da Guiné-Bissau e assim apreender a ancestralidade a partir da resistência camponesa, em especial das mulheres, e como essas alcançam a promoção da saúde. Parte-se do entendimento de que o tempo é social (SANTOS, 2002), por ser algo que sempre está em movimento, que são vários tipos e possui outros tantos significados - vivido, individual, social, histórico, simbólico, mítico etc. -, sincronicamente individual, mas que se comunicam, e "que nos dão as mudanças que fazem história, criam as periodizações, isto é, as diferenças de significação" (SANTOS, 2002, p. 21).

Nessa perspectiva, na presente tese compreende-se que "o espaço é a acumulação desigual do tempo" (SANTOS, 2004, p. 9). Assim, cabe compreender que no processo de análise histórica não se deixa de ter a Geografia, pois ali se busca a

compreensão da formação sócioterritorial. Assim, possuindo um caráter geográfico, mas sem deixar de lado algumas especificidades do tempo histórico (MORAES, 2006). Sendo importante contextualizar o momento histórico de cada grupo social, pois assim se tem relação com a Geografia, pois será analisado a partir do espaço e do tempo (MORAES, 2009).

O território é "categoria de **análise social**, ele se apresenta como um recorte ou fração do espaço qualificado por seu sujeito" (FARIA e BORTOLOZZI, 2009, p. 35, grifo nosso). Com essa compreensão, pode-se pensar o território mais amplo do que apenas as relações de poder ou das questões do poder jurídico, e passa a ser apreendido a partir do apoderamento do espaço pelas comunidades locais. Podendo assim ser analisado a partir do território usado (SANTOS, 2009), numa perspectiva de valoração do pertencimento, bem como das questões culturais (CATAIA, 2013), religiosas, do sagrado e da ancestralidade que esse carrega. Assim,

> "O território usado é o chão mais a identidade. **A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence**. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das **trocas materiais e espirituais** e do **exercício da vida**." (SANTOS, 2009, p. 8. grifo nosso),

Nessa perspectiva de território, é preciso compreender o seu uso a partir de questões "como, onde, por quem, por quê, para quê" (SANTOS, 2006) E "para quem?", entendendo as perspectivas da forma do uso desse território e lhe dando movimento. Nessa perspectiva ajudará na compreensão das práticas de promoção da saúde ancestral, a partir de uma concepção coletiva.

Para o entendimento desse fato, além de revisão bibliográfica, que nos ajuda no processo de compreender pesquisas, estudos e escritas sobre a temática, a pesquisa documental também foi um fundamento para fornecer dados para a análise dos fatos ocorridos (SILVA e MENDES, 2013), atrelado ao trabalho de campo, que é um momento para ouvir e observar, para interação da sujeita pesquisadora com a sujeita pesquisada, possibilitando a compreensão da realidade vivida, sentida e observada – mais precisamente de confrontar a teoria com a empiria (LACOSTE, 1985).

Aqui seria o momento de compreender o território usado relacionado, principalmente, às questões culturais, observando a ancestralidade e as transformações sociais na Guiné-Bissau. Mas qual seria a melhor forma para tal? Compreende-se que a partir da oralidade. Para isso, a história oral foi também um caminho a partir do qual pôde-se assimilar a realidade das sujeitas, pois, guiados pelos processos significativos de recordação e memória (HARRES, 2008), torna-se possível escutar as falas muitas das vezes silenciadas, e a partir daí compreender as partes. Com isso, a história oral "privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo" (ALBERTI, 1989, p. 52).

Logo, para a entrevista de história de vida a confiança e a interação entre a sujeita pesquisada e a pesquisadora foi de suma importância, uma vez que possibilitou "o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial" (FREITAS, 2006, p. 80). É nesse contexto que se pode relacioná-la com as fontes documentais e de dados.

Como complementação, para um processo mais amplo de análise, ficou estabelecido o uso do diário de campo. Com ele foi possível inserir aquilo que não haviam sido falado, mas que foi sentido, como também descrever melhor as atividades realizadas e participadas. Como afirma Bogdan e Biklen (1994), nesse artificio que pode se transcrever o que é visto através das palavras, sendo um momento de tecer reflexões e mensurar inquietações, para posteriormente trazer aparatos metodológicos, epistemológicos e teóricos para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, foi possível incorporar no projeto um procedimento tão antigo, datado junto com o desenvolvimento das ciências sociais, porém sendo considerado muito importante para as pesquisas de cunho social e biológico.

Atrelado a esse procedimento foi necessário também a observação. Essa é uma importante complementação para todas as outras, já que vai ser visto aquilo mais superficial dos fatos, atos, momentos e movimentos, e questões mais complexas e profundas, pois o corpo da resposta. Além da observação ser "uma forma de investigação que oportuniza o olhar histórico-geográfico de uma paisagem, dos elementos testemunhos e dos movimentos temporais e espaciais" (AZAMBUJA, 2012, p. 191)

Em vista do exposto acima acerca da concepção teórica e metodológica da pesquisa, o trabalho de campo foi fundamental para a compreensão das territorialidades, das contra-hegemonias, das resistências, do contato com as mulheres anciãs e das experiências de promoção da saúde promovida pelas camponesas. Afinal, é a partir das falas das entrevistadas que buscou-se compreender as condições de trabalho, de educação, lazer, enfim, das condições de vida existentes nas comunidades (ALMEIDA FILHO, 2011). Considerando as contradições observadas na vida cotidiana, procurou-se identificar as estruturas sociais intrínsecas ao processo de formação socioespacial do país. Para isso, a escolha das comunidades se deu de forma qualitativa a partir do encontro com as mulheres de uma ou de várias *tabancas*. Buscou-se, assim a identificação de grupos de mulheres que, a partir de suas contra-hegemonias (escala da curta duração da vida cotidiana), estão promovendo saúde (escala da longa duração).

Em vista dessa abordagem qualitativa que utiliza entrevistas, conversas e história oral, é preciso destacar as dificuldades frente aos comitês de ética, por não se enquadrarem em zonas e resoluções - Resolução nº 196/96 – são constantemente negadas, prejudicando o andamento e causando atrasos (GUERRIERO, 2006; GUERRIERO; DALLARI, 2008). Nas solicitações, para o comitê de ética dos pesquisadores sociais e humanos, sempre entram em discussões aspectos como a falta de exemplificar a quantidade de amostras. Por isso, é de extrema importância o debate que a resolução nº 510/16, que trata sobre orientações éticas que são específicas para as ciências humanas e sociais. Compreende-se que a ética está relacionada com o processo de construção humana, como aponta a 510/2016.

Um ponto importante a se debater é que nessas ciências existe um pluralismo, produzindo "a adoção de múltiplas perspectivas teórico-metodológicas" (BRASIL, 2016), assim eximindo-nos da obrigação de apontar a amostra e a amostragem para cada pesquisa, pois entra-se no debate das multiplicidades dentro delas. Já que, trabalhar com a exaustão é algo muito comum, principalmente em entrevistas e história oral.

O consentimento ou assentimento de uma pesquisa deve ser obtido a partir de um documento assinado e pode trazer possíveis constrangimentos para aquelas e aqueles que não sabem assinar o nome. Daí a importância de haver uma resolução

apenas para pesquisas sociais e humanas que a aprovação pode ser dada "por meio de sua expressão oral, escrita, língua de sinais ou de outras formas que se mostrem adequadas" (BRASIL, 2016), já quando se trata de pesquisas gerais aponta que a concordância deve ser a partir de uma assinatura "ou identificado por impressão dactiloscópica, por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa ou por seus representantes legais" (RESOLUÇÃO GERAL). Diante de tal ponto, compreende-se que essa forma, na Guiné-Bissau, onde "50% dos adultos não sabem nem ler nem escrever" (GOMES, 2018), mas também em outras localidades onde as pessoas não tiveram acesso a pouco ou nenhum nível de escolaridade pode gerar o mesmo desconforto. Assim ferindo um dos princípios da ética de respeito pela dignidade humana, a partir de dois processos: a) o de não ter tido o direito de acessar o ensino; b) de diminuí-la ao fazê-la colocar sua digital por não saber escrever seu nome.

Por sua vez, nem tudo que é programado dentro do projeto foi alcançado da forma almejada. Evidentemente, percalços ocorrem a todos os momentos, principalmente no momento do trabalho de campo, não sendo diferente aqui. Na chegada ao campo me deparei com alguns casos e causos que me fizeram repensar procedimentos metodológicos, sendo obrigada a fazer alterações para melhor captar os dados. O que aponta para os movimentos existentes durante a elaboração da pesquisa qualitativa e etnográfica, em que a teoria e a prática precisam ser constantemente articuladas e revistas para verificar até que ponto as teorias e interpretações estão adequadas às múltiplas realidades encontradas. Nossa intenção não foi estabelecer interpretações deterministas e generalizantes, mas sim articular a teoria previamente pensada com o trabalho de campo, ao passo que tal teoria também era revista e complementadas.

Pontos como as dificuldades de transporte, à exemplo da ida que seria para a região de Bafatá e para a Área Marinha Protegida Comunitária das Ilhas de Urok, fizeram com que se conseguisse somente a realização para as Ilhas, modificando o recorte da pesquisa. Também foram necessárias modificações no procedimento relacionado à história de vida, mas pontos importantes desse procedimento foram utilizados para acrescer as entrevistas realizadas.

A. Storias di bias[4]

A partir dos argumentos expostos anteriormente, serão descritos os momentos, processos e acontecimentos durante o campo. As "histórias de viagens" possibilitarão observar particularidades da Guiné-Bissau, na sua formação socioterritorial, nos costumes, na cultura, na vida, e as dificuldades encontradas tanto na realização do campo, quanto nas conversas, que fizeram com que houvesse modificações e adaptações metodológicas.

Inicialmente, como já explicado acima, buscou-se trabalhar com a história oral, a partir da qual teria informações para compreender a formação socioterritorial, as transformações econômicas e culturais das comunidades. Não havendo essa dinâmica de ligação entre a sujeita pesquisadora e a sujeita pesquisada, em função da distância entre Brasil e Guiné-Bissau e consequentemente da impossibilidade de passar longos períodos no país africano, o procedimento da história de vida foi ligeiramente prejudicado, mas a curiosidade aguçada fez buscar caminhos para que o conto fosse falado durante as conversas. Essa situação já pode ser observada durante o campo exploratório, a partir da resistência frente ao contar sua história de vida.

Em um segundo momento de ida à AMPC ilhas de UROK, viu-se a necessidade de um roteiro de conversa como instrumento metodológico – na busca que se fosse contada sobre sua vida, mesmo assim ainda se deparando com algumas dificuldades nas respostas – quando realizado a primeira conversa –, decidiu-se aliar alguns procedimentos metodológicos (WINKIN, 1998), buscou-se o maior número de condições para ter informações mais completas e complexas, além das já citadas, sendo a observação e anotações durante as reuniões, dos fechamentos de projetos e das conversas informais, todos esses espaços a presença de mulheres era majoritária.

Em todo caso a ideia de trabalhar com relatos orais obtidos através de conversas gravadas, não se tornou uma tarefa fácil. Especialmente, em alguns momentos, esses relatos orais não foram possíveis porque algumas pessoas não se sentirem confortáveis ou por essas conversas acontecerem de forma tão espontânea

[4] Histórias de viagens

e não esperada. Motivada por tais dificuldades, outros recursos que já faziam parte da pesquisa tornaram-se ainda mais relevantes como foi o caso do caderno de campo, no qual as anotações das conversas eram todas feitas após a finalização ou no fechamento do dia. Esse procedimento de pesquisa fazia com que as pessoas entrevistadas se sentissem mais tranquilas na fala e assim ocorresse uma conexão e abertura maior para que fossem contadas suas histórias.

Outro fato que também fez com que não ocorressem as gravações e sim o uso do caderno de campo, foi que em muitas das vezes em que estávamos andando as gravações não ficarem nítidas, devido a atritos em roupas, bolsas, folhas e conversas paralelas em línguas locais ocorriam em grande parte dos momentos.

Como dito anteriormente, a relação entre as pessoas entrevistadas e a pesquisadora é de suma importância para a pesquisa qualitativa. Assim, aqui será explicitada e contada como foram realizadas durante as visitas. Trago aqui que além da construção acadêmica que existe na Guiné-Bissau e que está exposta nesse trabalho, também são analisados fatos e falas, ocorridas durante as conversas para compreender os fatos políticos, econômicos e sociais do país.

Retornando ao debate sobre ética em pesquisas, um fato ocorrido durante o campo pode nos ajudar a verificar que mesmo sem a apreciação e a aprovação em comitês, a pesquisa pode seguir a ética. No artigo 9 que se debate sobre os direitos das pessoas participantes, o inciso II aponta que ela ou ele tem o direito de "desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo;" (BRASIL, 2016), fato ocorrido durante uma das entrevistas. A entrevistada passou a responder apenas balançando a cabeça e depois não respondeu nenhuma das perguntas, diante de tal fato, decidiu-se que o mais prudente seria a finalização da mesma e a não utilização nessa pesquisa, isso se deu pelo fato da compreensão de que ela poderia estar constrangida em apontar que não gostaria mais de participar.

Desta maneira, o recurso metodológico foi além dos relatos das conversas. Nele foi possível uma análise da paisagem, explicando não só o ver, mas também outros elementos que a compõem, como por exemplo, o sentir. Relatar aquilo que é observado traz ao outro o exercício da imaginação, e o sentir nos faz compreender aquilo que as fotos apresentam, mas com mais detalhamentos e sentimentos, sobre cheiros, sons e sensações, como o debate para a importância do caderno de campo.

É por isso que, além dos escritos, trago a importância dos caminhos percorridos, para que o leitor do trabalho consiga visualizar a viagem atravessada. E compreendam que todo o trajeto foi realizado e construído de forma complexa e coletiva. É por esse motivo que o presente trabalho também é uma contribuição para a discussão da conduta ética nas pesquisas geográficas. Afinal, o conhecimento produzido não seria possível sem a troca de saberes e de compartilhamento de situações de vida das mulheres que fizeram parte da pesquisa.

Diante de tais fatos, mesmo sendo importante a transcrição das conversas, observou-se que haveria dificuldades, algumas teriam transcrições e outras não. Com isso tomou-se como ponto contar a história de cada uma das entrevistas, a partir dos elementos da paisagem e das lembranças – de lugares, cheiros e movimentos – além das falas de cada uma delas, expondo o contexto às pessoas que não conhecem a Guiné-Bissau, mais especificamente as Ilhas de UROK, foi uma forma de tentar trazer um mergulho. Entendo que o ato de ler é uma maneira de mergulhar e experienciar o mundo através do texto.

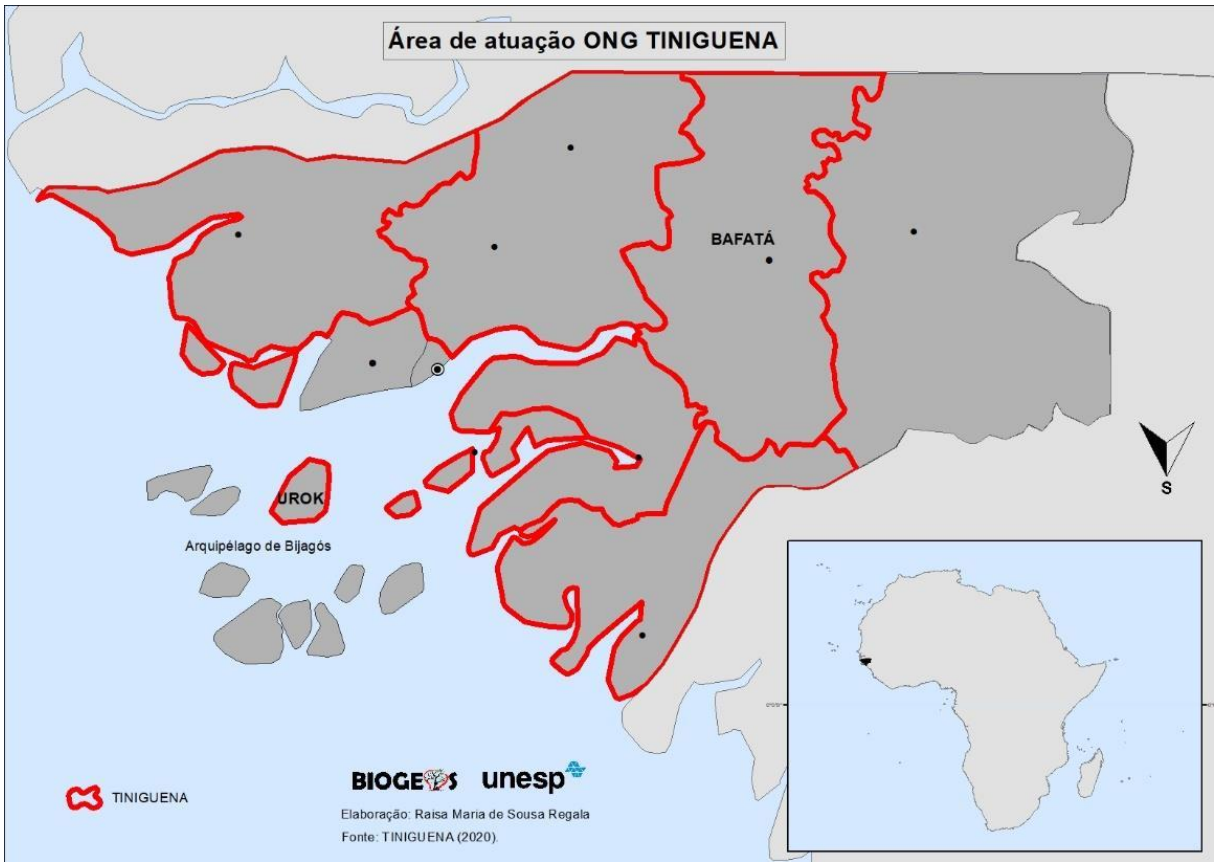
B. *Kal kaminhus ku n ianda pa busca sibí*?[5]

Várias foram as dificuldades enfrentadas para realização do campo. O pensamento inicial, como já falado na apresentação, era de um estudo comparado entro Brasil e Guiné-Bissau. Após muitas conversas, acolhidas e cálculos – financeiros e de tempo – opta pelo segundo país.

Diante disso, passa a se ter um novo plano de trabalho de campo, para o período de outubro de 2022 até dezembro de 2022. Esses seriam em um Primeiro momento seria realizado o levantamento de dados secundários no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) para a busca de materiais históricos e obras de referência que só podem ser encontrados de forma física, no prédio da instituição. Em um Segundo momento: reuniões junto a ONG TINIGUENA para buscar compreender o processo de criação da ONG; analisar como ela foi se especializando dentro do país; compreender suas ações e planejar atividades conjuntas nas comunidades rurais a serem visitadas. Para o terceiro momento, um Terceiro momento: campo

[5] Como fiz o trabalho de campo?

exploratório e organização das comunidades e das mulheres que serão entrevistadas. Nesta etapa serão percorridas as áreas como demarcadas na figura.



Mas chegando ao país, com apenas com a passagem de ida, sem muitas perspectivas e financiamento me puseram em um lugar com dificuldades. Aqueles que iriam me apoiar – ONG Tiniguena – estavam em fechamento, dos antigos, e busca, de novos, projetos, mesmo assim me ajudaram.

Quando era possível, ia a sede da ONG Tiniguena e ficava na sala de reuniões escrevendo a tese, realizando pesquisas, organizando mapas, buscando informações sobre os projetos e mantendo contato com as pessoas. Em uma dessas ida, Miguel Barros trouxe a informação que em dois dias a ONG estaria indo para as ilhas de UROK. Diante de tantos empecilhos e dificuldades, busquei organizar os campos de acordo com aquilo que era possível.

Ser uma mulher, não branca – mas menos retinta –, que não falava o Criolo [6]da Guiné-Bissau, me trouxe mais dificuldades ainda. Mesmo assim realizei o campo exploratório juntamente com Emanuel Ramos, João Sanhá, Vladimir Sanka. Em um primeiro momento esse foi para reconhecimento de área, além de entrar em contato com os projetos e pessoas que poderiam me ajudar – nas entrevistas.

As duas idas para as ilhas de UROK foram realizadas junto com as visitas técnicas da ONG Tiniguena. Os contatos eram intermediados por eles e as conversas foram facilitadas – em todas as entrevistas os membros da Tiniguena faziam questão de não estar junto para que não houvesse interferência – mas como conseguia me comunicar com elas? Tive ajuda de Paloma Regala que traduzia minhas falas.

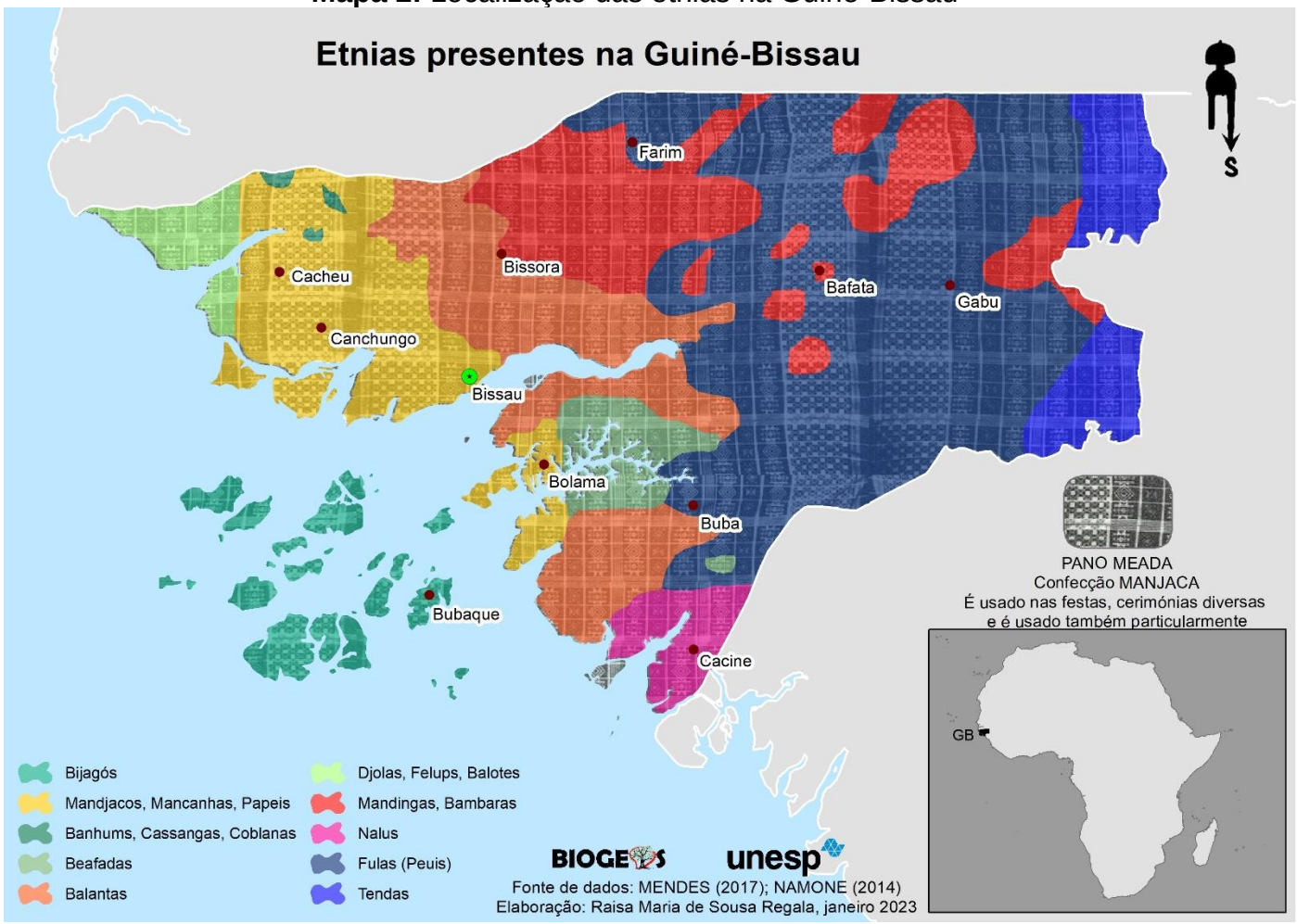
C. Nunde ku Guiné-Bissau sta nel[7]

Onde hoje se encontra o país Guiné-Bissau, anterior à chegada dos colonizadores, era o Império de Mali, mais precisamente os povos Mandingas - que até os tempos atuais ainda se encontram no país. O império Mali era ligado à etnia de religião mulçumana. Hoje, no tocante a religião, quase metade da população são animistas (44,9%), seguida dos islâmicos (41,9%) – que possuem bastante relação com os Fulas, tendo em vista que foram o grupo que teve parte da população convertida para tal religião. O cristianismo[8] trazido pelos colonizadores representa somente 11,9% (ANEME, 2020). Além do mais é possível observar um sincretismo entre estas religiões. Com isso, pode-se afirmar que, mesmo diante da tentativa de esfacelamento causado pelos portugueses no país, a cultura ainda permanece viva e carregada de ancestralidade.

Quando se fala em etnias (mapa 2), o maior grupo étnico do país são os Balantas – em número de pessoas –, já em extensão territorial são os Fulas – também considerados o maior grupo étnico na África e o segundo na Guiné-Bissau. Muitos dos grupos étnicos do país foram sendo exterminado durante o período colonial escravocrata, outros foram reduzidos a pequenas *tabancas* ou pequenos territórios.

[6] Mas compreende a lingua
[7] Onde está a Guiné Bissau
[8] Católicos, evangélicos, neopentecostais, etc.

Mapa 2: Localização das etnias na Guiné-Bissau



Quanto à formação étnica do país, destaca-se grupos étnicos muito antigos, que apresentam características próprias que precisam ser compreendidas. Outrossim, possuem semelhanças entre si, mas também marcados por conflitos que se acentuaram ainda mais com o processo de colonização portuguesa, já que na partilha da África pelos europeus, as etnias que eram consideradas rivais ou que tinham uma diferenciação societária ou que viviam disputas para conquista e ampliação de seus territórios ficaram em um mesmo território.

Cada uma dessas etnias possui sua própria língua. No país chegam a aproximadamente 18, sendo o crioulo/criol o mais falado (90,4%), mesmo sabendo que a língua oficial é o português, que só 27,1% da população fala [9](ANEME, 2020). Para que todos esses aconteçam é considerável os pontos da resiliência ancestral,

[9] Muitas das vezes pode-se relacionar o ler, escrever e falar português com frequentar a escola.

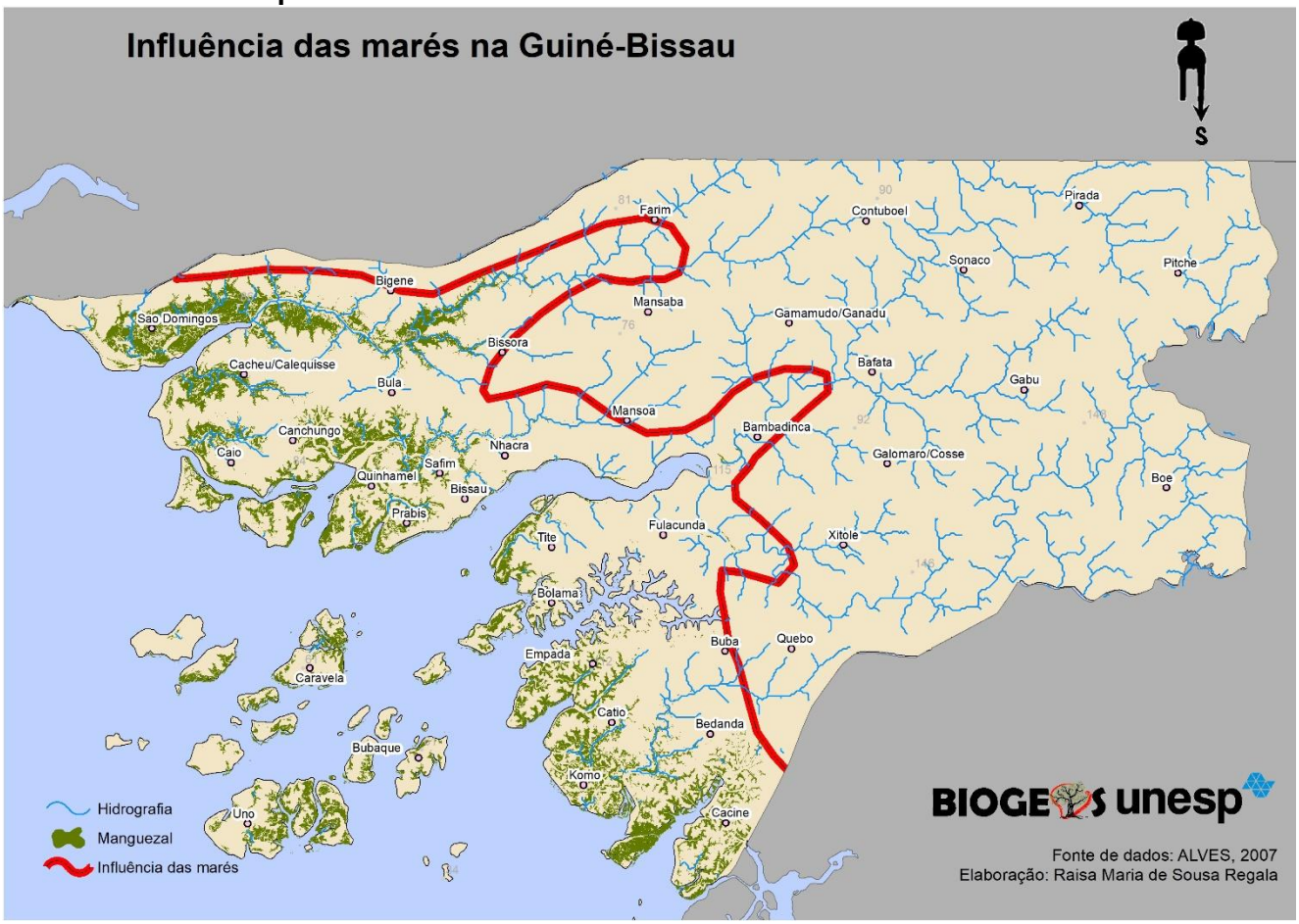
contra-hegemonias e promoção da saúde, que serão observadas as suas ligações dentro do desenrolar do trabalho

A divisão territorial do país se dá a partir de regiões e cidades. Contabiliza-se 8 regiões - Cacheu, Oio, Gabu, Bafatá, Quínara, Tombali, Bolama-Bijagós, Biombo – e um setor autônomo que está a capital Bissau. Todas eles possuem áreas de preservação ou parque nacional ou corredores ecológicos, áreas de importância nacional e internacional.

Cada vez mais se observa a importância do país em um contexto social, cultural e ambiental.

O país possui solos riquíssimos. Sabe-se que aproximadamente 77% da área total são de igual ou acima do nível do mar, mas esse número pode diminuir juntamente com a mudança da maré, que pode chegar a ter influência em até 150km para dentro do continente (RGB, 2005) (mapa 3).

Mapa 3: Influência da maré na área continental da Guiné-Bissau



Deste modo, a mudança climática é uma preocupação para Guiné Bissau uma vez que pode alterar em muito a dinâmica territorial do país, já que é sabido sobre o aumento do nível do mar nos últimos anos (SANTY, 2012; SANTY 2016). Essas alterações no clima podem prejudicar o ecossistema de manguezal que é importante para a regulação e armazenamento de carbono e por ser "a proteção costeira, a segurança alimentar e para a conservação e refúgio da biodiversidade" (CARDOSO, 2017, p. 9). Esse aumento nos oceanos pode prejudicar a segurança e a soberania alimentar do país, já que as áreas de mangue são utilizadas para o cultivo da cultura de arroz de mangais/arroz de bolanha, trazendo consequências para as comunidades que vivem e dependem diretamente do ecossistema.

Ainda se tratando das mudanças climáticas, vem se observando um aumento de pragas, trazendo como consequência a necessidade de uso de veneno nas plantações (CONDE, 2021). Ademais, é possível afirmar que as mulheres são as principais afetadas nesse processo, sendo que elas são 50,6% (INE, sd) da população e são responsáveis por 55% da agricultura do país (TINIGUENA, 2019).

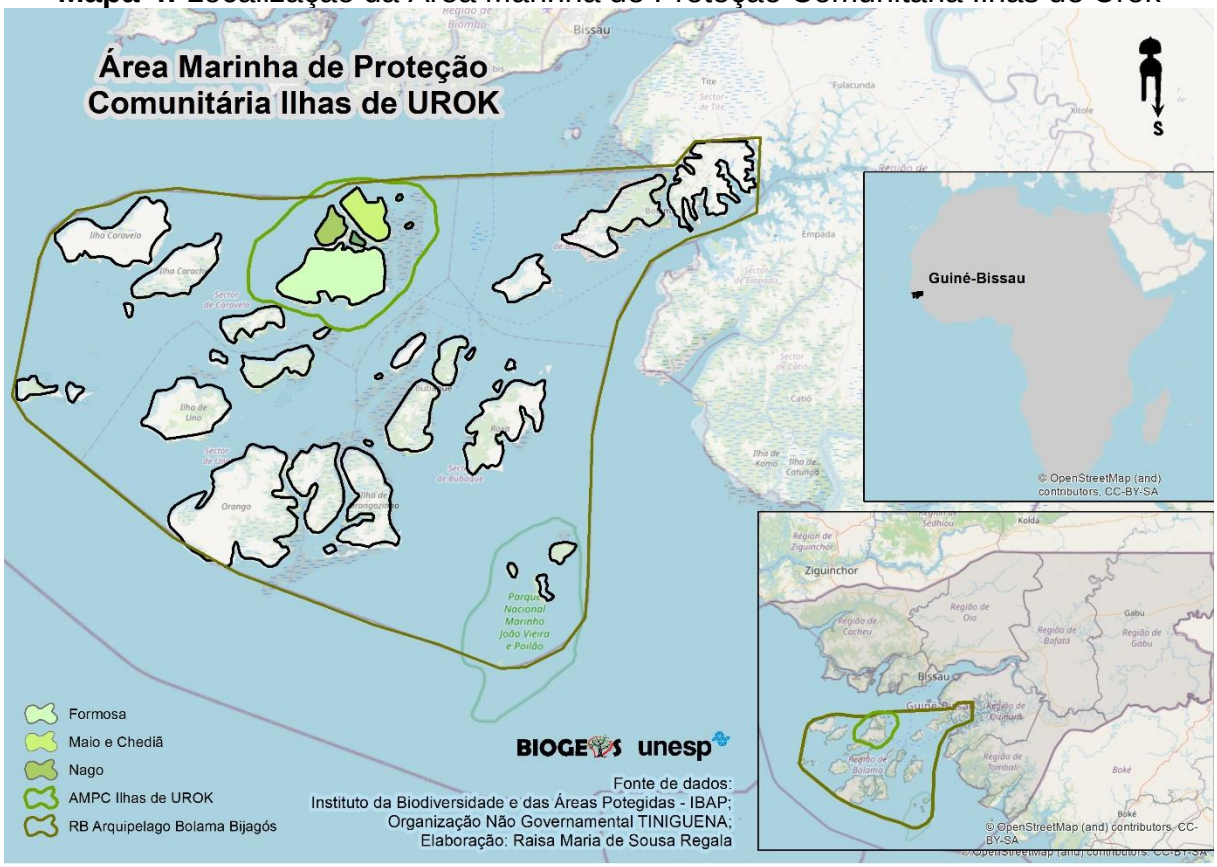
Buska pa sibí nunde ku djiu di UROK sta nel [10]

Preciso enfatizar aqui que o campo não teria como ser realizado sem a ajuda da ONG Tiniguena. Nesse momento e procedimento da pesquisa foi a equipe da ONG que me amparou, seja com a oferta transporte ou até mesmo a estadia e a alimentação. Foi desta maneira que fui recepcionada e aceita em viagens para as Ilhas de UROK.

Cabe expor que a comunidade se divide territorialmente em Ilha Formosa, Chedia, Maio e Nago (mapa 4), mas se observar em textos e livros acadêmicos, a Chedia e Maio são consideradas uma única ilha

[10] Conhecer e localizar as ilhas de UROK

Mapa 4: Localização da Área Marinha de Proteção Comunitária Ilhas de Urok



Somente durante os trabalhos de campo que pude verificar onde eles viam a divisão delas, a partir de bancos de areia que surgiam quando a maré baixava (mapa 4).

A Área Marinha de Proteção Comunitária Ilhas de UROK é um complexo de ilhas e ilhéus. A AMPC está contida no Arquipélago dos Bijagós, esse sendo inserido na Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós. Essa área é santuário da biodiversidade, fato esse que pode ser confirmado para além dos textos acadêmicos, mas diante de uma análise da paisagem durante o trabalho de campo[11], quando foram vistas várias espécies de peixes e tartarugas.

[11] Encontramos a mais variadas espécies de aves; entre as Ilhas de Formosa e a Ilha de Maio foi visto um peixe-boi; tartarugas – quando foi encontrada ainda estava viva, debilitada, mas viva, poucos minutos depois que foi resgatada veio a óbito e vários moluscos. No segundo campo também soubemos de uma baleia que havia encalhado em uma das ilhas, mas que também não sobreviveu, houve tentativas de resgate, mas ela estava debilitada.

Fotografia 1: Algumas das espécies de aves observadas durante o campo nas Ilhas de Urok



Fonte: Acervo Pessoal de trabalho de campo, novembro/dezembro de 2022.
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

A AMPC ilhas de UROK é uma área em que a comunidade quem protege e fiscaliza. Uma área que possui particularidades, assim como cada uma das ilhas do Arquipélago dos Bijagós, ele tem uma dimensão territorial aproximadamente de 1.500 km², detém grandes rios, importantes áreas de mangues, os mais variados números de aves, peixes, primatas, tartarugas, crocodilos e espécies ameaçadas de extinção (hipopótamos que habitam água doce e salgada), além de ser um espaço de contagem mundial de aves "a contagem mundial das aves aquáticas começou a ser realizada sistematicamente no país" (SILVA, 2020, s.p), sendo possível ver a diversidade na figura 1.

A criação da área se deu a partir de debates realizados pelo Comitê de Gestão, em parceria com a ONG Tiniguena. São organizados Planos de Gestão, onde são construídas "regras de acesso e utilização dos seus espaços e recursos naturais" (PLANO DE GESTÃO, 2014 p. 5). Na Assembleia Geral de UROK são escritas e debatidos, entre os delegados, a gestão da área, e referendado pelo Conselho de

Anciãos. A comunidade gere, mas fica a cargo da ONG Tiniguena e do IBAP, realizarem a fiscalização e aplicarem as multas. Por esse e outros motivos, que serão descritos mais adiante, que refleti a importância da ONG Tiniguena para as ilhas de UROK, em um lugar onde se presencia a ausência do Estado.

D. Perfil das entrevistadas e dos entrevistados

Como já falado, não só entrevistas foram realizadas. Também ocorreu a observação dos elementos da paisagem local, a participação em reuniões e as conversas. Dentro de uma pesquisa que trará traços de **procedimento metodológicos técnicos** da etnografia, tecendo dentro de uma pesquisa baseada na dialética e assim compreender as contradições presentes na Guiné-Bissau, a presença em um maior número de espaços e assim conseguir dados para ver, analisar, compreender e tecer esses fatos, é o ponto para o enriquecimento da tese.

Diante disso, decidiu-se apresentar onde, quando e quem são e foram as pessoas entrevistadas durante o trabalho de campo. Além de quais os espaços de reuniões, assembleias e conversas.

- **Ilhas de Urok**

Quadro 1: Entrevistas realizadas durante o campo

Nome	Etnia	Onde nasceu	Data	Local	Função
Emanuel Ramos	-	Bissau	12 de novembro	Ilha de Formosa	Coordenador do projeto Ilhas de UROK
Sanhá João Correia	Bijagós	Bissau	Todo o campo	Inlha de formosa	Integrante do Projeto das Ilhas de UROK
Sabado Mendes Maio	Bijagós		16 de dezembro	Ilha de Formosa	Camponesa – quintal produtivo – guardiã das sementes
Esperança	Bijagós	Ilha de Formosa – *tabanca de Acocó*	16 de dezembro	Ilha de Formosa – Ambo	Camponesa – quintal produtivo - horta comunitária - marisqueira
Maimuna Augusto	Bijagós		17 de dezembro	Ilha de Formosa – *tabanca* de Abu	Camponesa – quintal produtivo – guardiã de sementes – horta comunitária - marisqueira
Anjuleta	Bijagós		17 de dezembro	Ilha de Formosa – *tabanca* de Abu	Camponesa – quintal produtivo – horta comunitária – marisqueira
Beatriz Lopes – Nene	Bijagós		17 de dezembro	Ilha de Formosa – *tabanca* de Abu	Camponesa – quintal produtivo – marisqueira - CURANDEIRA de entorce
Nela	Bijagós	Ilha de Formosa	17 de dezembro	Ilha de Formosa	Camponesa – quintal produtivo – horta comunitária – marisqueira
Mussug – Odete	Bijagós	Ilha de Formosa	18 de dezembro	Ilha de Nago	Camponesa – horta comunitária
Má Sá	PEPEL?	Ilha de formosa	18 de dezembro	Ilha de Nago	Camponesa
Sabado	Bijagós	Ilha de Maio	18 de dezembro	Ilha de Maio	Camponesa
Fatu	Sem imformação	Bissau	18 de dezembro	Ilha de Chediã	Camponesa – horta comunitária
Celeste Mendes	Bijagós	Ambo	19 de dezmebro	Ilha de Formosa – *tabanca* de Ambo	Camponesa

A escolha das mulheres para realização das conversas se deu a partir da ocupação delas. Levou-se em consideração se eram camponesas, produziam nas hortas comunitárias, possuíam "lotes" no **Lugar**[12], trabalhavam no mar – coletando mariscos – e possuíam quintais produtivos ou eram guardiãs das sementes. Todos esses fatos iriam nos ajudar no processo de compreensão da resistência camponesa e da promoção da saúde; e compreender a ancestralidade, pois buscou-se saber como elas aprenderam as técnicas utilizadas em seus trabalhos.

Cabe expor que além do supracitado, se escolheu a partir da atuação delas frente às reuniões (Fotografia 2, 3, 4, 5 e 6) em que foram participadas durante os campos – essas reuniões foram o momento de fechamento do ano, conversa sobre as dificuldades e avanços dos projetos, bem como para a entrega de sementes que seriam plantadas nas hortas comunitárias e nos quintais produtivos.

Fotografia 2: Reunião e entrega de sementes na tabanca de Abu – Ilha de Formosa



Fonte: Acervo de campo 17 de dezembro 2022 – *tabanca* de Abu – Ilha de Formosa
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF.

[12] Área de produção de arroz

Fotografia 3: Reunião e entrega de sementes na tabanca de Ambó – Ilha de Formosa



Fonte: Acervo de campo 19 de dezembro 2022 – *tabanca* de Ambo – Ilha de Formosa
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Fotografia 4: Conversa e entrega de sementes na tabanca de Botai - Ilha de Maio



Fonte: Acervo de campo 18 de dezembro 2022 – *tabanca* de Ambo – Ilha de Formosa
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Fotografia 5: Entrega de sementes na Ilha de Nago



Fonte: Acervo de campo 18 de dezembro 2022 – *tabanca* de Ambo – Ilha de Formosa
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Fotografia 6: Entrega de sementes na Ilha de Chedia



Fonte: Acervo de campo 18 de dezembro 2022 – *tabanca* de Ambo – Ilha de Formosa
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Evidencio que a ordem das fotos inseridas anteriormente se deu por um fator preponderante. As duas primeiras figuras (Fotografia 2 e 3) são de momentos pós reunião, quando pude conhecer mais a realidade das mulheres e de suas *tabanca*s, como elas se dividem, as dificuldades enfrentadas frente as mudanças climáticas etc. Já as três últimas (Fotografia 4, 5 e 6), o momento foi só de entrega das sementes e uma rápida conversa, em função delas estarem em Nago, Maio e Chediã, e nós tivemos que percorrer essas 3 ilhas em um único dia – por 12 horas, pois dependíamos das marés.

Por fim, os dois homens entrevistados fazem parte da Diretoria da ONG Tiniguena, e trabalham com os projetos que atuam junto as Ilhas de UROK. Emanuel – Manecas – foi um dos primeiros a ir à ilha de Formosa nos anos de 1990, sendo ele conhecedor dos costumes e crenças dos Bijagós das Ilhas de Urok, pois viveu e vivenciou com a população, além de ter participado das tradições – ritos de passagem – "você só se torna Bijagós após a finalização de todas as passagens" (Conversa informal no dia 12 de novembro de 2022, na ilha de Formosa).

Já Sanhá é nascido no arquipélago Bolama Bijagós, veio para o Brasil para estudar Agronomia e a sua formação vem ajudando nos projetos da ONG – compreendendo que seu aprendizado de curso, unido a sua estruturação/conhecimento o construíram. Muitas das nossas conversas – nos barcos, nas caminhadas, nos almoços, nas jantas e na ONG – foram fontes orais importantes da pesquisa. Manecas e Sanha, nos trouxeram informações únicas e que irão enriquecer a escrita

- **Tiban Anjatero**

No dia 10 de dezembro de 2022 houve a reunião de finalização do projeto (Fotografia 7) "*Tiban Ankatero*, Integração de aspectos culturais, agroecológicos, territoriais e climáticos para uma agricultura familiar resiliente ao clima nas ilhas de Urok – Guiné-Bissau." Nesse momento observei e analisei as falas dos coordenadores dos projetos, dos representantes da União Europeia, do representante do comitê de gestão, dos anciões e das mulheres camponesas. Toda a reunião foi realizada no Kriol, apenas a representante da União Europeia falou em português de Portugal.

A escolha da reunião se deu pela sua importância, foi a discussão sobre o fechamento do projeto, sendo debatido os prós e os contras ocorridos durante ele, onde foram ouvidas as comunidades, de mulheres e homens destas.

Fotografia 7: Encerramento do projeto Tiban Anjatero



Fonte: acervo de campo, 7 de dezembro de 2022, Sede da ONG Tiniguena – Bairro Belem, Bissau Foto: da autora

Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Nessa reunião foi possível verificar a expansão das áreas de plantação de caju nas Ilhas de Urok, fato que em nenhuma das entrevistas foi relatado.

- **Teodora Inácia Gomes – combatente do processo de libertação**

No dia 26 de dezembro de 2022 houve uma conversa com a ex combatente Teodora Inácia Gomes (Fotografia 8). Para essa conversa foi elaborado um pequeno roteiro de conversa, onde todas as perguntas foram lidas e ela contou uma história – cronológica. As perguntas foram em português e a Teodora respondeu em Kriol, mesmo compreendendo e sabendo falar português, a ela se sentiu mais segura nas respostas. A partir dessa conversa foi possível compreender, em certos aspectos, as lutas dentro do parlamento, bem como as mudanças culturais, sociais e econômicas do país. Pós esses procedimentos de pesquisa por meio da oralidade se tem as "versões dos fatos por meio dos resgastes da comunicação oral e das tradições dos povos como material histórico" (PINTO, 2021, p.35).

Fotografia 8: Teodora Inácia Gomes - ex-combatente para a independência da Guiné-Bissau



Fonte: acervo de campo, 26 de dezembro de 2022, Casa da irmã de Teodora – Bairro de Cuntum, Bissau Foto: da autora.
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Por fim, é importante relembrar que as entrevistas não foram transcritas, pelo fato de se tratar da língua Kriol e ter algumas interferências de terceiros em momentos em que a comunicação se tornava difícil. A partir de cada conversa foi elaborar uma narrativa para contar uma história sobre o território usado e as práticas de promoção da saúde camponesa na Guiné Bissau.

E. Transporte e pessoas

Muito se pensou se seria interessante e importante abrir um tópico para debater quais os meios de transporte para chegar do continente às ilhas de UROK, bem como como esse seria realizado entre ilhas. Mas viu-se a importância de apresentar os entraves para o campo, diante daquilo que será debatido sobre as dificuldades que a comunidade local sofre para fazer esse trajeto e, pois, quando escrevo essa tese tomo conhecimento que um dos integrantes do Comitê de Gestão e precursor da AMPC

Ilhas de UROK, João Correia, faleceu devido a um naufrágio. Viu-se a importância de apresentar as dificuldades para o campo.

Para fazer a travessia de Bissau para as ilhas por via marítima foi apresentado que só existia uma forma de chegar, seria através do transporte realizado com o barco da ONG Tiniguena. Mas quando cheguei a ilha e a partir das conversas observei que alguns pescadores fazem esse trajeto – sem dias e horários fixos – ou com o barco do pastor – desse pouco foi falado, só quando o barco da Tiniguena quebrou é que houve o transporte.

Antigamente para se sair das ilhas até o continente, deveria se deslocar até a ilha de Bubaque – essa é uma das ilhas principais do Arquipélago e tem um barco que faz a travessia nas sextas continente-ilha e retorna no domingo. Esses fatos trazem dificuldades na de distribuição e escoamento da produção, fazendo com que as mulheres e os homens dali trabalhem apenas em suas próprias localidades.

Hoje, já se tem um barco que faz a travessia Bissau – Formosa, esse é propriedade da Tinigeuna – foi adquirido a partir de um projeto de cooperação com o governo chinês - hoje ele é o transporte público/privado, e faz esse percurso mesmo que não haja missão da ONG para as ilhas. Nele são transportados tudo que se pode imaginar, juntamente com as pessoas (Fotografia 9) – além de sacos de arroz, havia bicicletas, galinhas, uma moto, bode, colchões. Com isso, podemos observar que com esse processo, a ONG vem fazendo aquilo que é projetado, o desenvolvimento social.

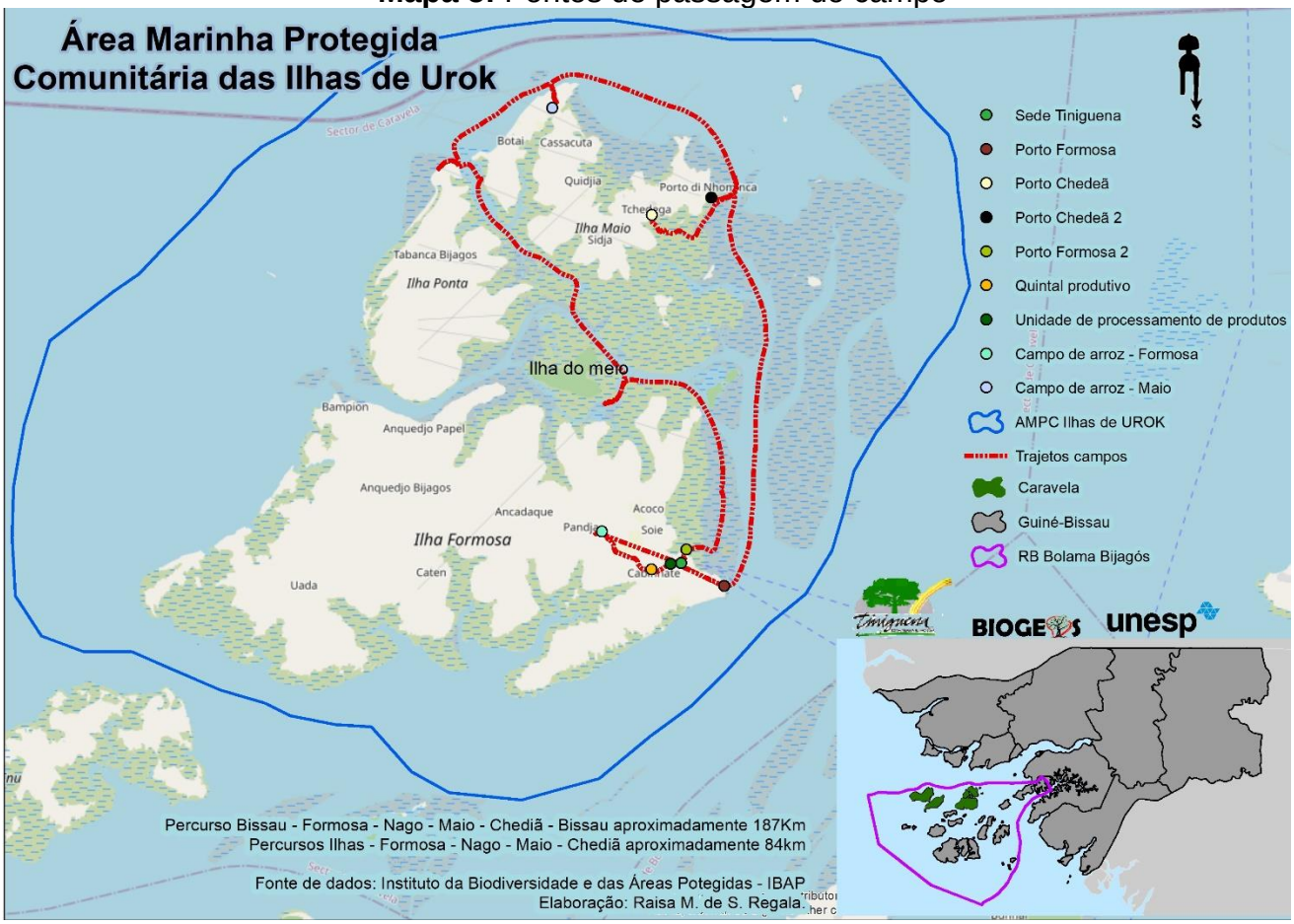
Fotografia 9: Barco responsável pelo transporte de Bissau para a Ilha de Formosa



Fonte: acervo de campo, 16 de dezembro de 2022, Cais Velho, Bissau Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Todas as dificuldades observadas, pode-se afirmar que o isolamento é um obstáculo para o desenvolvimento social das comunidades, como será visto em alguns capítulos adiante.

Mapa 5: Pontos de passagem do campo[13]



O transporte entre as ilhas durante o trabalho de campo (mapa 5) foi de carona junto ao barco que foi realizar a fiscalização e apresentar a ilhas para futuros investidores na ONG - na primeiras visitas – e no período de distribuição das sementes para as mulheres – na segundo visita. Esse barco é da ONG Tiniguena, e é o mesmo que realiza a fiscalização[14], essa é feita em parceria entre a ONG, o IBAP e a comunidade local. Como o barco Formosa-Bissau realiza sua travessia apenas na segunda-feira e seriam poucos dias para as conversas com as mulheres, foi necessário mais uma carona no barco do IBAP que estaria saindo da ilha de Bubaque para Bissau, já o trajeto Formosa-Bubaque foi através do mesmo bote utilizado para o deslocamento e fiscalização entre as ilhas.

[13] Lugar: espaço onde há a produção de arroz.

[14] Quem realiza a fiscalização é um comandante e o marinheiro (Bijagó das ilhas de UROK) e um representante do IBAP, as vezes pode estar presente a polícia.



No Kriol um pilon, para nós um pilão. Instrumento muito utilizado para pilar o arroz, separa o grão da casca.
Foto: Raisa Regala, nov. 2022
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta".

ESCRAVIZAÇÃO, EPISTEMICÍDIO, EXTERMÍNIO E EXPLORAÇÃO

Na noite colonial
Sou apenas a máquina
Que tritura o teu nome
Num ritmo dolente.
Sou a sombra apagada
Que busca uma luz para se refugiar.
Sou o pintor fanático
Que será sem tintas e sente a inspiração nascer
(NAGIB SAID, Mantenhas para quem luta! 1993)

O racismo pode estar presente em toda as camadas sociais (FANON, 2020), e até entre os seus semelhantes – que apenas reproduzem aquilo para/pensando em se inserir em algo que nunca será inserido verdadeiramente. Por isso, torna-se relevante discutir aqui as explicações possíveis para o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) apontando caminhos que fizeram com que o mesmo ocorresse e destacando que a raiz do problema não é de agora, mas de uma construção de mundo dominante que é branco, eurocêntrico, católico e misógino. Afinal, o racismo é fruto, principalmente, do processo de colonização.

Outro aspecto relevante da tese é analisar o racismo estrutural relacionado om esse processo de colonização tendo em vista a realidade africana, o que não é tarefa fácil.

Analisar o continente africano ou algum país que ali pertence é um trabalho minucioso, pois deve-se tomar cuidado para que não se caia na escrita de sempre, que reproduz a visão dos colonizadores, sem reconhecer a história existente antes da invasão a esse continente, ou a reprodução da pobreza, da fome, das guerras etc. O epistemicídio é o causador desse processo de redução do continente à pobreza, guerras, escravização, questões que sempre existiram diante dos povos africanos, a partir de processo de apagamento societário, cultural, étnico, político e intelectual, que esses sofreram desde a colonização.

É importante explicitar que o continente africano é diverso, e que cada sociedade apresenta suas particularidades. Mesmo com a chegada dos colonizadores com a escravização e com as divisões territoriais que inseriram povos diversos e rivais em um mesmo território, os povos ainda buscam manter e resgatar a ancestralidade. Apreendendo essas diversidades é que se entende tanto o processo de colonização, como as lutas pela libertação, até chegar ao pan-africanismo.

Apreender esse e outros contextos é dialogar com questões amplas, com base em Foucault (1979) e Carneiro (2005), verificando que o processo de poder e da genealogia e do Contrato Racial estão intrinsicamente ligados, principalmente se considerarmos a historicidade desde a escravização, passando pelo colonialismo e chegando ao neocolonialismo. A partir desse processo histórico, podemos compreender que o pacto da branquitude sempre existiu e vai existir, implicando no apagamento das etnias, pensamentos e culturas não hegemônicas, com a tentativa de perpetuar a supremacia branca que se impõe com silenciamento e violência (KILOMBA, 2010; MARTINS e MOITA, 2018).

Nesse mesmo sentido, Kilomba em seu livro "Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano" traz a figura de Anastácia como explicação sobre o instrumento de tortura da época colonial – um objeto de ferro que proibia a alimentação daquele em que era colocado – que esse passa a ser uma peça de tortura e de poder, que impede a fala e a comunicação, trazendo mais uma vez o silenciamento.

> [...] a boca é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem – e precisam – controlar e, consequentemente o órgão que historicamente, tem sido severamente censurado. (KILOMBA, 2019, p. 33-34)

O ato da proibição da fala e da expressão, foi uma tentativa utilizada pelo colonizador branco europeu católico e misógino para findar a história de um povo. Mas esse silenciamento não foi suficiente, já que a ancestralidade é um elemento estrutural da sociedade que resistiu a todas as formas de violência colonial.

É por isso que a ancestralidade ganha uma centralidade na presente tese uma vez que ela é um elemento que percorre os marcos e lutas presentes no continente africano. Esse fato se dá pelo acontecimento dos respeitos existentes, nos quais sempre está a família, e em algumas culturas a mulher ou as/os anciãs/anciões (PINTO, 2021). A partir desta perspectiva que a tese também considera o debate acerca do Pan-africanismo, um movimento teórico e prático, inicialmente encabeçado pela diáspora africana, depois ganhando outros contornos com os processos de libertação dos países africanos (PAIM, 2017).

A luta por liberação – capitalista, cristã, colonizadora e neocolonial – é seu principal foco, há a busca da resiliência ancestral – de cada povo, lugar – e de uma unificação dos países africanos (NASCIMENTO, 1981). Nesse resgate ancestral, vejo que um dos papeis preponderantes é o das mulheres. Corroborando com Pinto (2021) que entende as mulheres são nossa primeira morada seres sagrados, e que a quebra dessa ideia se deu após a chegada dos colonizadores e com a inserção da cultura do patriarcado e da misoginia.

Retomando o debate sobre o pan-africanismo, esse movimento tinha em uma de suas bases o socialismo. Tanto que alguns países que traçavam suas lutas a partir desse movimento, se tornaram países socialistas após a libertação, como é o caso da Guiné-Bissau. Amilcar Cabral em seus escritos e nas suas falas, tecia e citava o pan-africanismo como base. O socialismo só poderá ser construído numa África unida, porque requer uma mínima infra-estrutura material. Mais importante para ser autêntico, necessita ser autodeterminado e independente" (NASCIMENTO, 1981, p. 74 – 75)

O maior problema para esse processo de unificação dos países foi o neocolonialismo que vinha ocorrendo naquele momento, juntamente com uma minoria da elite africana que interveio no processo de libertação e negociou territórios com os colonizadores (NASCIMENTO, 1981). Mas antes de iniciar o debate sobre o neocolonialismo, as lutas por libertação, é importante compreender o processo histórico ocorrido no continente africano, que promoveu as transformações territoriais, sociais, econômicas, culturais e étnicas. Parte-se da chegada dos colonizadores, percorrendo pela escravização, o extermínio, até a colonização no uso do espaço.

1.1. "Mama África": *No dufuntus garandi/No ardansa di no risis mas garandi* [15]

Cabe compreender, quando falamos de África, que não podemos generalizar, encaixar que todas as sociedades são matriarcais ou matrilineares ou patriarcais. Afinal, esse continente é de uma diversidade imensa. Algumas etnias tecem sua sociedade sem observar distinção entre os gêneros, e outras praticam a gerontocracia. Diop articula que esses sistemas e uma "colaboração e o desenvolvimento pleno e harmonioso entre os dois sexos, apresentando uma certa

[15] "Mama África": nossas grandes ancestrais.

preponderância da mulher na sociedade" (2012, p.334), assim não se tendo a superioridade sobre o outro, mas uma articulação equilibrada, que é a compreensão da matrilinearidade.

Pouco se debate sobre a matrilinearidade nos contextos acadêmicos geográficos, sendo um assunto que nos traria a compreensão não só do papel das mulheres, mas também uma teoria que seria possível analisar a estrutura da sociedade. A organização da sociedade e de algumas etnias foram completamente exterminadas a partir da colonização eurocêntrica-católica-misógina-racista-patriarcal. Esse extermínio vinha não só do assassinato ou da separação dos povos, mas também tinha relação com a imposição da religião do ser que se considerava superior.

A matrilinearidade sempre estiveram presentes em algumas sociedades/etnias africanas, podendo estar diretamente ou considerando algumas estruturas da sociedade. Mas é no período colonialista e imperialista que a prática da violência contra a mulher vem de forma mais forte, para que assim seja imposta a dominação contra os corpos femininos (PINTO, 2021).

Assim, compreende-se que esse sistema é um processo único de vivência étnico e que a sua essência é diretamente ligada a cultura (SCHOLL, 2019; BACHOFEN, 1981). Com isso não vai haver uma generalização sobre o cerne desse sistema, tecendo assim características a partir de autoras e autores que debateram essas questões a partir da vivência e estudo sobre certas culturas étnicas no continente africano. Aqui traremos experiências desse sistema, mas principalmente da matrilinearidade, para que seja possível o entendimento do mesmo em um âmbito da África Negra.

Na compreensão de que o único sistema existente é o do colonizador, sem apreender outros contextos e a diversidade cultural existente no mundo, alguns autores podem fazer leituras a partir da sua realidade, como Simões que expõe que os povos de Bijagós viviam "um fulero um regime patriarcal; a sua vida familiar, com características incontestáveis de matriarcado" (1953, p. 145). Assim, observa-se que ele não levou em consideração o processo que os povos Bijagós haviam passado em sua cultura, além de concluir isso a partir de uma generalização e inclusão como matriarcado, mas que é melhor compreendido como matrilinearidade. Além de, afirmar

que ao mesmo tempo em que margeava as "civilizações adiantadas", estava diante de um primitivismo (1953), suas falas sempre estavam carregadas de pré-conceitos e preconceitos sobre os povos africanos e a superioridade dos povos europeus.

Apesar de afirmações como essas, podemos citar várias sociedades/etnias nas quais o **ponto central** das suas comunidades são as mulheres, vivendo em especial um sistema matrilinear, tecendo uma linhagem familiar a partir das mulheres ou elas no comando de suas sociedades. Em algumas, além do gerenciamento familiar, a liberdade e o poder de escolha, como na sociedade Bijagós, onde as mulheres podiam escolher com quem se relacionar, tinham o direito a decidir sobre o divórcio, além de praticarem a poliandria (SCHOOL, 2019).

> É a mulher a organizadora do lar, pondo e dispondo a seu talante do seu domicílio, o que, de resto, é justo, pois é ela que constrói a palhota [...] Após as cerimónias do maurasse (iniciação), as raparigas escolhem os rapazes da sua predilecção (Kabarós e Kanhokans) [...] quando uma kanpune se resolve a constituir família, cozinha uma panela de arroz de mistura com outros comestíveis que vai oferecer ao noivo e à família deste (MOREIRA, 1946, p. 98)

Para alguns, a vida da mulher Bijagó pode ser considerada como promiscuidade, ali só está a forma como a etnia se organiza socialmente, tendo essa mulher se irradiado, a ela pertence à família e a responsabilidade, pois entendem que existe uma "filiação materna e o parentesco uterino e, ao mesmo tempo, prover ao sustento, criação e a educação dos filhos" (MOREIRA, 1946, p. 99). Isso faz com que essa mulher tenha a responsabilidade de "preparação e formação das futuras gerações; nela é que está a garantia da perpetuidade da raça" (MOREIRA, 1946, p. 99).

Assim como já dito anteriormente, o homem branco colonizador esforça-se na função de silenciamento dos povos do continente africano. Lima (1947) mesmo afirmando a existência de um regime ou sistema matrilinear, dedica-se a apresentar que esse é falido, pelo simples fato de levar certas palavras *ipsis litteris*, sem considerar que o sistema tem sua essência na cultura étnica, e reduzindo-o ao oposto ao patriarcado.

A ancestralidade bijagó tem relação com a mãe, para saber qual a sua ascendência busca-se qual a da sua mãe, e essa está relacionada a algo maior, a

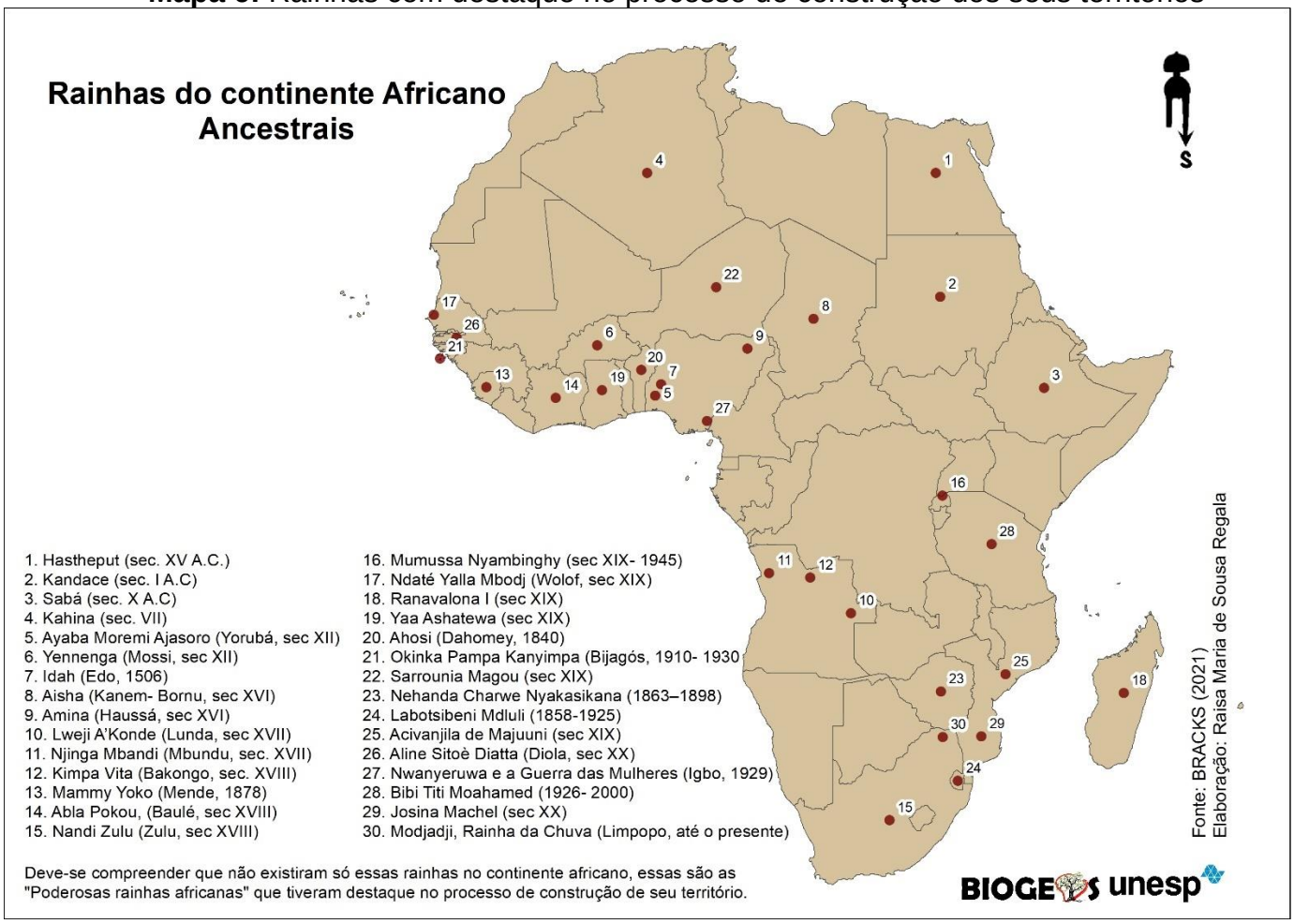
geração "Orácuma", "Orága", "Ogubané, "Ominca" (LIMA, 1947). Também, é a partir da iniciação das mulheres as "minjeres garandis" que são passados seus conhecimentos para as outras, em processo ancestral.

A autora Fonseca (2019) explana que o processo que faz com que o matriarcado tenha grande modificações ou que se finde tem a ver com a propagação do **Islã, do cristianismo e dos colonizadores** – como já tocado anteriormente. Apesar disto, muitas localidades mantém a resistência – tanto do sistema em si, como contra os colonizadores e as religiões. E, no processo de regaste ancestral o autor Diop propõe que seja adotado o bicameralismo, e Fonseca completa que deve se ter base numa "uma câmara formada por homens, outra por mulheres, que remonta às organizações políticas pré-coloniais da África Negra" (2019, s.p).

Ainda se tratando sobre o matrilinearidade da etnia Bijagós, da Guiné-Bissau, esse sistema foi resistente, mesmo diante de todas as adversidades já expostas. Isso a partir da Rainha Pampa de Orango Grande, que lutou por incansáveis anos contra o poderio do colonizador nas terras de sua sociedade.

Indo mais profundamente sobre a matrilinearidade, e suas relações com o processo de ancestralidade já que, em algumas sociedades a mãe tinha o dever de repassar as filhas e aos filhos os ensinamentos étnicos, e nas vivencias dos ritos de passagens eram ensinados às meninas os saberes ancestrais.

Mapa 6: Rainhas com destaque no processo de construção dos seus territórios



Mulheres que conduziram seus povos por poucos anos ou por mais de 60 e 70 anos – como é o caso das rainhas, respectivamente, Nehanda Charwe Nyakasikana do Zimbabue e Bibi Titi Moahamed da Tanzania. A Rainha Okinka Pampa lutou bravamente contra os colonizadores portugueses na Ilha de Orango, além tecer influência sobre as outras ilhas que são habitadas por sua etnia, já a Muhumuza Nyambingi enfrentou os colonizadores alemãs, belgas e ingleses – Ruanda e Unganda. Ahosi enfrentou colonizadores franceses onde hoje se encontra o Benin. Essas são mulheres que serviram de exemplo para que outras fossem para a luta nos processos de descolonização de seus países. Como pode ser visto no mapa 6.

Diop (2012) põe em debate que o esse sistema é a não redução das mulheres à luta, é a compreensão delas no poder – político, jurídico e econômico, de ter posição autonomia e autoridade nas tomadas de decisão – além de todo esse processo ser e ter questões culturais, ou seja, relação direta com os grupos étnicos. Já por outro lado,

Amadiume (1997 *apud* Oliveira 2018) expõe um outro lado da matrilinearidade na sociedade, tendo uma questão mais relacionada ao sagrado, e o papel dessas mulheres tem uma relação maior do que o da família. Entendo assim que a mulher tem um papel social e cultural.

Compreendendo Diop e Amadiume, vemos que a compreensão da sociedade matrilinear é ampla e específica para cada uma das sociedades e dos entendimentos. Assim busca-se apreender a partir da autora e do autor que o processo de resiliência ancestral – sabendo o mundo em que estamos – é retornar a matrilinearidade buscando entender as questões escalares – do local, regional e global – compreendendo o papel sagrado da mulher, mas sendo ela tomadora de decisões para essa sociedade.

Assim, vê-se que a matrilinearidade é de suma importância para apreensão de reinos, impérios e etnias, e suas questões culturais. mas é de se pensar que mesmo que as sociedades não fossem matriarcais, ou mesmo sendo tivessem influencia o patriarcado imposto pelo colonizador, observar mulheres que tiveram destaques importantes em suas sociedades – enquanto rainhas ou chefes – que lutaram bravamente seja contra os colonizadores ou contra etnias, reinos ou impérios rivais, e tem visibilidade dos seus feitos até os dias atuais. Enfim, é escancarar a ancestralidade delas para com todas as sociedades no continente africano, e o resgate ancestral daqueles povos em diáspora.

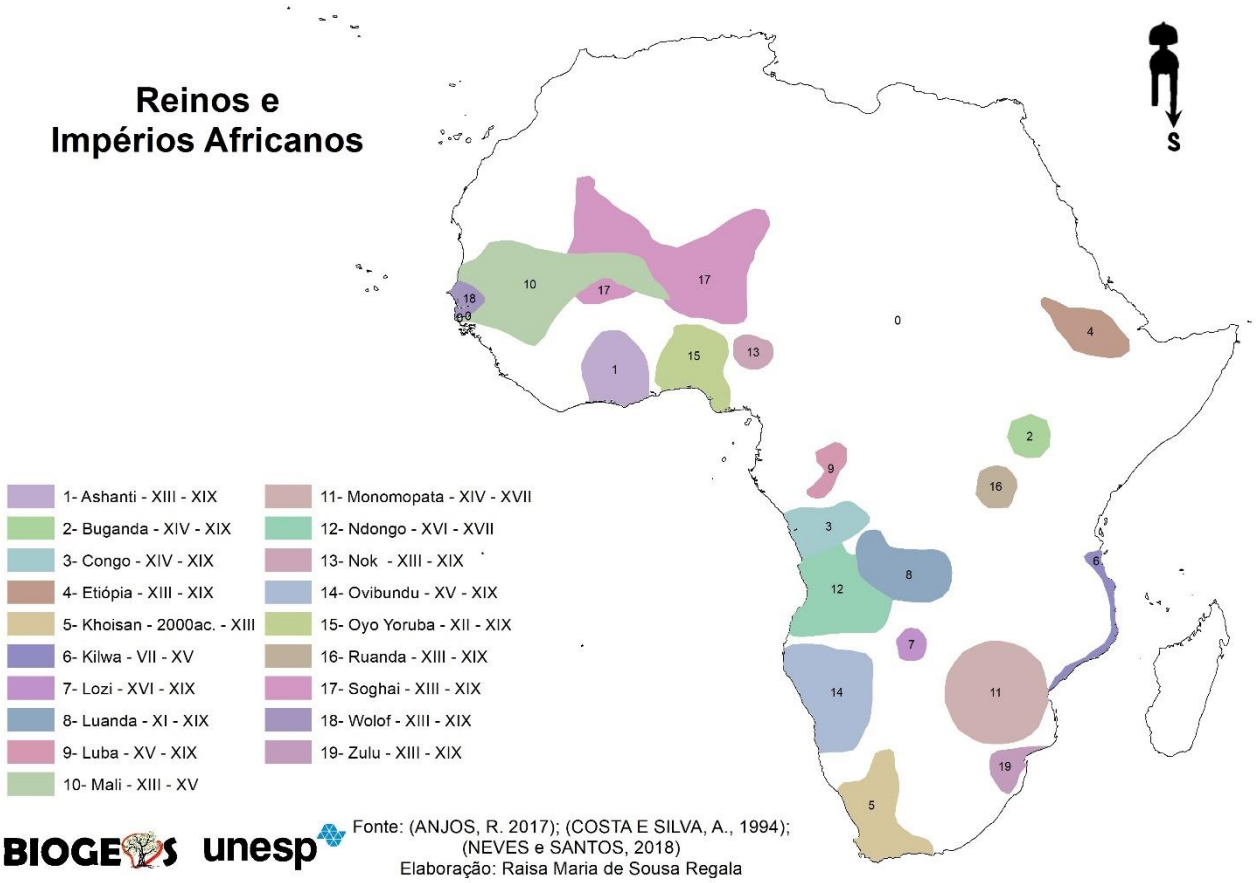
Diante de tais considerações, compreende-se que as mulheres além de nos dar à luz e serem nossas grandes ancestrais, são, em algumas etnias, aquelas responsáveis pela perpetuação cultural.

1.2. N'misti um pada de África: a divisão territorial do continente africano pelos europeus

A divisão territorial do continente africano tem relação ao processo de colonização usurpadora sofrido sobre o território, por colonizadores. Esse se deu em dois momentos, o primeiro quando pessoas foram sequestradas de suas terras e levadas para além-mar – outros continentes – e foram escravizadas por colonizadores brancos. Em um segundo momento ainda se tinha a escravização de povos, mas

dessa vez o foco era mais de tomar o território para aumento do poderio do colonizador.

Mapa 7: Reinos e Impérios existentes ao longo do tempo no continente africano [16]

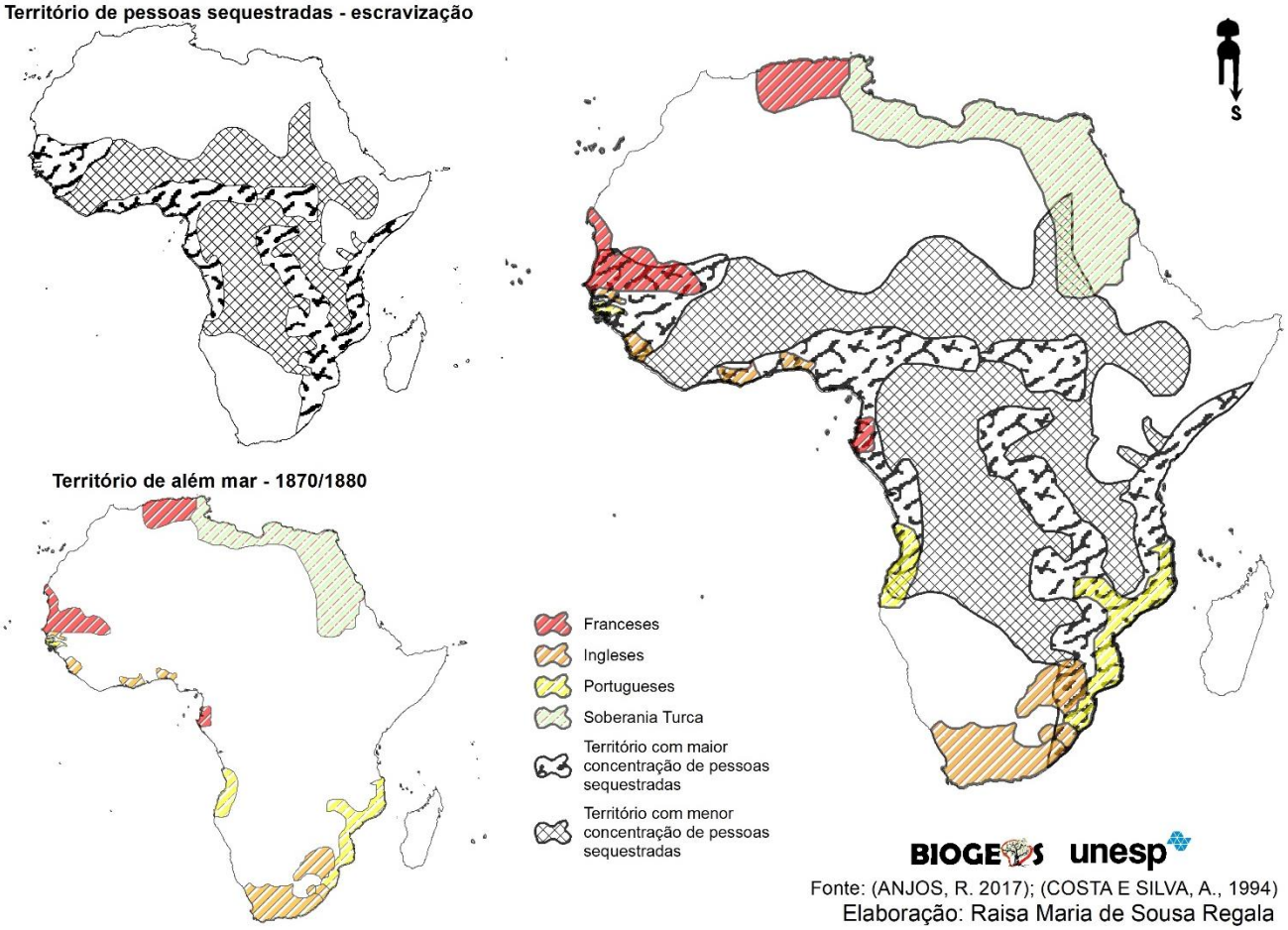


Algo a ser falado sobre a África pré-colonial é que existiam civilizações, reinos, impérios, como pode ser observado no Mapa 7. Como afirma Pereira (2014), não eram sociedades estáticas ou fincadas, eram mais migrantes. Por esse motivo podem ser observados vários mapas e figuras onde os reinos e impérios são os mesmos, mas com o posicionamento ou as fronteiras diferenciadas ou deslocadas. As ruínas que são encontradas demonstram a evolução em que eles se encontravam, assim, o discurso de que a "descoberta" do continente africano pelos europeus trouxe desenvolvimento e civilização é forjada e fajuta.

[16] Existiam muito mais reinos e impérios, mas no mapa só foram inseridos aqueles que existiram até o momento da chegada dos saqueadores/sequestradores europeus.

Além disso, também pode apontada a riqueza natural presente no continente. O ouro era um elemento existente em vários reinos e impérios, assim como especiarias, sal, marfim etc.

Mapa 8: Comparativo de áreas com pessoas sequestradas e traficadas e território além-mar de países europeus

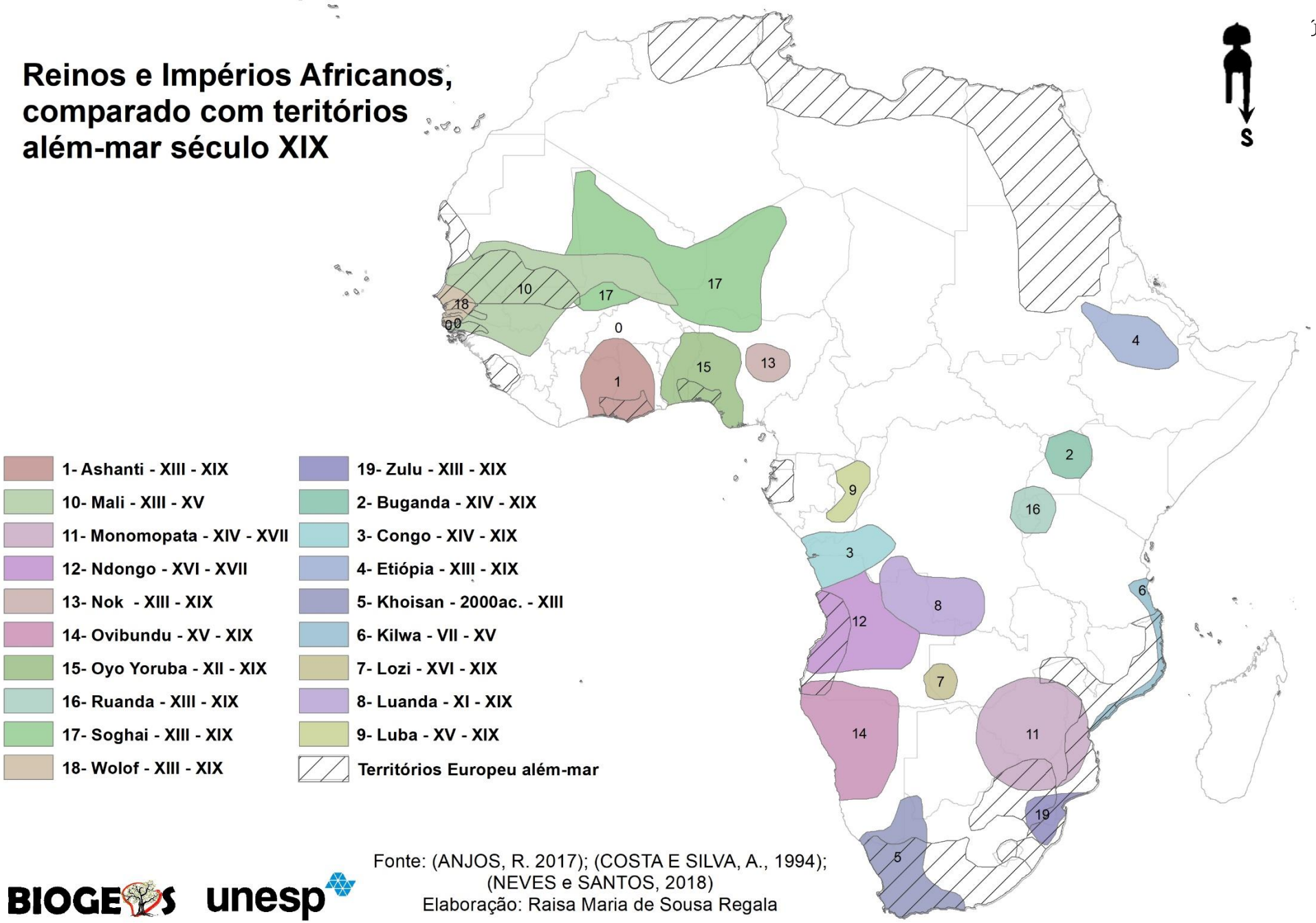


Fonte: (ANJOS, R. 2017); (COSTA E SILVA, A., 1994)
Elaboração: Raisa Maria de Sousa Regala

Para esse primeiro momento de uma análise de ocupação territorial, a partir das áreas ocupadas pelos colonizadores, pode ser observada que se dava principalmente nas faixas litorâneas, especialmente na porção oeste do continente – levando em consideração o quantitativo de países que se territorializaram ali. Sobrepondo-a com áreas que tiveram sequestros de povos africanos – de maior e menor quantitativo, com os territórios europeus além-mar – pode-se observar que o maior quantitativo de tráfico tem relação às áreas de domínio português, francês e alemão, e as partes que adentram no continente seguem muito a perspectiva daquilo que acontecia no litoral. Como podemos observar na parte ocidental (mapa 8) – onde

hoje encontram-se países como Senegal, Gambia, Guiné-Bissau, Guiné e Mauritânia, entrando até Mali e Serra Legoa. Já área do Golfo da Guiné – que na atualidade temos Costa do Marfim, Gana, Benin, Nigéria, Guiné Equatorial e Gabão, penetrando para o Togo, Camarões, Congo. E mais abaixo das áreas supracitadas, ligada ainda aos pontos com relação entre territórios além-mar e áreas com mais incidência de sequestro, temos o que hoje é a Angola. Partindo para o lado oriental do continente africano, em toda a costa sudeste, adentrando até onde hoje se encontra Zâmbia e República Democrática do Congo.

Mapa 9: Comparativo de áreas ocupadas na pré-colonização; territórios além-mar; sequestro de pessoas [illegible] BIN":
NA
JDE



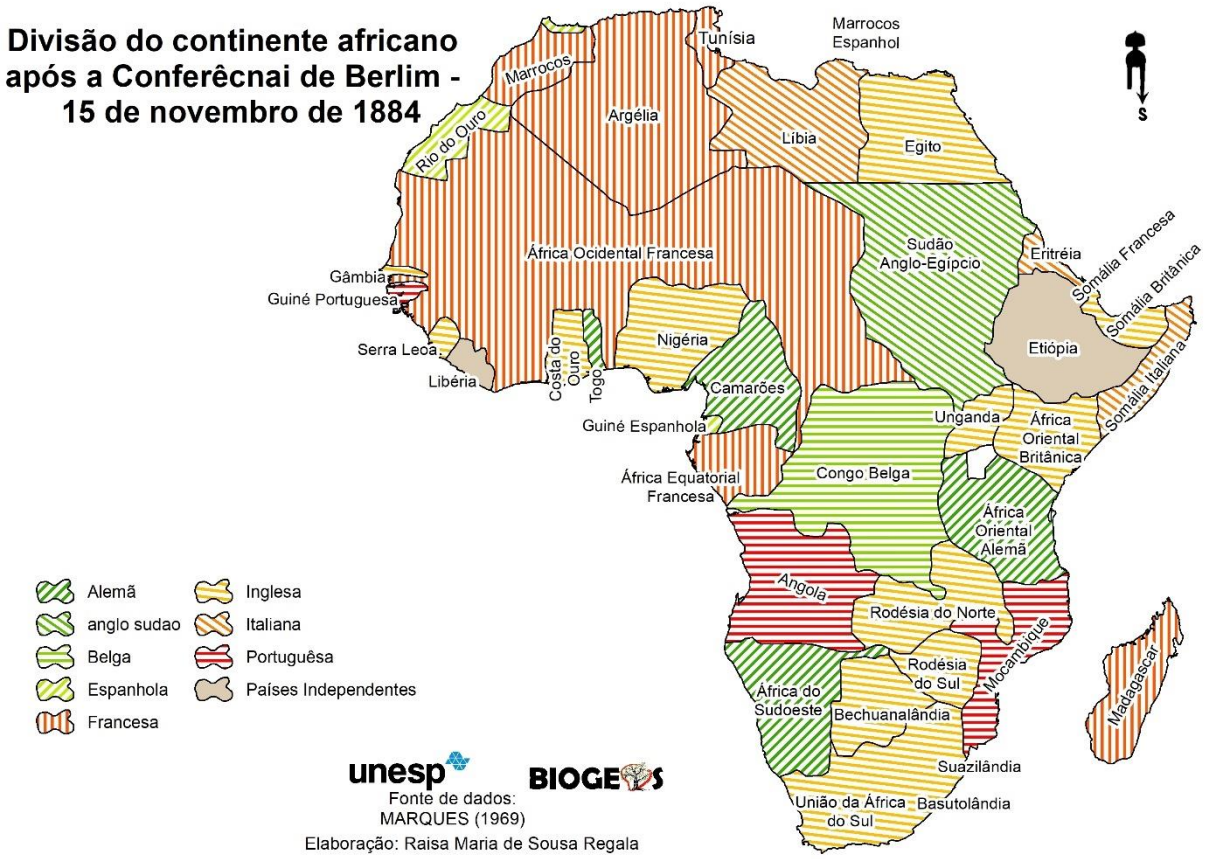
Fonte: (ANJOS, R. 2017); (COSTA E SILVA, A., 1994); (NEVES e SANTOS, 2018)
Elaboração: Raisa Maria de Sousa Regala

Áreas onde havia reinos e impérios, coincidem, em algumas partes, com territórios ocupados por territórios além-mar – compreendendo os períodos próximos a ocupação europeia no continente. Mudimbe (2019) aponta perspectivas que ele considera que podem ter sido usadas no processo de colonização dos países africanos, que ele aponta como complementares: a "dominação dos espaços públicos", essa pode ajudar a justificar o motivo de no mapa 9 verificarmos que os espaços onde já haviam impérios e reinos foram áreas onde eles iniciaram suas primeiras expansões, ali eles teriam a base no lugar desconhecido; a segunda é a de "reformar a mente dos nativos", pois eles só conseguiriam se inserir e conviver nos espaços se tivessem aliados.

Com o fim da permissividade do sequestro e da escravização dos povos africanos, e com as transformações ocorridas no mundo – com o modo capitalista, que se fazia necessário o aumento de poderio – o continente africano passou a não ser observado com "novos olhos", que de novo não tinha nada, mais uma vez como forma de ganância há a passagem do colonialismo para o neocolonialismo. Aqui os países europeus passam a disputar e traçar guerras um com os outros para novos domínios.

Ainda nesse processo, os países europeus passam a trazer o discurso de combater o tráfico de escravizados, mas trata-se de uma falácia para continuar com o poderio sobre os territórios e a continuação da exploração (TRAUMANN e MENDES, 2015). Com o fim do tráfico passou a surgir conflitos entre os exploradores e isso fez com que, para eles, surgisse a necessidade de uma conferência para que ocorresse uma nova partilha do continente africano (Figura 16), que, mais uma vez, não levou em consideração as diversidades étnicas que ali estavam. Fronteiras foram impostas e não se limitaram apenas a linha de demarcação (MBEMBE, 2020), elas passaram a ser poder e "cada vez mais traduz a violência organizada que sustenta o capitalismo [...]e a ordem do nosso mundo em geral" (MBEMBE, 2020, p.71).

Mapa 10: Divisão do continente africano após a Conferência de Berlim



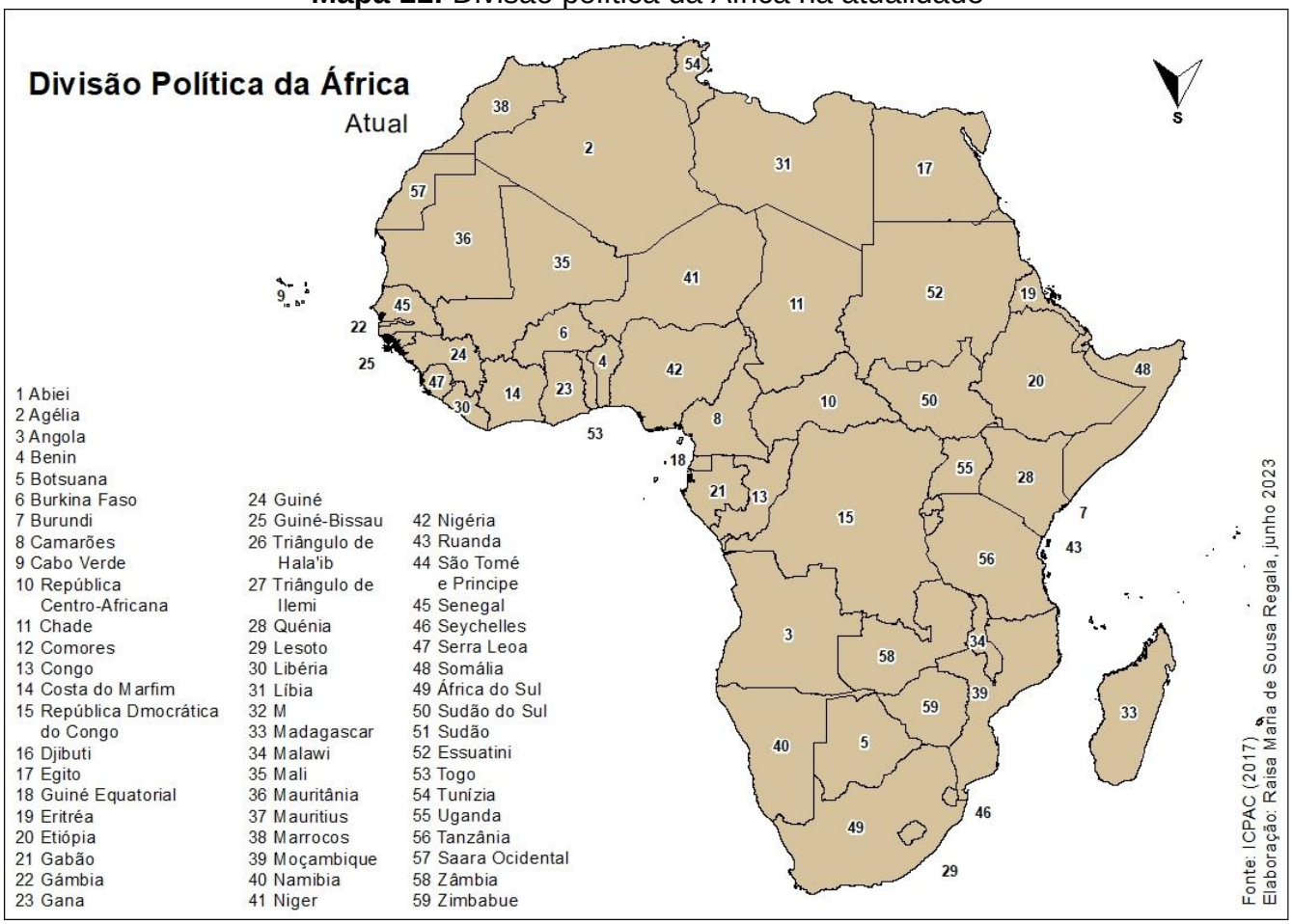
Berlim foi palco de várias conferências, uma delas foi para debater o processo de partilha do continente africano, isso para que os países Europeus não entrassem em conflitos para domínio do território (CAPOSSA, 2005). O mesmo autor afirma que essa conferência pode ser a causa de vários problemas que o país enfrenta até hoje "Uma reflexão neste sentido pode ser uma contribuição para um a tomada de consciência da origem de muitos dos problemas vividos hoje na África" (p. 10). Essa divisão (mapa 10) nada mais foi que reafirmar o extermínio, o saque e o epistemicídio das culturas e etnias naquele continente, sendo assegurada por uma conferência e um debate de permissividade e com legalidade nefasta.

A partilha praticada em Berlim tinha um interesse, para além daquele citado anteriormente, pode se dizer que esse continente era visto como um "rico manancial de matérias-primas e recursos naturais a céu aberto, esperando apenas por serem explorados" (TRAUMANN e MENDES, 2015, p. 256). Dessa forma esses que se achavam superior chegaram dizimando reinos e impérios existentes no continente africano. Onde se lembrarmos mapa 7, vemos que no século XIX foram ceifando mais

quinze reinos, com a finalização da Conferência de Berlim, qual seria o pensamento da burguesia europeia quando só consideraram civilização as suas? A ganância era algo presente na época – mas não findada – e intencionava mostrar superioridade e, aumentar seus territórios.

> A arbitrariedade de toda essa divisão territorial e o artificialismo das fronteiras impostas pelos interesses imperiais colonizadores, desbaratando famílias clânicas, levantando barreiras geográficas e políticas, provocaram e continuam a provocar tensões desastrosas no continente (AUGEL, 2007, p. 54)

Mapa 11: Divisão política da África na atualidade



Por fim, mas ainda não findado, verifica-se uma modificação na divisão territorial (mapa 11), essa tendo relação com os processos de libertação dos países Africanos. Essa nova estruturação e de domínio territorial se deu a partir de acordos ou de guerras. Os povos africanos, em especial os da Guiné-Bissau e de Cabo Verde

(CABRAL, 1978), não queriam lutar por sua independência, queriam aquilo que era de direito, mas a ganância dos povos que os colonizavam não deixou que esses fatos acontecessem.

Esses processos libertadores têm grande relação e influência do movimento Pan-africanista, como já falado anteriormente. Em alguns países, como no caso da Guiné-Bissau e Cabo Verde, vamos conseguir compreender esse processo a partir de uma leitura de que esse momento de independência dá origem a uma promoção da saúde libertadora.

Frente ao exposto, debater sobre as mulheres na sociedade/povos/etnias africanas, pode nos dar base para compreender além do entendimento de feminismo, feminismo negro, feminismo africano ou mulherisma africana, para fundamentar a compreensão da matrilinearidade e assim apreender a ancestralidade, a mama África: nossas grandes. Sendo a principal atenção nesse capítulo as mulheres africanas, tecendo um debate calcado na ideia de que as sociedades nesse continente estavam baseadas na matrilinearidade, mas com a chegada do colonizador perde-se o total respeito a mulher e aos seus corpos e as utilizam para impor sua misoginia e o patriarcado na ideia de confirmar a masculinidade e a supremacia do homem-branco-europeu.

Não diferente daquela época, hoje ainda temos pessoas que compreendem que esse momento serviu para o desenvolvimento. Aqui, pode-se observar que na verdade foram sequestros, assassinatos, estupros, violência, extermínio, escravização de povos e epistemicídio, o que não deve ser romantizado ou passado de forma breve, mas ser lembrada a dor. Além disso, é preciso trazer e tecer considerações a respeito as riquezas desses povos, de que mesmo com tudo que se passou tem riquezas e ancestralidade. E que muito das guerras e mazelas apresentadas em textos, vídeos e fotos tem relação com o passado.

1.3. O tráfico negreiro

Debater e compreender como se deu o processo de colonização no continente africano é apreender que eles foram sequestrados e separados de suas famílias e de suas terras.

Na África, o estupro era uma prática corriqueira. Ele escancarava a desvalorização dos corpos e causava desestruturação de famílias e de grupos étnicos (PINTO, 2021), já que para alguns as mulheres eram o sagrado – como visto no tópico anterior. Mas essa violação não se restringia aos espaços nas terras de origem, também eram praticados do outro lado do oceano, quando eles "reorganizavam" suas vivências – para, mais uma vez, seus corpos sofrerem desvalorização.

A área de maior concentração de sequestro foi a subsaariana – retirando apenas as proximidades da África do Sul e do Chifre da África (mapa 12). Como visto anteriormente, várias áreas de sequestro estavam em pontos estratégicos e onde havia a presença dos povos europeus, que "coincidentemente" eram áreas ocupadas por antigos reinos e impérios africanos. Mais uma vez podemos afirmar que os povos europeus se valiam de áreas já habitadas para usufruir da infra-estrutura, inicialmente chegavam e se alocavam enquanto ponto de paragem para outras rotas e assim iam se fixando e trazendo dominações sutis até findar e colonizar os povos.

Mapa 12: Mapa de portos e entrepostos do período da escravização - África e América Latina



Como já observado nos mapas anteriores, os colonizadores se apropriaram de áreas a partir da "dominação dos espaços públicos" (MBEMBE, 2020), que depois serviram de portos para o envio dos sequestrados para o continente americano (mapa 12). No continente africano eram oito porto, além de inúmeros entrepostos (MATOS, ABREU, GURAN, 2013; ELTIS, RICHARDSON, 2022; ALMEIDA, 2014). No mapa 12 pode ser observado que no Brasil existiam mais portos ilegais[17] que aqueles considerados legais. Matos, Abreu, Guran (2013) apontam um total de 15, sendo três em Pernambuco, dois na Bahia, quatro no Rio de Janeiro e um no Rio Grande do Sul: Barra da Catuama (Goiana - PE); Ilha de Itamaracá (Itamaracá – PE); Praia de Porto de Galinhas (Ipojuca - PE); Baía de Camanu (Camamu – BA); Ilha de Itaparica (Pontinha/Vera Cruz – BA); Praias de Manguinhos e Buena (São Francisco de Itabapoana – RJ); Praias José Gonçalves e Rasa (Búzios - RJ); Catedral do Santíssimo (Campos dos Goytacazes– RJ); Ilha da Marambaia (Mangaratiba – RJ); Bracuí (Angra dos Reis - RJ); Sítio Arqueológico São Francisco (São Sebastião- SP); Ilha do Bom Abrigo (Cananéia – SP); Fortaleza da Ilha do Mel (Paranaguá – PR); Ilha Campeche e Armação da Lagoinha (Florianópolis – SC); Praia do Barco (Capão da Canoa – RS). Já os legais, para Eltis e Richardson (2022) eram apenas 4: Northeast Brazil; Pernambuco; Bahia; Southeast Brazil.

Os mesmos atores, consideravam nove – entre portos de chegada, locais de quarentena e venda. Por serem três tipos, é difícil saber qual era considerado só porto: Cafua das Mercês (São Luís – MA); Rua do Bom Jesus (Recife – PE); Cais da Cidade Baixa (Salvador - BA); Porto de São Mateus (São Mateus - ES); Complexo do Valongo - Cais do Valongo (Rio de Janeiro – RJ); Complexo do Valongo – Cemitério dos Pretos Novos (Rio de Janeiro – RJ); Complexo do Valongo – Mercado do Valongo – (Rio de Janeiro – RJ); Ilha do Bom Jesus (Ilha do Fundão/Rio de Janeiro - RJ); Porto Jaguarão (Jaguarão - RS). Já Eltis e Richardson (2022), apontam apenas quatro "principais regiões" de desembarque: *Northeast Brazil* – Nordeste do Brasil –*;* Pernambuco;

[17] "Apesar da existência da lei de 1831, há muitas notícias sobre desembarques ilegais de africanos ao longo da costa brasileira nas décadas de 1830 e 1840, em regiões distantes dos centros urbanos e mais protegidas da observação pública. [...] Os desembarques ilegais, em geral em praias pouco frequentadas, contavam com a tolerância das autoridades e com o apoio dos fazendeiros de áreas próximas do litoral e da população local." (MATTOS, ABREU e GURAN, 2014, p. 262)

Bahia; *Southeast Brazil* – Sudeste do Brasil. Para esses últimos autores, o sudeste do Brasil foi a região que mais receberam povos sequestrados.

Dalí os povos sequestrados eram divididos, separados e isolados da sua terra, família, etnia e sociedade. Nesse processo eles poderiam passar por diversos portos e entrepostos, assim dificultando os encontros posteriormente[18].

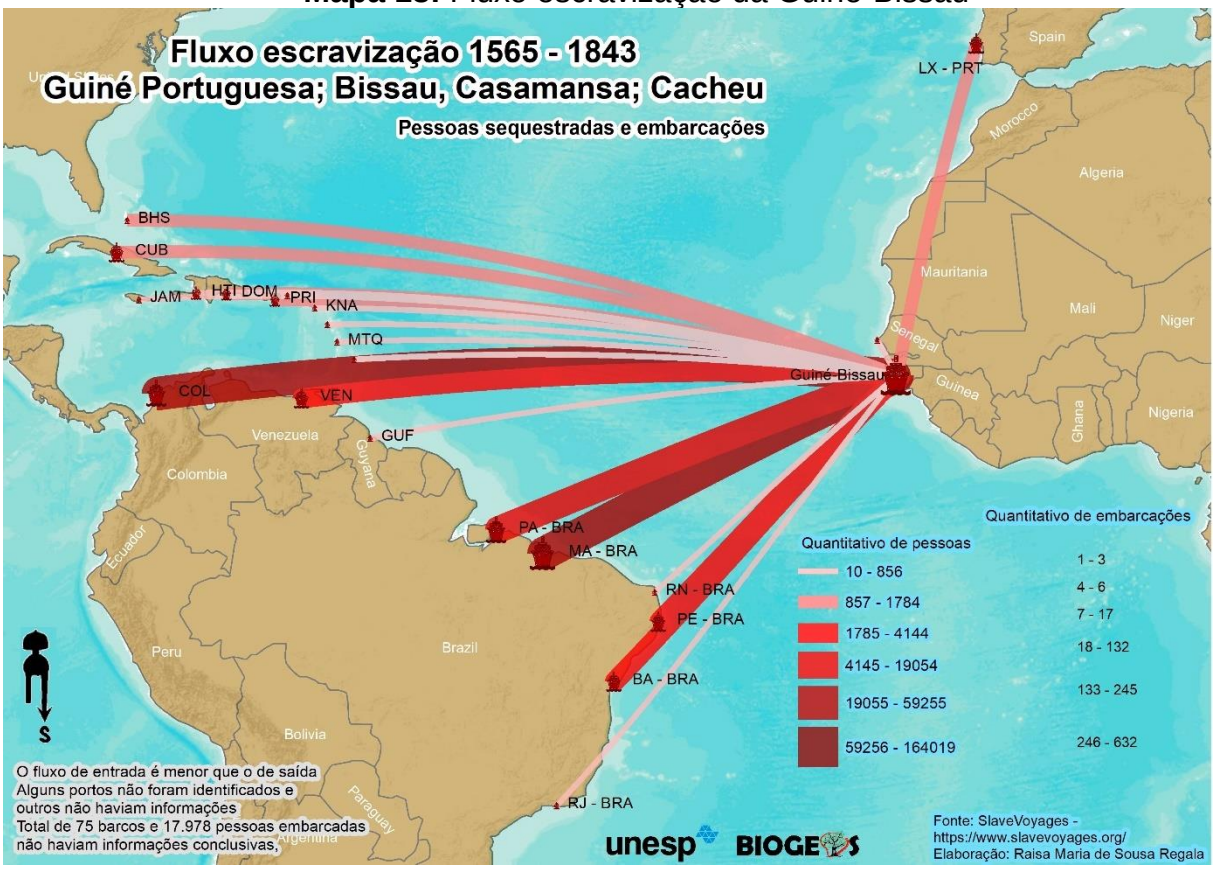
Na Guiné-Bissau não era diferente, os povos foram sequestrados e levados para várias áreas no mundo. Quatro eram os pontos/portos de saída, um intitulado de Guiné Portuguesa, de lá saíram mais de 150 navios, indo para os mais diferentes lugares – os destinos com um maior quantitativo de chegada foi a Colômbia, com 78% dos navios. Já o porto de Bissau, desembarcaram cerca de 254 barcos, com o principal destino o Maranhão e o Para – quantitativo de 57% e 22% de embarcações, respectivamente. Assim como o porto de Bissau, o de Cacheu teve maiores destinos o Maranhão e o Pará – com 45% e 16% de 215 embarques. Casamansa, que naquele tempo pertencia a Guiné Portuguesa, só anos depois foi incorporada ao território de Senegal. A Bahia também foi um local onde desembarcaram alguns barcos provenientes da Guiné-Bissau, estando em quarto lugar.

Entre embarcados e desembarcado, 164.019 pessoas que saíram da Guiné-Bissau e só 141.395 chegou no seu destino, muitas pessoas sucumbiram nesse sequestro. Dos que foram retirados de Bissau, 9% chegaram ao seu destino, já de Cacheu 13%, Casamansa 14%, por fim, e o mais alto número, foi Guiné-Portuguesa com 20% chegando ao destino[19]. (mapa 13)

[18] Vários filmes, seriados e documentários retratam essa realidade, até os dias atuais descendentes de povos escravizados buscam suas origens, que muitas das vezes são de vários países, já que ao chegar no país da escravização eles mantinham relações com várias etnias.

[19] O cálculo foi realizado a partir do total de pessoas que partiram de cada porto, e não do total em relação ao país.

Mapa 13: Fluxo escravização da Guiné-Bissau



Augel (2007) apresenta em seus escritos que o colonizador português criou duas Companhias do lado ocidental do continente africano, Cacheu e Cabo-Verde, que tinham seus entrepostos Ziguinchor, Cacheu, Geba e Farim.

A época do tráfico negreiro não foi algo que ocorreu de forma que os povos escravizados aceitaram pacificamente. Existem relatos que os povos viviam em constante alerta dos dois lados (LARANJEIRO, 2018). Os Malantas Manjacos, Nalus, Pepeis e Felupes são as principais resistências no momento do tráfico negreiro (LARANJEIRO, 2018). Os colonizadores também relatavam em seus documentos oficiais – carta para a corte, diários de viagens – esses confrontos e falta de aceitação da situação posta. Um fato é que os portugueses pagavam impostos para poderem ter direitos de estarem naquela localidade (LARANJEIRO, 2018).

Estudos apontam que "até ao século XIX, esta foi a principal actividade comercial desenvolvida pelos portugueses, sendo que essa região chegou a "produzir" mais escravos que qualquer outra região em África" (HAWTHORNE, 1999: 104 *apud* LARANJEIRO, 2018, p. 152). A perda desse posto se dá pois Portugal

passou a fiscalizar menos e ocorreu a abertura aos outros exploradores/colonizadores no local (LARANJEIRO, 2018)

Com o final do processo escravagista, os portugueses buscaram a colonização de forma diferenciada daquela que antes existia. Eles precisavam de novos territórios – após a Segunda Guerra Mundial – mas esse período foi altamente cruel, desumano, quando houve conflitos entre os colonizadores e os povos que ali viviam, uma luta entre o povo que queria dominar e aqueles que resistiram (MENDY, 1994; PÉLISSIER, 1989 *apud* AUGEL, 2007). Laranjeiro aponta que o período pós abolição foi muito conflituoso na Guiné-Bissau, pois os portugueses passaram a reivindicar seu poder sobre os povos e, também, é o momento com maior número de conflitos étnicos (2018) Assim as resistências, que culminaram na libertação foram somatórias da recusa a colonização.

1.4. Katiberasku kana kaba inda[20]

Mesmo com o fim do tráfico negreiro, se inicia uma forma diferenciada de exploração, uma vez que o capitalismo necessitava de territórios para tirar proveito e assim tem-se o colonialismo. Por esse fato viu-se o apresentado anteriormente, a Conferência de Berlim e a divisão do continente africano.

Os argumentos para esse momento, como já expostos anteriormente, era que seria uma forma de uma "influência civilizadora" (CABRAL, 1978), pois se consideravam potências e assim poderiam tirar esses países do atraso, da inferioridade e da ignorância. Essa hegemonia do pensamento europeu sobre os países africanos acabou incutindo na mente e no pensamento de alguns povos – africanos ou de outras partes do mundo. Mas nada mais é que um pensamento do colonizador sobre o colonizado para que assim pudesse continuar a dominação. Com o prosseguimento do que se era vivido, uma exploração continuada, uma escravização, a retirada de suas terras e a superexploração.

No caso específico de Portugal, frente aos países que colonizava, sua forma de controle se dava de forma bárbara e bélica. Mas aparentemente, para mostrar para o resto do mundo, eles se apresentavam de outra forma. Tanto que quando a

[20] A escravidão não acabou

Organização das Nações Unidas (ONU) apresenta a documento dos direitos humanos, Portugal passa a não considerar mais colônias, e sim províncias ultramarinas (CABRAL, 1978), já que essa carta apontava que deveria existir o fim nas colônias. Tal como no período do tráfico negreiro, esse momento tem suas rudezes que duram até o momento da libertação, como aponta relato.

Portugal colonizou a Guiné-Bissau por séculos. Após o fim do tráfico de escravos, que já era um processo devastador se pensado no ponto social e econômico na África, a sua continuidade com a colonização não modificou essas condições. As destruições e discriminações ocorridas iam desde violência, como trabalhos forçados, deportação para trabalhar em outros países, além de várias situações passaram a ser proibidas, como organizações políticas, sociais e sindicais (CABRAL, 1978), para Mbembe isso pode ser considerado a sociedade da inimizade – seja ela no passado, presente ou futuro –, onde "se define pela separação, pelos movimentos de ódio, pela hostilidade e, acima de tudo, pela luta contra o inimigo" (2020, p. 76).

Vivendo em uma sociedade separada por muros invisíveis, onde a segregação era imposta a partir de divisões como: nativos e não nativos, indígenas e civilizados. Fazendo com que o povo que sempre residiu ali não fosse considerado cidadão no seu lugar de nascimento, sendo essa uma das consequências que a população da Guiné Bissau sofria por ser colônia de Portugal.

Amilcar Cabral (1978) aponta que o governo de Portugal tentou implementar o apartheid e uma base da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), aplicou a taxa de soberania, separou a população entre cidadão e indígena, criou a Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), e muitas outras atrocidades foram cometidas na Guiné-Bissau. Com isso podemos afirmar que os colonizadores entendiam que "a colonização é representada como um veículo de civilização, e a escravidão é interpretada como um meio para ajudar o primitivo e o sub-humano a se tornar disciplinado" (MALDONADO-TORRES, 2019, p. 33), mas não é isso que pôde ser observado.

Com isso, a população do país inicia encontros para debater e discutir a independência, inicialmente a tentativa foi de forma amigável e conversada, para que não houvesse uma guerra pela liberdade. Mas por uma questão de não querer perder

o poderio que uma "província ultramarina" não foi possível essa situação; além de na época Portugal viver uma ditadura com Salazar, esse era considerado um fascista.

Com a não conquista da independência de forma pacífica, inicia-se a guerra por liberdade. Essa luta durou pouco mais de 10 anos – 1961 a 1973 – e as conquistas do território foram ocorrendo de forma gradativa até conquistar quase todo o país (DAVIDSON, 1975).

Um ponto importante levantado por Amilcar Cabral é que se tratava de um país que na época era tido como subdesenvolvido e que possuía 40% da sua população analfabeta (1978), à luz de como poderia trazer essa civilização e civilidade para um povo. A superioridade nesse sentido só pode ser tida e entendida a partir de uma discriminação racial, cultural, étnica, religiosa etc. da época.

Com isso e vários outros acontecimentos, em especial o movimento do pan-africanismo, além do impulso, a partir da independência da Gana, Guiné-Bissau e sua população iniciam os primeiros movimentos para o processo de libertação.

1.4. Abus riba di fidjus di terá[21]

Algumas dificuldades são encontradas, do lado de cá do oceano, em relação às questões de colonização da Guiné-Bissau. Os livros importantes para isso são pouco vistos no Brasil. Essa é a crítica feita a um país que sofreu com a colonização de um mesmo país, mas que muitas vezes fecha seus olhos aos povos do outro lado do oceano. Os poucos escritos encontrados aqui nos dão uma visão dos sofrimentos que os povos, colonizados por Portugal, sofreram no continente africano.

Portugal queria continuar seu domínio e aumentar seu território, pois o mundo entrara em uma nova onda capitalista onde o poderio e territórios eram precisos e preciosos. Mas, o próprio país era por muitos tido como de economia subdesenvolvida e com uma "economia atrasada" (CABRAL, 1978, p. 57). Por isso, pode-se compreender que esse fato tem influência no sofrimento que suas colônias – aqui Guiné-Bissau e Cabo Verde (CABRAL, 1978).

> Quando o país colonizador tem um governo fascista, quando o povo desse país é em grande parte analfabeto e não conhece nem usufrui

[21] Opressão contra filhos da terra

> de direitos humanos fundamentais [...]; e quando, para além disso, a economia da metrópole é subdesenvolvida, tal como acontece em Portugal, a violência e as mentiras atingem níveis sem paralelo e a falta de respeito pelos povos africanos não conhece limites (CABRAL, 1969, p. 10, apud GRAÇAS, 2023)

Ademais, para encobrir os crimes praticados contra os povos dali, eram apresentados argumentos nefastos como: a missão de civilização, a assimilação, sociedade multirracial, unidade nacional e por fim o Estado de paz (CABRAL,1978, p. 58 e 59). Esses atos eram totalmente racistas e segregadores, como um deles era uma implementação de um apartheid (CABRAL, 1978)

Como já imaginado, um país que trazia consigo tantos problemas, levaria para sua colônia a miséria, a ferro e fogo: "Portugal nunca pôde nem poderá criar as bases necessárias para o desenvolvimento econômico de suas colônias. Ele próprio não dispõe destas condições de base" (CABRAL, 1978, p. 61). Sugando tudo que fosse possível de suas colônias, eles faziam com quem a população que ali já residia, antes da chegada deles, trabalhassem em terras que não eram suas, além de fazer com que esses pagassem impostos altíssimos, depois de completarem 15 anos de idade (CABRAL, 1978). Isso só comprova o quanto a colonização é nefasta e o quanto ela ajudou a fazer com que os países africanos, que poderiam ser grandes potências não conseguisses isso.

Dentro desse processo, foi criada uma polícia para repreender os povos ali residentes, a PIDE. Esta era só mais uma das atrocidades realizadas pela colonização fascista que estava implantada no país. Eles serviam para reprimir qualquer ato que fosse contra os portugueses, coibir atos que, para eles, eram considerados de rebeldia (CABRAL, 1978; SELLSTRÖM, 2008). Um dos fatos marcantes dessa repressão foi no ano de 1959, quando os marinheiros, estivadores e trabalhadores do porto de Pijiguiti, por lutarem por melhorias salariais (ROQUE, 2018). Nesse dia, mais de 50 pessoas foram assassinadas e outras tantas ficaram feridas. Até hoje esse fato é falado entre a população, ganhando até um monumento em homenagem aos povos assassinados na luta.

Além disso, Portugal queria colocar uma base militar da OTAN em Bissau em Cabo Verde, antes e durante a luta pela independência, isso para ser mais uma forma de repressão contra os povos que lutavam pela libertação (CABRAL, 1978).

Além dos supracitados fatos, por muito tempo a população do país viveu em total estado de analfabetismo, como Cabral aponta, 99,7% da população da Guiné-Bissau era analfabeta. Frente a essa situação, aquilo já falado anteriormente, fazendo com que a população não fosse considerada cidadã, por nem falarem a língua portuguesa, e com isso serem considerados indígenas. Esses povos sofriam com o preconceito imposto pelo "tugas" (CABRAL, 1978). Mas se a mesma política implementada na Guiné Portuguesa fosse levada para Portugal, uma parcela da população desse país não seria tida como cidadão, já que existia uma alta taxa de analfabetismo.

Portugal tinha uma legislação especial para suas colônias. Cabral (1978) faz uma síntese delas e as divide em "Antes da resolução da ONU sobre a concessão da independência aos povos coloniais" (p. 78) e em "Depois da resolução da ONU sobre a concessão da independência aos povos coloniais" (p. 94). De 1550 até 1950, onde ocorreram fatos de extrema importância para as ocorrências do futuro, onde "elas são justificáveis à luz das diversas fases da história do território: a conquista, a ocupação, a instalação da administração colonial e a perpetuação do domínio português" (CABRAL, 1978, p. 79).

É nesse momento que a população é dividida, dita quem é considerado indígena ou não, que legaliza a diferenciação e discriminação racial, social, econômica. Assim indígenas são "indivíduos de raça negra ou os descendentes que (...) não possuem ainda o nível e os hábitos individuais e sociais indispensáveis peara a ampliação integral do direito público e privado dos cidadãos portugueses" (ESTATUTO DOS INDÍGENAS, s.d. apud CABRAL, 1978, p. 80). Por serem indígenas eles não eram considerados cidadãos, esses precisavam:

> Ter mais de 18 anos; b) falar corretamente a língua portuguesa; c) exercer uma profissão, arte ou ofício de que aufira o rendimento necessário para o sustento próprio e das pessoas de família a seu cargo, ou possuir bens suficientes para o mesmo fim; d) ter bom comportamento e ter adquirido a ilustração e os hábitos pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses; e) não ter sido notado como refractário ao serviço militar nem dado como desertor." (ESTATUTO DOS INDÍGENAS, s.d. apud CABRAL, 1978, p. 80)

A discriminação racial e social era legalizada e nefasta, isso é exposto na constituição Política da República Portuguesa, quando, mais uma vez, considera cidadão apenas aqueles que são portugueses, além de não fazerem parte da Nação, os africanos "cuja vida é regida por leis que não são aplicáveis em Portugal, não gozam dos direitos e das garantias do cidadão português, consagrados na referida Constituição" (CABRAL, 1978, p. 86). Assim, portugueses que nem residiam na Guiné "portuguesa" tinham mais direitos que aqueles – os indígenas – que ali estavam.

Eram lhes tirado o direito de ir e vir, de eleger os chefes das suas comunidades, de seguir seus costumes – tirado o direito de seguir suas etnias –, seus bens não podiam ser passados para suas famílias, ou ser empenhada (CABRAL, 1978). Assim eram privados da vida. Além de várias outras questões jurídicas serem colocadas no país. Diante de tamanhas atrocidades a única medida tomada pela ONU, quase 100 anos depois da conferência que repartiu o continente africano pelas potências europeias, é a de fazer sessões para a descolonização, onde ele poderia vir a intervir de várias formas.

Aqui se instala a legislação que aponta a proibição de partidos políticos e de organizações sindicais (CABRAL, 1978), e se ocorressem deveriam ser reprimidas e repreendidas pela PIDE - por isso que as primeiras reuniões para a libertação ocorreram nos países vizinhos a Guiné Portuguesa (CABRAL, 1978; SELLSTRÖM, 2008). Mesmo com isso, ainda podiam ser observados movimentos sindicais de luta salarial - como aquele que culminou no massacre do porto de *Pijiguiti* em 1959, e as greves ocorridas em 1956 (CABRAL, 1978; SELLSTRÖM, 2008). Juntamente com essas primeiras lutas sindicais que se observa a criação do PAIGC.

Cada vez mais pode ser observado que tudo que os colonizadores impunham era uma segregação, racial, social, e mais a frente ver-se que também cultural e religiosa, assim pode ser apontado que existia um racismo, onde "de um lado meu corpo vivo e, do outro, todos esses corpos-coisas que o rodeiam" (MBEMBE, 2020, p. 81). Desse modo, assim eram vistas a parcela considerada indígena pelos colonizadores, além de não desfrutarem dos direitos políticos da época. Isso só um reforço da ostentação da supremacia branca-cristã, que trazia um imaginário de progresso versus atraso/primitivismo.

Esses fatos foram preponderantes para que a população que sofria a repressão, e até alguns portugueses, começassem a se reunir para se libertar dessa ditadura fascista implementada pelos colonizadores. O atraso e a exploração são inerentes a colonização, mas a portuguesa na Guiné-Bissau foi desastrosa e devastadora (LARANJEIRO, 2018), observa-se não houve nenhum pouco de desenvolvimento, o país foi feito apenas para retirada, com pouco ou nenhum investimento, sem educação, saúde ou outras questões básicas para a sobrevivência de uma população.

Diante de todas as repressões sofridas, nasce a necessidade de derrubar os colonizadores, é quando se observa o surgimento de movimento organizado, como o de "1958 [...] o Movimento para a Libertação da Guiné (MLG), que integrava sobretudo guineenses com quem Amílcar Cabral havia começado a trabalhar em 1952 e que pretendiam assumir a liderança do movimento nacionalista" (AMADO, 2009; SOUSA, 2011 apud LARANJEIRO, 2018, p. 142).

Frente à colonização portuguesa, uma das piores no continente africano, ainda mais por ser um país governado por uma ditadura nazi-fascista, Amilcar Cabral, juntamente com outros e outras combatentes, iniciam um movimento para a libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde.



Pintura de um dos líderes do Partido Africano Para a Independência da Guiné-Bissau e da África (PAIGC). A pintura foi realizada pelo brasileiro Cazé (Fernando Sawaya) e pelo bissau-guineense Suley (Suleimane Bá) em 2019.
Amilcar Cabral era referência durante o processo de libertação do país, por esse motivo se tornou líder do PAIGC, até os dias atuais ele ainda é referência no país e no mundo.
Foto: Raisa Regala, nov. 2022
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta".

*"LIBERDADI PA FIDJU MATCHU KU FIDJU FEMIA"**: a insusgência para a libertação

* Guiné Nha Terra - Binhan Quimor. Tradução: "Liberta teus filhos e filhas"

No chão vermelho/Do teu sangue, Camarada,
caem como gotas de orvalho/As lágrimas sinceras de dedicação.
As flores da nossa luta/Que tu com carinho plantaste
Estão a desabrochar/Em gargalhadas infantis.
E descansa que não secarão./Serão sempre regadas
Com o nosso suor e sangue,/Serão sempre alimentadas
Pela força na nossa vontade./E serão, camarada Amílcar,
Serão livres...livres…
Livres como o sol do nosso hino,/Livres como o vento que desfralda a nossa bandeira,
Livres, como a liberdade com que sonhaste./É assim…
Uns chegam ao fim/Mas outros ficam pelo caminho
Não por desfalecimento,/Mas pelo seu valor e coragem.
E de entre todos, os mais felizes/Serão os que conseguirem plantar
As flores que deixaste/No canteiro livre
Da Guiné e de Cabo Verde!
(Agnelo Regalla, Mantenhas para quem luta! A nova poesia da Guiné-Bissau, 1993)

O processo sofrido pelos países do continente africano, sendo um deles a Guiné-Bissau, foi devastador do ponto de vista social, econômico, político e cultural, com uma tentativa de extermínio. Mas também foi verificado a força do povo frente a esse processo, que não aceitou a situação passivamente, buscou e ainda busca a reconstrução e a resiliência ancestral. O exemplo que pode ser exposto é o caso dos Pepel/papel, relacionado à cobrança de impostos pelos portugueses, uma vez que muitas *tabancas* se negavam a pagar por compreenderem que elas sim eram "donas" da terra (AUGEL, 2007). Outro exemplo é o dos povos Balantas que adentravam em meio aos rios tortuosos e as bolanhas de tal maneira que os colonizadores não os conseguiam capturar (LARANJEIRO, 2018) – esse fato foi preponderante para a luta armada mais adiante.

São fatos como esses que levam ao debate no capítulo acerca da luta pela independência e a reestruturação da liberdade de um povo. No caso específico da Guiné-Bissau, a luta e resistência, a partir da luta armada, durou do ano de 1961 até 1973. Muitos sucumbiram nessa luta, mas não foram nem vão ser esquecidos – são os heróis e heroínas da independência nacional.

Sabe-se que a luta por independência e a criação do PAIGC é algo que não pode ser separado, mesmo com a criação de movimentos e associações. Trata-se do primeiro partido originado naquele momento, então, muitas vezes existirá uma mistura entre os dois fatos supracitados.

Aqueles que foram considerados líderes da luta por independência participaram de vários momentos de aprendizado. Um deles foi as reuniões e

movimentos do pan-africanismo, que teve grande influência para a luta em África, como também serviu de base para a criação de um Centro de Estudos Africanos em Lisboa. As lutas em África, e o movimento Pan-africanista foram de suma importância para se iniciar o rompimento, que vem sendo continuado, quanto ao silenciamento e apagamento cultural que os países sofreram durante o período de colonização. Mas cabe comentar que no momento das libertações o mundo já está globalizado e modificado, os interesses de colonizar vem de outra forma – com a neocolonização, muitas vezes disfarçadas de ajudas humanitárias, como veremos mais adiante.

Em 1956, juntamente com as primeiras greves na Guiné Portuguesa se inicia o PAIGC. Teodora (entrevista 26 de dezembro 2023) afirma que *"as lutas se iniciam em 1956"*, podemos relacionar que as primeiras greves já seriam uma forma de combate para independência. Pode-se falar que a estrutura das sociedades étnicas pode ser de grande influência para o período de luta pela independência.

> o PAIGC começou, conquanto a conscientizar a população da zona urbana – Kriolas –, disposta a participar na resistência, entre os quais estavam os funcionários da administração pública colonial, sector comercial, bem como, assalariados de Bissau, considerados por Cabral como importantíssimos aliados, é claro, dependendo de circunstância específica. (CORREIA e ASSIS, 2022, p. 17)

A independência da Guiné-Bissau foi importante pois trazia consigo um processo de decolonialidade, já que, expõe que pode haver independência e continuar com as mesmas questões políticas, sociais, econômicas e sociais que antes existiam (MALDONADO-TORRES, 2019), como ocorreu no Brasil, onde após a Proclamação da Independência, a estrutura social pouco foi modificada. A Guiné-Bissau antes, durante e depois da conquista da liberdade buscou a construção de documentos que foram importantes para a construção/transformação da nova sociedade guineense.

A luta pela independência pode ser vista como uma unificação, pois nesse momento as etnias que até pouco tempo viviam em conflitos, se juntaram para alcançar seus objetivos. Quando se deslocavam de Bissau para algum país no interior, esses buscavam aprender sobre os assuntos culturais e sociais das comunidades (LARANJEIRO, 2018).

Laranjeiro (2018) e Cabral (1978) expõem as dificuldades que o PAIGC tinha junto com algumas *tabancas*, por eles não compreenderem a exploração que sofriam

– já que ela não era direta – essa se apresentava em pontos e assuntos econômicos, a exploração era mascarada, forma que o capitalismo sempre se organizou – comprando a baixos preços e revendendo a preços altíssimos. A autora e os autores apresentam que algumas pessoas tiveram pouco ou quase nenhum contato com os colonizadores, pois dali a maior importância era com a produção e produtos, tanto que por um tempo eles se achavam ainda donos das terras, pois as parcerias foram mantidas, e assim não verificavam a exploração nessa "troca" (LOPES, 1987). Diante disso, trazer de forma instrutiva a situação passada por eles era relevante.

2.1. N' misti liberdadi[22]

É importante pensar que a construção do país Guiné-Bissau se deu baseada no movimento nacionalista.

Após tentativas fracassadas de conquista da liberdade de forma pacífica, a população vê a necessidade de uma luta armada, que se inicia em 1961. Em busca da independência – lutando por educação, saúde, empoderamento e o fim da superexploração – e de uma resiliência ancestral, aos poucos e com paciência para conquista de novos aliados. Como já explicitado, os combatentes iam para o interior e falavam como a real situação, e para que houvesse uma adesão nas *tabanca*s, eles buscavam trazer um resgate – para aqueles que viveram ou souberam do passado – e explicação para os mais jovens que pouco sabiam da situação, com isso houve uma adesão maciça da população na luta pela libertação, pois houve a memória do vivido, o medo do acontecido "seja pelo tráfego de escravos dos velhos tempos, seja pelas invasões militares de épocas mais recentes (DAVIDSON, 1975, p. 20).

Cabral (1978) afirmava que a "libertação nacional" era um processo de soltar as amarras do modo de produção capitalista e para retornar a cultura, que inicialmente a independência seria cultural. Ao trazer essa questão, consegue-se observar que essa libertação é a resiliência ancestral, pois retomar a cultura é retornar ao passado sem retroceder, mas buscando as raízes. Refletindo, compreendendo que a promoção da saúde é "o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no

[22] Quero liberdade

controle deste processo" (BRASIL, 2002, p. 19), com isso verificamos que aqui uma promoção da saúde ancestral.

É importante apresentar que o contexto do processo de descolonização da Guiné-Bissau, e de todo o continente africano, tem relação com a Guerra Fria (CORREIA e ASSIS, 2022; AUGEL, 2007;). Os movimentos de libertação nos países africanos tinham aliado tanto dentro do continente, quanto externos. Esses se davam a partir da "mobilização de recursos financeiros, assistência médica e educacional, [...] capacitação dos recursos humanos para manusear instrumentos militares e calcular estrategicamente a guerra" (CORREIA e ASSIS, 2022, p. 18). Isso sendo bem relatado pela Teodora Inácia Gomes, quando afirma que algumas mulheres foram enviadas para União Soviética para terem cursos de primeiro socorros ou enfermagem e assim poderem ajudar na guerra pela libertação (entrevista realizada em dezembro de 2022). Além desses aliados enviarem suprimentos e armas.

Por muitos anos foram de luta pela libertação, que como visto não se iniciou junto com a luta armada. Esse fato foi desgastando a população que estava à frente, isso a partir de tensões internas, seja entre os próprios guineenses, como entre esses e os caboverdianos (CARDOSO e FERNANDES, 2020; AUGEL, 2007; SEMEDO, 2021). Cardoso e Fernandes (2020) trazem um ponto a mais para a exaustão e estresses nesse momento, que seria a forma como o governador António Spínola que nesse processo de libertação queria que os militares portugueses levassem pontos da guerra do Vietnã, pois ele "visava a 'vietnamização' da guerra e a transformação da luta de libertação nacional numa guerra civil" (p. 131).

Nessa luta armada, a Guiné-Bissau contou com ajuda da antiga União Soviética, de Cuba, da China e da Suécia. Essas eram de várias formas, com envio de armamentos, com cursos políticos e com o ensinamento para o enfretamento. Várias mulheres foram enviadas para aprender enfermagem ou a serem professoras, mas também havia a ida de homens – que eram do PAIGC (LARANJEIRO, 2018). Essas ajudas foram importantes para aquele momento, mas também para o futuro do país.

Em 1973 compreende-se o momento de libertação, mas só em 10 de setembro de 1974 que se tem o tão esperado reconhecimento internacional, mesmo momento

da queda do regime de Salazar (TEIXEIRA, 2008). Até os dias de hoje se debate que as ex-colônias de Portugal tem grande influência nessa deposição.

2.1.1. Topoti lugar pa bu ten'el [23]

Para debatermos as conquistas das áreas pela libertação, é importante compreender territorialmente como se encontrava a Guiné Portuguesa na época, como estavam as etnias e como cada uma delas se comportava diante dos colonizadores, bem como suas culturas e religiões, isso trará tamanha influência nas áreas conquistadas até a independência.

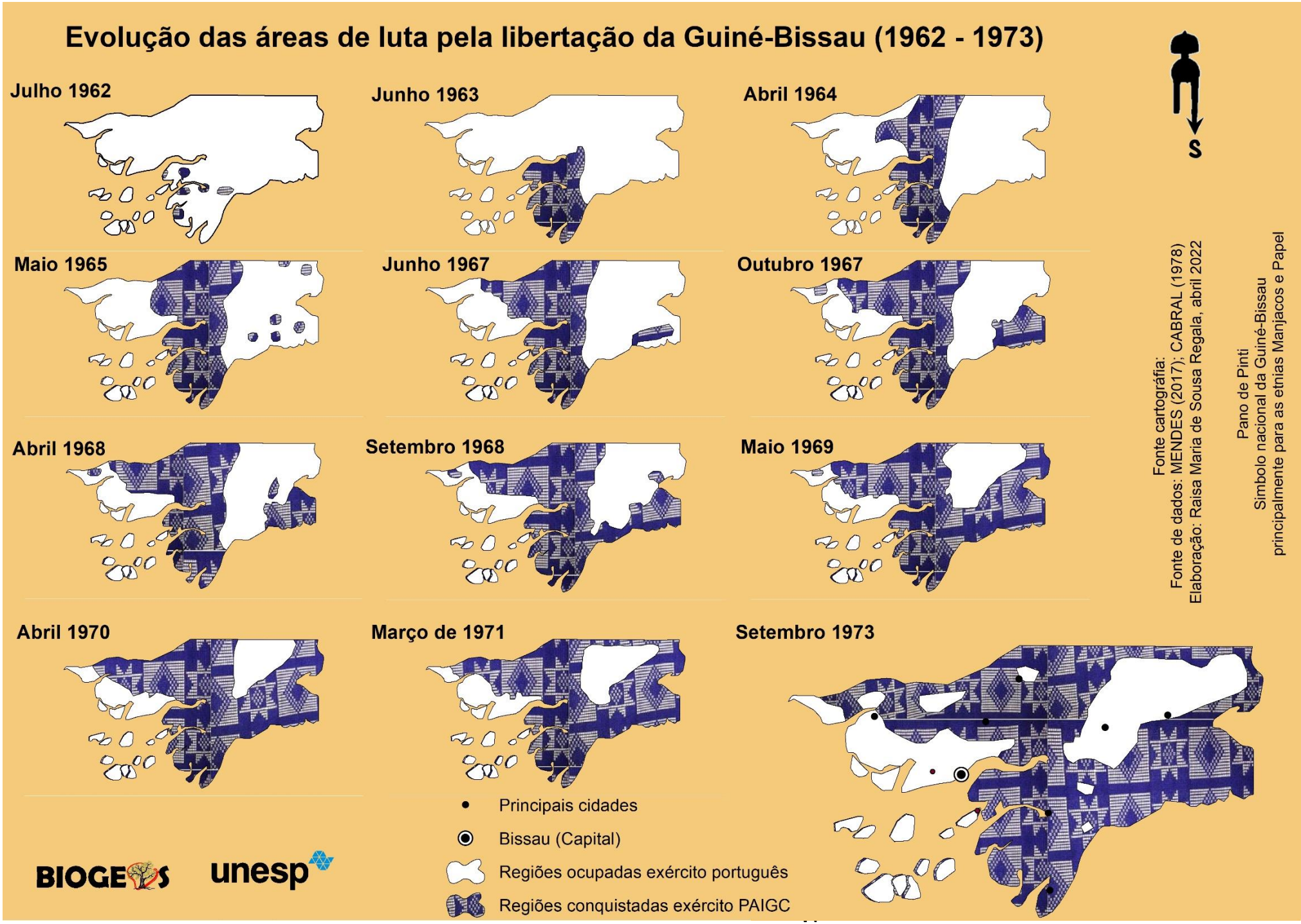
As estruturas como se encontravam as sociedades das etnias tiveram, em grande parte, relação com a luta armada, mas também pode ser citada a localização geográfica. Os Balantas eram povos que viviam em uma sociedade horizontal, sem a ideia de poder, esses traziam consigo uma sociedade baseada na gerontocracia, com relação aos antepassados e a família (LOPES, 1987).

A assimilação cultural e territorial de uma etnia para com a outra era comum, pelo simples fato de esses povos sempre estarem travando disputas territoriais antes mesmo da chegada dos colonizadores. Os Brâmes, Pepeis/papeis e Manjacos são a prova, pois eles tinham uma cultura que pode ser considerada horizontal, e passa a ser vertical, a partir de uma transição (LOPES, 1987).

Mesmo nessa assimilação/transição societária Pepeis/papeis, eram considerados pelos colonizadores como ameaçadores, tanto que "nunca se consideraram súbditos" (LOPES, 1987, p. 24). Por nunca aceitarem serem colonizados e serem bravos em relação a sua cultura, seu território e seu povo, também foram influentes para a luta.

[23] Conquista de áreas

Mapa 14: Evolução das áreas libertas na Guiné-Bissau (1962 - 1973)



Conforme pode-se observar no mapa 14, as primeiras áreas a serem libertadas foram aquelas onde residiam os grupos étnicos dos balantas, e muito se leva em consideração a forma como esses se organizam enquanto sociedade, pois são povos que prezam a coletividade, na horizontalidade (CABRAL, 1978). Essa etnia foi a que mais aderiu a luta pela libertação, por ser a que mais sofreu na colonização (LARANJEIRO, 2018).

Muito se liga isso às etnias presentes na Guiné-Bissau, diferente da sociedade balanta, os fulas e os manjacos tinham a verticalidade presente nas suas vidas, e se observarmos na prancha de mapas, no ano de 1973, as áreas que permaneceram em branco – áreas não conquistadas – são onde estavam as duas etnias citadas. Mas não pode generalizar e dizer que eles não lutaram ou não participaram da luta pela libertação.

O conhecimento geográfico foi de grande ajuda para a luta, afinal "os balantas, residiam dentro de um labirinto denso e retorcido de múltiplos braços de mar, que constituía uma barreira geográfica aos militares portugueses" (LARANJEIRO, 2018, p. 136 e 137). Além disso pode-se relacionar que as primeiras áreas de libertação podem ser comparadas com áreas que são ocupadas por etnias como balantas, lugas, mandigas, pepeis, aqueles mesmos grupos que resistiram durante o início da colonização.

Em 1963, dois anos depois do início, poucas áreas foram libertas, pode-se entender que no primeiro momento os combatentes e o PAIGC estavam buscando aliados para a guerra, recrutando e trabalhando junto a eles – como já dito anteriormente. Cinco anos depois, 1967, já se tinha mais de 50% do país conquistado. As áreas não conquistadas, em grande maioria, são aquelas ocupadas pelos Fulas.

As áreas mais ao sul têm também ligação com a ajuda que o país vizinho dava a Guiné-Bissau, tanto que para muitos lá foi refúgio após o massacre do *Pijiguiti*. Na Guiné, era o espaço onde as mulheres guineenses faziam suas reuniões no pré e durante a luta pela libertação, como também o PAIGC. Assim pode-se dizer esse país teve influência nesse período.

Sabe-se que "As zonas libertadas, que antes se dividiam em frentes, passam a ser demarcadas em inter-regiões lideradas por um comissário político e um comandante militar (Sousa, 2011*apud* LARANJEIRO, 2018, p. 147). Ali eram

produzidos alimentos que iriam abastecer as linhas de frente/frente de guerra, também eram áreas que abrigavam as informantes, para onde eram levados os feridos de guerra (GOMES, 2016a; GOMES, 2016b).

2.1.2. *Mindjeris di luta*[24]

Iniciar o tópico com a fala de Cabral sobre as mulheres como elas sendo a "frente da nossa vida e da nossa luta" (Cabral, 1965 *apud* MONTEIRO, 2019 p. 223), é de extrema importância visto que ela foram grandes combatentes e sua influência na luta (MONTEIRO, 2019)

As lutas trouxeram várias conquistas para o país, juntamente com a independência, como a população ter acesso e direitos a saúde, educação, política, economia, e poder retornar a sua cultura e a religião. Além do exposto, no processo de independência inicia-se um movimento das mulheres para que, quando essa liberdade chegasse, elas tivessem direitos (FIGUEIREDO e GOMES, 2016). O problema é que devido as represálias que sofriam aqueles que atentavam contra a ordem, o movimento não teve suas reuniões na Guiné-Bissau, o que acabou fazendo com que as mulheres do país não participassem, em sua grande maioria, do movimento (GOMES, 2016)

> União Democrática das Mulheres da Guiné e de Cabo Verde – UDEMU – na vizinha Guiné-Conacri, em 1961, não contou na verdade, com a participação da maioria das mulheres guineenses. Boa parte delas, sobretudo as que se encontravam estabelecidas nas mais remotas comunidades rurais, acabaram por ficar à margem da organização feminina do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde – PAIGC, a mesma que supostamente tinha sido criada para responder aos seus anseios. (FIGUEIREDO e GOMES, 2016, p. 910)

Cabral sempre apontou em seus escritos e falas a importância de debater as questões de gênero dentro da constituição e dos documentos do partido. Isso pelo fato de as mulheres terem sido duplamente prejudicas dentro o sistema colonial, além do sofrido toda a população, elas tiveram que aturar a hegemonia patriarcal do

[24] Mulheres na luta

colonizador, que ia totalmente de encontro com o que os países africanos viviam e alguns ainda vivem, a matrilinearidade (FIGUEIREDO e GOMES, 2016; GOMES, 2016; CABRAL, 1978), e eles as reduziam apenas as mulheres que cuidam, mas que na verdade elas tinham um papel maior de linhagem ancestral, e para alguns até como sagradas. Com isso, a luta das mulheres, seja dentro de movimentos, seja dentro do PAIGC, trouxeram contributos para toda as mulheres da Guiné-Bissau.

O processo da emancipação feminina na Guiné-Bissau foi indiscutivelmente favorecido pela luta de libertação no âmbito da qual foi consagrada especial atenção à condição das mulheres, tendo estas contribuído de forma eficaz para procurar novas soluções para a promoção do seu desenvolvimento sociopolítico e cultural (GOMES, 2013).

Assim observa-se a importância das mulheres nas lutas na Guiné-Bissau. A rainha Pampa é exemplo de luta ainda antes do processo de libertação, quando impediu as tropas portuguesas de penetrarem no arquipélago dos Bijagós. Vários livros e textos expõem que quase não foi vista a presença do colonizador nas Ilhas Bijagós (GOMES, 2016). Além dela, vão ser observadas diversas outras mulheres que tiveram importâncias no processo de libertação, no decorrer no capítulo. Cabral (1976, *apud* GOMES 2016) expressa que uma sociedade só é liberta absolutamente com a participação das mulheres, completando que a sociedade só será liberta quando ela como um todo for livre (raça, gênero, classe, sexualidade etc.).

Assim, nas áreas libertas, Cabral sempre apresentava a importância das mulheres na luta e o quanto a liberdade delas seria a liberdade de uma sociedade. Assim, "problema dos casamentos forçados e para a necessidade de educar as meninas como forma de as autonomizar e de torná-las livres e aptas a fazerem as próprias escolhas, quer no trabalho, quer na vida privada" (GOMES, 2016, p. 127). Para isso, compreendia-se que a participação das mulheres na luta deveria ser não só "nas tarefas de execução, mas também a nível da direção em todos os escalões, inclusive nos órgãos de decisão do movimento" (GOMES, 2016, p. 128), para que elas fossem retomando os lugares que eram delas e que foram retirados devido à colonização branca, patriarcal e cristã. Sendo que as elas no processo de decisão era algo que deu muito êxito.

Por esses e principalmente outros fatos, a oralidade é de suma importância, permitindo a visualização dos processos de transformação social e territorialidades, e a compreensão dessas mudanças a partir das mulheres, dentro do sistema-mundo moderno colonial, onde as mulheres pretas são a base de uma pirâmide econômica e social (GORENDER, 2000). Mas o que pode ser observado e que vem sendo exposto em textos é que as políticas e debates para as mulheres não vem sendo feitos nem cumpridos segundo os documentos da independência (FIGUEIREDO e GOMES, 2016).

A luta foi importante, pois foi naquele momento em que se debateu, também, sobre a divisão de tarefas em casa, e permitiu que mulheres e meninas tivessem condições para uma melhor formação – na área de saúde e educação (Teodora Inácia Gomes, entrevista realizada em dezembro de 2022). Algumas foram para Kiev (LARANJEIRO, 2018), para fazer curso de enfermagem. (GOMES, 2016a; GOMES, 2016b; LARANJEIRO, 2018; Teodora Inácia Gomes, entrevista realizada em dezembro de 2022). E elas passaram a "ocupar cargos políticos de elevado estatuto, nomeadamente o de comissárias políticas nas zonas libertadas" (LARANJEIRO, 2018, p. 167). Mas aí apresenta-se contradições na luta, quando alguns homens não aceitavam o comando quando vindo de mulheres (CABRAL, 1978).

Teodora Inácia Gomes, nome combatente Obono: foi uma das mulheres enviadas pelo PAIGC para a região onde se encontra Kiev, foi estudar no instituto de formação revolucionária, fez curso de formação de professoras e deu aula na escola do mato no processo de luta por libertação. Segundo ela, seu início no movimento foi cedo, aproximadamente entre 16 e 17 anos, isso pelo fato de seus pais serem envolvidos na luta pela libertação. Até o momento, ainda é atuante junto ao PAIGC. Participou de vários momentos de debates sobre as mulheres dentro do partido e dos governos, de aprovação de legislação – quatro foram citadas: saúde reprodutiva, contra o tráfico de mulheres, anti-estupro e a de paridade – e de textos acadêmicos em que foi dado entrevistas, ela aponta a de mutilação genital, planejamento familiar. (Teodora Inácia Gomes, entrevista realizada em dezembro de 2022).

Ernestina Sila, nome de combatente Titina Sila, assim como Teodora também foi enviada para Kiev, mas para fazer o curso de enfermagem. Adentrou na luta aos 19 anos de idade, inicialmente esteve no combate como enfermeira, mas depois foi

atuar como comissária política em zonas libertas – mais ao norte do país. Ela foi uma das mulheres que esteve na linha de frente a até hoje ainda é lembrada como uma das combatentes importantes. Foi assassinada em uma emboscada quando estava indo para o funeral de Amilcar Cabral, em 1973. Por ser tão importante, no dia da sua morte é comemorado o dia da Mulher guineense, em sua homenagem (GOMES, 2016, GOMES, 2016b).

Carmen Pereira, assim como as duas anteriores, foi para Kiev para fazer um curso, o seu foi de enfermagem. Ela também é uma das mulheres que tiveram destaque dentro do movimento de luta pela libertação. Teve que ser exilada em Senegal, por perseguições, mas retornou a partir do encorajamento de Amilcar Cabral. Se tornou responsável pela construção do primeiro hospital das zonas libertas. Também foi comissária política na região sul do país. Ela teve tanta importância nesse momento que os portugueses ofereciam recompensa para quem delatasse seu paradeiro. Em textos ela é tida como braço direito do Amilcar Cabral.

> Após a Independência, continuou a exercer grande influência na vida política do país, era a única mulher no comitê executivo do PAICG e a principal liderança da Comissão de Mulheres da Guiné Bissau e Cabo Verde (1975-1981). Foi eleita vice presidenta da Assembleia Nacional Popular (1973-1984) e a presidiu de 1984 a 1989, quando deixou a posição para tornar-se membro do Conselho de Estado. Em maio de 1984 foi a chefe executiva do governo por dois dias. Ela foi Ministra da Saúde e Serviço Social (1981-1983) e Ministra de Estado (1991-1992). Carmen Pereira é a autora da frase "combatendo dois colonialismos", em referência à dupla luta das mulheres guineenses pela independência e pelos próprios direitos: "as mulheres precisam lutar contra dois colonialismos: um dos portugueses, outro dos homens

Da mesma forma que vemos a importância dessas mulheres na luta, e como parte do partido as enxergavam dentro desse processo, elas não tiveram o reconhecimento que mereciam. Roque (2021) nos traz como aquelas citadas anteriormente, e tantas outras não tiveram seu papel de destaque como os homens. A única colocada como uma Heroína Nacional foi Titina (Ernestina Silá), assassinada em 1973. Isso mostra como o patriarcado já se encontrava enraizado na memória do povo. A mesma autora aponta que mesmo no cinema elas foram esquecidas e apagadas, e que o documentário que apresenta a visão da luta por libertação, a partir

de uma visão nacional e de alguém que participou do momento, invisibiliza as mulheres de um momento importante para a nação e que elas fizeram parte (2021).

Aquilo expressado por Cabral em seus escritos que a libertação só será completa quando todos foram livres, e diante daquilo debatido anteriormente, verifica-se que mesmo livres do colonialismo português a sociedade não está liberta por completo.

Não poderia acontecer de outra forma, já que Portugal e a sua colonização foi alicerçada em preconceitos com os negros, suas religiões, culturas e sociedades, pois o colonizador era branco, cristão e patriarcal. A doutrinação católica tinha incutido em seu cerne a superioridade do homem e mais ainda do homem branco. E como Pinto (2021) aponta, isso vem a partir da dominação sobre os corpos femininos, das mais diversas formas. Quando se tem o poder sobre elas, verifica-se que o seu papel é mera obrigação, e com isso há uma desvalorização. Esses acontecimentos passam a enraizar e influenciar nos valores.

Assim passa a compreender que essas situações podem ter influenciado diretamente no ocorrido durante a luta pela libertação do país. Mas esses fatos, de não dar o valor aquelas que deveriam ser consideradas as Heroínas Nacionais, mesmo que possa parecer algo pontual, influi não que veremos no futuro do país, mas que vem sendo quebrado por políticas públicas, privadas e institucionais, a partir do empoderamento das mulheres e na quebra do machismo, com homens compreendendo os males que isso pode causar.

É importante construir o debate para além do gênero, compreender o problema de classe social, pois dentro de um contexto colonialista é impossível dissociar as questões de classe, raça e gênero. Afinal, mesmo todos sendo atingidos, havia aqueles que eram mais excluídos. As mulheres foram impactadas de forma diferenciada, e no processo de libertação não seria diferente. Algumas mulheres e meninas, que no processo de colonização tiveram o direito de estudar e fazer curso superior – por seus pais e mães terem sido favorecidos ao estudo e assim absorvidos enquanto cidadãos e elas tiveram essa oportunidade – outras conseguiram estudar e aprender apenas quando veio o processo de libertação do país e outras menos a chance de fazer cursos de formação em educação e enfermagem. Mas todo esse processo ia de acordo com a sua classe social.

Gomes (2016) entrevistou Lurdes Vaz em 2009, que informou que teve a oportunidade de estudar e ter bolsa para fazer sua graduação. Já não ocorreu a mesma situação com Nhima Muskuta Turé[25], "'recrutada' ainda criança, com apenas nove anos de idade (e contra a sua própria vontade), pelo seu tio Rui Djassi, um dos conhecidos combatentes guineenses." (GOMES, 2016, p. 130), mesmo com as situações passadas, ela compreende a importância desse processo, que apesar de ter atingido as mulheres de forma diferenciada, foi possível modificar a vida em que se vivia.

Além de mulheres como elas e outras já citadas são referência de luta e libertação, apontando a força delas para uma independência do colonizador (GOMES, 2016). Apesar desse processo e da importância delas em todo o momento, ainda hoje elas lutam e resistem diante de absorção patriarcal e cristã na sociedade da Guiné-Bissau, mas a liberdade total se conquista esforço. Finda-se com uma frase da lembrança de Nhima sobre Cabral "*mindjeris di no tchon ka bo n´pina, ka bo burgunhu[26]"* (GOMES, 2016)*.*

2.1.3. *Matança di djintis/pecaduris*[27]

É interessante trazer que dentro de lutas, movimentos e resistências podem ser observadas contradições, e que não foi diferente na Guiné-Bissau (CABRAL, 1978), mas que isso não deve trazer apagamentos ou invalidar todo o processo. Essas situações contraditórias que vinham ocorrendo no país, unidas à colonização violenta, tiveram consequências que reverberam até a atualidade. É por isso que,

> Na longa história das revoluções africanas, tornou-se recorrente o assassinato de líderes independentistas. Amílcar Cabral, da Guiné-Bissau, assim como Patrice Lumumba, do Congo, ou mesmo Eduardo Mondlane, de Moçambique, são apenas alguns exemplos de vítimas de uma estratégia de aniquilamento, mas não de silenciamento, de líderes. (VILAR, 2018, p. 278)

[25] Entrevistada por Patrícia Godinho Gomes em 2009

[26]

[27] Assassinato de pessoas

Havia uma insatisfação por parte de integrantes do partido com situações ocorridas, também sucedia um processo que alguns foram corrompidos pelo sistema colonial ou até mesmo ameaçados, sabe-se que existem essas situações. Esses fatos levaram a morte de vários integrantes do PAIGC, mas dois repercutiram demasiadamente, Amilcar Cabral e Titina Silá (Ernestina). Esse momento influenciará nos anos posteriores, mas podemos falar, até a atualidade.

Amilcar Cabral foi assassinado no dia 20 de janeiro de 1973, antes de ser reconhecida a independência da Guiné-Bissau e de Cabo-Verde. Esse fato ocorreu em Conacri, em um momento que ele estava em reunião do PAICG e do Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Não se nomeia quem orquestrou o assassinato Cabral, mas se sabe que algum militar do PIDE quem atirou. "O assassinato de Cabral, perpetrado por 'militantes' do partido, a soldo da polícia política portuguesa PIDE, estava previsto pela própria direcção do PAIGC." (LOPES, 1987, p. 92). LaranjeirO (2018) aponta que, dos integrantes do partido, que foram responsáveis pelo assassinato, demonstravam insatisfação com essa unificação entre Cabo-Verde e Guiné-Bissau.

> A tensão existente entre caboverdianos e guineenses manifestava-se muitas vezes na tensão entre caboverdianos e mandingas. Sendo Sekou Touré de origem mandinga, almejava governar uma Guiné dos Mandingas, herdeira do Império do Mali. (LARANJEIRO, 2018, p. 170)

Da mesma forma como o de Cabral, Titina Silá também foi assassinada, mas a morte dela foi uma emboscada realizada pelo colonizador (ROQUE, 2021). Isso ocorreu quando ela estava indo para Conacri para o velório de Amilcar. Esse fato ocorreu no dia 30 de janeiro de 1973.

Esses dois assassinatos, já apontam o processo de esfacelamento e de fatos que serão retratados mais adiante.

2.2. Liberdadi pa fidju matchu ku fidju femia[28]

A Guiné-Bissau foi a primeira a se libertar e conquistar a independência da colonização portuguesa. Para o movimento de libertação, esse acontecimento é no

[28] Liberdade para os filhos e as filhas

dia 24 de setembro de 1973[29], mas para a comunidade internacional a independência só acontece quando Portugal se liberta do Regime fascista, em 10 de setembro de 1974 (EMBALÓ, 2008).

Mesmo com a falta de reconhecimento internacional, o movimento para a libertação construiu uma constituição no ano de sua independência, essa continha 58 artigos que estavam contidas dentro de 4 capítulos, que eram:

> Cap. I sobre Fundamentos e Objetivos (arts, 1° a 10°); Cap. II, sobre Direitos, Liberdades e Deveres Fundamentais (arts. 11° a 22°); Cap. III, sobre a Organização do Poder Político (arts. 23° a 56°); Cap. IV, sobre a Revisão Constitucional (arts. 57° a 58°) (NOVAIS, 1996, p. 91).

Na constituição trazia em dois de seus artigos as considerações sobre um monopartidarismo, "o PAIGC proibiu a legalização dos outros partidos políticos por meio dos artigos 4 e 6 da Constituição de 1973" (TÉ e MONTEIR0, 2023, p. 3), e essa condição transitou por vários anos na Guiné-Bissau. Semedo (2021) aponta que no processo de construção da constituição o partido trouxe princípios que eram muito consideradas durante a luta, como "o princípio do anticolonialismo; O princípio da unidade Guiné e Cabo-Verde; O princípio da hegemonia do PAIGC; O princípio da democracia nacional revolucionária; O princípio do progresso social." (p. 73).

Essas e outras questões apresentadas na constituição, apresentaram a possibilidade de haver equívocos. Pois, aquela elite falada anteriormente, que foram os primeiros na revolta para a libertação, que foram os mesmos que se tornaram alto escalão dentro do partido, pós libertação passavam a assumir cargos altos dentro do Estado, mesmo esses desconhecendo aquilo que iriam ocupar (SEMEDO, 2021; CARDOSO, 1996). Semedo complementa que "Bastava à ascensão ao poder para repetir as mesmas práticas da época da colonização" (2021, p. 79)

Outro fato importante é que, mesmo sem ter sido escrito em documentos oficiais sobre isso, o PAICG implementou na Guiné-Bissau um sistema socialista (CARDOSO, 1996).

As questões políticas/partidárias do país são bem marcadas, como já citada, mas além disso pode ser falado os pontos sobre a economia pós colonial, o recém

[29] Data até hoje reconhecida pela população do país.

país liberto tentou se alicerçar em uma economia nacionalizadas (LARANJEIRO, 2018), assim nacionalizando todas as indústrias do país (LOPES, 1987).

Lopes (1987) aponta que o legado do colonialismo é o esfacelamento da antiga colônia e contina que aquilo que sobra é a "sujeição da economia aos interesses externos, consequente integração forçada numa divisão internacional do trabalho altamente desfavorável, deformação dos processos de produção e, finalmente, desproporções sociais profundas" (LOPES, 1987, p. 134) e essas consequências podem ser ainda mais fortes quando a libertação da colônia se dá em um período de um mundo globalizado, esses fatos podem ser mais agravados. Pois eles estão desfavorecidos com a recente exploração colonial.

Fatos externos podem ser causadores do esfacelamento econômico do país, a crise do petróleo que afetou todo o mundo também ecoou na Guiné-Bissau (SEMEDO, 2021), pode-se dizer que pelo fato do país viver de financiamentos/ajudas de países que eram aliados da Guiné-Bissau no processo de luta pela libertação (LOPES, 1987). Essas poderiam vir como donativos ou como empréstimos, Lopes (1987) aponta que 39,39% eram do último citado, e 65,81% eram de donativos, sendo esses bancos, fundos de ONG's e organizações internacionais.

Os camponeses pensavam que haveria uma modificação na sua situação econômica e social, mas o que aconteceu é que não houve nenhuma transformação (LARANJEIRO, 2018). Eles continuaram a margem das situações econômicas do país e todas as modificações que poderiam ajudá-los não foram realizadas, a economia só estava para aqueles que eram considerados elite.

Tentou-se manter parte do processo político administrativo que se tinha durante a luta pela libertação, com comitês de *tabancas* (LOPES, 1987; LARANJEIRO, 2018). Outra questão político administrativa se dava a partir dos equívocos que causavam entre o Estado e o partido único (CARDOSO, 1987).

Nem só de tensionamentos se vivia nesse momento. O pós-libertação muito se debatia e trazia as questões sobre saúde e educação. Um fato é que uma das referências em educação foi convidado pelo ministro da educação da Guiné-Bissau – Mário Cabral – no ano de 1976, para que fosse realizada uma grande campanha de alfabetização no país (CECCON, 2017), se sabe-se que o quantitativo de pessoas que não tiveram acesso à educação era bem alto no país. Além da continuação das

políticas da época da luta pela libertação, com a criação de hospitais e escolas, para elas sempre havia mulheres ligadas

Mas a busca por condições melhores de vida para a população – saúde, educação, economia, cultura, lazer –, as vezes eram interrompidas por acontecimentos que levam o país a mal *"situason",* foram várias tentativas de golpes, derrubadas de presidentes, guerras, tentativas e concretudes de mais assassinatos, como veremos a seguir.

2.3. Mau situason[30]

É na contradição que pode surgir oportunismo, como afirma Cabral (1978). Analisar cada momento histórico permite compreender as dinâmicas econômicas, sociais, políticas e culturais no decorrer do tempo, e como isso pode influenciar na transformação sócioterritorial do país, assim será feito uma breve análise do golpe de 1980, Guerra Civil de 1998 até 1999, golpe de 2020.

Para apreender esses momentos históricos, é importante levar em consideração as situações que foram vivenciadas no tópico anterior, na Guiné-Bissau recém liberta e nos processos ocorridos desde a chegada dos europeus até findar no golpe de 1980. Um dos fatos que tem grande influência é o assassinato de Amilcar Cabral. Nesse momento muito que faziam parte do movimento de libertação já se sentiram ameaçados e sem segurança.

Também pode ser citado os assassinatos que vinham ocorrendo, perseguição a algumas pessoas ligadas ao PAIGC, e a "'traidores' ou inimigos da construção da nação foram alvo de detenções arbitrárias, torturas e execuções sumárias [...] Também muitos chefes tradicionais foram fuzilados, acusados de terem criado alianças estratégicas com o poder colonial" (LARANJEIRO, 2018, p. 172 e 173). Houve perseguições aqueles que durante o período colonial faziam parte do exército. Isso tudo baseado em um dos artigos da constituição que "consta que a colaboração com o inimigo, neste caso o colonizador, é crime de traição e é punido por lei" (Constituição *apud* SEMEDO, 2021). Este artigo levou o PAIGC a perseguir, expulsar e assassinar um elevado número de pessoas" (SEMEDO, 2021, p. 75).

[30] Mau situação – relacionado a instabilidade política do país

Augel argumenta sobre as situações e modificações políticas que também ocorriam dentro do PAIGC, como o "aburguesamento do partido[31]" (2007, p. 72), completando e apontando que tanto a elite presente no país, quanto a comunidade internacional viviam "muito bem com e por causa desse estado das coisas, enquanto para o grosso da população nas cidades e sobretudo no campo a situação social e econômica continua calamitosa como sempre" (2007, p. 72). Sendo possível observar a necropolítica apontada por Mbembe (2018), com o esquecimento da população que se encontravam em vulnerabilidade socioeconômica, que antes eram escravizados e hoje são excluídos e esquecidos – anteriormente a partir de uma supremacia branca, nesta atualidade uma supremacia de classe.

Várias são os pontos que levam, levaram e levaram as instabilidades políticas, Huntington (1994) aponta que quando temos um país com um baixo desenvolvimento econômico, as questões democráticas podem ser poucas ou nem existir, como na Guiné-Bissau. Os problemas democráticos e as más situações que a Guiné-Bissau passa é reflexo de um passado de exploração, extermínio, escravização, ou seja, culpa da colonização "a herança histórica e institucional de países africanos não os torna propícios à democracia" (TEIXEIRA, 2008, p. 13), sem determinismo, mas compreendendo o processo de violência física, psicológica, social e cultural vivido e vivenciado por esses povos, reflete em questões mais profundas do ser.

Nessa perspectiva, a luta por liberdade era promoção da saúde, pois aquele momento era a busca por saúde, educação, economia, cultura e lazer, e que as *mal situason* foram no mesmo ponto um processo de doença. Verifica-se que a população que mesmo com a libertação da Guiné-Bissau continuou sofrendo sem grandes perspectivas, pois a melhoria só chegava à elite do país, da mesma forma os camponeses e aqueles que não ascenderam nesse processo sofreram com cada um desses golpes, guerras e situações ocorridas. Pois nesses momentos os casos foram

[31] Existe um debate de que quem iniciou a luta pela libertação foi a pequena burguesia (LOPES, 1987), compreendendo esses como aqueles que era assalariado no período colonial que estavam insatisfeitos com a exploração sofrida nessa época. Já no entendimento de Augel (2007) aqueles eram apenas trabalhadores assalariados e existia uma elite burguesa no país e que eles são os responsáveis por muito do ocorrido naquele momento. Diante desse entendimento, do período que cada um dos dois escrevem e da compreensão de burguesia e de trabalhador assalariado, percebe-se que aqueles que lutaram pela libertação era trabalhadores assalariados e que aquilo que Augel chama da aburguesamento podem ser tidos daqueles que tiveram oportunidade de estudos com graduações e pós-graduações.

políticos administrativos, mas ramificaram. Estando a economia e o social entravam em ruinas (AUGEL, 2007).

As crianças e os jovens tinham seus direitos a educação negados, as mulheres eram violadas, os homens podiam ser recrutados a qualquer momento e as mulheres e os homens grandes[32] observavam tudo que eles lutaram para construir desmoronando. Todas essas situações são ganância escondida em rótulos de busca de liberdade, para ter poder e prosseguir da mesma forma vivida anteriormente, como já foi apresentado, tendo o poder nas mãos se comportavam iguais aos colonizadores (SEMEDO, 2021), todas as situações ocorridas são reflexo de uma colonização levada a ferro e fogo, com tamanha violência para demonstração da autoridade.

2.3.1. Kundumpai pa toma puder o muvumentu libertadur[33] 1980?

É importante apresentar que no dia 10 de novembro, reformulada a nova constituição da Guiné-Bissau, o jornal da época Nô Pintchá (1980) apresentava a mesma como uma "Soberania popular", onde o poder estava nas mãos do povo. Isso não refletia os fatos que ocorriam por dentro do Estado e do PAIGC, como veremos a diante.

No dia 14 de novembro de 1980 ocorreu o que uns chamam de Golpe de Estado e outros apresentam como Movimento Reajustador, esse foi o momento de separação definitiva da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, esse instante pode ter várias interpretações, de acordo com o local que se observava (MONTEIRO, 2019). Como observado, a luta pela libertação não foi empreendida apenas pelo povo da Guiné-Bissau, existia uma luta unificada entre o país e Cabo Verde, tanto que o partido se chamava Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, mas tensões internas foram desgastando, os combatentes de cada um dos países não aceitarem procedimento do outro, de modo recíproco (LARANJEIRO, 2018; AUGEL, 2007).

Esses fatos foram causando confrontos e esfacelamento da unificação, almejada por Amilcar Cabral. Mas a real situação é que "uma ala dos cabo-verdianos controlava a chefia do aparelho estatal e foram os principais colaboradores dos

[32] Uma forma respeitosa de chamar as pessoas mais velhas *"mindjeres garandi" "omi garandi*". O velho/velha são mais usados para coisas do que para pessoas.

[33] Golpe de Estado ou Movimento

portugueses durante o processo de colonização de Guiné-Bissau" (TEIXEIRA, 2008, p. 22), esse motivo deixava alguns militantes do partido incomodados com essa unificação. Semedo completa afirmando que não só a negação a unificação foi o causador desse golpe, mas também:

> A formação colonial e suas influências sociais; a disparidade constitucional entre os dois países; a existência de opositores guineenses externos ao partido, que faziam pressão à unidade; ausência de equilíbrio de interesse entre os dois países; distribuição irregular de patentes nas forças armadas e, não muito menos importante, a condição natural a que a providência desigualmente ofereceu aos dois países. (2021, p. 97 e 98)

Ainda podemos citar as divergências constitucionais e a diferença entre a libertação dos dois países – a Guiné-Bissau em 1973 e Cabo-Verde só em 1975. Assim vai sendo observado que várias foram as causas que levaram a situação de 1980, Augel (2007) afirma que o golpe foi um reflexo

> da crise político-estrutural que se estaca agravando desde os primeiros anos da descolonização e era indicador do profundo fosso, tanto político como econômico, que se estava abrindo entre a cidade e o campo, isto é, entre a elite pequeno-burguesa detentora do poder e os produtores camponeses (p. 63)

Semedo (2021) traz o pronunciamento de João Bernardo Vieira – Nino Vieira, o principal idealizador de 1980 –, e apresenta que existia uma instabilidade dentro do próprio partido, o PAIGC. E assim fica o questionamento, essa situação era nada mais que a necessidade de estar no poder? Pois o mesmo autor afirma que depois do golpe, além da saída desunificação, as situações permaneceram da mesma forma.

Nesse processo, viu-se a necessidade de abertura da economia ao capital e financiamento estrangeiro (AUGEL, 2007), pelo motivo de como estava indo o país, com a falta de inspiração e problemas econômicos, com a solicitação "admissão formal ao Programa de Ajustamento Estrutural com o Banco Mundial (BM) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) o que veio a acontecer em 1984" (HADEM, 2008, p.18).

2.3.2. *Guera*[34] 1998 – 1999

Assim como o tópico anterior, até o 7 de julho de 1998, houve vários acontecimentos que foram marcantes para o país (verificar a linha do tempo no final do capítulo). As mudanças constitucionais da Guiné-Bissau em 1984, a abertura para econômica; também tivemos a reformulação da constituição em 1991, que trouxe a possibilidade da criação de outros partidos além do PAIGC e outra mudança constitucional em 1993 que tornou o país em um regime semipresidencial, podem ter influência nas situações que serão citadas.

Com a reformulação constitucional de 1993, que trouxe para o país a descentralização do poder, tornando semipresidencial, também foi possível a realização da primeira eleição presidencial em 1994. Mesmo com suspeitas de fraude, vencidas no segundo turno, João Bernardo Vieira "Nino" foi considerado apto e reconhecido nacionalmente e internacionalmente como o primeiro presidente eleito democraticamente na Guiné-Bissau.

Os anos que sucederam foram prósperos economicamente e socialmente, até o momento em que o Presidente decide pela exoneração do Brigadeiro Ansumane Mané[35]. Optando pela sua não saída, no dia 7 de julho de 1998 o bairro de Santa Luzia amanhece aos tiros, e sendo tomado pelo brigadeiro. Mané tinha grande parte dos militares ao seu lado, além de

> um forte e crescente apoio da maior parte da sociedade guineense, inclusivamente da opinião pública, da sociedade civil com as suas diferentes organizações, dos partidos políticos, do parlamento e de muitos cidadãos anónimos. (RUDEBECK, 2001, p. 12)

Aos poucos o Ansumane Mané fora conquista áreas militares importantes no país, como o aeroporto. Observando que estava perdendo o país, o Presidente Nino busca seus aliados internacionais e vizinhos (AUGEL, 2007). Dessa maneira Senegal

[34] Guerra

[35] Existem denúncias que o Brigadeiro Ansumane Mané estaria enviando armamento para a região de Casamansa, em Senegal. Essa região vivia um conflito para a libertação de Senegal. Casamansa até a Conferência de Berlim pertencia a Guiné Portuguesa, mas com a repartição da África para e pelos europeus, essa passou a pertencer a Senegal – grande parte da população são etnicamente da região de Mali, e falam o Kriol muito próximo ao da Guiné-Bissau.

e a Guiné-Conacri enviam militares para a Guiné-Bissau, e se inicia a guerra (AUGEL, 2007; CARDOSO, 1996; RUDEBECK, 2001; LARANJEIRO, 2018).

A capital do país estava sendo destruída por bombas, tiros e saqueamentos, a população se viu obrigada a retirar para preservar suas vidas. Aqueles que podiam, se retiravam para diferentes países, outros tantos – grande parte da população – foram adentrando o país, em direção ao interior. Nas cidades mais interioranas eram menos perigosas e um melhor refúgio para se abrigarem (AUGEL, 2007).

A fome se alastrou, muito por falta de dinheiro, mas também por escassez de alimentos. As ajudas humanitárias e os médicos eram muitas vezes impedidos de atravessar as fronteiras, esses, só depois de muito apelo eram liberados (AUGEL, 2007; LARANJEIRO, 2018). Assim observa-se que as bandeiras sempre levantadas pelos políticos e a administração do país, de soberania popular seria apenas mascarar a realidade.

Houve retrocesso do pouco que havia sido conquistado no país, e novamente a população que confiou naqueles líderes, mais uma vez foi enganada por parte da elite, dos políticos e dos militares que não conseguiram corresponder, minimamente "aos anseios do povo por vida melhor, nem realizar as promessas de levar o país ao desenvolvimento social e econômico" (AUGEL, 2007, p. 70)

Mesmo diante de todas as atrocidades passadas no país, observa-se um pouco de fé, a população que estava sofrendo de todas as formas se une e cria laços que podem ser verificados até a atualidade. Naquele momento "o campo e os laços familiares e étnicos provaram sua força vital, indispensável para a sobrevivência física, social e cultural" (AUGEL, 2007, p. 70).

Desde o final da Guerra Civil 1998-1999, a Guiné-Bissau continuou esse ciclo que geram a instabilidade, a democracia era fortemente atacada a todo momento, o país sempre na tentativa de erguimento, porém sem sucesso. Houve Dissoluções da Assembleia Nacional Popular (ANP), Dissolução de Parlamento, Assassinatos – Ansumane Mané e João Bernardo Vieira (Nino) –, tentativas de assassinatos, repressões, Golpes de Estado.

Nos últimos 4 anos o país ainda vem passando por situações violentas, a instabilidade política com a Dissolução da Assembleia Nacional Popular em duas vezes em um único Governo Presidencial pode trazer uma descredibilidade ainda

maior para o país. A primeira dissolução da Assembleia, nesse governo, foi em maio de 2022 e o Presidente Umaro Sissoco Embaló só chama as eleições para 18 de dezembro de 2022 (República da Guiné-Bissau, 2022), ele governaria o país de forma autoritária pois não haveria oposição. O presidente ficou até julho de 2023 sem uma ANP, pois as eleições para novos Deputados só ocorreriam na data citada. Menos de 6 meses após as eleições, em 4 de dezembro de 2023, Umaro em mais um golpe de autoridade decide Dissolver a ANP novamente. A admissão do Presidente para o fato é de que 3 dias antes, 1 de dezembro de 2023, houve uma tentativa de Golpe de Estado. A população da Guiné-Bissau puxou vários protestos, pois a dissolução não poderia ocorrer antes de 12 meses da sua existência, sendo o fato inconstitucional. E o Presidente da ANP, Domingos Simões Pereira, compreendia que o ato de Umaro seria um Golpe de Estado constitucional, pelos fatos apresentados, os Deputados continuam a exercer suas funções pois compreenderam que a decisão era arbitrária.

Até o momento o país vivencia momentos de tensões frente as situações citadas, com: tiroteios, tentativas e concretude de assassinato, violência física e psicológica, ocupação dos meios de comunicação pelos militares. A população indo as ruas pela democracia, para que haja o cumprimento da constituição. O país está vivendo um Golpe de Estado ou um Golpe de Estado Constitucional praticado pelo Presidente? Como é um processo recente e ainda difícil de ser analisado, pois está em curso, para que não seja cometido um achismo, passa-se apenas elencar as situações vividas. Mas compreendendo, mais uma vez, que a economia do país é quem sofre instabilidade com o fato, e essa situação reflete diretamente na população que mais uma vez sofre.

Para Teixeira, a Guiné-Bissau nunca passou de um regime autoritário para se ter um regime democrático, isso pelo fato da situação em que se encontra o país (2008), e podemos complementar que diante de todas as questões apontadas, na atualidade, o país ainda vive da mesma forma. Onde nada mais é que um autoritarismo transmutado de democracia, pelo fato de os civis podem escolher democraticamente seus representantes – algo que as vezes não pode ser observado na Guiné-Bissau. Nessas situações quem sofre é a população, pois há um desmoronamento na economia, na saúde, na educação e até nas próprias questões culturais.

A Guiné-Bissau, desde a sua independência até a atualidade é marcada por acontecimentos que causaram inúmeras crises no país, sendo uns dos principais acontecimentos os golpes de estado, os quais ocorreram cinco vezes no país (1980, 1998, 2003, 2009 e 2012). Mais uma vez é importante ressaltar que esses acontecimentos e os próximos que possam vir a acontecer é fruto da ambição pelo poder de alguns políticos do país, eles buscam apenas o seu bem-estar, além da tentativa de lucrar sobre o estado e terem o poder. Dessa forma esquecem da população e dos ideais pelo qual lutaram para se liberta das amarras da colonização (FANON, 1997).

A população fica desprotegida e vulnerável. Além de ocupar a posição 177º relacionada ao Índice de Desenvolvimento Humano, com 0,483% (PNUD, 2022). Podemos também citar que toda essa "instabilidade política e governativa, com fortes impactos económicos e sociais, constitui um elemento fundamental para explicar as causas de pobreza e de insegurança alimentar no país" (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, s.d.)

> O seu tecido infraestrutural na área social é bastante fraco, com impacto acentuado sobre os níveis de saúde e de educação. A taxa de escolarização é de 62,4% a nível do ensino básico e de 20,4% a nível do secundário. [...] 75% da população está a usar uma fonte melhorada de água potável. [...] Somente **13%** da população tem acesso a uma fonte de **água potável e dispõe de instalações sanitárias melhoradas.** Apenas **38%** da população tem acesso aos **serviços da saúde**. A taxa de **mortalidade neonatal é de 36 por cada 1000 nados-vivos** e a taxa de mortalidade infanto-juvenil (menores de 5 anos) é de 89 por cada 1000 nados-vivos. A taxa de mortalidade materna, para o período 2007-2014, é de 900 por cada 100 000 nascimentos. A **esperança de vida** à nascença é de **48,6 anos**

Mesmo diante desses pontos, ainda existe a esperança, como no título dessa tese. Ali se trata do esperançar, sendo ela não algo estático, mas onde se busca e se luta por melhores condições de vida e melhora no seu país. Essa pode ser a partir de ajudas, ONGs e associações que tragam condições para que as comunidades em coletivo tracem a resistência camponesa, a contra-hegemonia e a promoção da saúde.

Todas as más situações ocorridas têm relação com as situações coloniais que tinha em sua política a violência com

> exacerbação da repressão, do desrespeito pelos direitos humanos; da falta de segurança pública; da ausência de liberdade de imprensa e de expressão; do baixo crescimento econômico e insegurança alimentar; e da perseguição e execução de várias personalidades civis e políticas (MONTEIRO, 2019, p. 247 e 248).

2.4. *Nunde stadu? Pupulason firmanta stadu durba./ Pupulason kumpu stadu dana*[36]

A luta para a libertação foi grande, mas o que se poder verificar é que a construção está sendo árdua. Mesmo após a sua libertação de Portugal, as dificuldades de Guiné-Bissau foram muitas, assim como não ocorreu em Moçambique, Cabo Verde e Angola (SEMEDO, 2021).

Dentro desse processo de reconstrução de um país recém descolonizado, muitas são as ajudas humanitárias, criação de ONG's, mas o cuidado frente a esse processo tem de ser redobrado. O país foi liberto em um mundo globalizado, que já estava ocorrendo a neocolonização.

O alerta que deve ser feito diante dessas ajudas humanitárias, associações ou ONG's, para o país não ir ao rumo parecido ao anterior e recair, desta vez, no neocolonialismo hegemônico. Que se utilizará mais uma vez do seu território e com transformações socioterritoriais que dificulte no processo de busca ancestral, soberania alimentar, segurança alimentar, e no fim só cause mais dependência, como pode ser expressado por Santos et al "os atores hegemonizados têm o território como um abrigo, buscando constantemente se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares" (2000, p. 120).

É necessário apreender que ONG's, ajudas humanitárias, associações são mais necessárias em países que sofrem por falta de políticas do Estado. Essa ausência é dada por uma política de extermínio. Esse processo está relacionado com algo anterior, que se pensava que havia aniquilado no processo de libertação dos

[36] Onde está o Estado? Ppopulação constrói o Estado derruba

países africanos, mas que apenas se revestiu. Quando Mbembe cunha o conceito de necropolítica, explica muito o mundo capitalista globalizado – o neocolonialismo – pois hoje a hegemonia vem ditando regras, excluindo povos e segregando o mundo. Ditar quem vai morrer e como vai ser a vida de quem está vivo (MBEMBE, 2018) é o que ocorria e vem ocorrendo continuamente no continente africano, que ainda são dependentes politicamente dos países do norte global. E os Estados vem também trazendo a mesma articulação, a partir da ausência ou, também, da sua ganância.

> A inoperância do Estado em termos de prestação de serviços sociais às populações, a sua quase ausência das zonas rurais não contribui para o desenvolvimento efectivo das organizações da sociedade já fortemente dependentes do financiamento externo. (HADEM, 2008, p. 19)

Quando temos instabilidades político administrativas, verifica-se que os mais afetados são aqueles que vivem próximo ao abaixo da linha de pobreza. Na Guiné-Bissau se vive essa realidade, segundo dados da Nações Unidas, o país insegurança alimentar subiu de 14% para 21%, essa elevação pode ser reflexo e consequência de várias situações internacionais – COVID-19 – e nacionais – a fragilidade no Estado (AMATIJANE CANDÉ, 2022).

Como debatido anteriormente, a ideia do ato civilizatório praticado pelos colonialistas portugueses, que para Rudyard Kipling era o "Fardo do Homem Branco", onde estava calcado nas teorias raciais, nada mais era que atos racistas que se baseavam na supremacia do homem branco salvador para praticar o silenciamento. Hoje a expressão desse poeta ainda pode ser tida como atual, mas agora relacionada como um ato neocolonialista.

Como verificado anteriormente, um dos principais causadores da desigualdade nas colônias foram seus colonizadores – responsável por essa situação na Guiné-Bissau foi Portugal –, Silva afirma que "as ex-metrópoles, criadoras da pobreza nas colonias, se dispõem a ajudar para que essa mesma pobreza desapareça" (2000, p. 11). O custo para essa situação é a continuação da dependência – econômica, política e social.

No tópico anterior foi observado um desmantelamento na política e na administração da Guiné-Bissau, mas esse fato é que com a chegada dos europeus

tem-se um grande impacto cultural pois para que a economia pensada do colonizador para a colônia, deveria ser modificado a forma de vida do colonizado, já que eram vistas como atrasadas, nesse sentido o "processo de alteração estrutural, novas formas de pensar, e de viver, assim como outros valores são introduzidos, uma vez que a economia não se da no vazio" (SILVA, 2000, p. 10).

Ainda nessa perspectiva do branco salvador, da hegemonia enquanto desenvolvimento, do **ancestral enquanto atraso** é que algumas ajudas não observam que projetos não prosperam, pois há, mais uma vez, a tentativa de **resgatar da miséria**. A assistência não é negada, mas tem que se compreender antes de tudo o respeito, o conhecimento local e ancestral, a realidade de uma forma escalar – local, regional e nacional – e compreender que muitas das vezes é necessário novos aprendizados, considerando as questões culturais e a resiliência ancestral.

Por isso, ajudas humanitárias baseadas nas contra-hegemonias e no desenvolvimento social buscando compreender a ancestralidade e o não apagamento da cultura local, são de suma importância. Essa, muitas das vezes são organizadas e presididas pela população local, como é o fato que vamos observar na Guiné-Bissau

Cabe expor que após mais de 500 anos de uma colonização, onde só havia a retirada, sem existir nenhuma devolução ou troca, como é o caso da Guiné-Bissau, algumas dessas ajudas foram de suma importância para a construção e reconstrução do país. Por esse motivo, como já justificado anteriormente, buscou-se analisar as ONG's presentes na Guiné-Bissau e assim compreender a formação, as ações e os projetos para assim realizar a escolha daquela que seria acompanhada.

Muitas são as ONG's presentes no país, algumas delas criadas e compostas por guineenses, outras criadas em outros países e com atuação na Guiné-Bissau. No período colonial, organizações sociais e não-estatais, eram controladas e muitas das vezes proibidas, principalmente para haver nada contra a colônia e instigar a independência. Nos anos de 1950 é que surgiu a primeira organização não governamental, essa era considerada "politicamente inofensiva", outras que eram permitidas eram aquelas que "clubes desportivos, bombeiros voluntários, grupos populares de inter-ajuda [37](*mandjuandadi*)" (HADEM, 2008, p. 17). Sendo a CARITAS

[37] Grupos sociais informais organizados a volta da convergência de idade, interesses económicos e socio-culturais

DA GUINÉ-BISSAU a mais antiga do país, criada em 1977, e caracterizada pela atuação de freiras da igreja católica no país, com ações como "Segurança alimentar e desenvolvimento rural; Saúde; Ambiente; Educação e formação; Micro-finanças; economia e actividades geradoras de rendimento; Direitos humanos e cidadania; Género" (HADEM, 2008, p. 41).

Outras são mais recentes, principalmente do final dos anos de 1980 e início de 1990, que estavam na busca de construção de um país recém liberto, que tinha como perspectiva a reconstrução de áreas que foram assoladas pela luta armada, e para ajudar o país que acabara de sair de mais uma crise econômica e política. Não só houve a criação de ONG's como também de sindicatos. Essas organizações não governamentais apoiavam jovens e mulheres, essas últimas "encontram na vida associativa não só oportunidades para a sua ascensão social, mas também uma maior liberdade face ao controle social e familiar imposto pelas normas tradicionais da sociedade" (HADEM, 2008, p. 18).

Elas tiveram seus projetos paralisados em 1998, no início da guerra e não retornam as atividades, diferente de outras que prosseguiram com novas vertentes. A segurança alimentar sendo baseada no processo de alimentação da população, no combate da fome, como aponta a própria Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO)[38] é assegurar o acesso aos alimentos, em quantitativo e em termos de qualidade (2014), mas há uma necessidade de repensar além do combate à fome, pensando em alimentação de qualidade e garantindo a segurança desses alimentos com a proteção à saúde, a partir de alimentos saudáveis. Com isso, passam a afirmar além do combate à fome, aquilo citado anteriormente, a partir da soberania alimentar, que é uma produção que garanta além da quantidade e da qualidade, mas entendendo a forma de cultivo a partir de formas alternativas, saudável e sustentável, prezando a sabedoria dos ancestrais camponeses; entendendo o respeito a natureza (Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar, 2001). Assim, a alimentação para além de comida, mas pensando na relação, no cuidado, em ser saudável, é de suma importância para a ancestralidade e para promoção da saúde.

[38] Food and Agriculture Organization of the United Nations

O quantitativo de ONG's no país era de 150 ONG's em 2008, elas eram ligadas a várias organizações nacionais e internacionais (HADEM, 2008). O primeiro decreto de lei para a criação de ONG's é de 1992, mas anterior a esse momento elas já eram criadas e atuavam no país, a atualização desse decreto ocorreu 16 anos, devido a necessidade de várias mudanças ocorridas no país (HADEM, 2008). Suas atuações são as mais diversas, que perpassam no mínimo 9 áreas temáticas no país. (figura1)

Figura 1: Área de atuação dos projetos das ONG's



Fonte: HADEM, 2008.

Na figura 10 observa-se que as ONG's, em sua grande maioria tem buscado áreas como "Atuação e Formação", sendo importante para melhoria educacional do país, a "Segurança Alimentar e o Desenvolvimento Rural" sendo o segundo maior em atuação, importante para a tentativa de erradicação da fome, mas o importante é se levantar que há uma necessidade de alimentar a população, só que é indispensável o debater de qual tipo de alimentação é oferecida, e é bom passar a pensar em uma soberania alimentar, pois com ela a alimentação será de qualidade e respeitando as culturas alimentares da população, a preservação do ambiente e a saúde – já que os alimentos vão ser produzidos sem veneno.

"Saúde" é a terceira ação mais importantes dentro das ONG's, seguido de "Economia e Actividades Geradoras de Rendimento", o debate de gênero vem sendo muito implementado, isso abrindo um ponto para o empoderamento das mulheres da Guiné-Bissau. Mas se pensarmos a saúde a partir de um completo bem-estar social,

físico e mental, podemos compreender que a saúde perpassa várias áreas temáticas das ONG's.

Apreendendo o exposto e observando as ONG's construídas pelo povo da Guiné-Bissau e acompanhando e refletindo a atuação, seleciona-se a ONG Tiniguena para o estudo, ela que tem seu início junto com as primeiras organizações criadas no país, na década de 1990 e participa ativamente de demandas para melhoria do país, dos jovens e das mulheres, pregando a soberania alimentar e um desenvolvimento[39].

2.4.1. Na kaminhu di kunsi Tiniguena[40] **"Essa terra é nossa"**

A Tiniguena é criada no ano de 1991. Anos depois da sua criação, compreendendo que a população, em especial os jovens, são o futuro e que sem os mesmos os projetos poderiam não prosperar, inicia-se o "Iniciativa Cantanhez", que nada mais era do que levar jovens moradores da capital para adentrarem no interior do país, assim conhecerem e se instigarem em o protegerem. O ponto inicial se deu a partir da floresta que ajudou e abrigou muitos dos combatentes durante o processo de libertação, a reserva de Cantanhez[41].

Pode-se dizer que esse projeto rendeu bons frutos, principalmente no que se trata de pessoal. Após o retorno dos jovens para casa, eles deveriam apresentar para seus amigos de escola e para a sociedade, o que eles viram e observaram, assim era repassado, mesmo que pouco, a consciência ambiental. Com o passar dos tempos e o andar do projeto, alguns alunos que participaram das viagens a campo se interessaram pelas questões que eram postas pela ONG e assim decidiram entrar para mesma, com o passar do tempo e a partir da dedicação deles, cria-se o Geração Nova Tiniguena, projeto que agregava os jovens que participavam dos campos e queriam adentrar para ONG, assim esse projeto gerou frutos. Apontando que as pessoas que foram ATENDIDAS pela ONG passam a fazer parte daquilo, sendo a sociedade local os próprios agentes contra-hegemônicos e contra-neocolonialismo.

[39] **Aumento da capacidade** ou competência (moral, psicológica, espiritual, intelectual etc.); amadurecimento, crescimento, **evolução.**

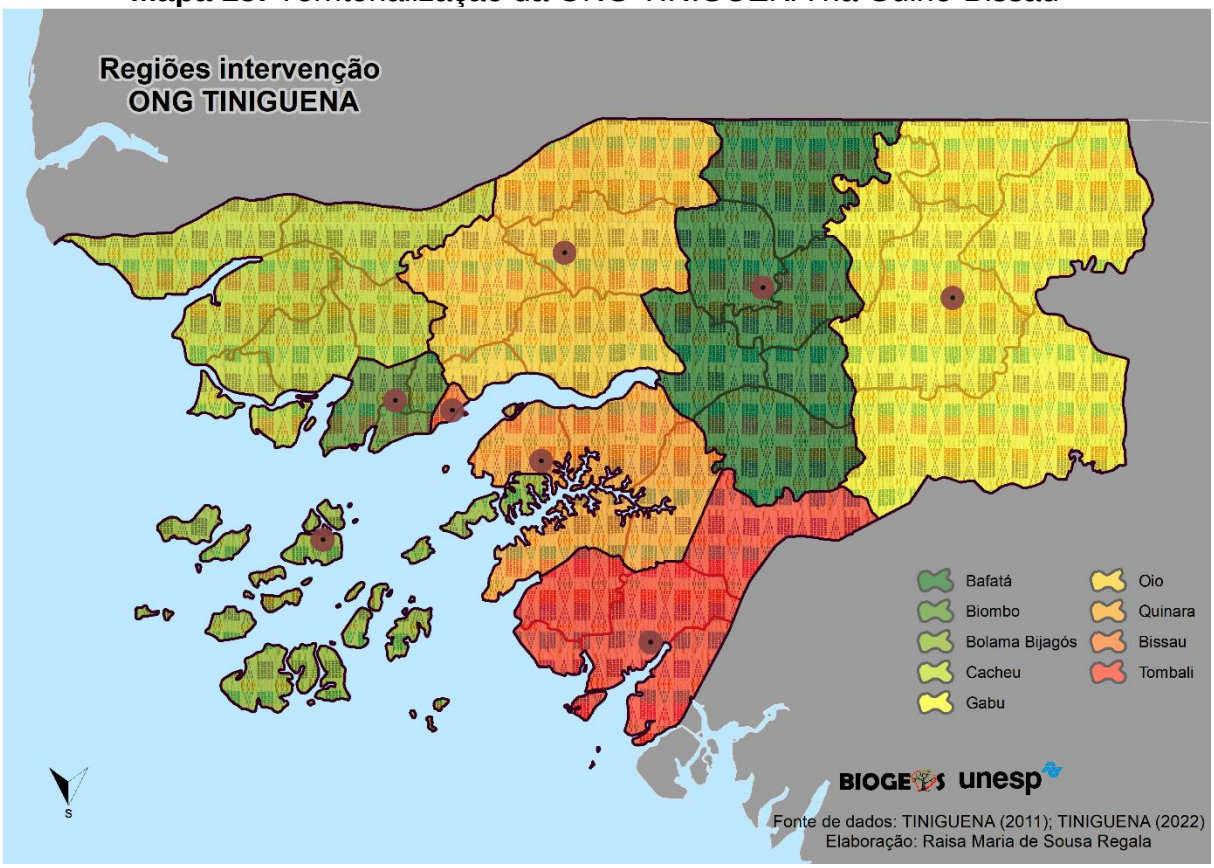
[40] Conhecendo a Tiniguena

[41] Cabe ressaltar que foi levado em consideração a religião dos povos que ali abitavam, que acreditam nos seres e espíritos da natureza – os animistas.

Mas no ano de 1998 a ONG se vê obrigada a parar suas atividades, pelo fato de estarem ocorrendo tensões no país, que logo mais torna-se a guerra de que vai até o ano de 2002. Com a finalização do ocorrido, a diretoria que havia continuado ou que regressa ao país, retorna com a ONG, de forma cuidadosa com todas e todos.

Desde o seu retorno, a Tiniguena vem ampliando sua área de atuação de projetos, e o que antes se reduzia apenas a região de Cantanhez, Zonas Verdes, Bairro de Belém e Ilhas de Urok (TINIGUENA, 2011), vem se espalhando e territorializando por todas as regiões do país (mapa 14), se tornando de grande valia para o desenvolvimento local.

Mapa 15: Territorialização da ONG TINIGUENA na Guiné-Bissau[42]



Apresentar a história da ONG é de importância para que se compreenda a relelevância dos projetos criados por ela nas comunidades. Projetos que visam trazer o empoderamento feminino, mitigar as consequências das mudanças climáticas na

[42] Essas áreas de atuação podem ser modificadas de acordo com os projetos. A Tiniguena já atuou em todas as regiões do país, mas no momento sé está com projetos nas áreas marcadas.

população, preservação da cultura, tecer a busca ancestral, o resgate e a preservação das sementes crioulas, entre outros, criados a partir da relação com a comunidade e a partir da busca e entendimento da realidade e da troca entre ONG e comunidade.

Diante dessas considerações, se traz a compreensão que TINIGUENA vai além de uma organização não governamental, ela é um movimento social, assim como temos, no Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), já que busca sempre a conservação e a preservação da vida, da cultura, da ancestralidade, da terra e o desenvolvimento local a partir de formas contra-hegemônicas.

Com isso, afirma que a TINIGUENA é um agente articulador das comunidades, e seus projetos e planejamentos trazem serviços, ações e uma política em várias instâncias – "individual, comunitária e social" (RIVERA e ARTMANN, 2009, p. 185). Sendo as comunidades a partir do exposto, de suas práticas e de forma participativa as(os) promotoras(es) da saúde.

A TINIGUENA tem um total de 200 projetos elaborados, onde 77 foram executados e chegando a um alcance de 1.006.840 de população alcançada (TINIGUENA, 2023). Eles atendem todas as regiões do país – um total de 9. Os projetos mais aplicados por eles, daqueles observados, buscam a equidade de gênero a partir da agricultura, sempre levando em consideração as mudanças climáticas, já que o país inteiro é bastante afetado – a elevação dos mares afeta até 150 km para dentro do continente, já que o país é cortado por diversos rios que tem grande influência[43].

[43] A Guiné-Bissau representa 2,5% dos manguezais do mundo Giriet al. (2011) apud Chavallier (2013). O que representa 9,37% do território do país.



Mulher tecendo esteira de palha. Forma típico da Guiné-Bissau, ele é tecido com a palha da palmeira.
Foto: Raisa Regala, nov. 2022
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta".

BUDJUGUS: na si mandjuandadi ku tchon, na topoti kusa djuntadu ku no tadja (aria purtijidu) na djiu di Urok

Bijagós: a relação com a natureza e a construção da área Marinha Protegida Comunitária nas ilhas de Urok

A kontrata começara.
O grande lugar de rónia
tronco de um velho poilão
aguardava a cerimónia que abriria o encontro.
Os irans chegaram à hora prevista
cada um representando djorson
uns podiam falar
estava à vista
outros não
era a lei entendida por todas
e ninguém devia porfiar.
Odete Semedo, 2007.

Os Bijagós são uma etnia que possui habilidade com trabalhos manuais. Um deles é a palha e a todo o momento pode ser observado eles utilizando esse material, cuja matéria prima vem da palmeira considerada sagrada e que tudo é aproveitado – para alimentação, artesanato e construção. Vai ser observado no decorrer do capítulo os trabalhos com madeira – as máscaras utilizadas por faixa etária e as canoas para transporte entre ilhas.

Esse trabalho manual pode ser observado em duas capas de capítulos, o "*Bidjugu, relason ku naturesa e konstruson da Área Marinha Protegida Comunitária Ilhas de UROK"*, onde uma mulher tece uma esteira de palha e no "*Kaminño di konstruson da tese*: um conto do campo" Sanhã entrelaça uma forma que os Bijagós carregam o peixe, um trançado da palmeira – isso também ajuda a manter o peixe mais fresco, já que nem sempre se tem onde mantê-los refrigerados. Também fazem bolsas para carregar os mariscos coletados. E alguns *Omi Garandi* podem ser vistos carregando uma bolsa toda tecida com o mesmo material (fotografia 10).

Fotografia 10: Bolsa de palha utilizada pelos Omi garandis



Fonte: Acervo de campo, dez 2022. Sede Tiniguena – Bissau
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Mas além dessas habilidades, esses povos possuem vários conhecimentos, que fazem eles se reinventarem, mas sem perder de vista os conhecimentos ancestrais. Desta forma, é importante para a discussão da presente tese compreender a cultura Bijagó e apreender a relação entre a construção da AMPC Ilhas de UROK, percebendo a relevância dessa etnia para a criação. Também será observado os projetos desenvolvidos na área, e o engajamento da comunidade para a proteção, buscando analisando as contradições, além de entender como essa se insere como um território saudável.

Os Bijagós sempre tiveram a liberdade e a valentia, mas para o colonizador branco, homem, machista e cristão, os bijagós eram povos promíscuos e duvidavam da matrilinearidade que pudesse existir nas ilhas. Mas se sabe que a verdadeira situação é que os portugueses nunca conquistaram da forma que almejavam as ilhas, por essa etnia ser bastante combativa ao colonizador (SILVA, 2000), além de ter uma

visão pequena e fechada sobre as questões culturais que não os contemplavam. O ponto de vista do colonizador em suas viagens etnográficas citava que:

> Os Bijagós, mais próximos da animalidade que os indígenas do continente, por motivos do isolamento em que sua insularidade os tem mantido, praticam uma espécie de politeísmo animalista, que se refere em suas danças [...] a vida é licenciosa antes do casamento que só tem lugar nos 25/30 anos. Práticas abortivas e anti-contraceptivas defendem as raparigas solteiras da procriação ilegítima. O prestígio da mulher é nitidamente superior àquele que gozam as mulheres de outras tribos, o que explica uma expécie de matriarcado na constituição e regime familiar (CARREIRA, 1959, p. 60 e 61 *apud* SILVA, 2000, p. 18)

Por sua vez, a forma como os portugueses tratavam os guineenses, em especial os bijagós eram de tamanho desrespeito cultural, social, racial e de gênero, ou seja, étnico. A imposição da sua religião e a sociedade, sempre difundindo a culpa cristã em relação a forma como os bijagós lidavam com situações do sexo antes ao casamento e ao aborto, e o incomodo em relação a liberdade das mulheres, por eles terem direitos em relação ao seu corpo. Mesmo com todas as tentativas de apagamento, a ancestralidade é mais forte. Para compreender a força, é importante a submersão na cultura bijagó, pois a partir dela será compreendido a sociedade, economia, religião, relação com a natureza e a necessidade de transformação em uma área protegida e que a comunidade quem faz a proteção.

Apurar a forma como os bijagós se organizam foi um dos fatores que fez possível a criação de uma área comunitária, se deve as questões ancestrais, pois os mesmos, por terem em sua religião uma ligação forte com a natureza e ter seus ritos e rituais praticados nesse ambiente ou em ligação com ela, além de sua economia e alimentação se basearem com o meio.

Dessa forma, vai ser inserido um ponto importante para a compreensão das contradições, os territórios saudáveis, a promoção da saúde na AMPC Ilhas de UROK, é necessário a analisar e apreender os povos residentes nesse lugar. Assimilar os Bijagós, sua cultura, as questões sociais e políticas.

3.1. *Riligion budjugu* [44]

A sociedade Bijagós está dividida em quatro "famílias", clãs, divindades, como já citado no primeiro capítulo. São ela *Oraga, Ogubane*, *Ominka*, Orakuma, sendo todas e todos descendentes de *Orebok.* Esses são os quatro principais, mas existem ilhas que podem acrescer outros. Como é o caso da ilha de Nago que possui um total de 11 clãs, sendo 4 em vias de desaparecimento (INDJAI, 2017). Esses clãs é o que traça a linhagem da família e das *tabanca*s, todas ligadas as mulheres.

> Em termos de parentesco, a filiação é matrilinear e o casamento poligâmico. Antigamente os membros da mesma linhagem matrilinear não podiam casar, eram considerados como pessoas do mesmo *Djorson*. (INDJAI, 2017, p. 12)

Djorson são os clãs, as famílias, a linhagem que eles fazem parte, e isso é que dá o impedimento entre eles, ser do mesmo *djorson*. Cada um desses possui uma pessoa responsável, que seria o *Régulo*, esse deve gerir e organizar toda a sua *tabanca*, mas as decisões não devem ser tomadas sozinho, ele sempre deverá consultar os anciões e o *irã*[45], para que haja uma deliberação (INDJAI, 2017). Verifica-se a relação total entre governança, religião e as categorias etárias, ou seja, um respeito mútuo.

Além dos ancestrais mitológicos do povo, existe um ser espiritual, cultuado em várias formas (Fotografia 11). São os "*irãs* (singular *irã*, termo crioulo), com diferentes graus de poder, que podem ser corporizados em objetos de culto. Os locais de culto abrigam os altares e os símbolos religiosos da aldeia ou da família, e onde pairam as almas dos antepassados" (INDJAI, 2017, p. 15). Os médiuns são "utilizados" pelos *irãs* para praticar a cura, através das **plantas medicinais** e de outras formas terapêuticas (INDJAI, CATARINO e MOURÃO, 2010). Assim,

> a cura reúne os elementos da espiritualidade e fisicalidade, onde o curandeiro e a planta são elementos biológicos e físicos e os *irãs* são elementos espirituais que têm o poder da cura. Porém, cada planta medicinal tem dono, um irã, e é a força desse dono que se aloja nela, de forma que para recolher uma parte da planta para fins medicinais é

[44] Religião Bijagó
[45] Ancestral maior

> necessário algum tipo de ritual, um pedido e explicação dado ao irã dos objetivos para que se pretende usar a planta, considerando-se, no entanto, igualmente a planta como um elemento importante na cura do paciente. (INDJAI, 2017, p. 85)

Fotografia 11: Representação do ancestral Irã



Fonte: Acervo Pessoal, dez. 2022. Ilha de Formosa.
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

As plantas medicinais retiradas nas matas são naturais daquele território, por isso, mais uma vez relevante tecer a importância da preservação enquanto área, enquanto território saudável para que seja possível as práticas e que se tenha a promoção da saúde.

Baloba é o local sagrado onde os bijagós cultuam o irã, nesse local só aqueles que já passaram por certa categoria etária podem adentrar (INDJAI CATARINO e MOURÃO, 2010). Além das já citadas permissões, as plantações *pampam* só podem depois de terem a autorização, mas ligada ao local e ao ser mítico cerimônias para

cada ocasião seja ela "esfera da saúde, proteção da aldeia contra os males e as doenças, os insucessos na vida das pessoas, a infertilidade, a deslocação para uma viagem, as cerimónias dedicadas aos mortos" (INDJAI, 2017, p. 42)

Compreendido a relação dos seres ancestrais, espirituais e de cura, sabendo que esses têm associação com a natureza, e podendo ser acrescido o respeito ao ambiente. Pois para todo e qualquer ritual de cura, a retirada de plantas medicinais é necessário a realização de um pedido e uma autorização aos seres superiores. Outro ponto que veremos essa interação é a partir dos ritos de passagem, por isso assimilar primeiramente dentro das questões etárias e como esses tem relação com a ancestralidade.

3.2. Sirmonia di idade/Sirmonia di anu/tchuba[46]

Os *ritus di idade* são de suma importância para os Bijagós, em cada uma das categorias vai se tendo um aprendizado e adquirindo responsabilidades, ou seja, os direitos e os deveres (INDJAI, 2017). E a divisão dessas é a partir da relação da religião e a passagem entre elas. Para cada existem responsabilidades, aprendizados e rituais próprios. Sendo importante apresentar aquilo exprimido por Emanuel Ramos[47] que "só se é bijagós após a finalização das faixas etárias" (conversa realizada em novembro de 2022). Assim pode ser verificada a diferenciação entre cada uma delas (quadro 2).

[46] Cerimônias de idade

[47] Ele declarou que fez todos os ritos de passagens. Ele achou importante para poder compreender melhor a cultura, para uma aproximação da população. Mas não adentrou muito na explicação dada.

Quadro 2: Categorias das idades dos povos Bijagós[48]

IDADE (ANOS)	MASCULINAS	FEMININAS	IDADE (ANOS)
1	Recém-nascido (B. Neea)	Recém-nascido (B. Neea)	
2 – 6	Criança pequena (B. Ongbá)	Criança pequena (B. Ongba)	
7 – 11	Criança (B. Cadena)	Criança (B. Cadena)	
12 – 17	Adolescente (B. Canhocam)	Menina moça Kampuny	**11 – 15**
18 – 27	Rapaz (B. Cabaro)	Mulher casada (B. Ocanto)	**17 -25**
28 – 35	Jovem adulto (B. Camabi)	----------	**Até os 45**
36 – 55	Adulto (B. Caxuca)	----------	
Mais de 35	Homem grande (B. Ocoto)	Mulher grande (B. Ocoto)	**Mais de 45**

Fonte: SILVA, 2020; FERNANDES, 2021.

A melhor maneira de entender esse quadro é assimilando as passagens dentro dos ritos etários. Cada uma dessas categorias é tida uma responsabilidade, um cenário e um ritual específico.

Em todas as categorias de idades tem um cordão próprio, e eles devem ser colocados em partes do corpo de acordo com a faixa etária: *Neea* utiliza o *Caracató* que será amarrado no pulso; *Cadena* recebe o *Campende* na cintura; o *Canhocam*, tem com seu objeto o *Caratacó* que será amarrado no pulso ou no pescoço; esses objetos são formas de apresentar a passagem de idades. As outras fases serão destrinchadas individualmente, já que é após essas que haverá uma diferenciação de gênero (SILVA, 2000).

No momento de recém-nascido, ambos os gêneros são considerados da mesma maneira, nesse momento os dois vão estar sempre ligados as mães – até se essas tiverem no seu momento dos ritos de passagem – na passagem de *Neea* para *Ongbá* é feito uma oferenda (SILVA, 2000)

> Por ocasião do desmame, a família realiza uma cerimônia, com sacrifício de um animal de pequeno porte – galinha ou cabrito – e oferecimento de arroz, com a finalidade de se suplicar aos entes

[48] Vale ressaltar que ela varia de comunidade para comunidade ou de ilha para ilha, podendo em algumas ilhas, respeitar a outros tipos de categorias que não sejam as apresentadas. Por exemplo, em algumas ilhas, um indivíduo em fase de *canhocam* pode atingir a idade 25 até 30 anos de passar a fase de *cabaro*, não sendo por isso, este necessariamente um adolescente. (INDJAI, 2012, p. 88)

> sagrados que a criança se desenvolva e atinja as fases posteriores (SILVA, 2000, p. 71 – 72)

Nas duas fases citadas anteriormente, as crianças estão totalmente ligadas as mães, em uma forma de desenvolvimento uterino só que fora do corpo dela, mas com a continuação do crescimento. Elas são amarradas nas costas de suas mães Fotografia 12). A amamentação deve ocorrer até o final de *Ongbá.* Durante esse período a mãe não pode ter relações sexuais para que não engravide e o filho não seja prejudicado – em relação a amamentação (SILVA, 2000).

Fotografia 12: Maneira que as mães carregam as crianças no período Naae e Ongbá



Fonte: Acervo de pessoal e acervo de Paloma Regala, jan. 2009; jan. 2009 – respectivamente.
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Cadene, nessa fase a criança já passa a ter responsabilidades, ajudando "a mãe e outros parentes a coletar frutos, mariscos, cuidar da vigilância das plantações, trabalhar com madeira" (Silva, 2000, p. 73). No momento de visita as plantações de arroz, foi verificado algumas crianças, a elas era dada a responsabilidade de espantar os pássaros que muitas vezes comem os grãos das plantas. Uma diferenciação da

faixa etária anterior e dessa é o pagamento que as categorias devem pagar aos mais velhos, que dependendo da faixa etária pode ser um alívio para aqueles que estão doentes e não conseguem cultivar, pescar ou coletar moluscos. Como Emanuel Ramos afirmou, muitos as vezes se alimentam a partir do pagamento de grandezas (conversa realizada em novembro de 2022), e assim pode ser afirmar que essa mudança de categoria e essa obrigação que eles têm, podem ser formas de promover a saúde ancestral dentro da *tabanca*. Então a religião bijagós, a cultura e seus costumes podem ser compreendidos enquanto promoção à saúde.

3.2.1. Rapasinhu/omi [49]

O que faz pensar no debate etário dos Bijagós, como já falado, é a relação com a natureza e o espiritual. A partir do *Canhocam*, é quando esses jovens/adolescentes começam a reconhecer e ter noção da flora, principalmente compreendendo o efeito de cada uma delas e é nesse momento em que eles têm acesso e permissão para subir a árvore da palmeira. Nessa fase da vida o adolescente deve demonstrar sua vitalidade e valentia, mas nessa fase eles possuem algumas responsabilidades como "os trabalhos da *tabanca*, funciona como um corpo policial, quando os mais velhos, *Cabaro*, vão ao fanado o *Canhocam* é que assegura a vida na *tabanca*" (INDJAI, 2017, p. 28).

Nessa fase da vida há um grande aprendizado, além das responsabilidades que já lhe é dada. Capacita-se para ser capaz de subir na palmeira, seja para tirar o *chebeu*, das folhas da planta ou coletar o vinho de palma, além da utilização e fabricação das ferramentas utilizadas nesse processo (Fotografia 13).

[49] Menino/Homem

Fotografia 13: Ferramenta para escalar a palmeira e tirar o fruto ou a palha ou o vinho de palma – cinto e canhaco



Fonte: Acervo de campo, nov de 2022. Ilha de Formosa
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Quando está entre uma faixa etária e outra – de *canhocan* para *cabaro* – é realizada uma cerimônia, e nela é dada a relação com o antepassado, seja tios ou outras entidades (INDJAI, 2017). Com o aprendizado da colheita da palmeira, a categoria mais nova paga a grandeza com “cachos de chebéu, mariscos, conchas, frutos, pimenta, etc.” (SILVA, 2000, p. 72).

Para os Bijagós, o *Cabaro* é a fase que o jovem tem maior liberdade, é nesse momento em que ele conhece o mundo e a realidade fora da sua *tabanca*, também pratica “danças, caçadas, folguedos, etc, em todas as *tabanca*s, percorrendo as diferentes ilhas do arquipélago” (SILVA, 2000, p. 74).

A dança é algo que acompanha todas as faixas etárias, desde o *cadena* até o *Ocoto* e trazem as vestimentas, máscaras (Fotografia 14) e comportamento únicos para cada uma delas, como apresenta Silva (2000):

- *Cadena* eles dançam utilizando o caroço de manga e conchas como adereços que chocalham em seu tornozelo, e o ritmo é ditado por pequenos tambores;
- C*anhocam* utilizam arbustos das arvores e o tempo é tido por tambores específicos, além de utilizarem máscaras que representam animais (Fotografia 14) e

entoam “cânticos que relatam feitos de batalhas e aventuras ocorridas dentro do grupo, seja naquela *tabanca*, ou em outra ilha do arquipélago” (p. 74);

- *Cabaro* tem sua dança a vaca bruto, essa é de conhecimento para além do arquipélago, mas em todo país. Nela representa-se a vitalidade e a força bruta, essa dança pode durar horas.

Fotografia 14: Acessórios utilizados nas festas e rituais



Fonte: Acervo pessoal de campo, novembro e dezembro de 2022. *Tabanca* Abu – Ilha de Formosa
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

A fase do *Cabaro* tem uma intensidade e liberdade de vida, como observado anteriormente, para assim chegar nas provações tidas pelos *Camabe.* Nessa fase o jovem adulto deve se despir de todas as relações e de seus bens materiais para ir para o mato (SILVA, 2000; INDJAI, 2017), largando até a própria família – e mesmo depois do final dessa faixa etária não deverá retornar para ela (SILVA, 2000). Eles sofrem espancamentos e escarificações, sendo colocados na terra e no mar, pode ser

visto como uma violência, mas para eles é uma forma de recebe "da natureza-mar e terra-força e o lenitivo para as dores da iniciação" (SILVA, 2000, p. 76). Essa fase etária, em algumas ilhas, pode durar até 7 anos (SILVA, 2000)

Após esse acabamento, o homem atinge a categoria de *Caxuxa* e pode constituir uma nova família, lembrando que é proibido buscar a família que deixou quando entrou na fase *Camabi* (SILVA, 2000, INDJAI 2017). Agora podem participar das reuniões de conselho dos grandes, mas sem exercer o poder, essa autoridade só quando atingir a mais alta categoria, que é de *Omi Garandi* – quando chega aos 55 anos –, e agora já tem voz nas reuniões que serão apresentadas mais adiante.

É importante relembrar que aqueles que estão nos grupos etários mais novos, devem fazer pagamentos para aqueles que estão em grupos mais "avançados", isso é uma forma de garantir o conforto (SANTY, 2013) e é um "mecanismo pelo qual os produtos circulam dentro dos grupos" (SILVA, 2000, p. 72). Isso assegura que quando se tornarem ancião não estarem descoberto. Em uma das conversas com Emanuel Ramos, é apontado que *Omi Garandi*, vão até alguns rituais dos mais novos para que assim possam se alimentar. Com isso, mesmo que de forma pontual, se garante a soberania alimentar aos mais velhos, compreende-se que há uma promoção da saúde ligada a cultura e a religião bijagó. Como Indjai apresenta "tem a função de defender a *tabanca* dia e noite, trabalhar duramente para alimentar os mais velhos, manter a paz e estabilidade social" (2017, p. 25).

3.2.2. Badjudasinhu/mindjer[50]

As mulheres dentro da tradição Bijagó segue igual ao homem até certa idade, depois seguem um caminho e categoria diferente, anteriormente já debatido sobre os meninos e homens, agora trazer a importância das meninas e mulheres, até retornarem ao ponto onde os dois gêneros se encontram novamente.

Houve questionamentos sobre ter passado pelos rituais durantes e as respostas foram apenas positivas ou negativas, sem muito aprofundamento. Quando conversado sobre o assunto com Sanhá e Emanuel Ramos, eles informaram ser bastante reclusos o das mulheres. Alguns dos homens são mais abertos e visíveis, o

[50] Meninas/Mulheres

das mulheres é mais restrito. Diante dessa informação, aquilo relatado será a partir de escritos e a divulgação será para apresentar a cultura rica dessa etnia. Mas cabe expor que até algumas das informações postas em outros livros, deixarei oculto, pois "Acredita-se que a divulgação de informações sobre fundamentos da comunidade seja capaz de tirar a vida de quem as revelam de maneira profana. 'É sagrado'" (FERNANDES, 2021), mesmo não profanando contra a religião, é preferível abandonar certos assuntos abordados pelos outro. Com respeito mais profundo a cultura desse povo, apresentarei a importância da passagem das mulheres, o motivo do sagrado, as relações ancestrais e a promoção da saúde a partir de suas práticas.

Em Formosa esse ritual das mulheres, quando há uma diferenciação de gênero é chamado de *Manraz Ékanto*, e se divide em 3 fases: "11 a 15 anos de idade, é a mais rígida de todas; a segunda etapa, que ocorre entre 17 e 25 anos de idade e guarda semelhanças com a primeira, e a terceira e última etapa, dura até os 45 anos" (FERNANDES, 2021, p. 6 e 7).

Já se foi falado sobre a liberdade das mulheres Bijagós, de como só Colonizadores as viam diante de tais atitudes. Mas essa permissividade se dava a partir de certa idade. Se elas não tivessem realizado a primeira fase, "é aconselhada a não se envolver sexualmente até que entenda as suas futuras decisões" (FERNANDES, 2021, p. 7). Isso não sendo um ato proibicionista, seria mais uma forma delas tomarem certas decisões enquanto ainda são crianças.

O ponto alto e importante para as mulheres, ainda nessa fase em que elas são consideradas crianças, é a dança do defunto[51], que apresenta o valor, também, das pessoas mortas, sejam eles ancestrais ou não. Quando a menina abre seu corpo para que um *mininu* faça seus ritos de passagens pois não conseguiu fazer esse momento, pois faleceu antes de chegar o período, para assim o espírito possa chegar até onde todos da etnia gostariam de chegar, junto aos ancestrais maiores deles (SILVA, 2000; FERNANDES, 2021). Aqui compreende-se o valor concedido as *badjudas*, podendo até ser entendida como sagrada.

[51] Designação crioula para ritual de iniciação feminino, durante o qual as jovens se transfiguram cos rapazes que morreram antes de realizarem a sua iniciação (SILVA, 2000, p. 77)

O lugar para esse rito é específico, sagrado e proibido para homens (SILVA, 2000). Dentro do conselho de anciões é decidido a *oquinca*[52], que será responsável por acompanhar as meninas durante o seu ritual (SILVA, 2000). Essa passagem tem um tempo específico dependendo da ilha, Fernandes (2021) aponta que pode variar até 9 dias, já Silva (2000) apresenta como vários dias. Por não haver uma diferença significativa de ritual entre a primeira e a segunda fase da mulher, pode ser que elas apresentem o período em categorias diferenciadas, e eles só ocorrem a cada 6 anos.

Todas as 3 etapas têm semelhanças, onde "as duas últimas etapas são complementares e necessárias para conclusão simbólica deste ciclo de formação social (FERNANDES, 2021, p. 8). Na terceira etapa é só para finalização, mas é uma forma delas compreenderem a importância e o processo de coletividade. Se elas não terminarem o processo de ascensão da categoria etária, a menina/mulher não poderá participar de momentos considerados importantes para a comunidade, inclusive ser enterrada nos preceitos da etnia Bijagó (FERNANDES, 2021; SILVA, 2020).

Apresentar, mais uma vez, que as meninas/mulheres da *tabanca* tem a importância por ajudarem aquelas almas que já se foram a completarem seus rituais tão sagrados para os bijagós. Por essa etnia ter em sua cultura e religião a importância das almas, pois para eles a vida não se encerra com a morte, ali é atingido um ponto maior em que você passa a estar junto aos seus ancestrais. Mesmo com as informações mais reduzidas que as apresentadas para os *minino/omi*, pode ser verificada a importância de cada uma delas

Por fim, compreendendo o processo ancestral, religioso e cultural, verificando as relações com a natureza e com o chão, parte-se a entender a criação da Área Marinha Protegida Comunitária Ilhas de Urok.

[52] Mulher grande – anciã – "aplacadora dos irãs da geração dona-do-chão" (SILVA, 2000, p. 78)

3.3. *Kumunidadi ku ta tadja, ku ta bisia*[53]: Área Marinha Protegida Comunitária das Ilhas de UROK[54]

Foi diante desse processo de vivenciar e observar os acontecimentos e a importância da comunidade e como eles protegem e preservam o ambiente, que vi a necessidade de ampliação e compreensão da AMPC ilhas de UROK como uma forma de promoção da saúde, assim compreendendo que conservar, preservar e proteger a biodiversidade marítima e terrestre, pois esses trazem além da alimentação, também as condições necessárias para a vida – educação, saúde e econômica.

A criação se deu em conjunto da população Bijagó da área, juntamente com a Tiniguena e o IBAP, que entenderam a importância, mas também vinham um aumento nas trocas comerciais.

> assim como as influências do exterior, originadas principalmente pela chegada de um número cada vez maior de populações vindas do exterior, em busca de recursos abundantes, os haliêuticos em particular. Isso tem-se trazido na pressão crescente sobre algumas espécies, no enfraquecimento das regras tradicionais de gestão e no empobrecimento das populações residentes" (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, 2005, p. 2).

Essa preocupação é válida, já que podem ser verificadas ilhas sendo vendidas para pessoas, principalmente estrangeiros, como ilhéus que anteriormente eram inabitados hoje possuem hotéis ou pousadas. Isso pode parecer bom para as questões turísticas do país, mas pode ser problema para questões ancestrais, étnico culturais e religiosas.

Apreender território saudável antes de analisar a criação da área protegida e a importância da comunidade nessa fiscalização é de suma importância. Por isso, compreende-se como território saudável o "espaços relacionais e de pertencimento onde a vida saudável é viabilizada, por meio de ações comunitárias e de políticas públicas, que interagem entre si e se materializam, ao longo do tempo" (MACHADO et al, 2017, p. 246), que é aquilo que observa-se dentro do AMPC, apesar dela não ser denominada como uma política pública, é tida como uma política de valor nacional,

[53] Comunidade que protege
[54] Ler o anexo I, lá apresenta a legislação para criação da área.

internacional e o mais importante, que tem relevância cultural, religiosa e ancestral, que é algo que compete na compreensão, já que os resultados "visam a atingir o desenvolvimento global, regional e local, em suas **dimensões ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais**" (MACHADO et al, 2017, p. 246). Ainda se pensando em território saudável, pode-se trazer como uma vertente para que se tenha a promoção da saúde e vice-versa.

Aprofundando o debate iniciado no capítulo metodológico "*Kamiño di konstruson da tese*: um conto do campo", onde foi informado sobre a gestão comunitária das Ilhas de Urok, trago agora, após a compreensão do contexto de criação, como os *bidjugu*[55] dividem a gerência dentro dos comitês de geral e o de ilhas.

A Área Marinha Protegida Comunitária Ilhas de UROK teve a promulgação no Boletim Oficial número 28, no dia 12 de julho de 2005, a assinatura do Governo data do dia 17 de março de 2003. Sendo "uma rede de Áreas Marinhas Protegidas na África Ocidental, **gerida por instituições fortes de forma participativa, que valorizam a diversidade natural e cultural**, para contribuir para o desenvolvimento durável da região" (BOLETIM OFICIAL, 2005, p. 1, grifo nosso). Assim, observa-se também a partir da função das ilhas de UROK se relaciona diretamente com o entendimento de um território saudável, pôr nas duas valorizarem o natural e o cultural, além de ser gerida e fiscalizada de forma participativa e tendo sua importância nacional e internacional. Também pode ser destacado que a construção que determina e torna a área especial é a de que foi por "vontade das comunidades locais que se iniciou o processo de sua criação" (2º PLANO DE GESTÃO, 2013 p. 9). Apesar da criação da AMPC ilhas de Urok datar 2003/2004, a chegada da ONG Tiniguena na Ilha de Formosa foi um parceiro que contribuiu no processo de sua criação.

Sabendo que um dos deveres da comunidade da Ilhas de Urok é protegê-la, se torna melhor a compreensão da criação da AMPC. Depois que o Arquipélago dos Bijagós deixou de ser uma Área Protegida e passou a ser uma Reserva da Biosfera, entendeu-se a necessidade de resguardar a área, por compreender as áreas de maior fragilidade, e também pela compreensão dos valores religiosos ancestrais e sua interação com a natureza.

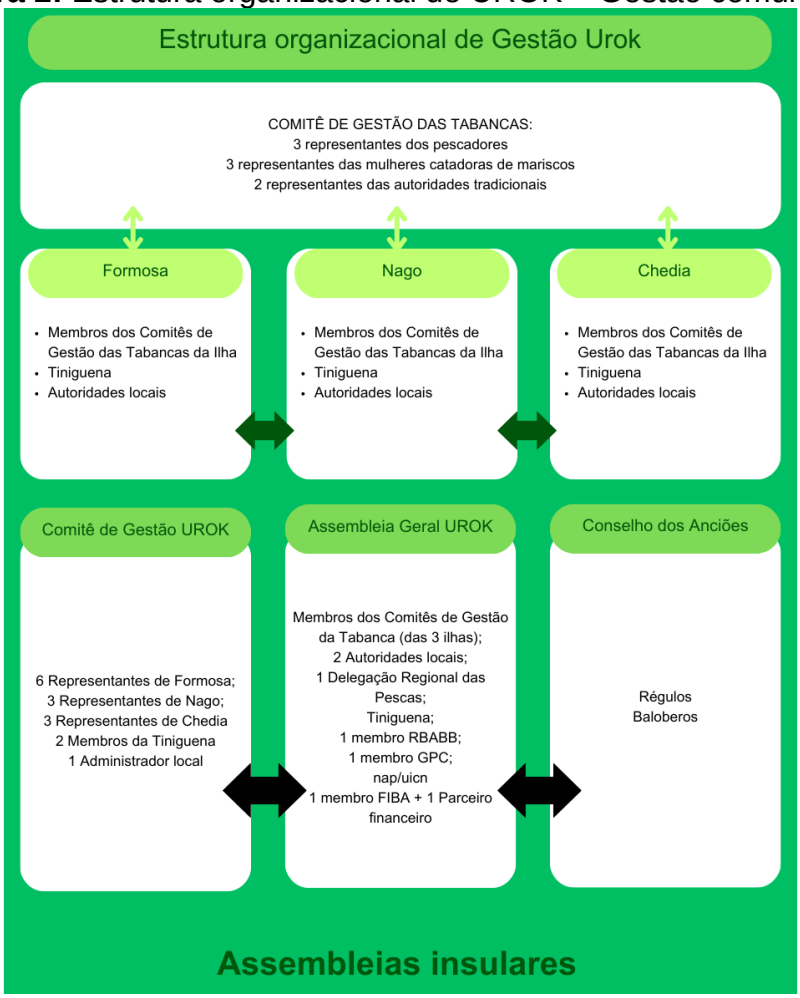
[55] Bijagó

A gerência e a tomada de decisão sobre o conjunto das ilhas de UROK, podem estar ligadas a algumas categorias etárias. Entendendo que as decisões das *tabanca*s são deliberadas nas reuniões dos *garandis*, essas são levadas para o comitê de gestão das ilhas de Urok e a deliberação sobre as questões que passaram por essas reuniões são decididas nas assembleias gerais. As assembleias são mais amplas e é composta por

> 173 delegados destas populações têm assento nas assembleias insulares e da Assembleia Geral UROK e onde as autoridades tradicionais locais vêm o seu poder reconhecido e reforçado no seio do Conselho dos Anciãos que integram. O lugar das comunidades é igual preponderante no seio do Comité de Gestão onde têm 12 representantes entre os 16 membros que o integram. (2º PLANO DE GESTÃO, p. 9

Como pode ser observado e já falado, os Anciãos têm um peso nas tomadas de decisão, e a deliberação da criação da área vem a partir deles por uma questão religiosa cultural. Outro ponto que podemos apresentar sobre o conselho dos anciões, é que são compostos pelos *régulos* e os *balobeiros*, sendo aqueles os chefes das *tabanca*s e o segundo são os sacerdotes ou sacerdotisas (INDJAI, 2017), que já passaram por todos os rituais de passagem e hoje contém a experiência para estar em contato direto com os ancestrais. Para melhor compreensão da estrutura organizacional, verifica-se o fluxograma a seguir:

Figura 2: Estrutura organizacional de UROK – Gestão comunitária



Fonte: Plano de Gestão Urok (2014) Adaptado.

As decisões são tomadas por um coletivo, sendo sempre debatida e a decisão é um consenso pensando no melhor para a área, para cultura e a população. A melhor forma de compreender a figura anterior fazendo uma leitura do processo de gestão comunitárias e as tomadas de decisão. Também é importante destacar que os problemas, soluções e dúvidas sobre todas as ilhas do Arquipélago dos Bijagós são debatidas nas Assembleias Insulares.

A AMPC ilhas de Urok é além da proteção ambiental, também é uma forma de tentativa de preservar a cultura e a religião da hegemonia globalizada. Além do mais, existem áreas proposta dentro mesmo do plano de criação que permitem o uso se for para a realização de seus rituais (Anexo I)

3. Kontrola[56]

A fiscalização é de suma importância para a AMPC Ilhas de UROK, e isso pode ser observado várias vezes durante o campo. No dia 13 de novembro de 2023, durante uma visita, após a saída da porção central das ilhas de UROK – a barriga –, avista-se uma pequena embarcação realizando a pesca. O bote que estávamos inicia a aproximação. Prontamente um dos marinheiros do barco se apresenta como polícia comunitária e o coordenador solicita que apresentem a licença para a pesca. Como naquela área não é permitida a pesca com rede de arrasto – por se tratar de uma área de reprodução, foi confiscada a rede (Fotografia 15) e solicitado que eles se retirassem do local, e que se fossem encontrados mais uma vez ali, iriam ser detidos e só sairiam com o pagamento de uma multa.

> A comissão de Multas do sistema de fiscalização marítima, destinada a estatuar sobre o seguimento a dar às infrações às regras de pesca [...] A ONG Tiniguena e o Estado, representado pelo IBAP, são igualmente parte implicada neste sistema de governação, assumindo as suas responsabilidades em particular no acompanhamento do processo e reforço das capacidades e do poder das comunidades no domínio do controlo do seu território (2º PLANO DE GESTÃO, s.d., p. 9)

[56] Fiscalização

Fotografia 15: Fiscalização que resultou na apreensão da rede de pesca[57]



Fonte: Acervo de campo 13 de novembro 2022 – Ilhas de UROK
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

As redes aprendidas durante as fiscalizações são todas levadas para a sede na ilha de Formosa, e são queimadas. Pensando que a apreensão realizada não será utilizada por outras pessoas.

[57] Após a apreensão enquanto se andava no mar avistou-se uma tartaruga que estava sofrendo, com aspecto de cansada. Ela foi retirada da água e colocada no bote, mas já estava muito fragilizada e acabou morrendo. Acredita-se que ela possa ter ficado enroscada em uma rede e como não era do interesse foi descartada. Sabe-se o quão prejudicial é a utilização de redes de arrasto, pois animais que não são de importância para os pescadores são descartados no mar – estando mortos ou vivos –, e esse fato ocorrendo dentro de áreas de proteção é mais grave ainda.

4. *Purjetus ku ten na djiu di Urok* [58]

A importância que se coloca em relação aos projetos da Tiniguena nas ilhas de UROK é quando eles buscam em campo e cientificamente compreender a realidade da população local, quais as suas fragilidades e como podem trazer melhoras para o local. Além de atuar em todo o país com várias vertentes (Apêndice I), a ONG também participou na construção, criação e na governança da AMPC ilhas de UROK, hoje um espaço de grande importância nacional e internacional. Para isso, entender os projetos Tiniguena nas ilhas de UROK, ajudará a compreender a entender a eficácia a emancipação das mulheres e a promoção da saúde.

O primeiro contato da ONG Tiniguena com a AMPC ilhas de Urok, foi anterior a criação da área. Emanuel Ramos, em uma das conversas informou que a ONG chegou em 1994 (Conversa informal, novembro 2022), mas anterior ao momento de chegar, pensar e aplicar os projetos, as autoridades tradicionais e dos representantes de Formosa, de Bubaque e de Orango convidaram a ONG para uma visita, para que observassem as condições da população – esse fato ocorreu durante a inauguração da Casa do Ambiente e Cultura em Bubaque (PLANO DE GESTÃO DA ZONA COSTEIRA DAS ILHAS FORMOSA, NAGO e CHEDIÃ (Ilhas Urok, 2003). Na primeira vez que foram as ilhas e puderam verificar como a população vivia, e qual a base da alimentação (Conversa informal com Ramos, novembro 2022).

Desde a primeira vez da ONG nas ilhas até a atualidade, se vive uma dificuldade em relação ao isolamento, muitas das ilhas não possuem transporte regular para fazer a rota da capital para as ilhas, os poucos transportes que existem saem em dias específicos da semana.

Verificando todas as necessidades da comunidade, que a Tiniguena inicia a construção dos projetos. Sabe-se que de 2018 até 2023 foram 4 implementados e finalizados 3 projetos, sendo eles: "*ETIKAPUM*: Resiliência da cultura Bijagó; *ASAD*: Desenvolvimento de agricultura de base agroecológico na região sul do Arquipélago; *TIBANKATERO*: Inovação para uma agricultura familiar resiliente ao clima nas ilhas Bijagôs; ACF-AO: Ação climática feminista na África Ocidental" (Conversas informal com Sanhá, 2022), todos buscando pensados e executados e baseados em um

[58] Projetos nas Ilhas de Urok

desenvolvimento contra-hegemônico. Isso dentro da perspectiva de ancestralidade e resiliência Bijagó – como vem sendo observado - e da própria ONG Tiniguena.

O penúltimo projeto que foi implementado é "*Tiban Ankatero*, Integração de aspectos culturais, agroecológicos, territoriais e climáticos para uma agricultura familiar resiliente ao clima nas ilhas de Urok – Guiné-Bissau". O objetivo do projeto era "Aumentar a capacidade de adaptação da agricultura familiar nas ilhas Urok para enfrentar os desafios das alterações climáticas e garantir a segurança alimentar, o rendimento económico dos/as agricultores/as, e a sustentabilidade ambiental dos sistemas de agricultura familiar" (CITAR O RELATÓRIO). Já seus objetivos específicos eram "implementar soluções técnicas inovadoras para melhorar o desempenho dos/as agricultores/as e reforçar a resiliência climática da agricultura familiar em Urok; Controlar a expansão dos sistemas agrícolas tradicionais de planalto através de uma proposta do ordenamento participativo dos espaços terrestres estancando a desmatação; Implementar um sistema de previsão climática para a tomada de decisão sazonal de cultivo de culturas anuais e perenes", atendendo as Ilhas de Formosa, Nago e Chediã, sendo os grupos alvos um total de 600 pessoas, sendo 332 agricultores de planalto; 223 mulheres da horticultura; 45 jovens agricultores.

O seu encerramento foi em dezembro de 2022 com uma reunião em que participaram a comunidade local, representantes dos financiadores e coordenadores dos projetos das Ilhas de Urok. Neles foram debatidas questões de que foram observadas durante a implementação do projeto. É a partir dele, principalmente, que irá ser verificado todas as questões presentes no último capítulo.

Dentro do projeto sempre são selecionadas mulheres para que participem das formações e assim elas poderem disseminar o aprendizado com as outras (RELATÓRIO PROJETO TIBAN ANKATERO TINIGUENA, 2023), sendo elas porta voz da Tiniguena para com a comunidade, além de propagar o conhecimento ancestral e o conhecimento aprendido na capacitação.

5. Blanha di arus

Dentro do processo descrito anteriormente – na perspectiva da etnia Bijagó, da AMPC das Ilhas de Urok – se tem as produções, como cultivo de arroz, as hortas comunitárias e os quintais produtivos. Eles vão ser apresentados e no próximo capítulo vai ser realizado um aprofundamento a partir da perspectiva das contra-hegemonias das mulheres camponesas e a promoção da saúde.

O cultivo de arroz é feito em uma área onde inicialmente é queimada para que toda a floresta seja retirada e assim dar espaço para o cultivo. Para essa plantação há uma diferenciação no trabalho, os homens participam, principalmente, no início do processo, que é na derrubada e queimada da mata. O espaço onde é feito o cultivo é denominado de **Lugar**. A primeira impressão é que a área foi degradada e não haverá recuperação, pois houve a queimada e apenas os troncos das palmeiras ficam de pé (Fotografia 16), mas dentro dos projetos e da própria perspectiva bijagó, já se pensa no processo de utilização e recuperação das áreas.

Fotografia 16: Cultivo de arrroz na ilha de Chediã



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022. Lugar da *tabanca* de Botai – Ilha de Maio
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Após a finalização do ciclo de arroz o espaço passa a ser recuperado, ali deve ficar no mínimo 7 anos sem ser utilizado para que a floresta retome seu espaço como observado na fotografia 17. Isso pensando em um processo de regeneração da área,

dentro de uma perspectiva da cultura Bijagó de respeito e relação mútua com a natureza.

Fotografia 17: Campo utilizado como Lugar no ano de 2021, já sendo recuperada



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022. Ilha de Formosa
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Sabe-se que o campo para a produção de arroz é único para cada *tabanca* e é cada um sabe onde inicia e termina sua produção.

Percebeu-se que as únicas plantas que ficam em pé, sem serem derrubadas são as palmeiras, essas têm relação com o sagrado cultural e religioso dos Bijagós, por delas poderem retirar o alimento, palhas e o vinho de palma – esse último tem relação com o divino utilizados em ritos da etnia – por isso o motivo da preservação da área e da planta.

3.4. *Kansera, disabensa ku mandjuandadi* [59]

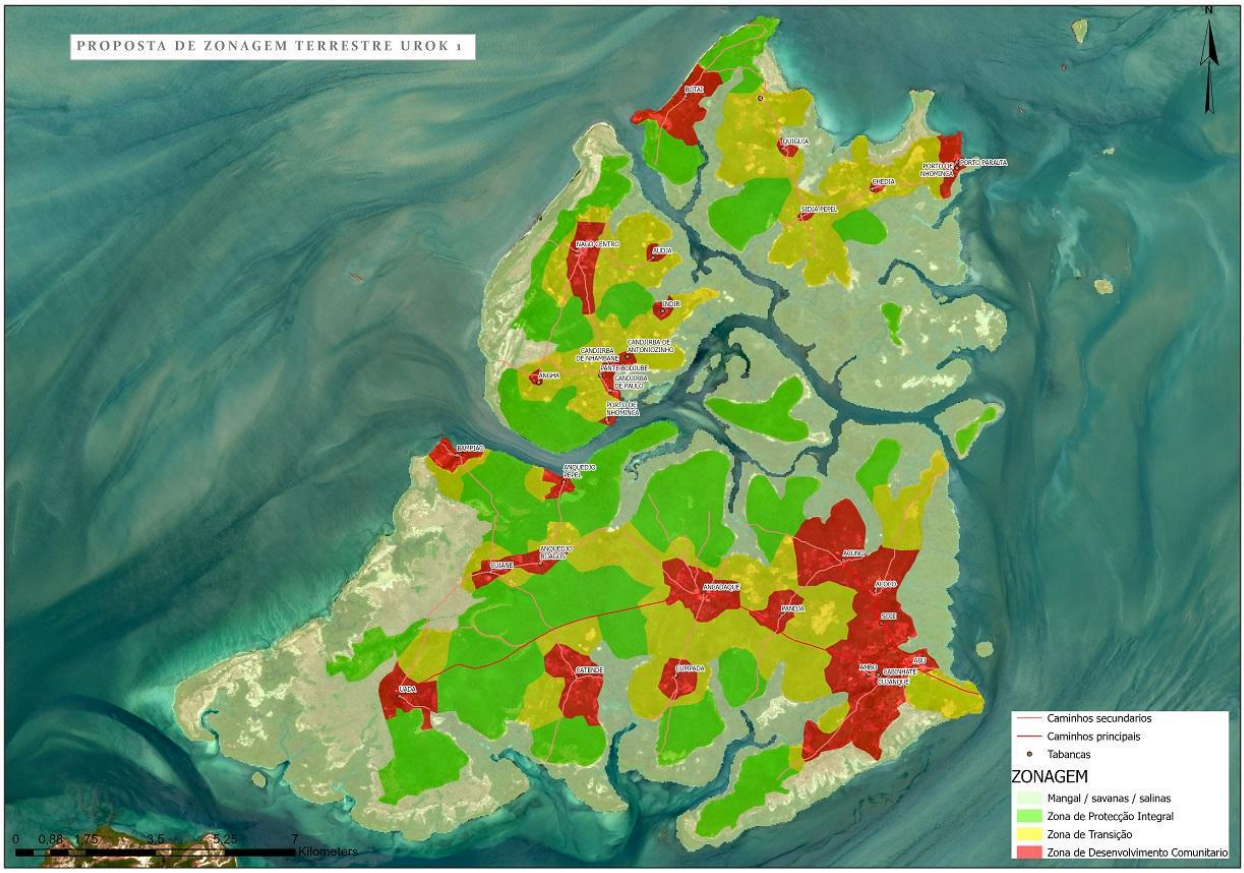
Cabral (1978) apresentava as contradições da luta, ampliando para além daquele momento em que foi apresentado pelo autor. Apesar das ligação da etnia Bijagó com a natureza, da proteção da área, pode ser observado um crescimento nas plantações de caju nas ilhas, anteriormente essas eram pequenas. Pode relacionar essa situação ao capitalismo globalizado que apresenta a população a necessidade de uma homogeneização das pessoas, das culturas e as produções, esse sendo um perigo para a população Bijagós – sua cultura, religião e cultivos.

Desde 2001 pode ser observado um aumento nas áreas de plantação de Caju. Esse debate foi apresentado por Emanuel Ramos durante o encerramento do projeto do projeto *Tiban Anketero*, onde o mesmo trouxe que esse processo pode ser prejudicial, pois esse avanço pode chegar até as áreas de Proteção integral (figura 3), coube lembrá-los que a proteção e o controle dessas áreas são realizados por eles.

Sabe-se que a produção de caju é uma das fontes mais importantes para o país, isso pelo fato de ser a castanha de caju "o principal produto de exportação, tendo representado, em 2017, cerca de 98,7% da exportação global e 23,9% do PIB" (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, s.d., p. 11). Mas da mesma forma que ele se apresente com a sua importância, em outro ponto de debate, dentro do documento citado, pode ser apresentado como um problema para como o Programa Nacional de Investimento Agrícola (PNAI), onde aponta que se tem "uma alta concentração de agricultores no cultivo de caju" (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, s.d., p. 58)

[59] Dificuldade, Contradições e Coletividade

Figura 3: Divisão territorial das Ilhas de Urok - quanto a uso e ocupação do solo



Fonte: Relatório *Tiban Katero*

Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

O projeto de monitoramento do crescimento das áreas de plantação de caju tem a sua relevância, pois é uma verificação e controle realizado pela ONG na área, e para que a população local compreenda os impactos dessas ações na AMPC, além de observar o crescimento – como foi exposto os mapas desse projeto na reunião de encerramento do projeto em novembro de 2022 (figura 3).

Cabe evidenciar que toda realidade é posta e apresentada diante de contradições – aqui expõe-se o fato das plantações de caju que vem crescendo dentro dessa área –, mas vale salientar que muito se focou na área marinha e "negligenciou" a terra e que hoje inicia-se o debate sobre as problemáticas (Fala de Emanuel Ramos, dezembro de 2022 – reunião de finalização do projeto Tiban Katero). Essa desatenção pode ter ajudado a causar essa situação.

Fotografia 18: População das Ilhas de UROK observando os mapas durante reunião de encerramento



Fonte: Acervo de campo, dezembro de 2022 – Sede da ONG Tiniguena - Bissau
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Várias são as contradições observadas, e todas essas podem ter consequências a longo prazo, principalmente frente a ausência do Estado, e por serem eles quem devem conservar e preservar a área. Mas, assim como acontece no ponto debatido anteriormente, também foi visto locais de captura de peixes (Fotografia 18) em áreas que a pesca só é permitida se for para subsistência e segundo Sanhã essa forma de pescar a captura de peixe é maior do que o para a subsistência (conversa realizada em dezembro de 2022), assim sendo considerado ilegal.

Fotografia 19: Armadilha ilegal para pegar peixe



Fonte: Acervo de campo, dezembro 2022. Ilha de Nago (ou Ponta) - Urok
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Isso citado anteriormente ocorreu próximo a ilha de Nago, logo após as entrevistas realizadas com a mulheres da ilha. E aquilo que se observou das conversas, da reunião do fim do projeto *Tiban Katero* e das conversas com os integrantes da Tiniguena nas Ilhas de UROK, que apesar de vários processos bem desenvolvidos, lá pode ser verificada questões específicas.

Além da pesca, das mulheres entrevistadas, as únicas que informaram fazer uso de veneno quando apareciam pragas, foram as mulheres da Ilha de Nago, algumas nem buscavam repelentes naturais, isso indo de encontro com os preceitos da etnia Bijagó, como também dos ensinamentos da ONG Tiniguena. Existindo a contradição duas vezes, por elas compreenderem que a alimentação é saúde, por utilizarem as plantas como remédio e mesmo assim fazerem uso de agrotóxicos. Quando questionado qual utilizavam, elas não souberem informar qual o nome, falando que foi uma pessoa que indicou utilizar o veneno nas plantas (conversa informal realizada na ilha de Nago[60]). Isso trazendo vários prejuízos para elas e todos das *tabancas* já que não tiveram nenhuma formação para a aplicação, como também podem estar aplicando a quantidade errada (seja para mais ou para menos), pois pode existir um problema de comunicação, por:

[60] A conversa foi realizada com as mulheres após as entrevistas, enquanto Sanhá distribuía as sementes.

> a linguagem contida nos rótulos dos agrotóxicos é de difícil entendimento para os pequenos agricultores o que pode dificultar a aplicação (REGALA, 2019, p. 95)

Isso, como já apresentado, sendo prejudicial para a população, para o ambiente e para a saúde. Percebe-se a importância da correlação da etnia Bijagó e da natureza, mas também deve-se atentar a várias questões que possam vir a ser prejudiciais a esses mesmos pontos, que estão relacionados ao capitalismo e ao mundo globalizado. Como é o caso daquilo que foi debatido no capítulo metodológico *"kamiños di konstruson* da tese: um conto do campo", sobre as questões climáticas que prejudicam o nível do mar, mas também vem afetando os períodos chuvosos de seca, pois a grande maioria do cultivo deles são de acordo com as chuvas que caem no país, como o arroz e o feijão (Conversa com Sanhá Correia, novembro e dezembro de 2022). E as contradições ocorridas, debatidas neste mesmo capítulo, diante das formas de produção capitalistas que trazem algumas imposições e modificações na forma de cultivo, relações sociais, econômicas e políticas na área.

Outro processo dentro do debate é que vem acontecendo uma distinção de classes, onde antes era observada apenas quando se relacionava as questões etárias já citadas. Hoje já se verifica um poder aquisitivo que permitem que se compre o motor para o barco – isso é de grande ajuda para escoar a produção, que é um ponto muito apontado pelas mulheres –, também surgem "novos conceitos de vida e ideias [que] são vivenciados, existem outros modelos que podem vir a ser seguidos" (SILVA, 2000, 123), a mesma autora aponta que pode acontecer nessa prática, é o de descumprimento das práticas culturais ancestrais etárias.

Cabe expor que não se defende que eles não possam ser inseridos na lógica, mas que devem observar os cuidados nessas colocações. O mais importante é a tentativa contrária, ao invés de incorporar as lógicas capitalistas dentro da cultura bijagós, seria intercalar e adaptá-las sem prejuízo a população, a natureza, a religião e ao sagrado. Pois os exemplos da primeira incorporação são desastres constantes.

Não se pode ignorar certas situações vividas pelos povos da Guiné-Bissau, em especial o povo Bijagó. Como debatido no capítulo anterior, mesmo após a libertação

a população ainda vem sofrendo com as instabilidades políticas e com a ganância dos governos. E nas ilhas de Urok pode ser observado todas essas consequências.

As escolas presentes nas ilhas foram construídas com verbas dos projetos da Tiniguena, essas vem sofrendo com a falta de professores e de merenda. As ilhas não possuíam escolas e a ONG as construiu a partir de uma promessa de que o fornecimento professores ficaria a cargo do Estado. Esse acordo ocorre, mas há uma dificuldade na contratação e permanência desses nas ilhas.

Os barcos saindo de Bissau para as Formosa acontece só nas sextas feiras e o retorno é no domingo, então se encontra uma dificuldade de deslocamento para elas e eles. O problema é maior quando se trata das outras ilhas, que é necessário ir até Formosa e buscar formas de fazer a travessia entre as ilhas. Também se encontra adversidade para a aquisição de merendas. Assim como ocorre em localidades onde existe um baixo IDH e onde uma grande parte da população vive abaixo da linha da pobreza, muitas mães e pais colocam seus filhos nas escolas pensando no ensino, mas sabendo que ali a criança ou adolescente conseguirá realizar ao menos uma refeição por dia (Conversa realizada com Sanhã e Sanka em nov. e dez. de 2022).

Pensando na dificuldade com o deslocamento e a estadia dos professores, a população da *tabanca* de Abu vem construindo um alojamento (Fotografia 20) para que eles possem se instalar enquanto estão de passagem na ilha. Todo o material da construção é preparado por eles com os produtos que eles retiram da natureza – os tijolos e a massa para assentar.

Fotografia 20: Construção da casa dos professores na tabanca de Abu – ilha de Formosa

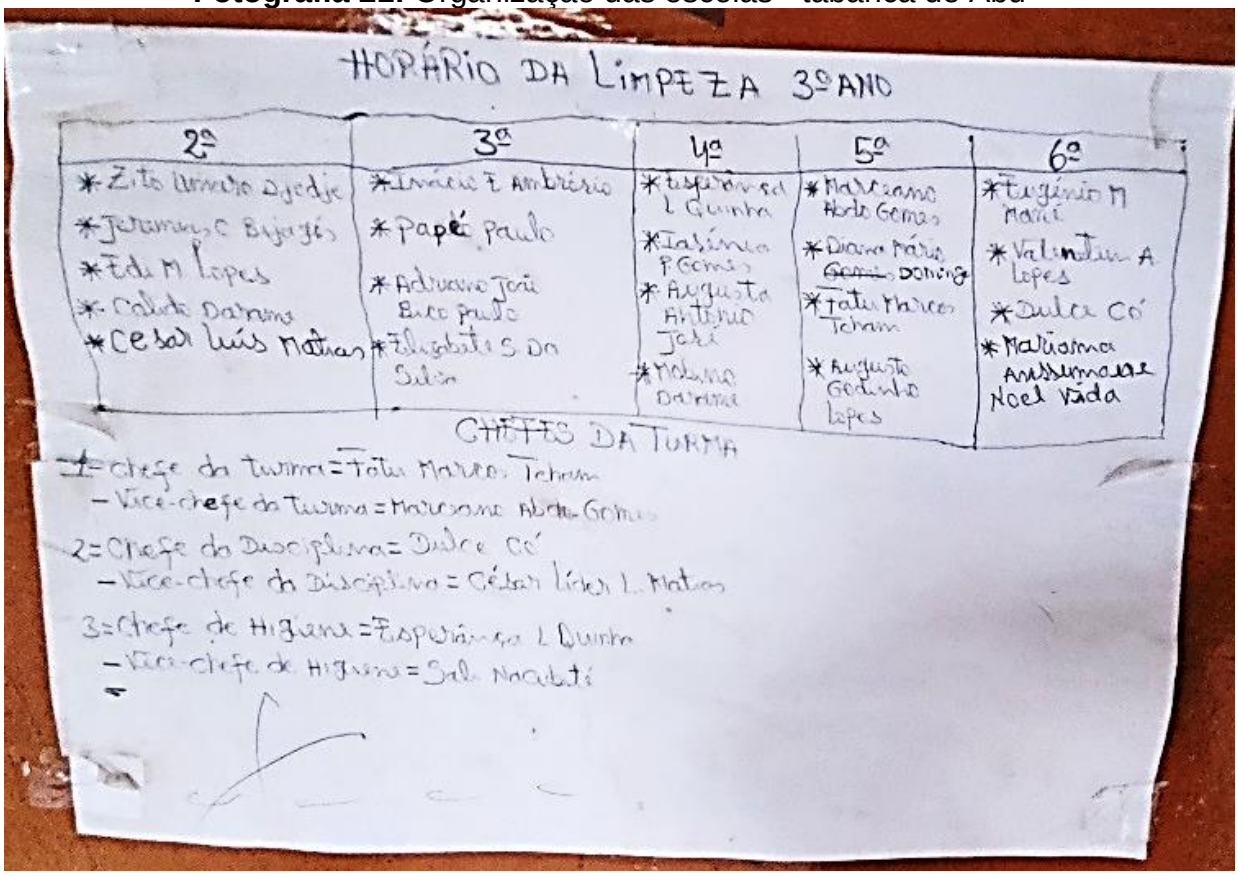


Fonte: Acervo de campo, dezembro de 2022 – *tabanca* de Abu – Ilha Formosa
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Por muito tempo não havia escola nas ilhas, mas um dos projetos aprovados pela Tinguena conseguiu fazer a reforma de um dos espaços e construir outros, (conversa Sanhá, novembro de 2022). Sanhá informou que só em 2019/2020 que os professores iniciaram seus trabalhos na escola, pois muitos atribuíam aulas pelas regiões, e muitas das vezes eram alocados em escolas que não gostariam de ministrar aulas e desistiam, só quando essa incumbência passou a ser por escolas, facilitou e houve a diminuição do abandono (conversa realizada em novembro de 2022). "Antes, quando os professores desistiam, eram as pessoas que haviam terminado o ensino médio que ajudavam os outros alunos" (Conversa com Sanhá realizada em novembro de 2022).

Como já apresentado, as mães e os pais das alunas e alunos que são responsáveis pela alimentação escolar, isso ao menos da Ilhas de Formosa, na *tabanca* de Abu. Além dessa responsabilidade das mães e pais, os alunos têm a de organização e manutenção do espaço, onde aqueles que frequentam as escolas tem a responsabilidade de limpeza e arrumação das salas.

Fotografia 21: Organização das escolas - tabanca de Abu



Fonte: Acervo de campo, dez de 2022 – *tabanca* de Abu – Ilha Formosa

Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Na porta de cada uma das salas podiam ser observadas placas (Fotografia 21) feitas pelos próprios alunos, nelas eram indicadas as funções pelos dias da semana. No entendimento e pela realidade, como questões ambientais (as ruas serem de barro a poeira se apresentar em maior quantidade e as escolas ser cercada de árvores), além da falta de uma gestão escolar, investimento do governo, que faz com que não haja um funcionário para realizar a função. Mas a questão cultural da etnia, a coletividade se faz presente até nas escolas.

Mesmo sendo pública, ainda é necessário o pagamento para que as crianças e os adolescentes estudem. Sanka informou que a escola construída pela TIiniguena na ilha de Maio foi desativa[61], pois além da dificuldade de professores, somada ao pagamento do ensino e a falta de merenda – essas eram fornecidas pelas mães e

[61] Hoje funciona como depósito para os materiais que são utilizados pelas mulheres na horta comunitária. Elas guardam durante o período de plantio e colheita do arroz. Imagens no apêndice.

pais das alunas e alunos –, existem as igrejas evangélicas (pentecostais e neo-pentecostais), que oferecem educação e merenda (conversa realizada em dezembro 2022).

Essa relação existente entre as igrejas e as escolas evangélicas, podem trazer um apagamento cultural, inclusive sendo preocupação das pessoas mais velhas da etnia

> "Nós, os omi garandi, sabemos que a cultura Bijagó está a acabar. Os velhos não podem fazer nada. A igreja e a escola vão acabar com a cultura Bijagó. A única coisa que podíamos fazer era proibir os meninos de ir à igreja. A escola sozinha não tem problema, mas, com a igreja evangélica, tem" (SARAIVA, 2015, p. 89).

Os pastores evangélicos estão muito presentes em toda a Guiné-Bissau, eles trazem ajudas e levam esperança para lugares que o Estado abandona, mas as consequências podem ser as mais diversas, **a crítica apresentada não é a todos os pastores e as pastoras evangélicas**, mas a uma porção deles que ajuda e traz a obrigatoriedade da conversão, na busca apenas de novos fiéis. Essa análise não se restringe apenas aos já citados, mas a todas as religiões que a partir de ajudas a aqueles que precisam, impõem sua crença e se utilizam das fragilidades do outro.

Diante de uma sociedade que sofreu o processo de escravização e colonização, de homem, branco, hetero, burguês e cristão, hoje eles sofrem com a neocolonização que sorrateiramente realiza pontos semelhantes daquilo (FANON, 1997). Mesmo com todo o processo de sofrimento, e o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) na atualidade, o branco ainda é visto com admiração, mas em uma relação apresentada como se ali apenas existisse o desenvolvimento, o progresso e salvação[62].

Ainda se tratando da problemática relacionada com as igrejas nas Ilhas de Urok, no início da conversa com uma das mulheres, foi perguntado seu nome, prontamente ela responde, uma das suas amigas que estavam por perto falou outro nome. E a entrevista respondeu primeiro com o nome que foi dado após as cerimônias e o falado pela sua amiga era o novo nome, depois que ela entrou para a igreja

[62] Em vários momentos das idas a Guiné-Bissau, seja quando ia de visita a família ou em trabalhos de campo, ouvi esses relatos, seja de pessoas próximas ou aquelas que se conhece durante a vida. Ouvir que a pele branca é mais bonita que a pele preta.

neopentecostal. Como apresentado por Saraiva (2015), em uma de suas entrevistas "Nessa altura, um muçulmano tinha de ter um nome cristão para ser admitido" (SARAIVA, 2015, p. 40), esse entrevistado apresenta a situação daquilo que se passou durante sua vida na época colonial, mas que agora se apresenta dentro da hegemonia do neocolonialismo.

Das conversas tidas com Sanhã, Sanka e Ramos, eles só apresentaram esse processo citado anteriormente quando estavam relacionadas a **algumas** evangélicos (pentecostais e neopentecostais), quanto ao islamismo a convivência é respeitosa, inclusive como apontada "Eu era muçulmano, mas fazia as *rónias*[63] bijagós por interesse próprio e fazia cerimónias católicas por obrigação" (SARAIVA, 2015, p. 40).

Em uma pesquisa realizada por Saraiva (2015) sobre os sítios sagrados do arquipélago dos Bijagós é apresentada todas os tipos de opinião, essas fazem pensar aquilo debatido anteriormente sobre não rejeitar o progresso, mas quando ele vem unido com apagamentos culturais, frente a uma obrigatoriedade de mudança em trocas por escolas ou alimentação ou medicamentos, também com o falso discurso de que a cultura bijagó é satânica ou apontar que as mazelas sofridas pela população é culpa da sua religião ou cultura e que só a religião do branco é o progresso e por esse fato eles possuem o desenvolvimento, bens materiais. A autora também apresenta a fala de um dos entrevistados sobre a relação com o homem branco "As pessoas vão à igreja evangélica pela admiração que têm pelo homem branco[64]…" (SARAIVA, 2015, p. 9).

Mais adiante vai ser observado que eles também buscam médicos, mesmo tendo a cura dentro da religião, por compreenderem a importância desses para a sociedade. Assim sendo possível verificar a relação de respeito com a sua cultura, mas de busca do novo, sem que haja uma quebra da ancestralidade. Mas apesar de haver a procura, é um ponto de dificuldade para as comunidades. Para as Ilhas de Urok não existe médico, apenas um enfermeiro e esse faz a travessia entre as ilhas

[63] Cerimónias realizadas perante o *irã*

[64] Existem diversos documentários e textos acadêmicos que debatem o uso de substâncias químicas que alteram a cor da pele da população negras. A utilização dessas substâncias vem crescendo, principalmente entre os jovens. Não cabe no trabalho o debate sobre o assunto, mas é importante apresentar situações que ocorrem e o quanto isso pode afetar a saúde mental de todas as formas, sejam de pessoas que querem modificar ou daquelas que modificaram e adquiriram sequelas.

por conta própria – utilizando seu meio de transporte e as vezes atravessando quando a maré baixa e os bancos de areia aparecem[65].

Eles sempre buscam a Tiniguena ou o IBAP ou as missões ou ficalizações, para ajudarem eles nas travessias entre as ilhas, para que sejam realizadas as consultas ou a vacinação da população. Devido a tanta dificuldade, os próprios enfermeiros e enfermeiras indicam a população buscar *mesiñu da terá* [66], quando não há medicação no hospital.

Mesmo o enfermeiro trazendo essa informação, em todas as conversas que foram realizadas com as mulheres, foi possível verificar que elas buscavam primeiro o hospital e só depois recorriam as plantas medicinais e as curandeiras ou curandeiros (conversa realizada em dezembro de 2022 – Sabado Maio, Maimuna, Esperança, Anjuleta, Beatriz, Nela, Má Sá, Mussu, Sábado, Fatu, Celestre).

Em conversa com uma das entrevistadas, Maimuna aponta que toda a sua família reside na Praça[67], e não esconde sua vontade de também morar (conversa realizada em dezembro de 2022), e verifica-se a partir da sua fala que esse desejo tem em relações de infra-estrutura, acesso a saúde com um pouco mais de qualidade, educação para as filhas e filhos – devido as condições que já foram debatidas. Apesar de gostar de trabalhar com agricultura, de ser uma guardiã de sementes, se fosse morar em Bissau, não iria trabalhar com agricultura, seria empregada doméstica (conversa realizada com Maimuna Augusto, nov. 2022), por entender que o cultivo seria algo mais difícil de ser realizado na capital. Não pode ser romantizado certas situações passadas pela população, diante de tantas tecnologias, o básico seria importante para a população das ilhas de Urok, como saneamento básico, saúde de qualidade, energia e transporte.

Mesmo diante todas as *difikuldadis i kontradison* existentes nas ilhas de UROK, ainda pode ser observado que a população resiste e luta com suas tradições e a ancestralidade está presente em todo o processo de vida. As mudanças ocorridas na população com os projetos podem ser bem observadas.

[65] No campo realizado em dezembro, o enfermeiro fez a travessia da ilha de Formosa para a ilha de Nago, de canoa – foi até o local onde a canoa sai, colocou sua moto dentro e atravessou até a outra ilha.

[66] Plantas medicinais/remédio da terra

[67] Como se referem a capital do país.

A Tiniguena reuni a comunidade, ajuda eles a olharem ainda mais para dentro da sua cultura, da sua coletividade, da sua ancestralidade, mesmo os projetos apresentando a ideia de desenvolvimento, pois nem todo desenvolvimento é prejudicial, quando se olha para as questões citadas. Esse fato será mais bem verificado, quando se trata das mulheres, no último capítulo.



Nimba Camatchol, Deusa da Fertilidade
Foto: https://ensinarhistoria.com.br/uma-deusa-africana-descoberta-no-rio-grande-do-sul/
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta".

*Mindjeris** e a promoção da saúde: lutar e resistir a partir da contra-hegemonia

*Mulheres

O saber popular é o saber orgânico (saber do ser)
(Antônio Bispo dos Santos, 2023)

Quando falamos sobre lutas e resistências, precisamos compreendê-las a partir de qual viés elas devem ser lidas. No país, várias foram as resistências observadas, como o Amílcar Cabral já havia feito a reflexão no livro Análise de alguns tipos de resistência.

> A resistência de um povo exige coragem, para nos transformarmos em sementes e criarmos uma nova plantação, que dará então a felicidade desse povo, em liberdade. [...] E só podem ganhar uma resistência aqueles que forem capazes de fazer a sua obra crescer cada vez mais. (CABRAL, 2020, p. 15)

Naquele momento, Cabral compreendeu que na Guiné-Bissau as resistências seriam políticas, econômicas, culturais e armadas, cada uma delas fazendo uma leitura para o momento em que o país se encontrava. Como já debatido nos capítulos anteriores, o processo de colonialismo e neocolonialismo carrega consigo uma essência hegemônica, e essa tem em suas práticas a tentativa de extermínio cultural, se apropria e aniquila as economias e as estruturas políticas dos lugares. Por isso existe o propósito de resistir ao colonialismo português, para o ponto "final" ser a liberdade, a resiliência ancestral e serem seres "livres e soberanos" (CABRAL, 2020).

Assim, ele compreendia que a resistência é algo natural ao ser, pois quando uma força te puxa para um lado, você resistirá contra ela (CABRAL, 2020) – pensando a partir da terceira Lei de Newton, ação e reação. Assim a luta é intrinsecamente ligada a resistência, e ela

> não se refere apenas a uma lógica puramente opositiva, mas inclui a defesa de **saberes**, posições, pontos de vista, bem como as realizações e a potencialidade criadora daí decorrentes. Assim, a resistência que ocorre em um determinado espaço social é, também, uma busca de afirmação de outra visão, é **defesa de conhecimento, de percepções e de construções**. (MISOCZKY; FLORES, BÖHM, 2008, p. 185, grifo nosso)

Buscando ainda o debate de Miscozky, Flores, Böhm (2008), o que ele compreende como espaço social, aqui é entendido como território usado, uma vez que por meio da resistência ocorrendo ali, é puramente a defesa da cultura, da

religião, do local para eles sagrado, o território é usado na perspectiva contra-hegemônica. Assim, as mulheres, em grande parte do mundo são subjugadas a uma lógica imposta pelo patriarcado – hegemonia – não sendo diferente na Guiné-Bissau, onde elas sofrem com as violações de seus direitos – como é o caso dos casamentos forçados (muitas vezes precoce) e das mutilações genitais (circuncisão feminina) (TINIGUENA, 2019). Outro acontecimento que pode trazer a ideia de resistir e lutar é o acesso à concessão da terra, pois se faz necessário ter o mínimo de escolarização, e uma certa situação econômica, o que prejudica as mulheres rurais, pois elas têm baixo nível de escolaridade ou nenhum (TINIGUENA, 2019).

Por decorrência desses fatores, as mulheres camponesas na Guiné-Bissau são submetidas violentamente à condição de exploração. Mas o empoderamento e a emancipação de algumas mulheres se dá, principalmente, a partir daquelas que participam ou estão sendo atendidas pelas ações das ONG's, em especial a Tiniguena, que tem trazido para as mulheres do campo pontos, perspectivas e ações para que haja uma mudança em suas vidas.

Com isso, a mulher camponesa produz resistência por si só e pelo trabalho em família, a vida em comunidade, a interação com a terra, o respeito a natureza, o uso de técnicas, os saberes, a forma de produção e a defesa do conhecimento local. Pretende-se distinguir a camponesa e seu universo das relações de produção, bem como as formas de sobrevivência que são típicas e inerentes ao ser camponês (FABRINI, 2006; FABIRNI 2007) que vive do seu próprio trabalho no contexto do capitalismo periférico, do qual a Guiné-Bissau faz parte.

Por isso, compreender que as práticas dos movimentos sociais, das ONG's e de associações populares são possibilidades a mais das resistências se tornarem algo no âmbito comunitário, produzindo uma territorialidade e uma resistência política coletiva. Daí que se pretende apreender a promoção da saúde camponesa como um projeto social dessa sujeita camponesa coletiva, organizada politicamente.

Assim como a resistência camponesa, a promoção da saúde deve ser compreendida como sendo responsabilidade não do setor de saúde, mas sim de um conjunto social (WHO, 1986), pois essa resistência camponesa "é o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida" (WHO, 1986). Com isso, parte-se de um

entendimento de uma perspectiva de promover saúde, buscando compreender a partir do próprio conhecimento de saúde, tirando a importância da doença e se concentrando na saúde – a partir de saberes, conhecimento, lutas e resistências.

Partindo da promoção da saúde, que considera resistência e as formas alternativas de produção, das mulheres camponesas. Com uma de promoção da saúde crítica, que valoriza os saberes populares, enquanto dimensão fundamental da saúde coletiva, com apresenta BUSS:

> Um conjunto de valores: vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação e parceria, entre outros. [...] combinação de estratégias: ação do Estado (políticas públicas saudáveis), da comunidade (reforço da ação comunitária), de indivíduos [...], do sistema de saúde [...] e de parcerias intersetoriais. (Buss, 2009, p. 20).

A partir de uma promoção da saúde, de forma crítica e popular, tem uma perspectiva de uma "política pública saudável" (BUSS, 2009. 30). Essa perspectiva que se traz a importância dos movimentos e das ONG's, que apoiam as experiências contra-hegemônicas de promoção da saúde, considerando as formas alternativas de produção, de soberania alimentar e de resistência camponesa.

4.1. *Para-pitu/Firma/Ditirminason*[68] e promoção da saúde

Compreendo a resistência como forma de produção e reprodução da vida "em comunidade, a interação com a terra, o respeito a natureza, o uso de técnicas, os saberes, a forma de produção e o fazer a partir da cultura, produz resistência." (REGALA, 2019, p. 107), e quando as/os camponesas/es não enxergam a terra como mera mercadoria (FABRINI, 2007).

Mas também pode-se entender que a luta se alicerça em reinvindicações, com isso, compreende-se que ser camponês já pode ser entendido como resistência.

Apesar de Cabral ter escrito seu texto e relacionados ao período pré libertação, pode-se afirmar que essas resistências (política, econômica e cultural) ainda são vivenciadas na atualidade, e diante desse estudo, há uma a mais possível de ser

[68] Resistência

analisada, a resistência camponesa. Ainda nesse processo, compreendo a ancestralidade como observado no capítulo anterior, essa sempre ligada ao processo cultural e religioso dos Bijagós. Assim a resistência camponesa para a Guiné-Bissau, pode ser entendida como uma resiliência ancestral.

Ainda é importante apontar que a resistência camponesa que foi debatida se articula com a promoção da saúde camponesa (SIMON, 2020), já que as práticas **contra-hegemônicas camponesas** – no seu modo de vida – são práticas que promovem saúde, em muitas das vezes.

Para compreender a promoção da saúde é importante conhecer fundamento da saúde, sendo uma aspiração "do desejo de viver de cada um e de todos, simultaneamente. Completamos: não só de viver, senão de viver bem, de viver melhor, de viver mais" (GUIMARÃES, PICKENHAYN, LIMA, 2019, p. 29). Com isso considera-se que a saúde não será analisada como mera ausência de doença em uma análise **individual**, mas sim coletiva, pois quando se vive bem, se vive mais.

Se trouxermos para uma compreensão do/da camponês/a, a saúde "produzida, vivida e sonhada pelo campesinato a partir das concepções de saúde das mulheres" (SIMON, 2020, p. 31) sendo completada, a partir resiliência ancestral e das tradições. Assim, a promoção da saúde do camponês e da camponesa pode ser alcançada a partir da soberania alimentar com base agroecológica, assim como na conservação e preservação da semente crioulas e no processo de empoderamento das mulheres, resistência, luta etc., ou seja, das práticas contra-hegemônicas (SIMON, 2019). Afinal, a/o camponês/a é um ser coletivo e essa coletividade é a base para a promoção da saúde.

Fanon (1997) apresentava que os camponeses eram os mais prejudicados em uma colonização, pois eles viam o seu modo de vida sendo esfacelados por aqueles. Não sendo diferente daquilo que se observa em uma economia capitalista, que propõe o fim do campesinato, mesmo diante de uma resistência. Mas isso nada mais é que a resistência camponesa a partir da resiliência ancestral.

É nessa perspectiva que se entende que a partir do processo do modo de vida, da vida em comunidade, e de várias outras formas que o camponês vive e sobrevive, que ele está resgatando os seus antepassados, a partir da resiliência ancestral, para assim haver a reprodução do campesinato diante do capitalismo

3.2. Passadu di Bidjugu ou Antigus Bidjugu: é a promoção da saúde ancestral[69]

A ancestralidade transcende aquilo que possa ser explicado, ela é o sentir, ver, vivenciar, podendo ser contextualizada como um

> conhecimento produzido dentro das sociedades africanas que não possuem um sistema de transferência de saberes baseados na escrita e em larga escala. São **conhecimentos** ligados ao **Saber-fazer** ou mesmo apenas ao saber e que são transferidos oralmente ao longo das gerações apenas a algumas pessoas (CANTO, 2020, p. 13, grifo nosso)

E que pode ser completado por Cardoso (2000, p. 47) "através da observação, manipulação, renovação, da interação de posturas, de atitudes e de regras entre outros". Inclusive foi uma fala de Beatriz, onde ela apresenta que nada foi ensinado como na escola, "*nha dona faci e hora q faci ndjubi*[70]", ela afirma que da mesma forma que ela aprendeu, ela compartilha com suas filhas e netas, inclusive algumas estão aprendendo da mesma forma que ela, observando (conversa realizada em dezembro de 2022). Assim, se observa na prática o compartilhamento do conhecimento de forma oral ou do saber-fazer, como apresentado por Canto (2020) e por Cardoso (2000).

Os laços ancestrais dos Bijagós estão ligados a ancestralidade mitológica da etnia na matrilinearidade. As ligações dos clãs são com a *Orebok,* e ela dentro do seu papel enquanto mãe não deu privilégio a nenhum, apenas apresentou que o primeiro a chegar no lugar, se tornaria "dono do chão" (CARDOSO, 2015, p. 126).

Para os Bijagós a ancestralidade também parte de uma outra premissa, ligada às questões religiosas, como já apontado no capítulo anterior, estando ligada aos seus mortos e aos *irãs*. Canto afirma que "Os ancestrais têm a incumbência de manter conectado o mundo dos vivos e dos mortos que são parte da mesma realidade humana" (2020, p. 41). Neste contexto, seus descendentes seriam: *Oraga* – que estão relacionados ao poder do céu; *Ogubane* – o poder com os animais selvagens, com os

[69] Ancestralidade Bijagós
[70] Minha dona fazia, e enquanto ela fazia, eu olhava

hipopótamos e o mar; *Ominka* – poder das chuvas; Orakuma – poder sobre as terras, do chão (INDJAI, 2017; INDJAI, CATARINO e MOURÃO, 2010).

Retornando à questão da religião e religiosidade desses povos, ela não está ligada apenas ao momento, mas a todo o processo de vida, como "Estrutura sociorreligiosa; Atividades agrícolas; Vida cotidiana; Atividades medicinais; Atividades funerárias." (CANTO, 2020, p. 38). Diante disso, une-se a religiosidade, ancestralidade e saúde, seja nas atividades medicinais, o curandeiro *médium* pede licença ao Irã iniciar suas atividades medicinais, como também para entrar no mato e retirar as plantas, indicadas pelo Irã, que vão curar o enfermo.

Mas não só no sentido de cura das doenças e dos males. Pelo contrário a ancestralidade e a promoção da saúde são estabelecidas a partir dos ensinamentos que são passados, que fazem com que a produção, seja ela de arroz, na horta comunitária ou no quintal produtivo, seja baseada na soberania alimenta – com a alimentação saudável e de produção limpa – além das técnicas de armazenamento das sementes, da cultura a partir da coletividade e do cuidado com o outro, como veremos mais à frente.

Anjuleta aponta que aprendeu com a sua mãe e avó o momento certo de plantar – nos dias certos após a chuva, qual a melhor tipo de semente de arroz utilizar – pois a partir disso ela colheria mais rápido ou mais lento, em relação ao tempo. Além de seus conhecimentos a partir das chuvas, se valeria semear naquele período ou com a quantidade de chuva (conversa realizada em dezembro de 2022).

3.3. Promoção da saúde ancestral na AMPC das Ilhas de UROK.

A promoção da saúde é produzida pela materialidade de práticas de saúde. A partir das quais se desenham práticas de vida e não de morte, de saúde e não enfermidade (SIMON, 2020, p. 32). Para o melhor entendimento, é importante estabelecer relações diretas e específicas com a saúde coletiva, considerando práticas de promoção da saúde contra-hegemônicas em comunidades rurais da Guiné Bissau. Também é necessário a compreensão de que saúde é "um sistema em evolução, em que se reafirma dia a dia a problemática da existência e

que, consequentemente, redefine-se em forma constante" (GUIMARÃES, PICKENHAYN, LIMA, p. 50).

Entendendo o processo dos Bijagós e de seus costumes, cultura, religião etc., principalmente em relação ao sagrado e a ancestralidade, compreendendo o significado mais profundo de promoção da saúde – a partir da soberania alimentar, das resistências, das sementeiras, da coletividade, da vida em comunidade – assim compreende-se que a etnia pratica a promoção da saúde ancestral.

Mas antes de iniciar o debate sobre promoção da saúde e soberania alimentar, vão ser expostos dados do projeto da Tiniguena, como também o debate para a fome zero no país, isso servindo de base para expor as conversas das mulheres e as práticas e suas resistências e a promoção da saúde.

> O país possui condições favoráveis ao cultivo de diversos produtos agrícolas, tais como arroz, tubérculos, amendoim, óleo de palma, frutos e legumes, e dispõe de importantes fontes de proteína animal. O seu recurso haliêutico (peixes, crustáceos e moluscos) é também abundante (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, s.d., p. 11)

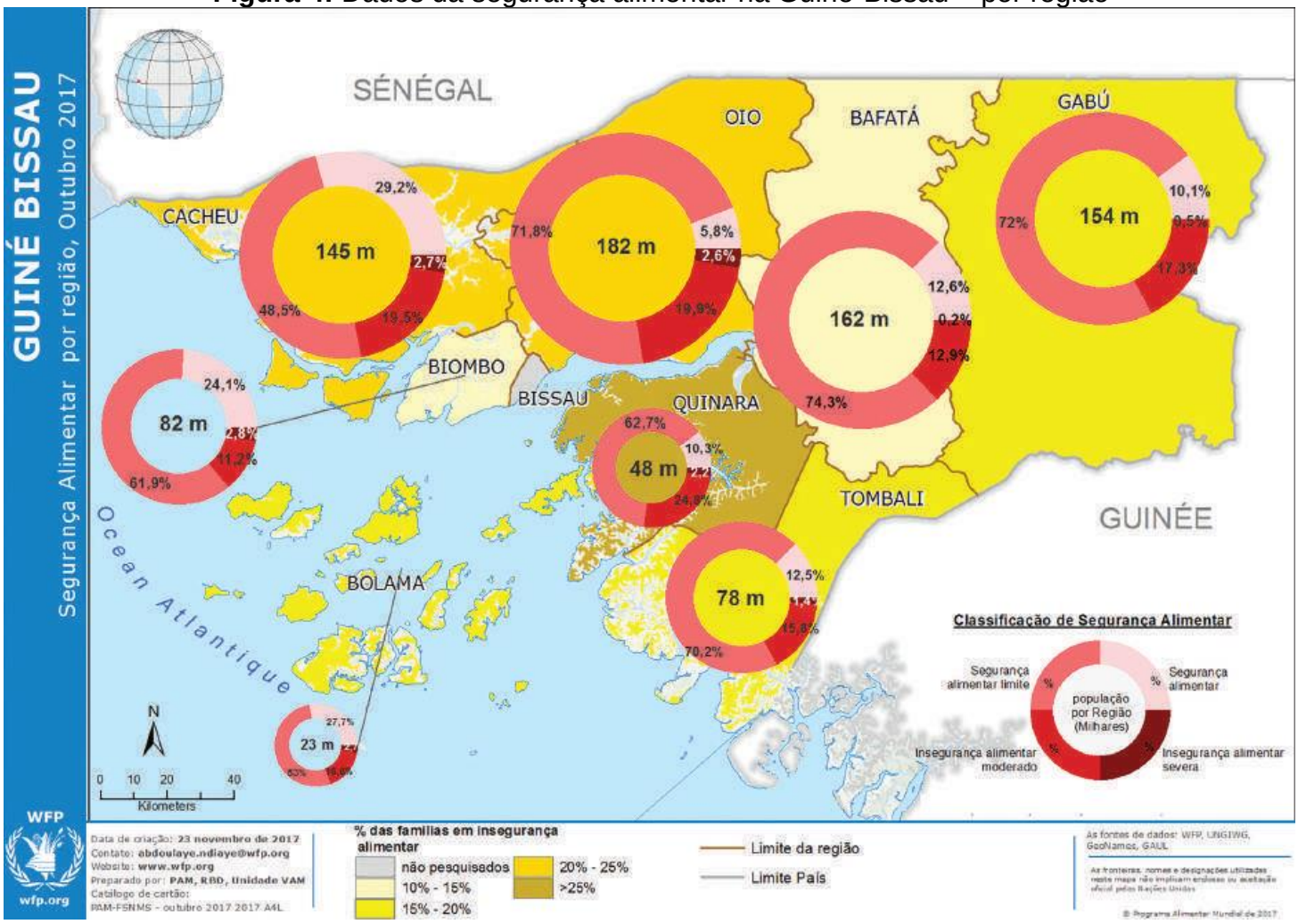
Diante de todo processo apresentada no final do segundo capítulo, entende-se que os investimentos no país vêm do capital estrangeiro, aplicado principalmente nas ONG's, ou de ajudas humanitárias, como é o caso das Nações Unidas (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, s.d.), pode ser apresentado que esses investimentos têm relação com as Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Mais uma vez é importante trazer o ponto do cuidado de certos investimentos para que não o país não caia, agora, no neocolonialismo, e que esse traga mais uma vez um apagamento cultural, religioso, étnico, ou seja, um epistemicídio (CARNEIRO, 2005). Por isso a importância de um empoderamento das mulheres e da comunidade diante das questões apresentadas, pois pode acontecer as contradições apresentadas no tópico "*Cansera, contradison e koletividade"*.

O acesso à alimentação no país apresenta modificações de acordo com as época do ano (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, s.d.). Mesmo o país sofrendo com um alto índice de insegurança alimentar, principalmente em áreas rurais, existem regiões da Guiné-Bissau que podem ser consideradas com taxa baixa, como é o caso de Bafatá, de Biombo, de Tombali, de Gabú e de Bolama/Bijagós (REPÚBLICA DA

GUINÉ-BISSAU, s.d.). Apesar de Bafatá e Biombo terem um percentual menor de famílias em insegurança alimentar (figura 4), uma grande maioria dela está próximo ao limite no primeiro citado. Já a região de Cacheu, Bijagós e Biombo têm um alto índice de segurança alimentar dentro do país, com números que ultrapassam os 20%. Em geral, 2% da população Bijagó vive números de insegurança alimentar severa.

A insegurança alimentar pode ter muita relação com a instabilidade política que o país sofre, pois isso influência diretamente no desenvolvimento econômico. Além de haver uma falta de incentivo e de investimento do governo para a agricultura.

Figura 4: Dados da segurança alimentar na Guiné-Bissau – por região



Fonte: REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, s.d.. República da Guiné-Bissau, 2017.

Mesmo os números sendo considerados altos de segurança alimentar, ainda tem muito o que ser melhorado no Arquipélago Bolama/Bijagós, apesar da eficácia dos projetos nas Ilhas de Urok.

A Guiné-Bissau tem sua economia baseada, principalmente, na agricultura de subsistência, com o campesinato e a agricultura familiar. Mesmo o país tendo uma grande quantidade de rios, não há um sistema de irrigação das plantações. Dessa forma as produções dependem da pluviometria. E como já debatido, por conta das mudanças climáticas tem ocorrido variações climáticas no país, assim tendo prejuízo para os camponeses.

Além dessa problemática, tem se observado um aumento na monocultura no país, principalmente a de caju. A objeção em relação ao caju está ligada ao processo só do aumento das áreas desse cultivo, mas a forma como essa cultura vem se expandindo nas ilhas. O documento de medidas para erradicação da fome na Guiné-Bissau aponta que esse crescimento na cultura do caju vem sendo prejudicial no sentido que estão sendo deixadas as produções alimentarem – que garantem a soberania alimentar – para que seja produzida a monocultura (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, 2019). Mas não só as citadas vêm perdendo esse espaço, a mancarra e algodão, onde tem se tido um aumento de quase 100.000 toneladas, de perda, de 2002 para 2017. (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, 2019)

Isso vem afetando o alimento principal do prato dos guineenses, o arroz, que tem tido uma perda na produção e de mão de obra (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, 2019). Segundo o documento que debate as medidas para erradicação da fome, na safra de 2016-2017 tinha uma produção de 186.329 toneladas, caindo na 2017-2018 para 165.103 toneladas, um défice de -11,04%. Segundo o mesmo documento, a produção de 2017 só cobriu 49,8% das necessidades nacional (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, 2019).

Por isso que foi debatido anteriormente, foi inserido no capítulo anterior, como uma contradição nos Bijagós, pois essa situação pode ser prejudicial para a promoção da saúde ancestral, pois afeta diretamente na soberania alimentar. Mas também é importante trazer a resistência camponesa, seja para a manutenção do processo de produção, seja de preservação da cultura e da ancestralidade.

Diante das informações sobre o processo de segurança alimentar, vai ser debatido o sistema que ajuda e amplia a segurança alimentar, entendendo que a alimentação deve ser além da que erradica a fome, mas que essa deve ser saudável e com uma cadeia de produção onde se tenha o respeito pelo ambiente, pela comida, que se insira o campesinato e a agricultura familiar, além do respeito as diversidades de produção e a pluralidade de cada cultura étnica, com isso tendo um ciclo completo de integração.

3.3.1. Soberania Alimentar como prática de promoção da saúde

Inicia-se a partir da compreensão das mulheres camponesas das Ilhas de UROK sobre a saúde, a soberania alimentar e alimentação. Sabado Mendes apontou a importância das mulheres pois elas ensinam a cultivar, e isso tem relevância na saúde delas, pois para ela a alimentação é quem favorece a saúde (conversa realizada em novembro de 2022). Nenembucha – Beatriz Lope[71] afirma que alimentação é saúde, por isso que ela possui (conversa realizada em dezembro de 2022). Assim pode ser observada vários processos entre alimentação e saúde, não só para essas mulheres, como também no entender acadêmico, já que se sabe que a soberania alimentar é uma prática da promoção da saúde.

Como já apresentado anteriormente, será debatido as práticas das mulheres camponesas e sua relação com a soberania alimentar. Com elas vai ser possível observar a promoção da saúde ancestral, já que grande parte do processo de produção realizado tem uma base de aprendizado étnico e cultural, e outras técnicas foram aprendidas junto aos engenheiros agrônomos, mas de forma respeitosa com o conhecimento da comunidade.

Por isso pontua-se que há a soberania alimenta na prática das mulheres camponesas das Ilhas de Urok, no sentido que se valoriza os conhecimentos e alternativas encontradas pela própria comunidade, a coletividade, entendendo os valores culturais que são aplicados nessa produção (COCA, 2022), e tendo como base o Fórum por Soberania Alimentar que traz que essa produção deve ser com respeito a **natureza**, além de se entender o viés **sagrado** (FORUM FOR FOOD

[71] O seu segundo nome foi dado após passar pela iniciação

SOVEREIGNTY, 2007; TRAUGER, 2017), além de também compreender que a produção "está ligada a toda uma relação entre o homem e natureza, a forma como o homem trabalha e convive com a terra, ou seja, comum respeito ao ambiente e a saúde" (REGALA, 2019, p. 121).

Essas práticas ocorrem de várias formas, seja a partir dos quintais produtivos, pela forma de produção do arroz e o consórcio na produção, como também nas hortas comunitárias. A diversidade de produção no lugar impressiona, principalmente pela utilização dos espaços, já que elas compreendem que são protetoras e fiscais da AMPC.

Maimuna aponta que assim que se inicia as primeiras chuvas ela vai ao **lugar** e faz a cultura de manfafa, inhame genebra, canja, isso para o máximo de utilização do espaço (conversa com Maimuna Augusto, dez de 2022). É nesse momento e nessa área que elas vão dispender todo o seu tempo – na época de plantio de arroz a horta comunitária fica sem uso. Como ainda há a necessidade de alimentação a melhor forma encontrada é o consórcio (Fotografia 22 e 23). Essa prática traz a diversidade, e ela foi apontada por todas as mulheres entrevistadas, Esperança falou, que além dos citados por Maimuna, ela também cultivava milho no lugar (conversa realizada em dezembro de 2022). Também foi verificado durante a visita a campo o feijão e abobora.

Fotografia 22: Consórcio na plantação - arroz e inhame genebra – lugar da tabanca Botai Ilha de Maio



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, lugar da *tabanca* de Botai – Ilha de Maio. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

As mulheres das Ilhas de UROK, aprenderam a nomear a forma apresentada na fotografia 22 e 23 como consórcio. Isso pode ser chamado de diversidade de cultura. Para um melhor aproveitamento do espaço, isso faz com que se tenha uma pluralidade ajudando na diminuição da insegurança alimentar, no aumento do valor nutricional e na melhoria dos alimentos. O oposto dessa diversidade é o que o PNIA aponta como problema para que se tenha uma segurança alimentar pois por falta da variedade há uma necessidade de consumo de alimentos importados e que nem sempre são de qualidade, e podem ter baixo em nutrientes (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, s.d.).

Fotografia 23: Consórcio na plantação - arroz e inhame genebra e jerimum



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, lugar – Ilha de Maio e Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Dessa forma destaca-se o ponto de debate sobre a soberania alimentar, que traz a promoção da saúde, diferente da concepção mais restrita de segurança alimentar, que oferece apenas o alimento sem considerações qualidade, forma de produção e, às vezes, valor nutricional.

Antes é importante trazer a diferença da soberania alimentar frente a segurança alimentar, compreendendo que mesmo os documentos oficiais, da Guiné-Bissau, tratando a partir do segundo, o posicionamento no trabalho se refere ao primeiro, por questões de entendimento conceitual e posicionamento.

A segurança alimentar parte de um conceito baseado na oferta de alimentos, independendo de qualidade ou de forma de produção. Simon (2012) aponta as quatro dimensões para que se tenha uma segurança alimentar, que seriam a: disponibilidade, seja por produção ou exportação, o intuito é ter alimento para todos; o segundo é o acesso, como a família irá ter o alimento, seja por compra, troca, empréstimo...; o terceiro é dimensão da utilização, o valor nutricional desse alimento tem que ser bom para quem vai consumir; e o último é a estabilidade. Todos os pontos da segurança alimentar são importantes, mas em nenhum momento se pontua o debate sobre a forma de produção, a utilização ou não de veneno, o respeito para com a comunidade, a cultura alimentar, a biodiversidade e as questões culturais.

Os pontos considerados que trazem a diferença entre a soberania alimentar e a segurança alimentar, leva a entender que as mulheres camponesas praticam o primeiro, por motivos que serão observados adiante, mas também será verificada as contradições existentes, mas tendo relação principal com as questões étnicas – cultura e religião.

A produção de arroz é realizada a partir daquilo que se chama de agroecologia[72], que para eles é a forma tradicional. Seguindo todos as medidas para a soberania alimentar. Inclusive na plantação de arroz foram observadas algumas plantas que haviam sido infestadas por cochinilha – com a explicação apresentada por Maimuina sobre ser um inseto branco que sugava toda a seiva da planta, concluí-se que se tratava desse inseto. Grande parte das mulheres apresentaram que mesmo quando observavam as pragas nas plantações não faziam uso do veneno, apenas

[72] Entendo a dimensão política; sociocultural e econômica; ecológica. Com os saberes tradicionais e populares, além do respeito pela natureza e na perspectiva do autoconsumo e a busca pela diversidade.

naturalmente, umas fazem uso de cinza, outras utilizavam pimenta, tabaco ou *bicilon*, mas sempre com uso de plantas espantavam essas pragas (conversa com Maimuna, Sabado Mendes Maio, Esperança, Anjuleta, Beatriz, Nela, Celeste).

Fotografia 24: Arroz que sofreu com o ataque de praga e arroz crescendo sem ataque



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, lugar –Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Sabado Mendes Maio explicou a forma como fazia para aplicar o repelente natural. Com o uso do *bicilon*[73], pimenta malagueta e folha de tabaco; ela deixava fermentando tudo por um tempo e só depois aplicava nas plantas que era necessária. A informação sobre a quantidade do produto para ser aplicado iria depender da mistura, poderia ser colocada diretamente na planta que necessitava, mas se estivesse muito forte, ela utilizava uma vassoura de palmeira e ia salpicando para que fosse aplicado em menor quantidade e assim não matar a planta (Conversa realizada em dezembro de 2022).

Quanto à fotografia 25, Anjuleta informou que é uma forma de espantar os bichos – insetos –, é a folha da *tambacumba*, é um repelente natural. Algumas outras mulheres informaram fazer uso desse repelente natural para espantar as pragas (conversar realizadas em dezembro de 2022 – Anjuleta, Maimuna, Sabado Maio, Beatriz).

[73] Tabaco

Fotografia 25: Repelente natural



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, lugar –Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Além das pragas que afetavam as suas plantações, foi observado muitos pássaros (Fotografia 26), o que para algumas delas não era um empecilho, pois eles não prejudicavam o cultivo (conversa com Maimuna e Anjuleta, dezembro de 2022, *tabanca* de Abu), deixando-os se alimentarem ou espantando eles. Essa função é realizada pelas crianças, como já apresentado no capítulo anterior. Elas não observam os pássaros como problemas, pois eles querem apenas se alimentar, comem e vão embora, sem trazer grandes prejuízo para a plantação. Diferente das pragas que podem matar toda a plantação de arroz. Isso é a relação da população Bijagó com a natureza – na Geografia a relação homem-natureza.

Fotografia 26: Ninhos de pássaros no lugar



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, lugar –Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Com isso, se observa o respeito à "biodiversidade ecológica e da diversidade sócio-cultural" (CAPORAL e COSTABEBER, 2004, p. 13), praticado pelas mulheres camponesas nas ilhas de UROK. Sendo possível, cada vez mais, observar a promoção da saúde, principalmente diante das dificuldades frente a hegemonia – que necessita da urgência da produção por isso faz uso de veneno, sementes transgênicas, monocultura.

O documento feito pelo Governo da Guiné-Bissau e o Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas (PAM), para erradicação da fome, aponta que foi pensando um Programa Nacional de Investimento Agrícola (PNIA) em 2009, e as

dificuldades encontradas podem ser trazidas para uma comparação com as práticas das mulheres camponesas, que tem muito a ensinar.

Uma das adversidades apresentadas está relacionada a algo já citado anteriormente que é a "Predominância do sistema de monocultura e baixa diversificação de sistemas de cultivo" (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, s.d., p. 58), e que no comparativo com as ilhas de UROK, como no cultivo de arroz, que poderia ser um espaço de monocultura, mas as mulheres camponesas transformam em uma policultura, pois fazer uma produção a partir do consórcio. Mas também pode ser trazido os quintais produtivos e as hortas comunitárias que oferecem uma diversidade de cultivos, como será apresentado.

Os quintais produtivos surgem de um dos projetos aplicados pela Tiniguena. No início houve uma resistência das mulheres para com a aplicação (conversa realizada em novembro e dezembro de 2022, Sanhã e Emanuel Ramos), elas estavam mais interessadas na produção de arroz e na horta comunitária, por já estarem familiarizadas com essas produções, mas quando verificaram que haveria a continuidade com a diversidade, além da a praticidade de ser próximo a casa, as forma de produção, a qualidade do alimentos, e que elas teriam alimento o ano inteiro, várias apareceram para solicitar o projeto no quintal das casas.

O primeiro quintal a ser aplicado pela Tiniguena foi o de Sabado Mendes Maio, o espaço é notável e a diversidade da produção também.

Fotografia 27: Quintal produtivo da camponesa Sabado Mendes Maio – Ilha de Formosa



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, *tabanca* de ___ – Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Além da diversidade na produção, ainda foi possível observar um padrão estético principal – alguns havia melhorias –, o cercado de madeira, alguns enfileirados próximos, em outros mais distantes, todos para evitar que os animais adentrassem no lugar – os que estavam com as madeiras mais distantes podia ser verificado telas de proteção (Fotografia 28).

Fotografia 28: Quintal Produtivo Maimuna - Ilha de Formosa



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, *tabanca* de Abu – Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Podem ser observados os toneis de água, que ajuda as mulheres, pois não há água encanada e a que é utilizada para cozinha e para regar a horta é retirada do poço. Para evitar que a mulher ande várias vezes até o local de recolhida, os projetos da Tinguena fizeram um investimento em toneis (Fotografia 29) para que sejam deixados nos quintais produtivos e nas hortas comunitárias.

Fotografia 29: Quintal produtivo de Nene - Beatriz



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, *tabanca* de Abu –Ilha de Formosa.
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Diante desse debate, trazer a importância da estocagem das sementes praticados pelas mulheres, primeiro que é perceptível a resistência camponesa, além de garantir para o outro momento a possibilidade de cultivo, também exercer a coletividade, e esse processo é uma forma de garantia da promoção da saúde ancestral.

Maimuna Augusta afirma que sempre guarda as melhores sementes para plantar no outro ano, como também empresta sementes do seu banco para aquelas mulheres que não tiveram a produção tão boa quanto a dela (Conversa realizada em dezembro de 2022, Ilha de Formosa), isso se faz importante quando uma das dificuldades para uma melhor continuidade do PNIA é de "Falta de sementes de qualidade e de enquadramento do mundo rural (a todos níveis)" (REPÚBLICA, s.d., p. 59). E com o as técnicas ancestrais, aliadas as aprendidas junto aos engenheiros

agrônomos da Tiniguena, essas mulheres conseguem manter as qualidades das sementes para as próximas plantações.

Algumas das sementes são guardadas em garrafas pets (Fotografia 30), outras são estocadas em cinzas (Fotografia 31), algumas aplicadas na parede (Fotografia 31) com uma técnica única. Mas todas garantem que essas formas de estoque são eficazes para os outros anos (Conversa realizada em dezembro de 2022 – Ilha de Formosa – Maimuna, Anjuleta, Nela, Sabado Mendes Maio, Beatriz). Celeste Mendes apresenta que sempre estocou sementes, é uma tradição da família dela, e que habitualmente guarda para os outros anos, mas se acontecer de não sobrar para outro momento, ela busca a Tiniguena para pegar aquelas que eles não possuem (conversa realizada em dezembro de 2022, *tabanca* de Ambul)

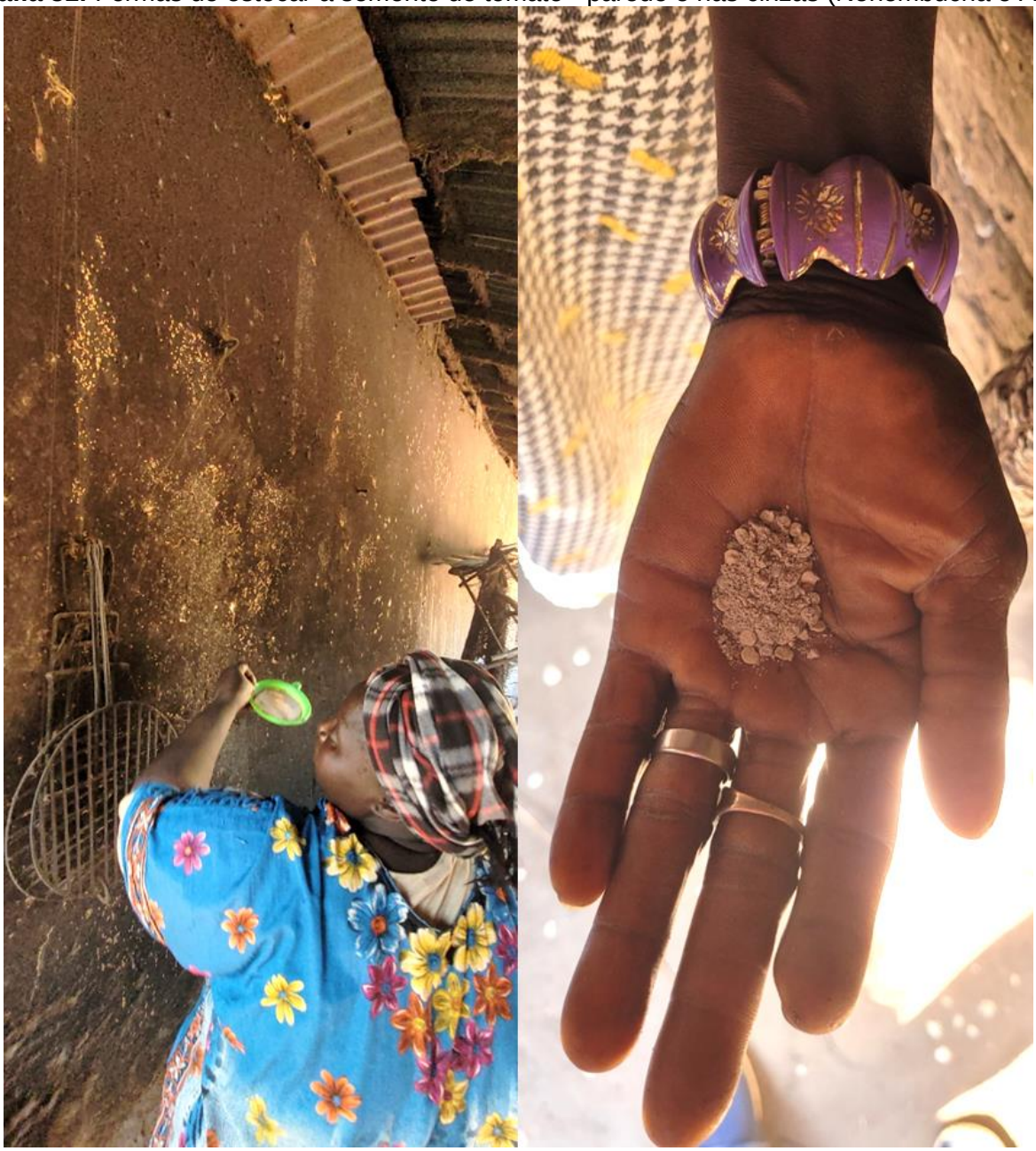
Fotografia 30: Maimuna mostrando suas sementes



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, *tabanca* de Abu –Ilha de Formosa.
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

A preservação das sementes, as técnicas de estocagem, além da preservação dos saberes tradicionais, garantindo a diversidade, isso sendo por sua natureza a soberania alimentar, que é uma forma de promoção da saúde ancestral. É a forma de ir contra a hegemonia das sementes transgênicas, que obriga aqueles que cultivam com ela são prejudicados em todos os sentidos, seja no pagamento de patentes sem o uso das sementes transgênicas, seja na dependência que se fica delas – com a necessidade de sempre ser adquiridas as sementes para o cultivo, ou na indispensabilidade do uso de agrotóxico específico para cada uma delas – (REGALA, 2019) além dos problemas que podem causar ao ambiente e a saúde, além da perda de diversidade – (IDEC, 2014; GURGEL, 2018).

Fotografia 31: Formas de estocar a semente de tomate - parede e nas cinzas (Nenembucha e Anjuleta)



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, *tabanca* de Abu – Ilha de Formosa.
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

A *bemba* é um celeiro que também estoca sementes (Fotografia 32). Eles podem ser só da casa ou compartilhado com várias famílias, inclusive pode ser considerado um local sagrado e um patrimônio – sendo assim uma consideração de ancestral –, só algumas pessoas da família têm acesso ao espaço. Essa estrutura consiste em uma pequena casa, construída sobre troncos de madeiras, elas “são

reservatórios de biodiversidade de importância mundial e servem de maternidade para espécies em risco de extinção" (NARRA, 2019, s.p.)

Fotografia 32: Bemba[74] - Ilha de Maio – Tabanca Botai



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, *tabanca Botai* –Ilha de Maio.
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Quando se debate acerca da promoção da saúde, um dos pensamentos que se tem é sobre a coletividade e a vida em comunidade. Dessa forma, verifica-se que as mulheres Bijagós vivem e produzem a promoção da saúde. Durante o campo realizado – mais especificamente no realizado em novembro de 2022 – durante uma visita ao lugar uma das mulheres informou que estava doente, e rapidamente apontou outras mulheres trabalhando na área de seu cultivo de arroz, mais precisamente estavam fazendo a colheita (Fotografia 33). Ela estava se sentindo doente e cansada, além de ter que trabalho no lugar, teria que cuidar de uma criança de colo, sabendo de todas as dificuldades que passa uma mulher e quando ela é mãe a responsabilidade é maior. Por isso, as outras prontamente se ofereceram para ajudar (Fotografia 33). Ela informou que no sol não iria conseguir, por isso ficou responsável pela alimentação das outras (Conversa informal, nov de 2022 – lugar da *tabanca* de Botai, ilha de Maio), fazendo o almoço para aquelas que estavam ajudando.

Em outro momento, nas conversas, quando questionada sobre a coletividade e a vida em comunidade, ajudando umas às outras no lugar ou na horta comunitária,

[74] Celeiro

foi apontado que elas sempre se ajudaram, e essa ajuda poderia vir com o trabalho durante uma tarde ou uma manhã ou até mesmo com horas, para que não perdesse o tempo da sua colheita (no sentido do tempo que se deve colher o arroz para que não haja perda de produção) (conversa realizada em dezembro de 2022 – Anjuleta, Nenembucha, Mainuna, Sabado Mendes Maio)

Fotografia 33: Mulheres camponesas e a prática da promoção da saúde



Fonte: acervo de campo, novembro de 2022, Botai - Ilha de Maio
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Com isso, foi possível questionar as mulheres camponesas se em caso de alguém que é próximo a ela, ou só conhecido, se ficasse impossibilitado de ir ao lugar, ao mar ou a horta comunitária, se elas ajudariam de alguma forma. Todas sempre apresentaram de forma positiva que iriam e que ajudariam outras, primeiro por conhecer as outras pessoas, mas o mais importante é compreender que todas e todos um dia vão precisar de ajuda, que ninguém estará sempre em perfeitas condições e que é significativo ajudar o próximo (conversas realizadas em dezembro de 2022).

Outro processo que pode ser tido a partir da coletividade, é quando as mulheres camponesas que foram agraciadas pelo projeto – de quintal produtivo ou da horta comunitária e do lugar – são precursoras do conhecimento adquirido nas formações

da Tiniguena. Mesmo quando findado a transmissão de conhecimento, elas continuam no processo de disseminação do conhecimento por entender que todas e todos tem o direito do aprendizado seja ele o assimilado com a Tiniguena, mas também aquele ancestral. Apontando assim a importância dos conhecimentos, comunidade e da ancestralidade. Durante a distribuição de sementes, algumas mulheres que iam solicitar, eram a primeira vez que estavam pegando, e quando questionadas se sabiam do processo de cultivo, elas apontavam que estavam aprendendo e gostariam de colocar em prática a informação adquiridas.

Foi diante da informação que se verificou a importância da coletividade dessas mulheres camponesas, observando assim a resistência camponesa e concluindo que ela, nos modos apresentados no trabalho, é promoção da saúde.

A soberania alimentar das mulheres das ilhas de UROK também se dá a partir do mar. No Brasil existe o debate a partir das comunidades caiçaras, por esses povos garantirem a conservação e preservação da biodiversidade, das tradições culturais, ou seja, construindo a soberania alimentar. Dessa forma, entende-se que as mulheres, a partir da sua tradição como catadoras de moluscos garantem a soberania alimentar. A própria compreensão da Via Campesina sobre o assunto é que a partir dele se garante o

> direito dos povos, comunidades, e países de definir suas próprias políticas sobre a agricultura, o trabalho, **a pesca**, a alimentação e a terra que sejam ecologicamente, socialmente, economicamente e culturalmente adequados às suas circunstâncias específicas. Isto inclui o direito a se alimentar e produzir seu alimento, o que significa que todas as pessoas têm o direito a uma **alimentação** saudável, rica e **culturalmente apropriada**, assim como, aos recursos de produção alimentar e à habilidade de sustentar a si mesmos e as suas sociedades. (FÓRUM MUNDIAL DE SOBERANIA ALIMENTAR, 2001).

Fotografia 34: Secagem dos peixes



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Com a falta de energia no local, e nem todos os dias conseguirem ir até o mar, seja para coletar moluscos ou os homens para pescar, a melhor forma de conseguirem estocar a proteína animal é a partir da secagem dos peixes (Fotografia 34). Elas retiram todas as vísceras, deixam eles salgando no Sol por alguns dias. Essa técnica pode atrair muitas moscas, por esse motivo elas cobrem os alimentos com um tecido fino – que possibilita a entrada dos raios de sol e do ar/vento. Desta forma garantem por mais tempo a diversidade de alimentos na mesa e a diminuição da insegurança alimentar.

Os produtos colhidos no mar garantem a população não chega ao nível mais severo de insegurança alimentar. Sendo nesse trabalho, não só as mulheres pontuadas – essas são catadores de moluscos (Fotografia 35) e que garantem a preservação do peixe após a pesca, salgando-o -, já os homens são responsáveis pela pesca.

Fotografia 35: Mulheres catando mariscos na maré baixa Ilha de Chedia



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, Ilhas de Urok. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Um fato importante apontado por Emanuel Ramos, em uma das conversas informais realizada com ele, foi que em uma época os moradores de Formosa[75] apontavam estar se alimentando de forma que poderiam se encontrar em situação de insegurança alimentar, diante de tais informações a ONG chamou profissionais de saúde e foi observado que em questões nutritivas, eles estavam muito bem alimentados, por diversidade – com produtos do mar e da terra. Assim, verifica-se que a produção nas hortas comunitárias, nos quintais produtivos e no lugar, e a sua pluralidade de produção das mulheres camponesas, juntamente com a pesca e a coleta de moluscos, vem diminuindo a insegurança alimentar e realizando a soberania alimentar que é efetiva na promoção da saúde ancestral.

Como observado, as mulheres camponesas das Ilhas de Urok utilizam técnicas que lhes foram repassadas por suas ancestrais, com o respeito pela natureza e a sua cultura e religião. É notória a soberania alimentar em suas produções e na recolha dos crustáceos e músculos, com esses métodos, com a resistência camponesa e a contra-hegemonia dessas mulheres, é possível ser observada a práxis da promoção da saúde ancestral.

[75] Local onde começaram os projetos da Tiniguena

Por fim, uma das falas marcantes de uma das mulheres foi a de Sabado Mendes Maio, quando apontou que "Mulheres dão à luz, o homem não. Por isso as plantas sobrevivem da mulher" (conversa dezembro de 2022), cabe entender o a matrilinearidade, pois para ela da mesma forma que as mulheres quem dão à luz e a linhagem tem relação com elas, tem a relação com o cuidado, mas não levando em consideração a Divisão Sexual do Trabalho, mas sim uma ligação com a ancestralidade, elas são as responsáveis pela alimentação, pelo cultivo, pelas plantações.



Colheita do arroz na Ilha de Formosa
Foto: Raisa Regala, nov. 2022
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta”.

RETICÊNCIAS ...

Inicio com algo que aprendi com os povos da Guiné-Bissau, mas que se traduz em uma música... "A sorrir eu pretendo levar a vida (...)" foi assim que sempre fui recebida em todos os cantos que passei, em cada uma das conversas que tive ou de passagem pelos cantos, sorrisos foi algo que recebi de todos que passaram por mim nesse país. Isso e tudo aquilo que está escrito na tese foi algo que aprendi com esse povo.

Assim, o percorrer do trabalho trouxe o debate da geografia da pesquisa, além do conhecer o país antes da chegada dos colonizadores, a construção do país, entendendo as contradições existentes e suas possíveis causas. Tecer o processo histórico da Guiné-Bissau para assim poder identificar a ancestralidade, das mulheres, das lutas e dos povos. Aprender sobre os Bijagós e reconhecê-los em sua cultura e na forma de vida, e que esses são povos que convivem em harmonia com natureza, por isso, se fez tão importante a criação da AMPC Ilhas de Urok, e que a união desses pontos faz se ter a percepção de um território saudável. E que por fim, isso não é um fechamento, pois tem muito da Guiné-Bissau a ser conhecida, não por mazelas, mas a partir da compreensão do passado, do presente e do futuro. Desta forma trago as considerações finais ou só considerações ou "para não concluir" ou melhor, chamar de reticências – pois isso não é um fim – uma vez que:

- Para a tese isso se configura um fechamento;
- Para as mulheres camponesas das Ilhas de UROK, a continuação da vida e a compreensão da sua importância para a resiliência ancestral, a soberania alimentar e a promoção da saúde;
- Para mim esse é o início e o meio de pesquisas que buscam compreender a resistência das mulheres camponesas, sua ancestralidade e a promoção da saúde – seja nas Ilhas de UROK, na Guiné-Bissau ou na África.

Diante disto retomando para fechar, entende-se que a história do continente africano é anterior ao processo de escravização e de colonialismo. Isso nos ajuda a perceber que o momento passado foi de extermínio e um epistemicídio (CARNEIRO, 2005) da população e da cultura, mas que isso não é algo só relativo ao passado, no presente ainda é possível se observar essas situações – a partir do neocolonialismo.

Assim, fazendo alusão a Vilar (2020) em "As palavras fantasmas de Amilcar Cabral", faz pensar que até hoje ainda paira um fantasma do colonialismo na Guiné-

Bissau ou seria uma mão invisível que buscam sempre atos e fatos herdados daquele momento. Mesmo com uma resiliência ancestral, a busca pelo seu passado anterior ao período nefasto, ainda se observa como fundamental. Os fatos recentes nos fazem lembrar desse fantasma: A morte de Amilcar Cabral, a emboscada para Titina Silá (Ernestina), vários outros militantes do período de luta para a libertação, o golpe de 1980, o assassinato de Nino Gouveia, a guerra civil de 1998-1999, o golpe em curso de 2020, tentativas de assassinatos que vem ocorrendo frequentemente em 2022 e 2023. Todos são um fantasma/herança daquele momento colonial que enraizou na cultura e na sociedade da Guiné-Bissau (MONTEIRO, 2019), mas que vem ocorrendo um rompimento por parte daqueles que buscam a resiliência ancestral.

Pelo exposto acima, na presente tese, foi fundamental desenvolver uma análise do processo de formação territorial da Guiné-Bissau, por considerar a importância de processos que ocorridos. Mas é importante compreender que esse trabalho não representa a totalidade do país, é necessário o vivido e o percebido. Na Guiné-Bissau reside uma infinidade de etnias que possuem especificidades culturais e religiosas, mas que vivem em uma unidade em busca do desenvolvimento, porém mantendo as raízes, um empoderamento da população e a resiliência ancestral.

Cabe destaque a existência de ONG's, que buscam trabalhar com a contra-hegemonia, a partir do empoderamento da população, na luta contra o neocolonialismo e a sua hegemonia. Nesse processo, a partir da análise realizada, a partir da ONG Tiniguena, verifica-se que ela tem ajudado as comunidades, mas isso não é só mérito dela, mas também daquelas que apresentam uma visão contrária ao neocolonialista; e com percursos decoloniais, sustentáveis e contra-hegemônica.

Mas que todo esse processo não seria possível sem os valores da etnia Bijagó nada seria possível. Sua religião e costumes são importantes para o processo de preservação e conservação das ilhas, mais ainda as *tabancas* das Ilhas de Formosa, Cheia, Maio e Nago, para a construção e aprovação da Área Marinha Protegida Comunitária, que ajudam não só na preservação da natureza, como também para a construção de um território saudável.

Os dados oficiais de Governo da Guiné-Bissau apontam resultados, de certa forma positivos – mas sem negar a necessidade de melhoria –, no arquipélago dos Bijagós. E podem ser relacionados, principalmente, questões culturais da etnia. Para

aqueles residentes nas Ilhas de Urok, associa-se à resistência das mulheres camponesas que proporcionam a soberania alimentar a partir das práticas agroecológicas ancestrais. Assim, essas mulheres e suas práticas de promoção da saúde ancestral, servem de exemplo para que as outras áreas do país, que sofrem de insegurança alimentar.

Por fim, a resistência camponesa embasada na ancestralidade por meio das práticas agroecológicas - de soberania alimentar, segurança alimentar, reservas de sementes, dos repelentes naturais, quintais produtivos, coletividade, da vida em comunidade, do respeito da natureza, cultura da pesca e da coleta no mar - devem ser compreendidas como um processo de promoção da saúde ancestral na perspectiva das comunidades das Ilhas de UROK, localizadas no arquipélago dos Bijagós, na Guiné-Bissau.



Colheita do arroz na Ilha de Formosa
Foto: Raisa Regala, nov. 2022
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2019.

ALMEIDA FILHO, N. **O que é saúde?** Rio de Janeiro Editora Fiocruz, 2011. 160p.

ALVES, Luciene Andrade. **Transformações no espaço agrário Paraibano:** práticas agropecuárias e luta pela soberania alimentar das guardiãs das sementes da paixão do polo da Borborema. 2017. Dissertação (Mestrado). Geografia. João Pessoa, 2017.\

ALVES, Paulo Hagendorn.**A Geologia Sedimentar da Guiné-Bissau**. Da análise geral e evolução do conhecimento ao estudo do Cenozóico. 2007. Tese(Doutorado) Geologia. Lisboa, 2007

AMATIJANE CANDÉ. Crise global dispara insegurança alimentar de 14% para 21% na Guiné-Bissau. Nações Unidas. 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/05/1789592>. Acesso em: novembro 2023.

ANEME. **Estudo Guiné Bissau. Enquadramento perspetivas de desenvolvimento levantamento e caracterização das empresas comerciais e industriais.** 2020. Disponível em: https://www.aneme.pt/site/wp-content/uploads/2018/07/ESTUDO_guineBissau-1.pdf . Acesso em: mar 2022.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro:** nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007 (422 p.).

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. Trabalho de campo e ensino de Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p 181-195, jul./dez. 2012. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2012v27n54p181>. Acesso em: março 2022

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <Disponível em: http://bit.ly/2fmnKeD >. Acesso em: maio 2023

BUSS, Paulo Marchiori. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde:** conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009, p. 19-42.

CABRAL, Amilcar. **A arma da teoria**: unidade e luta I. 1ª ed. Lisboa: Seara Nova, 1978.

CABRAL, Amilcar. **A luta criou raízes**. Org. FONSECA e PIRES. Cabo Verde. Fundação Amilcar Cabral. 2018.

CABRAL, Amilcar. **Análise de Alguns Tipos de Resistência.** Outro Modo, Lisboa, 2020.

CANTO, Rafael Anunes. **Os Bijagós da Guiné-Bissau:** ancestralidade, cultura marítima e resistência histórico-cultural. Orientador: José Rivair Macedo. 2020. 200 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antonio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios.** Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. 24 p.

CAPOSSA, Romão. Algumas consequencias da Conferência de Berlim (1884 – 1885) para a atual África. *In*: **Identidade!** Boletim do Grupo de Negr@s da EST/IECLB, s.l., v. 07, jan-jun. 2005. ISSN 1676-9570.

CARDOSO, Augusto. **Gestão e conservação da biodiversidade da Sócio e biodiversidade da Bijagós**. Orientador: Maria Elisabete P. Santos. 2015. 262 f. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal do da Bahia, Bahia, 2015.

CARDOSO, Carlos. Compreendendo a crise de 7 de Junho na Guiné-Bissau. **Soronda Especial 7 de Junho**, 2000 87-104.

CARDOSO, Carlos. A transição democrática na Guiné-Bissau: um parto difícil. In Johannes Augel & Carlos Cardoso (Eds.), **Transição democrática na Guiné-Bissau e outros ensaios**. Bissau: INEP, 1996 13-40.

Cardoso, Carlos; Augel, Johannes. (1996). "Introdução". In Carlos Cardoso & Johannes Augel (Eds.), **Transição democrática na Guiné-Bissau e outros ensaios**. Bissau: INEP,1996 7-12.

CARDOSO, Paulo Eduardo. **Os mangais da Guiné-Bissau:** análise a 40 anos de evolução da sua extensão. Universidade de Lisboa. Dissertação para Mestrado em Ecologia e Gestão Ambiental. Lisboa. 2017

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CATAIA, Márcio. Território usado e federação: articulações possíveis. **Educação & Sociedade** [online]. 2013, v. 34, n. 125 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000400007>. Acesso em: jun 2022.

CECCON, C. COM HUMOR E PAULO FREIRE: a educação na Guiné Bissau (1976 – 1980). **Movimento-revista de educação**, n. 7, p. 334-366, 9 nov. 2017.

CLAKER, John Henrik. **Pan-africanismo, poder preto e história preta**. Tradução de: Kahotep Shemsa Hefen. São Paulo. Editora Ananse, 2021 p. 184.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. A soberania alimentar como parte dos contra-espaços do Brasil contemporâneo. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas. v. 2, n.3, p. 25-43, 2022. ISSN: 2764-1422.

CORREIA, Armando Arnaldo. Educação e desenvolvimento: como tónica da liberdade? **BAULA**, Guiné-Bissau, p. online, 20 fev. 2020. Disponível em: https://www.buala.org/pt/a-ler/educacao-e-desenvolvimento-como-tonica-da-liberdade. Acesso em: mai. 2022

CORREIA, Moisés Domingos; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. COLONIZAÇÃO, DESCOLONIZAÇÃO E PÓS-COLONIALISMO: A GÊNESE DA GUINÉ-BISSAU NA GEOPOLÍTICA DA GUERRA FRIA. **Geoconexões**, *[S. l.]*, v. 2, n. 14, p. 4–23, 2023.

CORREIA, Moisés Domingos; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. COLONIZAÇÃO, DESCOLONIZAÇÃO E PÓS-COLONIALISMO:: A GÊNESE DA GUINÉ-BISSAU NA GEOPOLÍTICA DA GUERRA FRIA. **Geoconexões**, [S. l.], v. 2, n. 14, p. 4–23, 2023. DOI: 10.15628/geoconexes.2022.15043. Disponível em: https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/15043. Acesso em: maio 2023.

DAVIDSON, Basil. **A libertação da Guiné:** Aspectos de Uma Revolução africana. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

DIOP, Cheikh Anta. **Naciones negras y cultura**. Barcelona: Belaterra, 2012.

ELTIS, David; RICHARDSON, David. Volume e direção do comércio transatlântico de escravos. In: ELTIS, David; RICHARDSON, David. **Mapas Introdutórios.** [S. l.]: Slavevoyages, 2022. Disponível em: https://www.slavevoyages.org/blog/volume-and-direction-trans-atlantic-slave-trade. Acesso em: 2023 e 2024

FABRINI, João Edmilson. A escala da luta e resistência camponesa. **Geosul**, Florianópolis, v. 21, n. 42, p 63-91, jul./dez. 2006

FABRINI, João Edmilson. A resistência camponesa para além dos movimentos sociais. In **Revista NERA**, Presidente Prudente: Ano 10, nº. 11 pp. 8-32 Jul.-dez./2007.

FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas.** Tradução de Sebastião. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1997.

FAO, Food and Agricultural Organization. **O direito humano à alimentação adequada no marco estratégico global para a segurança alimentar e nutricional:** consenso global, Roma, FAO. 2014

FARIA, Rivaldo Mauro; BORTOLOZZI, Arlêude. Espaço, território e saúde: contribuições de milton santos para o tema da geografia da saúde no brasil. **RAEGA** - O Espaço Geográfico em Análise, [S.l.], v. 17, jun. 2009. ISSN 2177-2738. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/11995>. Acesso em: maio 2023.

FERNANDES, Itelvina José. **UNAKÉ:** rituais de transição da mulher bijagó da Guiné-Bissau. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

FIGUEIREDO, Angela; GOMES, Patricia Alexandre Godinho. Para além dos feminismos: uma experiência comparada entre Guiné-Bissau e Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 909–927, set. 2016.

FORTES, Paula Cristina dos Reis. Bijagós: sociedade matriarcal?. In: **BAULA.** [S. l.], 19 fev. 2011. Disponível em: https://www.buala.org/pt/a-ler/bijagos-sociedade-matriarcal. Acesso em: jun. 2022.

FÓRUM MUNDIAL SOBRE SOBERANIA ALIMENTAR. **Declaração Final:** Pelo direito dos povos a produzir, alimentar-se e a exercer sua soberania alimentar, Havana, Cuba. 2001. Disponível em: <http://neaepr.blogspot.com/2010/01/conceito-de-soberania-alimenta.html>. Acesso em: maio 2023.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral:** possibilidades e procedimentos. 2 ed. São Paulo. Associação Editorial Humanitas, 2006.

FONSECA, Mariana Bracks. Poder feminino e matriarcado na África Pré-colonial. **Revista África e africanidades**, [s. l.], ed. 32, 2019. Disponível em: https://africaeafricanidades.com.br/documentos/0530112019.pdf. Acesso em: jun 2023.

FONSECA, Mariana Bracks. **Poderosas rainhas africanas**. Belo Horizonte. Ancestre, 2021.

FÓRUM MUNDIAL DE SOBERANIA ALIMENTAR, 2001, Havana. **Declaração** ... Havana, 2001.

GOMES, Arrais Fidelis da Silva. **Políticas educacionais de alfabetização de jovens e adultos na Guiné-Bissau:** a presença dos métodos alpha TV/ Arrais Fidelis da Silva Gomes. 2018. 126f.

GOMES, Patrícia Alexandre Godinho. "As outras vozes": Percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios da Guiné-Bissau. In**: Odeere**: revista de pós-graduação em Relações Etnicas e Contemporaneidade – UESB. Ano 1, n. 1, jan -jun 2016.a

GOMES, Patrícia Alexandre Godinho. A Mulher guineense como sujeito e objeto do debate histórico contemporâneo: Excertos da história de vida de Teodora Inácia Gomes. **Desenvolvimento da África** 41 (2016): 71-95.

GORENDER, Jacob. **Brasil em preto e branco**: o passado escravista que não passou. SENAC São Paulo, 2000.

GRAÇAS, Luis. Guiné 61/74 - P24489: Antologia (91): "A Suécia e as lutas de libertação nacional em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau", por Tor Sellström (2008). Excertos: o caso da ajuda ao PAIGC – Parte II. **Luis Graças e seus camaradas**. Lisboa, 19 de julho de 2023. Disponível em: < https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2023/07/guine-6174-p24482-antologia-91-suecia-e.html>. Acesso em: julho de 2023.

GUERRIERO, Iara Coelho Zito. **Aspectos éticos das pesquisas qualitativas em saúde 2006**. 230 p. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GUERREIRO, Iara Coelho Zito; DALLARI, Sueli Gandolfi. A necessidade de diretrizes éticas adequadas para a pesquisa qualitativa em saúde. **Ciência e Saúde Coletiva** , Rio de Janeiro, v.13, n.2, p.3003-11, 2008.

GUIMARÃES, Raul Borges. **Saúde:** fundamentos de Geografia humana. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

GUIMARÃES, Raul Borges; PICKENHAYN, Jorge Amancio, LIMA, Samoel C. **Geografia e saúde sem fronteiras**. Uberlândia: Assis Editora, 2014

GURGEL, A. M. **Agrotóxicos e saúde** / organizadores Aline do Monte Gurgel ... [et al.] . – Rio de Janeiro Rio de Janeiro : Fiocruz, 2018. 168 p. : il. ; 23 cm. (Série Fiocruz ; Documentos institucionais ; Coleção saúde, ambiente e sustentabilidade, v. 2)

HADEM, Alfredo. **Análise Institucional das organizações da sociedade civil:** Guia das OSC inquiridas. Guiné-Bissau: IMVF, 2008.

HARRES, M. M. História Oral: algumas questões básicas. **Revista Anos**, 90, v. 15, n.28, p. 99-112, 2008.

HUNTINGTON, Samuel. **A terceira onda:** democratização no final do século XX. São Paulo: Ática, 1994. IBAP –

IDEC. **Saiba o que são os alimentos transgênicos e quais os seus riscos**. Disponível em: https://idec.org.br/consultas/dicas-e-direitos/saiba-o-que-sao-os-alimentos-transgenicos-e-quais-os-seus-riscos#.T2pBuZwpzxs.email Acesso em março 2024.

INDJAI. Bucar. **O saber local sobre a utilização das plantas medicinais na Área Marinha Protegida Comunitária das Ilhas Urok** (Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós, Guiné-Bissau) New University of Lisbon. Faculty of Social Sciences and Humanity's. Lisbon, Portugal. 2017

INDJAI, Bucar; CATARINO, Luís; MOURÃO, Dora. **Mezinhos de Orango** - Plantas Medicinais e Pessoas da Ilha da Rainha Pampa. Bissau: Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas; 2010.

INIKORI, ANO

KAFO- Confederação Camponesa. **Formação sobre controle biológico das pragas**. 2012. Disponível em < http://guineabissau.sodepaz.org/uploads/guinea/files/52b41e6463db22.69565885.pdf >. Acesso em: julho 2020.

KILOMBA, Grada. "The Mask" In: **Plantation Memories**: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Seleção de Textos**, 11. São Paulo: AGB, 1985.

LARANJEIRO, Catarina de Castro. **Entre as imagens e os espíritos:**: encontros com a memória da guerra de libertação na Guiné-Bissau. Orientador: Bruno Sena Martins e António Sousa Ribeiro. 2018. 396 f. Tese (Doutorado em Pós-Colonialismo e Cidadania Global) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.

LIMA, Augusto J. Santos. **Organização económica e social dos Bijagós**. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1947. - 154 p.

LOPES, Carlos. **Transição histórica na Guiné-Bissau**. Lisboa: INEP, 1987. (Kacu martel, 2).

MACHADO 2017. visam a atingir o desenvolvimento global, regional e local, em suas **dimensões ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais**

MALDONADO-TORRES, N. Analítia da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In BERNARDINO-COSTA; MALDONATO-TORRES; GROSFOGUEL (org). **Decolonialidade e pensamentos afrodiaspórico. Belo Horizonte**. Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, Mireile Silva; MOITA, Júlia Francisca Gomes Simões. Formas de silenciamento do colonialismo e epistemicídio: apontamentos para o debate. In: **Encontro de Ensino de História**, 5, 2018, Ituiutaba. Anais... Minas Gerais: UFU,

MATOS, Hebe; ABREU, Martha; GURAN, Milton. Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil. **Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI)** 2013. Disponível em: <http://www.labhoi.br>. Acesso em dezembro de 2022.

MBEMBE, A. **Necropolítica.** 3. ed., São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.p.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. São Paulo: N-1 Edições, 2020, p. 75-76.

MISOCZKY, M. C.; FLORES, R. K.; BÖHM, S. **A Práxis da Resistência e a Hegemonia da Organização**. O&S, v.15, n.45, p. 181-194,2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia histórica do Brasil:** cinco ensaios, uma proposta e uma crítica. São Paulo: Annablume. 2009.

MOREIRA, José Mendes. Breve ensaio etnográfico acerca dos Bijagós. **Boletim Cultural da Guiné Portuguesa**, Bissau, v.1, 1946. 69 – 115p. Disponível em < http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N001-N004&p=74>. Acesso em: janeiro 2024.

MONTEIRO, Artemisa Odila Cande. **Discurso Nacional e Etnicidade em África:** O Caso da Guiné-Bissau (1959-1994). Editora Appris. Edição do Kindle.

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A invenção da África:** gnose, filosofia e a ordem do conhecimento/ V.Y. MUDIMBE; tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

NAMONE, Dabana. **A luta pela independência na Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC** : etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional. 2014 . 120 f. Dissertação (Mestrado em ciências sociais). Araraquara. 2014

NARRA, Pedro. Bijagós, o tesouro sagrado da Guiné-Bissau. In: National Geographic. Portugal, 2019. Disponível em: https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/bijagos-o-tesouro-sagrado-da-guine-bissau_1556. Acesso em: março de 2024.

NO PINTCHÁ, 1980

NOVAIS, Jorge Reis. **Tópicos de Ciência Política e Direito Constitucional Guineense**. Lisboa, 1996.

NUNES, Everardo Duarte. Pós-graduação em saúde coletiva no Brasil: histórico e perspectivas, 2005. PHYSIS: **Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 15(1):13-38, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Pan-Africanismo na América do Sul :** emergência de uma rebelião negra. Petrópolis: Vozes, 1981.

OLIVEIRA, O MATRIARCADO E O LUGAR SOCIAL DA MULHER EM ÁFRICA: Uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos. **Odeere**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 6, Julho – Dezembro de 2018.

PAIM, Márcio Luis. Pan-africanismo: política, libertação e golpes de estado, 2016. **Revista TEL**, Irati, v. 7, n.1, p. 207-229,jan. /jun.2016.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. África pré-colonial: ambiente, povos e cultura. *In:* VISENTINI, P.; RIBEIRO, L.D.T; PEREIRA, A.D. **História da África e dos africanos**. Petrópolis: Vozes, 2014. 15 – 55.

PINTO, Mãe Flávia. **Salve o matriarcado:** manual da mulher búfala. Rio de Janeiro, RJ: Fundamentos de Axé, 2021.

PLANO DE GESTÃO. da Área Marinha Protegida Comunitária das lhas Urok (2014 – 2023). 2014

PLANO DE GESTÃO DA ZONA COSTEIRA DAS ILHAS FORMOSA, NAGO e CHEDIÃ (Ilhas Urok), 2003

PNUD - Guiné-Bissau. **O futuro que vemos hoje**. Relatório. Guiné-Bissau, 2022.

REGALA, Raisa Maria de Sousa. **Perímetro Irrigado das Várzeas de Sousa:** conflitos territoriais e resistência camponesa contra o uso de agrotóxico. Oritentador: Emilia de Rodat Fernandes Moreira e Martha Priscila Bezerra Pereira. 2019. 142p. Dissertação (Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

RELATORIO PROJETO TIBAN ANKATERO TINIGUENA. **"Tiban ankaterô"** Integração de aspetos culturais, agroecológicos, territoriais e climáticos para uma agricultura familiar resiliente ao clima nas ilhas de Urok. Guiné-Bissau. 2023

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU. **Revisão Estratégica da Guiné-Bissau.** Relatório. Bissau, s.d. Disponível em: <https://www.wfp.org/publications/guinea-bissau-strategic-review>. Acesso em: dez 2024.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU. **Fome zero na Guiné-Bissau:** desafios para alcançar a segurança alimentar e nutricional (2018 – 2030). Bissau. s.d.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU. Boletim Oficial. **Decreto nº 08/2005.** Criada a área Marinha Protegida comunitária nas Ilhas de Formosa, Nago e Chediã (ilha de UROK); **Decreto nº 9/2005**. Aprovado o Plano de Gestão da Área Marinha Protegida Comunitária das Ilhas de Formosa, Nago e Chediã (ilhas de Urok). 2005.

RIVERA, Francisco Javier Uribe; ARTMANN, Elizabeth. Promoção da saúde e planejamento estratégico-situacional: intersetorialidade na busca de uma maior governabilidade. In: Czeresnia DF, Freitas CM, organizadores. **Promoção da saúde:** conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2009.

ROQUE, Sílvia. 3 de Agosto de 1959, Massacre de Pidjiguiti, Bissau, in Miguel Cardina e Bruno Sena Martins (org.), **As Voltas do Passado:** A guerra colonial e as lutas de libertação. Lisboa: Tinta-da-China 2018, 33-39

ROQUE, S. Mulheres, nação e lutas no cinema anti/pós-colonial da Guiné-Bissau. **Revista de Comunicação e Linguagens,** n. 54, 1 Jul. 2021. Disponível em: < https://rcl.fcsh.unl.pt/index.php/rcl/article/view/132>. Acesso em: maio 2023

RUDEBECK, Lars. **Colapso e Reconstrução Política na Guiné-Bissau 1998-2000**: Um Estudo de Democratização Difícil. Ed. ASDI, Stockholm, 2001.

SAID, Abilio Rachid; ABREU, Alexandre. **A Economia Local da Área Marinha Protegida Comunitária das Ilhas Urok:** Dinâmica, Constrangimentos e Potencialidades. IMVF, TINIGUENA, Comissão Europeia e Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento. 2011

SANTOS, Milton. P**or uma geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: Edusp, 1986. 6. ed.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997. (Coleção espaços).

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. **Ciência. Culto.** , São Paulo, v. 2, pág. 21-22, outubro de 2002.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Milton. O retorno do território. En: OSAL: **Observatorio Social de América Latina.** Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires : CLACSO, 2005- . -- ISSN 1515-3282

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. **GEOgraphia**, v. 1, n. 1, p. 7-13, 9 set. 2009.

SANTOS, Milton et al. **O papel ativo da geografia, um manifesto**. Florianópolis, 2000.

SANTOS, Ynaê Lopes. **História da África e do Brasil afrodescendente**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SANTY, Boaventura Rodrigues Vaz Horta. **As representações sociais das mudanças do clima e suas implicações no processo de territorialização:** os

Bijagós da ilha de Formosa, Guiné-Bissau. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

SANTY, Boaventura Rodrigues Vaz Horta. **Dimensões sóciopolíticas de adaptação às mudanças climáticas na Guiné-Bissau.** 2016. Tese (Doutorado). Escola de Engenharia. São Carlos, 2016.

SARAIVA, Clara. **Sítios Sagrados no Arquipélago dos Bijagós**. IMVF. 2015.

SCHOLL, Camille Johann. Matriarcado e África: discurso na história acerca de poder político e gênero. FONSECA, M. B. e OLIVEIRA, F C. **Áfricas e ruas relações de gênero**. Ancestre, Rio de Janeiro, 2019.

SELLSTRÖM, Tor. **A Suécia e as lutas de libertação nacional em Angola, Moçambique e GuinéBissau**. Tradução de Júlio Monteiro. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 2008.

SEMEDO, Ruy. **PAIGC: a face do monopartidarismo na Guiné-Bissau** (1974 a 1990). Lisboa, Nimba edições, 2021.

SERRANO, Julia Scaglioni. **Mulheres da Borborema construindo agroecologia e a igualdade de gênero**. 2014. Dissertação (Mestrado). Bananeiras. 2014. 138f.

SIMON, George-André. **Food security: definition, four dimensions, history.** Roma: FAO, 2012.

SIMON. Carolina Russo. **A promoção da saúde, feminismo e contraespaço:** mulheres camponesas e suas lutas para se manterem vivas! 2020. Dissertação (Mestrado) Presidente Prudente, 2020. 400 p.

SILVA, Alfredo Simão da. Prefácio. LECOQ, M; MONTEIRO, H; FERNANDES; ALMIR, E. (org). **Guia das aves comuns da Guiné-Bissau.** Monte. 2017. Disponível em: <https://www.monte-ace.pt/site/GuiaAves-PNTC_WEB.pdf>. Acesso em: junho de 2022.

SILVA, Dilma de Melo. **Por entre as Dórcades encantadas:** os Bijagósda Guiné-Bissau. São Paulo, Terceira margem, 2000.

SILVA, Juniele Martins; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. In: MARAFON, Gláucio José et al. (org.). **Pesquisa qualitativa em geografia:** reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. p. 207-221.

Slave Voyages. (s.d.) **Comércio Transatlântico de Escravos** – Base de Dados. Recuperado de https://slavevoyages.org/voyage/database#statistics

TÁBOAS, I. D. M. Z. **Viver sem violência doméstica e familiar:** a práxis feminista do Movimento de Mulheres Camponesas. Brasília, 2014. 165p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Universidade de Brasília.

TÉ E MONEITO, Regime do partido único na Guiné-Bissau (1973-1991): o que falhou? **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 9, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rsulacp/article/view/25076>. Acesso em: junho 2023.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. **Golpe de Estado na Guiné-Bissau**, 1998-2023. 2008. Disponível em: < https://vdocuments.com.br/golpe-de-estado-na-guine-bissau-1998-nao-resolvem-e-com-toda-probabilidade.html?page=8>. Acesso em: junho 2023

TINIGUENA. **Mulheres Rurais na Guiné-Bissau:** estudo de base e diagnóstico participativo nas comunidades de Leste e Norte da Guiné-Bissau. Bissau. Grafisol - edições e papelarias, LDA. 2019.

TRAUMANN, Andrew Patrick; MENDES, Fernanda Celli Correa. A PARTILHA DA ÁFRICA E O HOLOCAUSTO QUE O MUNDO NÃO RECONHECEU. **Relações Internacionais no Mundo Atual**, [S.l.], v. 1, n. 18, p. 253-274, mar. 2015. ISSN 2316-2880. Disponível em: <https://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/1238>. Acesso em: jun. 2023.

TURRA NETO, N. Pesquisa qualitativa em Geografia. **XVII Encontro Nacional de Geógrafos (ENG),** 22-28 de julho de 2010, Belo Horizonte. Anais...: Belo Horizonte, p. 01-12, 2010.

VILAR, Fernanda. As palavras fantasmas de Amílcar Cabral. In: RIBEIRO, M. C.;ROTHWELL, P. **Heranças pós-coloniais nas literaturas de língua portuguesa**. Santa Catarina, Edições Afrontamento, 2018.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação:** da teoria ao trabalho de campo. São Paulo: Papirus, 1998.

WHO. Carta de Ottawa, pp. 11-18. In Ministério da Saúde/FIOCRUZ. **Promoção da Saúde:** Cartas de Ottawa, Adelaide, Sundsvall e Santa Fé de Bogotá. Ministério da Saúde/IEC, Brasília. 1986



Barco que az a travessia entre Bissau e a ilha de Formosa
Foto: Raisa Regala, dez. 2022
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta”.

Apêndice

1. APÊNDICE I - ENTREVISTAS/CONVERSAS INFORMAIS

Como já informado no tópico "Kamiño di konstruson da tese: um conto do campo" não haverá a transcrição, por questões da dificuldade com a lingua, fez necessário haver mais pessoas e isso fez com que ficasse mais difícil o processo de transcrição. Assim teremos histórias contadas das entrevistas.

Nas realizações das entrevistas nas Ilhas de UROK estava presente Eu (Raisa Regala), Paloma Regala – pesquisadora em desenvolvimento de meio ambiente e Sanhã Correia – membro da ONG Tiniguena. As conversas informais ocorriam em horários de "ócio" – essas não foram gravadas, apenas relatadas e escritas no caderno de campo. Já a entrevista em Bissau, estavam presentes Eu, Paloma Regala e Augusto Regala.

Alguns temas foram apresentados por parte mulheres antes mesmo das questões. Quando questionadas sobre determinados assuntos algumas delas desenvolviam mais que outras, por isso certos temas vão aparecer nas histórias.

Sabado Mendes Maio – *tabanca Kunyanqui*

Sabado Mendes Maio é de Bolama, região do arquipélago Bolama Bijagós, hoje mora na *tabanca* de Kunyanqui – Ilha de Formosa. É camponesa, guardiã de sementes e uma das atendidas para construção do quintal produtivo – o maior que foi visitado durante a estadia nas ilhas. O local da entrevista foi no alpendre de sua casa, sentadas no chão de barro batido. A casa é circulada de verde – seja de mata ou de produção. Para chegar até a casa tivemos que pular a cerca feita para que a produção não seja comida animais – no intervalo de um mês foi construída, pois em novembro de 2023 quando visitei a primeira vez ela não estava ali; uma vaca havia entrada em seu roçado e se alimentado dele. Enquanto estávamos conversando seus netos e filhos circulavam ao nosso redor, assim como várias galinhas. No chão podia ser observado um morro de conchas de marisco que foram catadas por ela – os mariscos fazem parte de sua alimentação. O local onde estava sua cozinha era no alpendre, naquele momento ela estava fazendo comida. Também havia um galinheiro, mas poucas galinhas estavam ali, como já dito, elas circulavam em busca de comidas pelo chão. Na saída, partimos por outro caminho, seguimos pela mata – que tinha no quintal de sua casa.

No início de nossa conversa, estávamos os três, e ela estava mais em silêncio e não querendo responder as perguntas, sentindo esse desconforto o membro da ONG se afasta e nos deixa realizar a entrevista, pois na visão dele a conversa só entre mulheres pode ser tornar mais fluida – mesmo ele sendo muito próximo a essa mulher, ela poderia se sentir mais confortável para esse momento. Ao final da comunicação todas estavam mais na troca de informações.

Em suas falas, percebe-se que ela pratica a agroecologia para uma soberania alimentar. Em seus cultivos nota-se uma diversidade na produção – tanto na fala quando na análise da paisagem – a coletividade foi algo muito presente, quando se referenciava ao lugar, a horta, ao quintal produtivo e ao próprio comitê de gestão das Ilhas de Urok.

A importância da ONG Tiniguena no seu processo de vida, já que havia sementes que as mulheres não possuíam – por nunca existirem ali – mas que agora tem acesso e assim podem diversificar alimentar e aumentar a qualidade nutricional.

Ela não tinha muito experiência em relação a estocagem de sementes – algo pontuado por ela quando perguntado sobre o aprendizado com as mulheres *garandis* de sua família.

As técnicas utilizadas para espantas as pragas eram bem interessantes – *bicilon*[76], pimenta malagueta e folha de tabaco; fermentação e só depois os aplicavam; a quantidade de produto aplicado dependia de quão forte estaria a mistura, as vezes não era direto na planta, para não matar, ela batia com uma vassoura, pois aplicava uma menor quantidade. Já em relação ao lugar, ela informou que só aplicava cinza. A maneira que ela falava e trata as plantas é com cuidado, amor. Isso pela compreensão de "A agricultura é importante pois fornece alimento que traz força para viver"; "sem comida e sem plantar ninguém vive" – a produção é a força para ela e seus pares sobreviverem. A partir dessa compreensão, ela trata seus alimentos com responsabilidade, sem utilização de químicos para espantar os bichos e com adubo a partir das fezes das galinhas. A vida trazendo tudo que é necessário para sua produção – seja ela da terra, no mar ou dos animais.

Além de trabalhar na terra, ela também é uma mulher do mar – cata mariscos, ostras etc. As mulheres que trabalham com agricultura, os homens só as ajudam – o empoderamento feminino presente nos momentos de sua fala, principalmente quando ela expressa que os homens sentem mais dores e já as elas são "*mindjeres di forsa*[77]" que "*pega tesu*[78]".

O aprendizado ela vem repassando para os netos que moram com ela. Nesse momento a fala da ancestralidade está presente, pois no processo de ensinamento é realizar o resgate ancestral.

A AMPC Ilhas de UROK e o seu comitê de gestão são de extrema importância para a preservação e conservação da área para as próximas gerações, a aplicação de multa inibe.

Por fim, uma das frases importantíssima dita por ela é "Mulheres dão à luz, o homem não. Por isso as plantas sobrevivem da mulher"

[76] Tabaco
[77] Mulher de força
[78] Esforçar

Maimuna Augusto – *tabanca de Abu*

A conversa foi realizada no alpendre da sede da rádio comunitária das Ilhas de Urok. Ela estava na reunião das mulheres para entrega das sementes, que no mês de janeiro iniciaria a plantação na horta comunitária da *tabanca* de Abu.

Após a finalização da conversa fomos até a sua casa para conhecer seu quintal produtivo, além de ter acesso as sementes que ela guarda de um ano para o outro. A sua horta é toda cercada e possui uma diversidade de frutas legumes e verduras, organizados em fileiras. Essa horta fica a poucos passos da sua casa.

Maimuna é mae de 3 meninas e 1 menino, ela é da ilha de Formosa e é guardiã das sementes – seu trabalho na agricultura é completo, tem a produção no lugar, no quintal produtivo e na horta comunitária. Trabalha com cultivo desde criança, junto com a sua *dona* e a sua *mamé*[79]*.*

Antes da chegada da Tiniguena nas ilhas já cultivava, mas com a ONG ela aprendeu mais técnicas de produção para o enfrentamento de problemas. Inclusive Maimuna já guardava suas sementes, onde retirava as melhores sementes para estocar e plantar no outro ano.

O seu plantio, no lugar, se inicia com a primeira chuva – além do arroz já vai cultivando manfafa, inhame genebra, canja. Outras produções como Jacatu, mancarra tombali, também foram citadas durante a conversa, mas não foram especificadas onde eram colocadas. No ano de 2022 ela conseguiu colher um saco de cebola, só ela. A época do ano que faz o plantio de arroz é agosto, setembro, outubro, novembro e as vezes dezembro ela trabalha no lugar. As mudanças na época de chuva – seja diminuindo a quantidade ou atrasando a época das chuvas.

A técnica que ela utiliza para espantar os bichos é a cinza – nas hortas. Já no arroz ela não faz uso de nada, apesar de ter um bicho branco – tipo mosca – que suga a seiva e mata a plantas. Os pássaros não são tidos como inconvenientes para ela, pois eles só comem alguns grãos de arroz, mas não matam as plantas. *"katchu ka ta danar arus*[80]*".*

[79] Avó e mãe.
[80] Pássaro não estraga/mata o arroz

Compreende que o *sumia*[81] é importante, por ser natural e além de tudo "te da saúde". A partir do seu cultivo ela tem o completo para a vida, uma parte para comer e se alimentar, outra parte para vender e financeiro – para pagar educação, saúde e poder criar os filhos. Ela também faz troca da sua produção, quando ela tem uma coisa e o outro não tem, faz a troca. Uma das falas importantes dela é sobre doar alimento, quando questionada, ela falou que doa, principalmente se for família. "Se alguém da família chegar falando que não tem o que dar para o filho, ela faz a doação sim". Ajudamos uns ao outros quando é necessário, principalmente quando alguém está doente. Mas não se reduz apenas nesse momento, eles sabem quando a outra e o outro precisa de ajuda.

De acordo com cada uma de suas doenças que ela busca a/o curandeira/o ou o hospital. Um exemplo que aponta é o *paludismo*[82]. Ela entende que tem doenças que só a/o curandeira/o pode tratar, como para mordida de cobra, o hospital não pode curá-los disso, apenas o curandeiro. Assim verificando a importância e responsabilidade de casa um deles.

A *dona* dela, Isabel, era curandeira na *tabanca* de Abu – ilha de Formosa, sua tia Fátima Pereira também era curandeira. Ela tem preferido buscar o hospital para certos tratamentos, mas outros é através dos *mesiñu de tera*[83]*,* se tem dor de barriga ela tem raízes, se tem outras doenças busca cascas de arvores, folhas etc.

Além de trabalhar no *sumia* ainda ela também é catadora de conchas. Em relação ao mar, aquilo que ela não consome em casa ela vende, não faz a troca. É com esse dinheiro que ela compra o caderno para os filhos, também o sabão.

Ela gosta de viver em Formosa, mas se tivesse como ir para a Praça[84] iria, ainda mais por sua família estar por lá, apenas ela e os filhos estão ali e sentir que tem situações que ali tem mais qualidade.

Para chegar na casa de Maimuna, passamos por um beco entre duas casas, chegamos em um espaço mais aberto, andamos, passamos na frente de mais uma casa e assim chegamos. De frente para sua moradia estava o seu quintal produtivo, o espaço era menor, mas podia ser observada a diversidade. Tinha uma porta

[81] Semear
[82] malária
[83] Plantas medicinais
[84] Bissau

improvisada, atravessamos ela e todas as plantações eram enfileiradas e divididas por cultivo, algumas plantas eram maiores e outra menores. Não havia forma definida no espaço – se era em formato de círculo ou quadrado ou retângulo. Encostado na cerca havia algumas sementes que estavam secando para serem guardadas, um pouco mais ao lado verificava-se a dois toneis onde ela estocava a água que regava as plantas.

A primeira vez que havia visto as sementes de tomate na parede, foi na casa de Maimuna, como não imaginei que poderia ser sementes, preferi não indagar o que era aquilo. Mas como em todas as outras casas que passei, na parede do alpendre estava com bastante sementes guardadas para o próximo cultivo. O barro deve, de alguma forma, ajudar a conservar.

Esperança – *tabanca de Ambo*

Esperança é uma mulher tímida em palavras, mas muito expressiva em sorrisos. Ouvir sua voz durante a conversa era bem difícil, ainda mais quando além da brandisse da fala, ainda se misturava com uma mulher e duas crianças batendo arroz no pilão para separar a casca do grão. A conversa não foi realizada em sua casa, mas ao lado de uma *bemba* e próximo ao seu quintal produtivo (antes da nossa chegada ela estava com as outras no pilão) sentadas em pequenos bancos de confecção bijagós.

Moradora de Ambul, mas nascida em e criada em Cocco, uma das principais produtoras da tabanca, mãe de uma menina e um menino e casada com o animador[85] dos projetos da Tiniguena.

Além do quintal produtivo, ela também produtora no lugar e na horta comunitária de sua *tabanca*. Ela sabia coisas sobre produção agrícola, mas só com os projetos da Tiniguena que iniciou a plantar – pois conseguiu sementes e mais aprendizado sobre o assunto. Assim como as outras entrevistadas, sua produção são bem diversificadas: lugar – arroz, manfafa, milho, abobora; no quintal – inhame, cebola; mas também citou – malagueta, menta, mancarra, feijão, esses sem especificação em qual espaço de produção. Nos momentos as crianças ajudam na produção.

Também é coletora de mariscos, e assim como o excedente da agricultura, ela vende o do mar. Mas para a agricultura também pratica a doação para aqueles que estão precisando. Pelo fato de ser tímida, ela respondia apenas aquilo que era perguntando, e muitas das vezes apenas com a cabeça, em algumas questões uma das crianças que estava pilando o arroz quem dizia – como não falado por ela não sendo considerado.

Ela confia nos remédios da terra, compreende a importância deles para melhorar as doenças, sabe dos curandeiros e busca eles quando necessário, mas quando ela ou as filhas ficam doentes, procura o hospital primeiro. Os cuidados médicos são no hospital localizado em Abu, é o único da ilha.

[85] É um cargo fixo no quadro da Tiniguena nas AMPC ilhas de Urok. Ele fica responsável pela comunicação, organização em campo e por manter os coordenadores do projeto informado sobre as situação em UROK.

Em andanças pela Guiné-Bissau eu já havia visto *bembas*, sabia o que eram, mas foi em visita ao espaço de Esperança que pude chegar mais próximo – mas sem adentrar o espaço, por questões de respeito cultural.

Sua vida na Ilha de Formosa e na *tabanca* de Ambul é muito feliz, ela gosta de estar ali, mas sente saudade de sua falta da sua família que mora em Coco. Não sairia dali.

Ao visitarmos a sua *bemba*, foi observado uma pequena área circulada com madeiras e algumas palhas – que impediam a entrada dos animais. Perguntei por ter verificado algumas plantar e um grande mamoeiro, ela informou que ali seria seu quintal produtivo. Mesmo tão pequeno pode ser verificado uma diversidade de produção, com todos os espaços cultivados.

Anjuleta – *tabanca de Abu*

Anjuleta é uma mulher mais falante, a escolha dela para a entrevista se deu por sua presença durante a reunião de entrega das sementes, inclusive nesse momento em que ela apresentou um dos problemas enfrentados pelas mulheres da horta comunitária, estava ocorrendo a distribuição das sementes, mas elas estavam com o contratempo de terem cortado os arames que protegem a horta comunitária. Isso traria infortúnios durante a produção, pois animais poderiam entrar em estragar a plantação – situação que já havia ocorrido anteriormente naquele local.

Ela não é nascida na Ilha de Formosa, ela é de Bubaque – uma das principais ilhas, pertencentes ao Arquipélago dos Bijagós. Nossa entrevista foi realizada no alpendre de sua casa, nós estávamos sentadas no chão e ela em um banquinho de madeira. Íamos iniciar nossa conversa próximo a uma das portas da casa, mas chegaram pessoas para observar, e ela nos convidou a ir mais ao lado da casa.

Ela mora com seu marido, seus filhos e mais agregados, num total de 12 pessoas em sua casa.

É uma das coordenadoras da Horta comunitária. Algo interessante em sua fala, que não apareceu em outras, ela produz arroz no *pampa* (arroz alagado) – mas não trouxe muita informação, mesmo quando questionada – para ela apresentar seu quintal e falar sobre a horta comunitária era mais importante, tinha orgulho.

O seu aprendizado vem a partir de sua mãe e avó, elas ensinaram qual arroz ela deveria plantar, qual a semente que deveria utilizar – pois uns saem mais cedo e outro demoram mais para a colheita -, se chover muito ou se for pouco como deve lidar com isso. Que muito do que ela sabe foi anterior a chegada da Tiniguena, ela cortava palha, também fazia sal e coletava no mar. Mas só com a chegada da Ong que ela inicia a produção no quintal e na horta.

A horta, o mar, o lugar e o quintal trazem a vida para ela e sua família. O lugar da o arroz, o mar dá peixe, moluscos etc., a horta e o quintal dá tomate, pimenta... comida dando a saúde. Mas também você vende e consegue pagar escola para os filhos e comprar outras coisas que não consegue produzir. Ela apontou que diante da falta de energia na ilha e a dificuldade de armazenamento de alimentos ela produz

calda tomate, beringela, pimenta – isso em muitos litros. Essa é forma que ela consegue manter por mais tempo alguns alimentos e ter uma dieta mais completa.

Sua produção é toda agroecológica, para eles de forma tradicional, como faziam seus ancestrais. Ela faz repelente natural para os insetos, já as ervas daninhas não são prejudiciais ou arranca com a mão. *Tambacumba* é uma folha utilizada por ela em suas produções. Ao apresentar uma fotografia tirada no primeiro campo e questionada se haveria significado, ela falou que é uma forma de espantar os bichos, quando perguntado se os pássaros, ela falou bichos – se referindo a o geral.

Em sua fala, alguns momentos ela apresenta a importância de sua mãe, seja no aprendizado da semeadura em geral, seja no preparo dos repelentes ou na busca da cura a partir dos produtos naturais. Mas ela também cita as mulheres nesse aprendizado, inclusive fala das *mindjeris garandis* e o aprendizado com elas, mas também aponta a importância daquelas que está com ela na atualidade, que estão na frente do movimento não só para a produção, mas para a melhoria de vida, como Maimuna, Chonga, Nela.

Nesse aprendizado com outras mulheres, ela apresenta como guardar as sementes de tomate – depois de secar bem as sementes ela guarda em um pode dentro das cinzas que ela recolheu do fogão, com isso consegue manter as sementes até a próxima produção. Além dessa, ela também guarda a de canja.

Apesar de confiar muito nos curandeiros, ela sempre busca primeiro o hospital, faz uso dos remédios naturais e compreende a importância deles, principalmente pelo fato deles serem colhidos na terra. Quanto as plantas medicinais existem pessoas que preparam certos remédios. Inclusive o próprio hospital aponta quando não tem condições de resolver certos problemas de saúde, eles avisam para buscar os curandeiros.

Para ela a alimentação tem valor para sua saúde, oferecendo a vitalidade necessária para continuar trabalhando, estudando, fazendo os afazeres de casa.

As mulheres que ela conhece todas pega *tessu*, e cita o nome daquelas que estão junto com ela trabalhando na horta.

Aponta a importância da Tiniguena a partir dos ensinamentos da horta do quintal, além de trazer sementes e ensinar mais técnicas de produção. E com isso

elas puderam aumentar os tipos de produção e com isso melhorar a alimentação de todos de casa.

O conhecimento de sua família é passado de pessoa para pessoa, ela fala que sua mãe quem ensinou as coisas que ela sabe, e que esse conhecimento veio da mãe da sua mãe (sua avó). Sendo repassado para ela que a folha de *tambacumba* é um ótimo repelente natural contra os bichos.

Beatriz Lopes – Nenembucha

Beatriz foi indicação de Sanhã, ele nos informou que ela era curandeira. Ao chegarmos em sua casa ela nos recebeu de braços abertos, nos convidou para sentar-se em um espaço fora de sua casa, coberto de folhas da palmeira. Esse espaço deve ser para descanso, pois é uma área que tem dois bancos/cama feito a partir de uma produção artesanal bijagó.

Ao sentarmos para a conversa, logo vieram crianças para o local, cheias de curiosidade. Ficamos eu e Paloma sentados e de frente Beatriz, a sua filha e uma criança. Havia muitos animais soltos no lugar, as galinhas ficavam a andar entre as nossas pernas – em busca de alimento.

Ela tem 9 filhos, sendo 4 deles mulheres. Todas as suas filhas estão morando fora. Sua mãe era Papel e sua mãe era Bijagó, ela nasceu em Formosa.

Trabalha desde cedo com a agricultura, aprendeu com a mãe e a avó a cultivar. Mas antes sua produção era apenas para consumo próprio, pois era pouco. Hoje ela consegue vender o excedente e assim pagar a escola de seus filhos. Mas também faz doação se alguém muito próximo necessitar de alimento. Mas a troca é mais feita, pois pode ser que a pessoa esteja precisando de algo que ela tem, vice-versa.

Se a produção for muita, e não vender o excedente e não tiver ninguém precisando, para não perder sua produção ela faz molho, assim consegue manter por mais tempo.

No seu quintal produtivo ela tem tomate, jacatu, alface e malagueta, mas ao visitar seu quintal é possível observar uma maior diversidade do que as informadas. Ela tinha um pedaço de terra dentro da horta comunitária, mas parou e agora só faz a sua produção em casa.

Ela aponta a importância da Tiniguena para ela e todos das ilhas, pois junto com eles vieram os projetos e trouxeram muitas coisas boas – elas já tinham a experiencia, mas a Ong ensinou. Além de sementes que elas não tinham e que agora conseguem ter acesso e ter uma alimentação com *tchiu cosas* [86]

A agricultura é bom pra vida, pois ela consegue ter o poder de compra e também dar educação para o filhos e filhas – principalmente dar educação – e traz

[86] Muitas coisas – pode se relacionar a uma alimentação mais diversa e nutritiva.

saúde para ela e a sua família, além de não ter fome pois tem sua produção. Além de ser saudável por não utilizar veneno, apenas repelentes naturais como *bissilon* e cinza do fogão – mistura na água e deixa curando até o momento de passar nas plantas.

Ela gosta da vida na Ilha de Formosa, pois ela tem tudo que precisa ali – saúde, educação, alimentação (da terra e do mar).

Mais uma vez ela falou que sua mãe e sua avó que ensinaram muito daquilo que ela sabe hoje. Ela começou com elas na *bolanha* produzindo arroz

Mesmo sendo curandeira, ela busca o hospital para se tratar.

Seu marido participou do processo de criação da área de proteção, e por isso acredita que proteger é a melhor forma de manter um espaço para todas e todos, para a cultura, para agricultura, para a vida. A fiscalização é dever deles e é bom para continuar protegendo.

Questionada sobre como aprendeu a ser curandeira, ela fala que foi através de sua avó, olhando como ela fazia e com o compartilhamento dos seus conhecimentos. Achou importante esse compartilhamento dos conhecimentos, pois na hora que ela morreu, ela ficou no seu lugar. E assim como sua dona *mindjer garandi,* ela compartilha seu conhecimento, repassando para sua filha e um dos seus netos. Da mesma forma que ela aprendeu com a sua avó.

Nela – *tabanca de Kunyanqui*

Conheci nela durante o fechamento do projeto ocorrido em Bissau. Como nunca tinha me visto em nenhuma reunião, e não estava com o pessoal da União Europeia, ela ficou curiosa em saber quem eu era. Prontamente se sentou ao meu lado e falou em Criolo, compreendia aquilo que ela falava, mas não conseguia responder na sua língua, logo informei que não sabia falar e ela falou calmamente para que pudéssemos nos entender. Conversamos e foi aí que decidi que ela seria uma das mulheres que gostaria de entrevistar.

Ao chegar na ilha para o campo, já busquei saber o local que ela morava, ia aproveitar que estava marcada para falar com Sabado e ir até a sua casa, pois moram na mesma tabanca. Fomos até a casa dela e ela não estava em um primeiro momento, da Ilha de Formosa ela foi a última a ser entrevistada. Mas eu consegui! O interesse nessa entrevista foi por sua simpatia e por naquela conversa ela ter apresentado muita sabedoria.

Sentamos no alpendre de sua casa, crianças corriam e ficavam muito curiosa com a presença de duas estranhas naquele lugar. Mas também tivemos a presença de um senhor que estava com seu rádio ligado no momento de nossa conversa.

Suas ancestrais (mãe e avós) foram responsáveis por muito do que elas sabem hoje, e ela se sente na obrigação de repassar para suas filhas e seus filhos aquilo que sabe. Mas alguns deles só ajudam ela quando estão nas ilhas, moram em Bissau para estudar.

O alimento tem a sua importância para a vida, principalmente por não ter veneno, mas também por dar sustento para ela e a família – ela vende aquilo que sobra – e consegue dar educação para seus filhos.

Sabe do poder da ajuda e do coletivo, quando outras mulheres estão sem conseguir cultivar, elas cooperam umas com as outras. Além dessa, sabe o valor do Hospital e dos curandeiros e curandeiras e acha que os dois devem continuar existindo na ilha. Existem doenças que se cura com ajuda do hospital, existem doenças que só se cura de forma tradicional, inclusive dando o exemplo da picada de cobra no mato, isso só se pode curar com os curandeiros. Por saber que cada um tem a sua importância que também faz uso de plantas medicinais. Apresentou que

conhecia Fátima Ferreira – a curandeira que havia sido citada no trabalho de Indjai (2013) – mas informou que ela já havia morrido – hoje é uma ancestral. Sabe que existe curandeiros homens nas tabancas.

Sua produção é no quintal e no lugar, assim como as outras mulheres seu cultivo é de inhame, manfafa e inhame genebra – cultivos do lugar, no processo de apresentação da diversidade de alimentos em um único espaço. Pedi para conhecer seu quintal produtivo, mas ela informou que não gostaria mostrar, por algum motivo ela não estava com nenhuma produção – só as frutíferas como maracujá e goiaba.

Não utiliza veneno em seu cultivo, no quintal é agroecológico, e sabe que a produção dela faz bem para saúde, mas quando tem uso de veneno é o que faz mal à saúde. Tanto que quando os bichos chegam no arroz dela, ela diz que não tem o que fazer, ela perde aquela planta. Já se esse animal chega no feijão ela vem com a bomba (costal) e passa para tirar as formigas. (nesse momento a conversa é atrapalhada por uma pessoa e ela não responde se é veneno ou natural, e não se consegue retornar ao ponto da conversa).

Aprendeu com a mãe e a avó como guardar as sementes, pois é necessário para garantir a produção do outro ano. Com a Tiniguena ela aprendeu mais do que aquilo que já sabia.

O mar é unanimidade entre as mulheres, é o complemento da alimentação e do financeiro.

A ancestralidade é o ensinamento – aquelas e aqueles que vieram antes dela são importantes pois a ensinaram tudo que ela sabe, inclusive ela apontou o exemplo de quando tem criança, com os e as *garandis* ela aprendeu o que fazer, como fazer

Ela participou das reuniões que debatiam a criação da Área Marinha Protegida, por esse motivo ela entende a importância das Ilhas de UROK, pois a proteção da área é proteger tudo que é deles. Esse espaço quem dá a moradia e o alimento para a vida deles.

Ela participou da cerimônia, mas hoje está em outra religião, não informou qual. Mas pelas falas e gestos, ainda apresenta muito respeito por toda a cultura e pela ancestralidade, por entender a importância daquelas e daqueles que vieram antes dela, que ensinaram aquilo que ela e sabe hoje.

Todas foram questionadas sobre o processo de luta, mas só ela informou que tinha conhecimento e citou alguns nomes, que lutaram diretamente ou que para ela apresentou importância para o desenvolvimento do país. Fatima Formosa, Maninha foram as mulheres importantes para ela. Já para a resistência Domingo Ramos, Pansau na Isna, Domingos Badinga, Quintas Bandinga, Canita Condé, Cani Nantunga, Amilcar Cabral.

Má Sá – ilha de Nago

Ma sá é moradora da ilha de Nago. Nossa ida ao local foi só para a distribuição das sementes, iríamos encontrar as mulheres. Por isso nossa conversa foi realizada no local onde eles consideram o porto. A escolha de Ma Sá se deu por ela ter vindo de carona no barco que estava realizando a rota para entrega das sementes. Estávamos em um espaço aberto, ela estava com uma criança em suas costas.

Nossa conversa deveria ocorrer sem muito prolongamento, pois dependíamos da maré e do tempo de passar nessa ilha e na *tabanca* Botai e na ilha de Chediã. Como eu também estava de carona do barco da entrega e não havia nenhum ponto de apoio da Tiniguena para ficar, era a forma que tinha para tomar conhecimento sobre as mulheres dessas ilhas. Ma Sá é uma mulher calada e tímida, nossa conversa durou menos do que imaginaria, algumas de suas respostas eram apenas com a cabeça – fazendo positivo e negativo. Ela não permitiu a gravação de nossa conversa, dessa forma tudo que foi falado tinha que ser anotado minunciosamente, pois não teria como revisitar. Ela também foi uma das mulheres que não quis tirar fotografia.

Ma Sá é nascida e criada em Biombo, só se mudou para ilha de Nago após o casamento. Mãe de três crianças, um homem e 2 mulheres. Por não ser dali, não participou da cerimônia Bijagó, mas sim de sua etnia – não informou qual a sua etnia, mas Sanhá quanto Ramos falavam em conversas informais que uma grande maioria das pessoas da ilha de Nago que não eram Bijagó, são Papeis.

Ela produz na horta comunitária, no lugar e vai para o mar, sua produção serve para alimentação, mas também é vendida – o excedente. Ela informou que a venda é feita em Bissau, ela leva de canoa até a área continental do país. Nesse seu cultivo ela faz uso de remédio para plantas, ela compra em Bissau.

Em seu entendimento, não é a sua alimentação quem traz a sua saúde. Sua saúde vem por ela ser forte. Ela fala que não tem hospital na sua ilha e tem que ir até Formosa quando qualquer coisa acontece, mas que sempre tenta tomar remédios naturais. Ela não tem conhecimento de ter curandeiros na ilha de Nago.

Tudo que ela aprendeu foi com a mãe dela, apresar disso, ela não repassa seus conhecimentos da agricultura para suas filhas, prefere enviá-las para Bissau para estudar.

Mussu – Odete Ape – ilha de Nago

Assim como a conversa de Ma Sá, com Mussum tivemos uma conversa mais rápida devido as circunstâncias. Durante toda a conversa ela perguntava sobre fotos, que "a outra não aceitou, mas eu vou querer", e sempre pedindo para enviar para ela – no formato impresso. Durante a sua conversa algumas mulheres que tinham ido buscar as sementes ficaram juntas, inclusive algumas vezes respondendo no lugar da entrevistada. Aquelas que estavam falando não quiseram conversar comigo depois, apenas tirar várias fotos junto comigo.

Mussum tem três crianças, um menino e três meninas. Vinda de Formosa para Nago por conta do seu casamento.

Ela trabalha na horta comunitária, no quintal e no lugar – segundo o processo de diversidade na cultura, ela planta arroz manfafa, inhame, mandioca. O seu aprendizado se deu a partir do aprendizado com sua tia, com quem aprendeu desde pequena. Mas hoje tem uma senhora que ajuda muito ela nos ensinamentos – ela não falou o nome, mas disse a etnia, Macanha. Ela tenta ao máximo ensinas seus filhos sobre a agricultura, mas só durante as férias, eles estudam em Bissau. Ela fala que as pessoas mais velhas passam suas experiências.

Quando da praga não coloca nada. Só no ano de 2021 que ela fez uso de produto químico, pela sua fala foi na horta, pois no lugar ela não sabe qual o produto certo para colocar. Ela fala que sempre o primeiro produto que ela faz uso é o produto químico.

Os produtos produzidos por ela, quando tem sobra, ela vende em Bissau. Apesar de elas enviarem para a capital, elas têm dificuldade para transporte, pois não tem nenhum barco que chegue até a ilha, como tem aquele que sai da ilha de formosa. Além da dificuldade de suas casas até o porto – chegando a falar de quilômetros. Por não ter comunicação – como um celular – elas podem perder o barco que pode estar passando ali a caminho de Bissau, pois se eles não verificam ninguém no porto, nem param naquele local.

Elas têm um hospital, mas não tem médico, quando qualquer coisa acontece ela tem que ir até Formosa. Sempre que está doente busca o hospital, não o curandeiro e curandeira, a justificativa é que é crente.

Ela gosta de trabalhar com a agricultura, mas sente que seu corpo não é mais o mesmo, tem estado muito cansada, com as costas doente – pela forma que trabalha. Mas esse é o único trabalho que ela pode realizar, pois na sua terra não tem outros empregos. Pois para ela as mulheres que trabalham mais, mulheres pegam mais no pesado – quando acaba o trabalho no lugar elas já iniciam na horta e estão sempre trabalhando no quintal.

Sabado – *tabanca de Botai*

Nossa conversa foi realizado no alpendre da casa de uma das mulheres da ilha de Maio, na *tabanca* de Botai. A conversa fora realizada naquele espaço por ser o momento da distribuição das sementes para iniciarem a plantação na horta comunitária. Assim como na Ilha anterior, ali a Tiniguena faz os projetos, realiza cursos, faz as distribuições, mas ali não possui ponto de apoio.

Além de estrem Raisa, Paloma e Sabado, em vários momento da entrevista chegavam mulheres, crianças e animais. Era curiosidade misturada com estranhamento, algumas mulheres já haviam me visto quando realizei a visita de campo no mês de novembro. Mas não houve tempo para conversa – elas estavam trabalhando na colheita o arroz. Agora os comentários sobre cabelos, roupas, lugar de onde eu tinha vindo, eram constantes.

Nascida e criada na Ilha de Maio, na *tabanca* de Botai, mãe de quatro filho homens.

Quando mais nova trabalhava no lugar, semeando o arroz. Só depois de grande ela iniciou o cultivo do quintal e da horta – exatamente no mesmo tempo da chegada da Tiniguena nas ilhas, para além de Formosa. Aquilo que ela sabe sobre a semeadura do arroz foi a partir dos ensinamentos de sua mãe e sua avó – elas produziam com diversidade: manfafa, inhame, inhame genebra, feijão. Mas também falou que outras *mindjeris garandis* trouxeram conhecimento para ela e para as outras mulheres.

As produções que ela tinha, ela sempre guardou as sementes – a forma de armazenamento do seu cultivo ela aprendeu com aquelas que ensinaram ela a plantar. Por isso, ela já guardava antes da chegada da Tiniguena, com eles ela aprendeu a guardar os produtos que elas não possuíam.

Sabado traz um desabafo em sua fala, em do seu quintal. Infelizmente uma vaca conseguiu passar a cerca e estragou seu cultivo, comeu seu tomate, sua pimenta. Sua cerca era feita apenas de palha, por questões de sua condições só darem para fazer dessa maneira. Quanto a esses animais ela fica bem chateada, mas quando aparecem pragas em seus cultivos ela não faz nada, ele só come uma

pequena parte, não perco tudo. Ela chama de *tabuá (pode haver uma diferença na escrita),* aquilo que chamamos de cochinilha.

Sua produção é para consumo próprio, não consegue barco para levar e vender fora das ilhas, e todas as outras mulheres também produzem. Também não realiza a troca de sua produção. Apesar de não realizar a troca ou a oferta de produtos que não possuem, ela fala que ajuda de outra forma, quando alguma fia doente, elas se apoiam – indo trabalhar na produção da outra.

Na tabanca não tem curandeiro ou hospital, isso sendo um problema para ela. A ilha e a tabanca são mais distantes de Formosa e até mesmo de Bissau. Quando estão doentes elas vão até a ilha de Biombo – pois é o lugar com hospital que é mais perto para elas. Quem leva as pessoas doentes e o pastor – não quis informar se pagava ou se era gratuito. Por toda essa dificuldade ela sempre faz uso dos remédios naturais/plantas medicinais, mas também utiliza os remédios que são vendido.

O cansaço é uma das dificuldades dela, que sempre adoece. Apesar das dificuldades ela gosta de viver ali, é a terra de seu pai.

Ela fala que a Tiniguena é importante para sua vida, pois apesar daquilo que ela já sabia, pode aprender muito mais, e ter acesso a sementes que antes ela nem conhecia. Eles trazerem os ensinamentos da horta para ela, ela só tem a agradecer. Com isso sua alimentação é maior – mais diversa. A diversidade de alimentos, o acesso a eles é muito bom para a saúde.

E as mulheres da sua terra são fortes, trabalham muito, pegam pesado em seus cultivos.

Fatu – Djanã – Ilha de Chediã

A entrevista ocorreu na sombra de uma mangueira, logo após almoçarmos. Havia um grande baco tecido artesanalmente, bem próximo a nós estava Sanhá e Sanka distribuindo sementes para mais duas mulheres. Por esse fato relatado, durante toda a conversa ela estava ali, mas também prestando atenção e respondendo a outras pessoas que estavam ao nosso redor, inclusive a Sanhá, que realizava a entrega das sementes. O cansaço já tomava conta de mim, Paloma, Sanka, Sanhá, do Marinheiro e Comandante. Já estávamos a muitas horas andando no sol, fazendo trilhas e "pegando" sol no bote – já que ele não tem área coberta. Nosso almoço só ocorreu já próximo do horário do por do sol.

Ela é de Bissau, mas já mora a mais de 20 anos ali. É casada e tem quatro filhos homens.

Desde pequena ela ia para o lugar para semear o arroz e outras produções. Os ensinamentos sobre como fazer a semeadura aprendeu com as pessoas mais velhas, os mais *garandis*. Inclusive ela chama o semear de coisas da natureza. A horta e algumas plantações ela só aprendeu depois da chegada da Tiniguena na ilha. E assim como o aprendizado da produção, foi com os mais velhos que ela aprendeu como estocar as sementes para o outro ano, mas as que antes ela não tinha acesso aprendeu com a Tiniguena, inclusive aponta a importância da ONG na vida das pessoas daquele lugar, pois eles trouxeram mais diversidade de alimentos. E compreende a força que as mulheres têm, *pega tessu*, e ensinam muito daquilo que ela sabe hoje.

Ela apresentou a diversidade de sua plantação na horta, com canja, bagati, cebola, pimenta, jacatu, inclusive não lembrando todos, mas falando planto TUDO. Já no Lugar ela apresenta mais diversidade, pois além do arroz, ela coloca inhame, manfafa, inhame genebra, feijão. Mas sua produção não é tão grande, mas quando tem bastante coisa ela vende, mas não é sempre que consegue. Mas apresentou que faz muita troca com as pessoas que estão sempre com ela. Falou que troca arroz por coco, às vezes. A mesma coisa é com os produtos que coleta no mar, ela vez, mas só se sobrar.

Ela gosta muito de trabalhar com semear, mas sente muitas dores nas costas, se sente muito cansada, mas que a alimentação que ela tem pode ser ela que ajuda a ela não ter doenças. Entende que a agricultura ajuda a não ter a pobreza, não tem dinheiro, mas não a deixa na pobreza, inclusive que é com o dinheiro que ela consegue a partir da venda de seus produtos papar a escola de seus filhos, então a agricultura traz educação para sua vida.

Os bichos – pragas ou pássaros – ocorrem em sua horta ou no lugar, todo o tratamento é feito naturalmente – com misturas de plantas -, mas no lugar ela não utiliza nada natural ou químico. As técnicas são diversas para o repelente natural, todos com a utilização de água, a planta utilizada é de acordo com o cultivo. Sempre feito para uso único, nunca par estocagem.

Um problema apresentado por ela foi a falta de hospital na ilha, com isso elas precisam ir para Bissau quando precisam de atendimento médico. Quando apresentada a questão sobre ir para curandeiros ela pontou que na ilha não tem curandeiros. Quando tem problemas de saúde vai para Bissau ou Formosa.

Ela não consegue ajudar outras pessoas quando ficam doentes, só oferece ajuda quando é da sua família, por ser difícil, não ter tempo e por estar cansada.

Vê a importância da área de proteção para a preservação daquele lugar e do mar para ela e para seus filhos e netos.

Celeste Mendes – *tabanca de Ambo*

A conversa com Celeste ocorreu logo após ela pegar suas sementes, fomos para um pouco mais distante do local, sentamo-nos no alpendre da casa de festas. Mesmo com a distância das pessoas, ainda se ouvia muito da conversa, e ela sempre curiosa olhava para as pessoas par saber aquilo que estava acontecendo. Celeste é uma mulher com um grande potencial de produção, mas uma mulher muito tímida, poucas eram as respostas, muitas vezes a resposta se dava apenas com o balançado da cabeça.

Celeste Mendes é nascida na *tabanca* de Abu, mas o casamento a levou para Ambul. Mae de 6, entre, filhos e filhas.

O aprendizado de semear foi repassado de mãe para filha, e da mesma forma que ela aprendeu com a sua *mamé*, ela passa os ensinamentos para suas filhas. O aprendizado vem com o lugar, já com a horta aprendeu com suas antepassadas, mas também com a Tiniguena. Planta desde que era pequena. Foi com as mulheres que vieram antes dela – principalmente sua mãe – que aprendeu a estocar sementes, sempre tenta guardar algumas sementes para produzir no outro ano e quando não é possível, ela busca o estoque da Tiniguena.

Por seus aprendizados com as *mindjeris i omis garandis* os consideram importantes para a vida dela e dos próximos que viram depois dela. E diante da informação que diz que as mulheres são fortes, elas pegam forte no trabalho, chega até a citar o nome de Tunca e de Maria Mor, e como essas duas ela se considera que tem força e que não tem medo do trabalho.

Não tem muito o que fazer quando aparecem bichos em sua plantação, ela não utiliza nem remédio natural nem químico. Sua produção é de arroz, manfafa, milho, inhame, inhame genebra, canja. Essa plantação é para consumo, para venda, troca e doação – sempre que tem alguém que está precisando ela dá alimento.

Entende que não tem saúde, por sentir muitas dores no corpo, por ter essas dores sabe se a sua produção que a alimenta é sinal ou lhe dá saúde para a vida. Prefere primeiro buscar o hospital antes de ir para o curandeiro, mas sempre busca procurar os dois. Mas a sua base de remédio são sempre os naturais.

Teodora Inácia Gomes

A entrevista foi realizada na sala da casa da irmã dela, no bairro Cuntum – Bissau, a conversa foi realizada no final da manhã. Teodora é uma mulher que passa muita confiança, ela é segura em toda sua fala e ainda atuante junto ao PAIGC, participa ativamente na sede do partido – que fica ao lado do palácio do presidente.

Teodora Inácia Gomes, filha de Nhanha da Silva e de Inácio Pedro Gomes, atualmente reside em Bissau, mas seu nascimento foi na porção sul do país. Filha de país político, ela diz que é um dos fatos que incentivou sua entrada nos movimentos. A postura da entrevistada é de uma mulher forte de si e do mundo. Durante o período de luta pela libertação ela foi uma das enviadas para aprender enfermagem na Rússia.

Aos 16 anos ela foi conhecer e compreender a luta pela libertação, mas só aos 17 que ela se engaja no movimento. O processo de libertação se inicia em 1956, mas só em 1959 que o líder do partido vai para o interior recrutar pessoas. As pessoas do sul do país também queriam a liberdade, mas eles não se organizavam – por isso a importância de um líder. Na visão dela a luta armada se inicia em 1963, mas ela lembra que 1961 foi dado o primeiro tiro.

As mulheres tiveram muita importância nesse momento, algumas eram informantes – elas que levavam e traziam informações para os combatentes que estavam nas trincheiras. Elas também estavam relacionadas a áreas sociais, educacionais e poucas iam para a fronte[87]. Ela afirma que 40% das pessoas na luta eram mulheres, sendo elas enfermeiras, informantes, jornalistas, educadoras etc.

O recrutamento começava de cedo, em cada uma das frente (norte, sul e leste) eram escolhidos os melhores alunos para irem estudar em Conacri – Guiné. A educação sempre foi uma frente de luta, inclusive todas as crianças e jovens que participara. A educação sempre foi uma frente de luta, ainda no processo o PAIGC – seus líderes. Ela fala sobre a reciclagem dos professores da área libertadas, assim que a área era liberta e todos os anos aconteciam – nas férias grandes, de dois meses.

Não só no passado que a Teodora Inácia Gomes é da política, na atualidade em participa das frentes, ela solicitou espaço em uma das rádios para trazer o debate sobre a promoção das mulheres, além estar envolvida na discussão sobre a paridade

[87] As mulheres sempre inseridas e colocadas em um lugar de cuidado.

de gênero, saúde reprodutiva, violência e estupro das mulheres e o tráfico de mulheres. Muitos projetos iniciados, mas que não foram para frente, visto que o problema se dá pelos governos não dar incentivos ou viabilidade para que eles não se encerrem.

Emanuel Ramos – Manecas – Conversa dia informal

Mais conhecido como Manecas é formado em agronomia e especializado em agricultura tropical e subtropical, está na ONG TINGUENA desde o ano de 1996 e atualmente é coordenador e assistente técnico para Área Marinha Protegida Urok.

Essa foi uma conversa informal realizada no final da tarde do dia 12 de novembro de 2022, na sede da Tiniguena na Ilha de Formosa. Estávamos sentados em uma pequena área de convivência aproveitando a brisa em um grande calor. A conversa iniciou ainda estava claro e finalizou já estava escurecendo. Após a finalização fui rapidamente para o quarto transcrever – da memória – todas as informações passadas.

A ONG chegou nas ilhas de Urok no ano de 1994, mais especificamente na ilha de Formosa, ali era composto de muito mato e as *tabanca*s eram bem isoladas. A alimentação da população era composta de feijão, peixes, frutos do mar e leguminosas.

O primeiro projeto da Tiniguena ali foi o da horta comunitária – só de mulheres – algumas delas nunca tinham tido contato com algumas verduras levadas pela ONG. Os projetos na área eram organizados de acordo com a demanda/necessidade do povo.

Na mesma época em que os projetos iniciam verdadeiramente, é quando a UNESCO passa a considerar o Aquipélago dos Bijagós – onde está inserido as ilhas de Urok – como uma "Reserva da Biosfera".

"Você só se torna Bijagós após a finalização de todas as passagens" – não que antes você não seja, mas que você se torna por completo, no mais profundo das palavras – assim é exposto antes de falar das preocupações com a cultura daquela e de outras etnias, por conta da modernidade/modernização. Mas que o povo Bijagós tem uma adaptação incrível, mas que isso pode ser prejudicial em certos momentos. O fanado que antes era um período bem longo, hoje é feito em um mais curto, trazendo problemas em questões da solidariedade – ele que passou pelo fanado observou várias situações – "os homens mais velhos estavam lá para passar seus ensinamentos e os mais novos (que estavam na passagem) lhes davam alimento" o cuidado também sendo observado a cultura, é a troca dos saberes.

A preocupação que ele expõe é com relação aos mais velhos que não tem mais condições de cultivar, de pescar ou de catar no mar, coma diminuição do período da passagem, podem vir a passar fome. Além dos saberem, o alimento e a alimentação são trocados e dados nesses momentos.

Cada situação de vida era feita uma prática diferenciada, o casamento, o cortejar, até o de informar ao vizinho ou as pessoas mais próximas que estava faltando alimento em casa – "hoje não se observa mais isso".

Para ele, a sociedade matriarcal não existe, mas que as mulheres quem a posse da casa, ela quem constrói (paredes e telhados), ela quem cultiva as culturas alimentares. Ao homem é destinada poucas dessas tarefas – preparar o solo (queimar e desmatar) –, seu papel é de ajudar, o principal é dela.

2. APÊNDICE II - *TABANCAS*

O motivo pela escolha de trazer esse "caminhar" e relato teve influência das disciplinas ministradas por mim no ano de 2023 – Prática de Leitura e Escrita para a matemática e para a física – na UNESP de Presidente Prudente, ali eu deveria expor, explicar e ensinar o que seria ler, e eu falava que quando eles estivessem lendo eles tentassem imaginar, associar e lembrar. Por isso aqui trago uma análise da paisagem a partir da visão da autora[88], com suas impressões sobre cada um dos lugares visitados – por isso... Imaginem!

Cabe salientar que alguns tive acesso a quase toda a *tabanca*, outros apenas de passagem breve, entendendo todas as dificuldades enfrentadas, já que o aceso era apenas de barco/canoa, ou o tempo ali sendo curto.

[88] Trazendo sentimentos do presente e do passado.

Abu – Ilha de Formosa

Primeira ilha que a ONG Tiniguena chegou, meados para o final dos anos de 1990, ela é a maior e com mais estrutura. Ponto final do barco que sai de Bissau, existem dois portos principais, um fica um pouco mais distante da *tabanca* e o outro a poucos metros.

Na descida do barco me deparo com um grande calabaceira (baobá), com seus frutos pendurados (Igual aquela inserida na capa da Apresentação da tese). No caminho, partindo o primeiro porto, uma estrada estreita, passando no máximo um triciclo de carga, já se avista algumas áreas de plantação, mas ainda muita mata – com muitas palmeiras. Chegando próximo a comunidade pode ser visto uma grande escola a esquerda – quem administra essa é um pastor brasileiro – a partir daí já se consegue observar casa e mais à frente o hospital. Chegando ao "centro" da *tabanca* a esquerda pode ser visto a escola (construída pela ONG para a comunidade) e a direita uma casa – antiga casa grande da época colonial – seguindo para a direito, observa-se uma construção – ali funciona a rádio e uma área para serem realizadas as formações. Continuando em frente uma casa – centro de passagem da Tiniguena – suítes; feito para os momentos em que pesquisadores, financiadores e pessoas que quiserem ir visitar a ilha ficarem lá; mas também tem a casa para os profissionais do IBAP. De frente temos um campo de futebol.

Continuando a desbravar *tabanca*, um cercado com várias plantas – área onde os engenheiros agrônomos da Tiniguena observam a germinação dos cultivos e realizam formação de ensinamento de plantas para as mulheres. Ao lado observa-se uma outra casa de passagem da Tiniguena – suítes, cozinha e cômodos para os contratados da ONG trabalharem.

A sede da AMPC das Ilhas de UROK e as salas de trabalho da ONG e do IBAP. Se descermos pela estrada, chega-se ao outro porto – um campo mais aberto com várias plantas e mangue. Se seguirmos para o fundo da sede, chega-se a horta comunitária.

Após explica-se sobre um dos lados da *tabanca*, continua-se o caminho. O outro lado que verificamos as casas da comunidade, sempre o alicerce da casa é mais alto que a rua, algumas casas são no estilo adobe, umas com telhado de zinco outras

com telhado palha, todas elas sempre possuem um alpendre – seja circulando toda construção da casa ou só uma parte, as casas não têm muro, o alinhamento pode não ocorrer e a para chegar em algumas delas temos que passar por becos (Fotografia 36).

Fotografia 36: Rua da tabanca de Abú

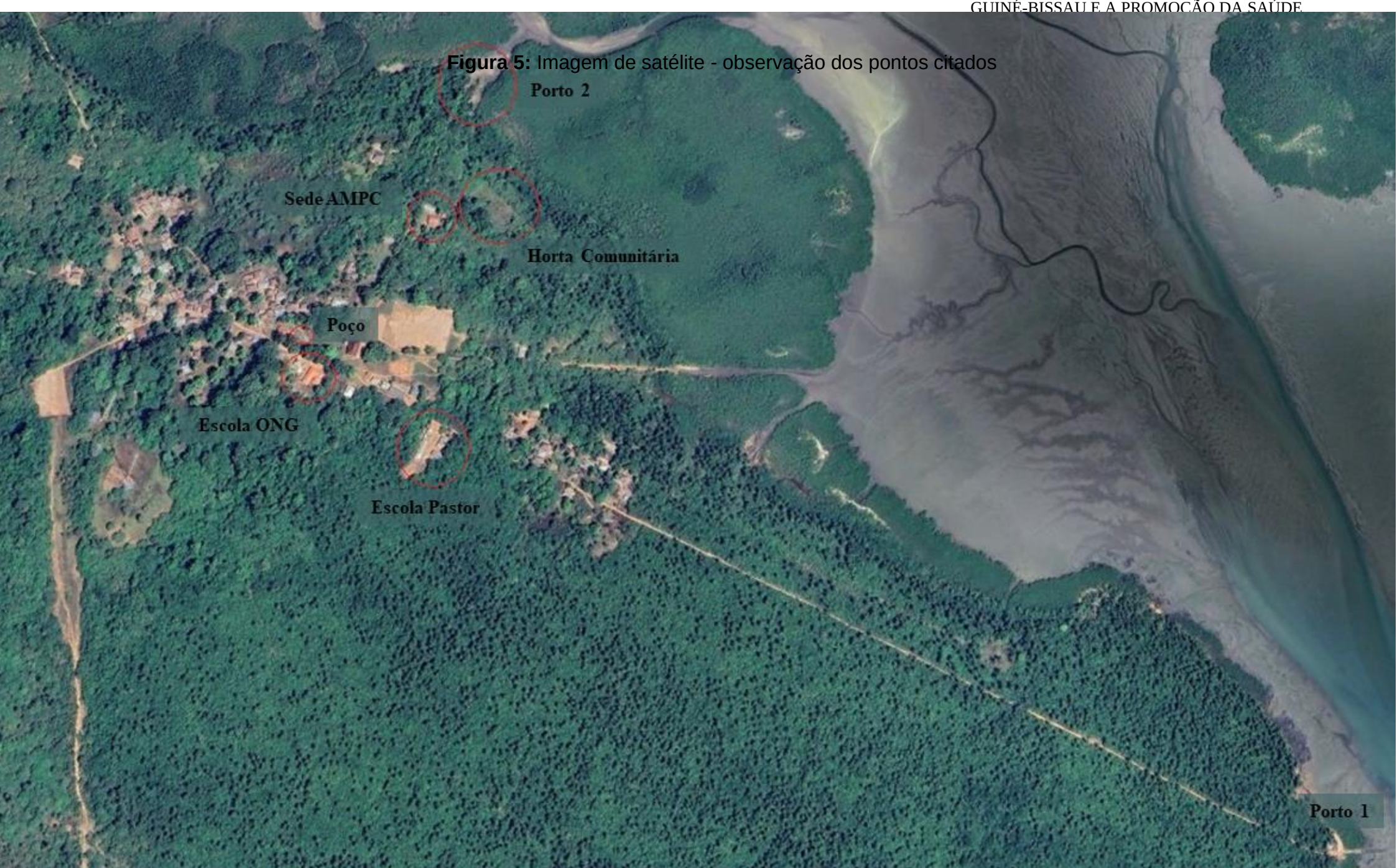


Fonte: Acervo de campo, dezembro de 2022, *tabanca* de Abu– Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Por não possuir água encanada, eles buscam em poços, um deles fica ao lado da rádio da Tiniguena, a ONG possibilitou a construção de vários poços na *tabanca*, facilitando a vida das mulheres que buscavam água e muitas vezes tinham que andar muito com peso.

As *tabancas* apresentam poucas ruas – nelas passam apenas motos e bicicletas -, entre as casas os espaços são estreitos, elas estão muito próximas e só passam apenas pessoas a pé ou de bicicleta.

Figura 5: Imagem de satélite - observação dos pontos citados



Kundjanqui – Ilha de Formosa

Como observado na imagem 22, a *tabanca* é bem menor que a de Abu. A casa dos integrantes da Tiniguena são casas ofertadas – enquanto eles/elas fazem parte do projeto – para os membros da ONG que precisam realizar as visitas nas Ilhas, por o local não possuir pousadas ou hotéis. Diferenciando as casas de passagem, essas são lugares para visitas – pesquisadores, apoiadores dos projetos, possíveis financiadores, parceiros da ONG – se acomodarem

Depois de sair de Abu, seguindo na estrada, ao lado esquerdo vemos uma área desmatada, hoje as crianças utilizam como campo de futebol, antigamente era o aeroporto colonial, na continuação do caminho observa-se espaços com mata e outros com plantações de caju, assim chegando na *tabanca*, as primeiras casas já chama atenção – umas possuem zinco em sua construção e uma delas é murada, algo que não é muito comum de ser observado nas *tabanca*s. Algo que me chamou atenção é que na rua pode ser observado um túmulo, não consegui identificar quem estaria enterrado. Nessa *tabanca* as casas adentram mais, poucas são as casas na beira da estrada – uma delas é a dos integrantes da Tiniguena.

Ainda nessa rua, próximo ao tumulo e a casa da ONG, temos um quintal produtivo, que chama atenção no caminho. Seguindo na estrada, a caminho de Ambo, verifica-se grandes áreas de produção – feijão e mandioca – e andando mais observa-se uma árvore imponente – de grande porte, com troncos largos/grossos e tortuosos – o *Poilão*.

Fotografia 37: Árvore entre as tabancas de Kundjanqui e Ambu



Fonte: Acervo de campo, dezembro de 2022, Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

O percurso de ida, para mim, foi diferente do de retorno. Na volta, depois de visitar um dia quintais produtivos, retornamos por dentro da mata, em alguns espaços eram mato, outros cajueiros e outros árvores que meu pouco conhecimento não reconheceu.

Figura 6: Imagem de satélite - observação aérea da *tabanca*



Ambo – Ilha de Formosa

Uma estrada estreita e um curto caminho com plantações divide a tabanca de Kundjanqui e Ambo (Fotografia 38). A duas áreas de plantação de feijão, vistas durando as andanças, está entre essas duas tabancas.

Fotografia 38: Estrada que liga as tabancas de Kundjanqui e Ambo



Fonte: Acervo de campo, dezembro de 2022, Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Não tão pequena quanto a *tabanca* de Kundjanqui, mas não tão grande como a Abu, verifica-se poucas arvores, mais aberta. Enquanto andávamos no caminho para o lugar, algo me chamou atenção, havia uma casa noturna – uma pequena construção, com tralhado de zinco e uma pintura que se assemelha o mapa do continente africano e um animal, escrita “discoteca jovens unidos”.

Fotografia 39: Discoteca da tabanca de Ambo



Fonte: Acervo de campo, dezembro de 2022, *tabanca* Ambo – Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Quando cheguei para uma das entrevistas, um pequeno quintal produtivo me chamou atenção, nele havia um grande pé de mamão. Apesar do seu pequeno tamanho, a diversidade era tanta. Esse era o quintal de Esperança, que ao final da nossa conversa informou ser dela.

Ambo possui menos árvores que as outras *tabancas*, tínhamos que andar mais para encontrar sombras no caminho. Haviam muitas casas abandonadas e que estavam caindo.

Ali foi a última *tabanca* que visitei na ilha de Formosa, se adentrasse mais, iria conhecer muitas outras existentes nessa ilha.

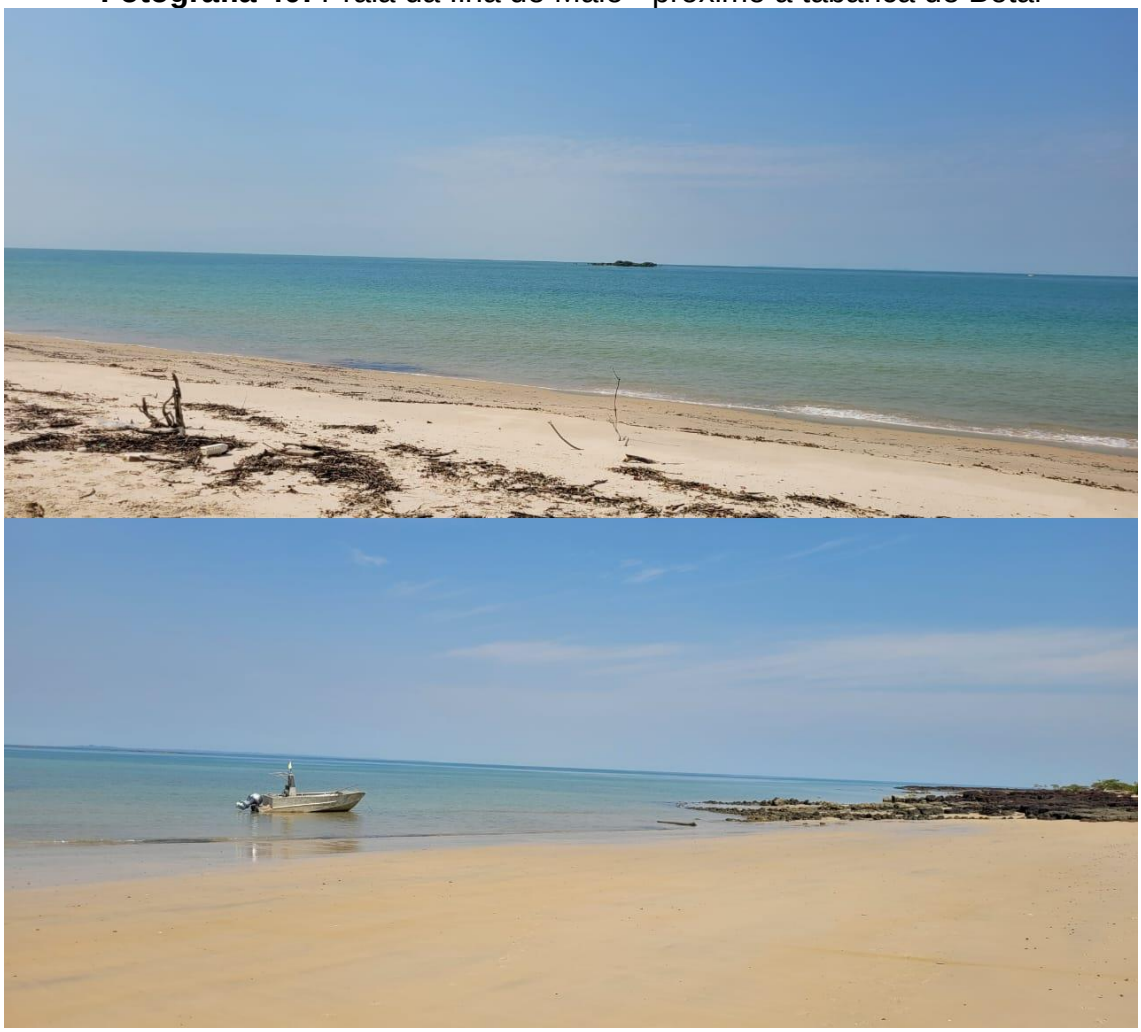


Figura 7: Imagem de satélite - observação aérea da *tabanca*

Botai – Ilha de Maio

Da primeira vez que visitei Botai, foi o lugar. A praia era linda, areia branca, mar cristalino e poucas ondas (Fotografia 40). Olhando para dentro da ilha, muitas árvores e uma mata fechada. Olhando para dentro da mata conseguia ver uma grande construção desabadas, um barco aos pedaços, era um antigo hotel de luxo que havia na ilha, ele foi desativado durante a guerra de 1998 – chegaram a me contar que nesse momento algumas tropas chegaram a se alojar naquele espaço, as tropas senegalesas. Esses pedaços não apagaram a beleza daquela praia.

Fotografia 40: Praia da Ilha de Maio - próximo a tabanca de Botai



Fonte: Acervo de campo, novembro e dezembro de 2022, Ilha de Maio. Foto: da autora

Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Tanto para chegar na *tabanca* de Botai quanto para o lugar íamos pela mata (Fotografia 41), lembro que em novembro nos guiamos – a entrada – pela Calabaceira que estava na praia alguns espaços que se tinha cantos abertos, mas o chão sempre tinha muita matéria orgânica e areia da praia. Dava para ouvir os pássaros cantando e o frescor.

Fotografia 41: Entrada e caminho para lugar e a tabanca de Botai



Fonte: Acervo de campo, dezembro e novembro de 2022, Ilha de Maio. Foto: da autora

Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

A *tabanca* de Botai é pequena, com poucas casas e árvores. Mas o alpendre das casas era um espaço ventilado e bom para ficar descansando. A escola ficava atras de uma *bemba*. A escola servia para guardar os toneis de água que elas utilizavam na horta comunitária – quando estavam trabalhando no

lugar. Por trás da escola poderia já ser observado mais mata, com árvores marcantes e muito altas.

Raisa Maria De Sousa Regala

“DJUBI PA DIANTI KU SPERANSA BU VITÓRIA NA BIN”:

AS LUTAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES NA GUINÉ-BISSAU E A PROMOÇÃO DA SAÚDE



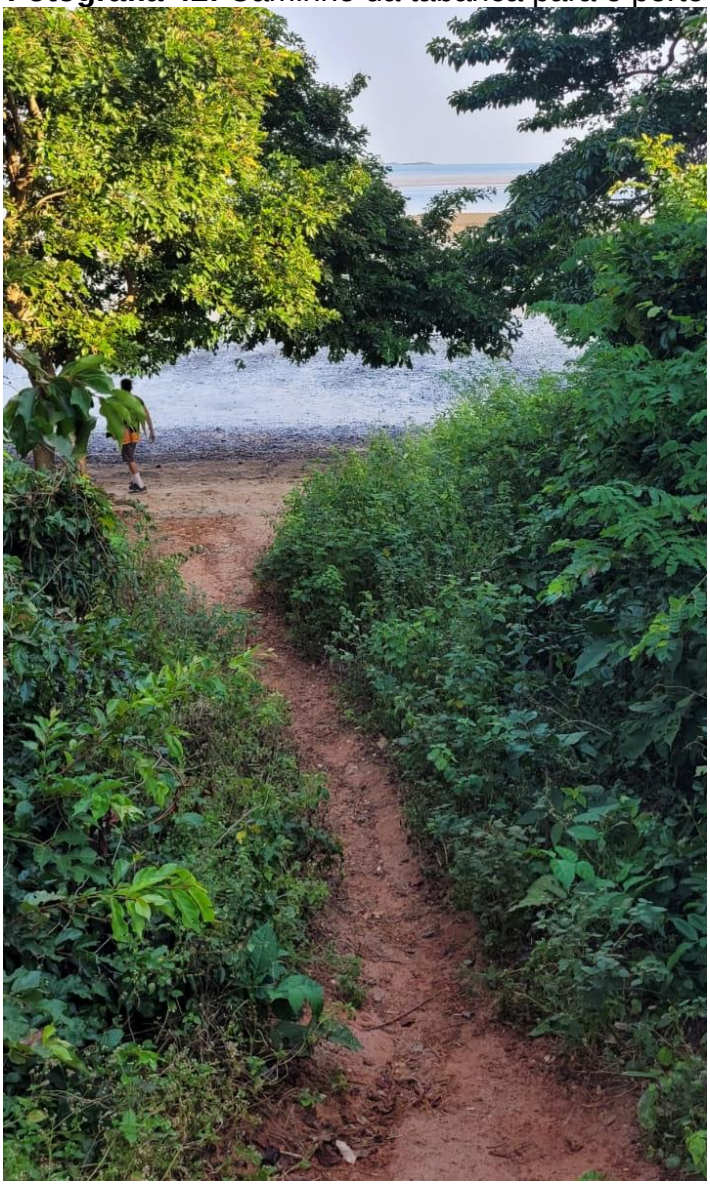
Ilha de Chediã

A ilha de Chediã não parei em nenhuma tabanca específica, apenas passamos por ela, atravessamos quase toda a ilha. Em novembro, chegamos por um dos portos e saímos por outro. Para chegarmos até o porto onde iríamos desces, curvamos bastante, passando por emaranhados de árvores e raízes – em um mangue – na hora da descida nosso pé atolava – algumas vezes a lama chegava até o joelho. Caminhamos por mais mata – dessa vez mais aberta - até passarmos pela primeira tabanca, era bem pequena e não vimos muitas pessoas – a época estavam trabalhando no lugar. Chegamos até um dos pontos de apoio da Tiniguena, que ao lado estava sedo realizado uma construção – de uma igreja neopentecostal.

Seguindo o caminho, passa novamente por matas, plantações de caju, algumas plantações de feijão, estradas estreitas – o único veículo a transitar são motos. São quilômetros nessas paisagens até chegar a uma *tabanca.*

Para chegar no outro porto, era necessário descer um caminho estreito e cheio de pedras (Fotografia 42), mas com uma bela vista do mar - o cuidado era redobrado, para não vir ao chão por estar deslumbrado com a paisagem.

Fotografia 42: Caminho da tabanca para o porto



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, Ilha de Chediã. Foto: da autora

Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Da outra vez, para entrega das sementes e a entrevista, descemos no “meio do mar”, a praia estava distante (Fotografia 43) – caminhávamos arrastando os pés por causa das arrais.

Essa tabanca é pequena, tem alguns quintais produtivos e casas pequenas – enquanto fazíamos entrevistas, da segunda vez na ilha, algumas pessoas estavam assistindo o final da copa de 2022. As árvores eram poucas, mas as sombras eram estratégicas.

Fotografia 43: Caminho entre a descida do barco até a ilha de Chediã



Fonte: Acervo de campo, dezembro de 2022, Ilha de Chediã. Foto: da autora

Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

Saímos pelo mesmo lado, mas passando mais perto da área de mangue (Fotografia 44), nesse momento era possível ouvir o "canto das ostras" – o abrir e fechar de suas conchas. Mar de águas calmas e cristalinas, esse não tinha areia branca, por ser área de mangue sua areia era mais escura. Quando a maré

se encontrava baixa, era possível ver uma longa faixa de areia (Fotografia 44) - caminho que antes estava encoberto (Fotografia 43).

Fotografia 44: Praia da ilha de Chediã

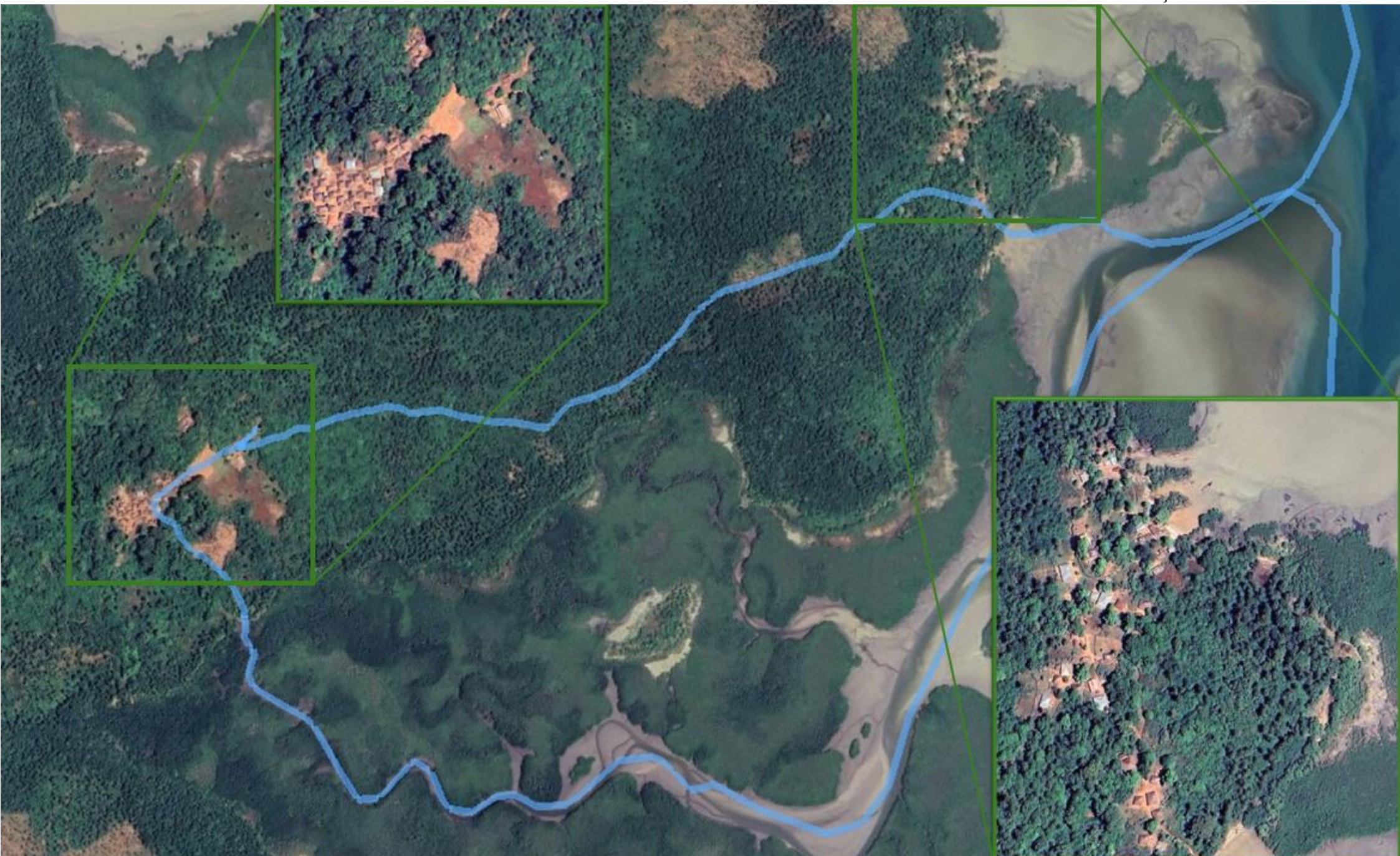


Fonte: Acervo de campo, dezembro e novembro de 2022, Ilha de Chediã. Foto: Paloma Regala e da autora

Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Raisa Maria De Sousa Regala

“DJUBI PA DIANTI KU SPERANSA BU VITÓRIA NA BIN”: AS LUTAS E RESISTÊNCIAS DAS MULHERES NA GUINÉ-BISSAU E A PROMOÇÃO DA SAÚDE



3. APÊNDICE III - HORTA COMUNITÁRIA DE ABU

A única horta visitada foi a de Abu. Ela é a maior e mais desenvolvida de todas (Fotografia 45), e a única que possuía água encanada, com torneira próxima (conversa informal realizada com Sanhá, novembro de 2022). Esse fato pode ser tido pelo fato de lá ter sido a primeira tabanca atendida pela ONG TINIGUENA, assim os primeiros projetos de construção foram realizados lá, alémde estar próximo a sede das Ilhas de Urok.

Fotografia 45: Cercado e placa solar da horta comunitária da tabanca de Abu – Ilha de Formosa



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, *tabanca* de Abu, Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para “leitura em voz alta” em PDF

Nos períodos que são considerados de seca nas Ilhas de Urok, as pessoas vão para o lugar plantar arroz, as hortas comunitárias ficam sem uso, por isso nas fotos inseridas não há nenhum cultivo e o caminho estava cheio de mato (Fotografia 45). A utilização da horta, normalmente, se inicia em dezembro ou em janeiro, que é quando elas já tem finalizado a colheita do arroz e podem se dedicar por completo.

Fotografia 46: Caminho para horta comunitária de Abu – Ilha de formosa



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, *tabanca* de Abu, Ilha de Formosa. Foto: da autora
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

A área da horta é bem grande cada uma das mulheres tem um espaço para o seu cultivo, quanto ao acesso a água é mais tecnológico. A bomba fica inserida no poço (Fotografia 45) é alimentada por energia gerada pela placa solar (Fotografia 47). Toda a água é enviada para um reservatório que fica mais acima (ele alimenta a horta, a sede, os banheiros e os escritórios). Por gravidade ele devolve a água para a horta comunitária, atraves de um cano. Cada mulher tem direito a um regador, elas os enchem e assim elas podem aguar seus cultivos (conversa informal realizada com Sanhá, novembro de 2022).

Fotografia 47: Poço da horta comunitária tabanca de Abu - Poço para a irrigação



Fonte: Acervo de campo, novembro de 2022, *tabanca* de Abu, Ilha de Formosa. Foto: da autora

Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta" em PDF

4. APÊNDICE IV – Companheiros de campo

Aqueles que tornaram possível a realização do campo. Além da Tiniguena, Miguel Barros e Emanuel Ramos (Manecas)

Fotografia 48: Companheiros de trabalho de campo – Toni Bandeira, Raisa Regala, Sanka, Luis, Sanhá – porto de Formosa



Fonte: Acervo de Campo – foto: Paloma Regala – dezembro 2022.



Fruto da *Adansonia digitata,* Cabaceira ou Calabaceira, já no resto do mundo também chamada de Baobá,
Foto: : Raisa Regala, nov. 2022
Essa imagem possui texto alternativo de áudio descrição para "leitura em voz alta".

Anexo

ANEXO I - Boletim Oficial – Criação da Área Marinha Protegida Comunitária Ilhas de UROK

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU

BOLETIM OFICIAL

Terça-feira, 12 de Julho de 2005 — *Número 28*

Dos assuntos para publicação no "Boletim Oficial", devem ser enviados o original e o duplicado, devidamente autenticados pela entidade responsável, à Direcção-Geral da Função Pública – Repartição de Publicações –, a fim de se autorizar a sua publicação.

Os pedidos de assinatura ou números avulsos do "Boletim Oficial" devem ser dirigidos à Direcção Comercial da INACEP – Imprensa Nacional, Empresa Pública –, Avenida do Brasil, Apartado 287 – 1204 Bissau Codex. – Bissau Guiné-Bissau.

SUPLEMENTO

SUMÁRIO

PARTE I

Conselho de Ministros:

Decreto n.º 8/2005.

Criada a Área Marinha Protegida Comunitária nas ilhas de Formosa, Nago e Chediã (ilhas Urok).

Decreto n.º 9 /2005.

Aprovado o Plano de Gestão da Área Marinha Protegida Comunitária das ilhas de Formosa, Nago e Chediã (ilha Urok).

PARTE I

CONSELHO DE MINISTROS

Decreto n.º 8/2005

CRIAÇÃO DA ÁREA MARINHA PROTEGIDA COMUNITÁRIA DAS ILHAS DE FORMOSA, NAGO E CHEDIÃ (ILHAS UROK)

Preâmbulo

Consciente de que a protecção do meio ambiente na Guiné-Bissau é um factor indispensável ao desenvolvimento harmonioso do país, o Governo aprovou a Lei Quadro das Áreas Protegidas que prevê a atribuição de diferentes categorias às áreas de interesse para a conservação cuja classificação venha a justificar-se. Neste mesmo espírito, o Governo assinou a 17 de Março de 2003, a Declaração de Política Geral e a Estratégia Regional para as Áreas Protegidas Marinhas na África Ocidental adoptada no quadro do PRCM - Programa Regional de Conservação dos Recursos Marinhos e Costeiros da África Ocidental. A visão global expri-mida por essa estratégia é formulada nestes termos: "... Uma rede de Áreas Marinhas Protegidas na África Ocidental, geridas por instituições fortes, de forma participativa, que valorizam a diversidade natural e cultural, para contribuir para o desenvolvimento durável da região".

O grupo de ilhas de Formosa, designado tradicionalmente Urok, integra, para além desta, as ilhas de Nago e Chediã e vários ilhéus e ilhotas desabitadas, entre as quais Acôco, Maramba, Papagaio, Quai e Ratum. Situadas na parte Norte do Arquipélago dos Bijagós, cobrem, no seu conjunto, uma superfície de 545 km² dos quais 147 km² de meio terrestre, 66 km² de mangal, 203 km² de zonas intertidais vasosas e 8 km² de canais profundos.

O Arquipélago dos Bijagós abriga, para além de abundantes recursos da pesca e paisagens de beleza excepcional, uma diversidade biológica notável, preservada até os nossos dias graças a modos de gestão tradicional praticados pela etnia bijagó. Por isso, foi classificado pela UNESCO, em 1996, Reserva da Biosfera. O seu zoneamento, feito em colaboração com seus habitantes, permitiu identificar os meios mais sensíveis chamados zonas centrais. Alguns já beneficiam de um estatuto de protecção especial, tais como o Parque Nacional de Orango e o Parque Nacional Marinho das Ilhas de João Vieira e Poilão.

O grupo de ilhas de Formosa, Nago e Chediã (Ilhas Urok) foi igualmente identificado como zona central da Reserva da Biosfera do Arquipélago dos

Bijagós, mas, até hoje, não dispõe de um estatuto de protecção correspondente. Com efeito, a sua zona costeira é particularmente interessante em termos de biodiversidade. As partes vasosas intertidais, os densos mangais e os inúmeros canais representam habitats críticos para a reprodução e o crescimento de numerosas espécies de peixes e crustáceos. Constituem igualmente habitats para mamíferos, répteis e aves aquáticas. O grupo de Formosa abriga uma das mais fortes concentrações de Manatins da sub-região, assim como Golfinhos, entre os quais o *Souza teuzsii,* uma espécie rara, para além de Hipopóptamos "marinhos", lontras do mar, crocodilos e várias espécies de tartarugas marinhas. As zonas vasosas são ocupadas por grandes concentrações de aves aquáticas, destacando-se imícolas, pelicanos, flamingos cor-de-rosa, garças e gaivinas, representando, na totalidade, cerca de 190.000 indivíduos pertencendo a 96 espécies provenientes da Europa do Norte e da Sibéria. O grupo de Formosa é, na realidade, o mais importante do Arquipélago para a avifauna, sendo que este é o segundo sítio de importância para as aves migradoras a nível da África Ocidental.

Nos últimos anos, as trocas comerciais com o continente aumentaram, assim como as influências do exterior, originadas principalmente pela chegada de um número cada vez maior de populações vindas do exterior, em busca dos seus recursos abundantes, os haliêuticos em particular. Isso tem-se traduzido na pressão crescente sobre algumas espécies, no enfraquecimento das regras tradicionais de gestão e no empobrecimento das populações residentes. Preocupados com esta situação, as populações locais e autoridades tradicionais, com o apoio de entidades governamentais e não-governamentais, nacionais e estrangeiras, engajaram-se num processo de gestão participativa dos espaços e recursos costeiros das ilhas Formosa, Nago e Chediã (Ilhas Urok), assente na recuperação e actualização das regras tradicionais de gestão e visando a criação de uma área marinha protegida comunitária.

Reconhecendo o valor ecológico e a riqueza em biodiversidade das ilhas Urok, bem como o carácter inovador da experiência de gestão participativa em curso nestas ilhas, que constitui já um exemplo de referência não só no país mas na sub-região; cientes da necessidade de apoiar e encorajar dinâmicas autónomas conducentes a uma maior responsabilização das populações pela conservação e valorização do meio ambiente e promoção do seu desenvolvimento.

O Governo decreta, nos termos do n.º 2 do artigo 100.º da Constituição, o seguinte:

CAPITULO I

DA CRIAÇÃO, NATUREZA E OBJECTIVO

ARTIGO 1.º

(Criação e natureza)

1. É criada a Área Marinha Protegida Comunitária das ilhas de Formosa, Nago e Chediã (Urok), adiante designada AMPC das ilhas Urok, uma pessoa colectiva de direito público e nos termos definidos no artigo 3.º da Lei Quadro das Áreas Protegidas.
2. A AMPC das ilhas Urok rege-se pelas disposições do presente diploma, pela Lei Quadro das Áreas Protegidas e demais legislação aplicável.
3. A capacidade da AMPC das ilhas Urok abrange todos os direitos e obrigações necessários ou convenientes à prossecução do seu objectivo, exceptuando os que lhe sejam vedados por lei ou sejam inseparáveis da personalidade singular.

ARTIGO 2.º

(Objectivo)

A AMPC das ilhas Urok tem por objectivo assegurar a durabilidade do patrimóno natural e cultural das ilhas de Formosa, Nago e Chediã, designadas tradicionalmente ilhas Urok, com vista ao desenvolvimento durável das populações locais e do País, através do empoderamento das comunidades residentes e da sua plena participação na sua conservação em benefício das gerações presentes e futuras.

ARTIGO 3.º

(Limites)

1. A AMPC das ilhas Urok compreende o território das ilhas Formosa, Nago e Chediã (Urok) que se estende até aos limites dos bancos e espaços marítimos tradicionalmente geridos pelas comunidades destas ilhas.
2. Segundo o mapa anexo ao presente diploma e dele fazendo parte integrante para todos os efeitos legais, a fronteira da AMPC das ilhas Urok passa a norte das *Pedras de Maio,* seguindo a leste o limite do *Canal do Geba* (isóbata dos 10 metros) e passa a norte das *Pedras de Papagaio*; inclina-se, de seguida, a sudeste, englobando os bancos *Coroa de Papagaio*, depois orienta-se a sul e depois a sudeste, alongando a leste os bancos *Coroa de Formosa*; prolonga-se nessa direcção até ao banco situado a 3 milhas a leste da ilha de Edana; sobe depois, ligeiramente, em direcção

oeste – noroeste até à extremidade oeste do banco exterior situado a sudoeste da *Ponta de Uada*; contorna esse banco a oeste e em linha oblíqua para o norte e depois para o nordeste, alongando a oeste as *Coroas de São Francisco*; prossegue essa trajectória passando a oeste os bancos até o limite do *Canal do Geba*, a norte das *Pedras de Maio*.

CAPITULO II

DO ZONAMENTO

ARTIGO 4.º

(Zoneamento)

1. O sistema de zonamento da AMPC das ilhas Urok prevê a existência de três zonas distintas, delimitadas em consonância com a população residente e de acordo com a seguinte classificação:
   a) zona central que compreende toda a zona de mangais e rios associados, nomeadamente o contorno das ilhas e o espaço compreendido entre Formosa, Nago e Chediã, conhecido por "barriga das ilhas";
   b) zona tampão que se estende a partir do limite da zona central até ao primeiro canal, passando pela jusante dos bancos de areia em contacto com a costa das ilhas de Formosa, Nago e Chediã e incluindo os pequenos canais que atravessam estes bancos;
   c) zona de transição que começa do primeiro canal junto das ilhas até ao limite exterior do território das ilhas de Formosa, Nago e Chediã.
2. Os limites das diferentes zonas constam do mapa anexo a que se refere o artigo 3.º do presente diploma.

CAPITULO III

DAS ACTIVIDADES CONDICIONADAS E LICENCIAMENTO

ARTIGO 5.º

(Mapas)

1. A sede da AMPC das ilhas Urok deverá dispor para consulta pública de um mapa à escala de 1:50.000 onde constem os limites desta, assim como os do zoneamento, conforme definidos no artigo 4.º.
2. Na sede da AMPC das ilhas Urok também deverá existir, para consulta pública, uma descrição actualizada das actividades permitidas ou proibidas, o estatuto de protecção das diferentes zonas e, de uma forma geral, quaisquer informações reputadas necessárias ao bom funcionamento desta área protegida.

ARTIGO 6.º

(Interdições e condicionamentos)

Conforme as regras definidas no Plano de Gestão da AMPC das ilhas Urok, a ser adoptado oficialmente em tempo oportuno:

a) É interdito o exercício de quaisquer actividades na zona central, tais como a execução de loteamentos, construções ou outras acções que não sejam o acesso aos recursos reservados exclusivamente seja aos residentes para a satisfação de necessidades alimentares e cerimoniais seja para fins científicos;
b) Na zona tampão o acesso aos recursos é reservado exclusivamente aos residentes para fins alimentares, cerimoniais e comerciais;
c) Na zona de transição o acesso aos recursos naturais é consentido tanto aos residentes como aos não residentes.

ARTIGO 7.º

(Fiscalização)

1. A actividade de fiscalização no território da AMPC das ilhas Urok baseia-se nos princípios da co-gestão e da responsabilização das populações. É exercida pelo seu Comité de Gestão, em colaboração com os residentes e com o apoio da Administração de Sector.
2. A aplicação de sanções é da competência da Administração do Sector, sob proposta do Comité de Gestão da AMPC das ilhas Urok.
3. O disposto nos números anteriores não prejudica o exercício de poderes de fiscalização da polícia, quando tal se justificar.

ARTIGO 8.º

(Licenciamento)

1. Todas as actividades eventualmente sujeitas a regimes de licenciamento ficam condicionadas à autorização da Administração de Sector, sob proposta do Comité de Gestão da AMPC das ilhas Urok.
2. Os pedidos de licenciamento carecem obrigatoriamente de estudos de impacto ambiental prévios, conforme previsto na Lei Quadro das Áreas Protegidas.

CAPITULO IV

DA ORGANIZAÇÃO E COMPETÊNCIAS

ARTIGO 9.º

(Órgãos)

1. São órgãos da AMPC das ilhas Urok:
   a) O Comité de Gestão;
   b) A Assembleia-Geral.
2. As competências e o funcionamento destes órgãos são aquelas previstas, com as necessárias adaptações, no art.º 17.º da Lei Quadro das Áreas Protegidas.
3. O Comité de Gestão é composta por 6 representantes da Formosa, 3 de Nago, 3 de Chediã, 2 de Tiniguena, 1 da Reserva da Biosfera do Arquipélago de Bolama- Bijagós, e 1 de Administração de Sector.
4. A Assembleia Geral é composta por membros dos Comités de Gestão de cada tabanca componente das três ilhas, 2 representantes da Administração de Sector, 1 da Delegacia Regional da Pesca, 3 da Tiniguena, 1 da Reserva da Biosfera do Arquipélago de Bolama-Bijagós, 1 do Gabinete de Planificação Costeira, 1 do IBAP e 2 de parceiros financeiros.

CAPITULO V

DA GESTÃO E SEUS INSTRUMENTOS

ARTIGO 10.º

(Gestão)

1. A ocupação, o uso e a fruição do solo serão regulados nos termos definidos pela lei da terra.
2. São instrumentos de gestão da AMPC das ilhas Urok o Plano de Gestão, o orçamento, o fundo especial e o regulamento interno, conforme prescritos na Lei Quadro das Áreas Protegidas.
3. O plano de gestão definirá os usos adequados do território e dos recursos naturais da AMPC das ilhas Urok em conformidade com o mapa anexo.

CAPITULO VI

DAS DISPOSIÇÕES FINANCEIRAS E TRANSITÓRIAS

ARTIGO 11.º

(Destino das receitas)

O produto das multas e outras sanções aplicadas pelas autoridades administrativas competentes assim como o das taxas previstos nos processos de licenciamento, serão distribuídos pela forma que se segue:

a) 40% para o Fundo Especial da AMPC das ilhas Urok;
b) 30% para o IBAP;
c) 20% para a Administração de Sector;
d) 10% para o Tesouro Público.

ARTIGO 12.º

(Plano de gestão)

O plano de gestão deverá ser oficialmente adoptado até um ano a contar da data de aprovação deste diploma.

ARTIGO 13.º

(Registo)

A aprovação deste decreto implica o registo definitivo da AMPC DAS ILHAS UROK na Direcção Geral dos Serviços de Cadastro e Topografia do Ministério das Obras Públicas, Construções e Urbanismo.

ARTIGO 14.º

(Mecanismos institucionais)

Além do disposto no n.º 1 do art.º 49.º da Lei Quadro das Áreas Protegidas, deverá ainda o Ministério da Agricultura e do Desenvlvimento Rural requerer oficiosamente:

a) o registo a que se refere o artigo anterior;
b) a suspensão e sujeição a novos procedimentos, sob a cominação do disposto no art.º 8.º da lei quadro, dos processos de concessão de terrenos pendentes para a região de Bolama-Bijagós;
c) a cópia do Tombo Geral, devidamente actualizado, concernente à área da AMPC das ilhas Urok na escala de 1:50 000 com posterior remissão desta para a sede da Administração da Reserva.

ARTIGO 15.º

(Dúvida)

Os casos de dúvida serão interpretados por despacho do Ministro da Agricultura e Desenvolvimento Rural, ouvido o IBAP e administração do Parque.

ARTIGO 16.º

(Entrada em vigor)

O presente diploma entra em vigor logo após a sua publicação no Boletim Oficial.

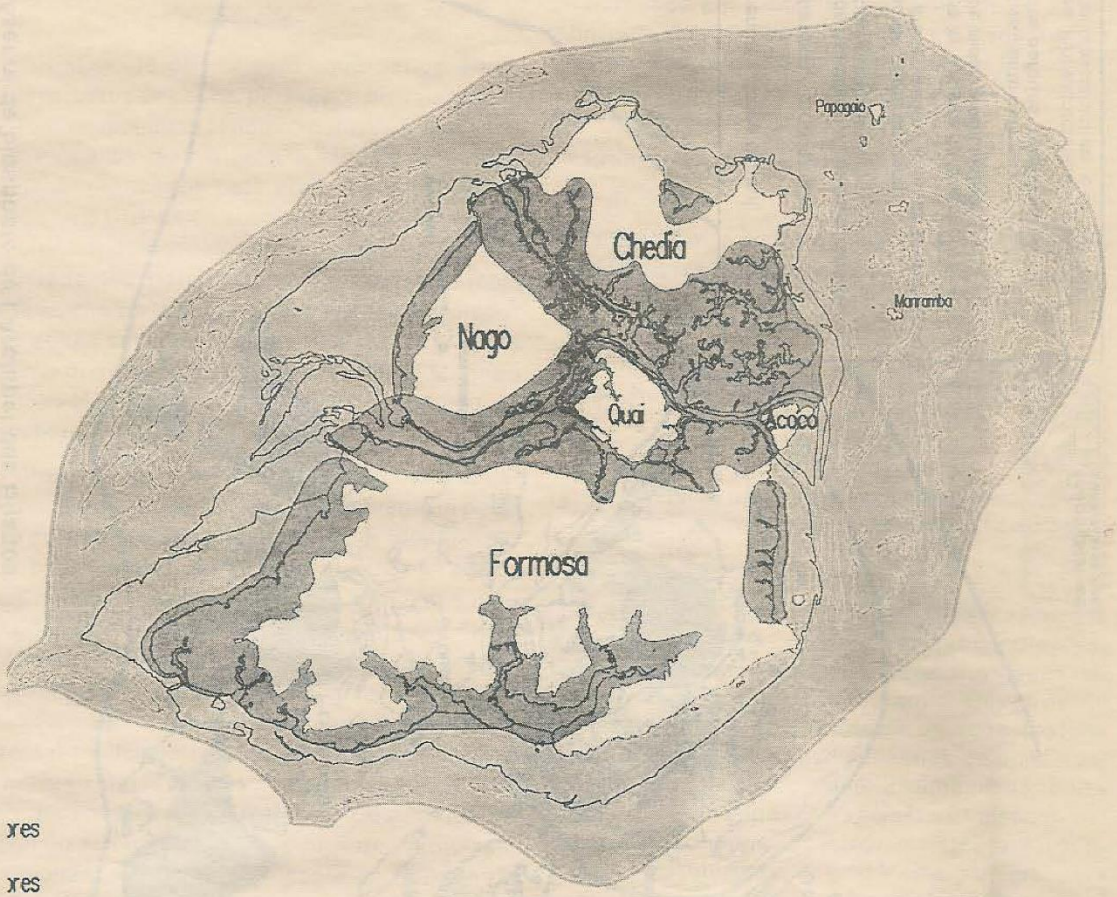
Aprovado em Conselho de Ministros de 15 de Abril de 2005. – O Primeiro Ministro, **Carlos Gomes Júnior**. – O Ministro da Agricultura e Desenvolvimento Rural, Engº. **João José Martins Lopes de Carvalho.**

Promulgado em 12 de Maio de2005.

Publique-se.

O Presidente da República de Transição, **Henrique Pereira Rosa**

Zonagem do ambiente costeiro das ilhas Urok



xres

xres

Zona 1 : Pesca de subsistência e cerimónias – comunidades residentes

Zona 2 : Pesca comercial – pescadores residentes exclusivamente

Zona 3 : Pesca comercial – pescadores residentes e não residentes

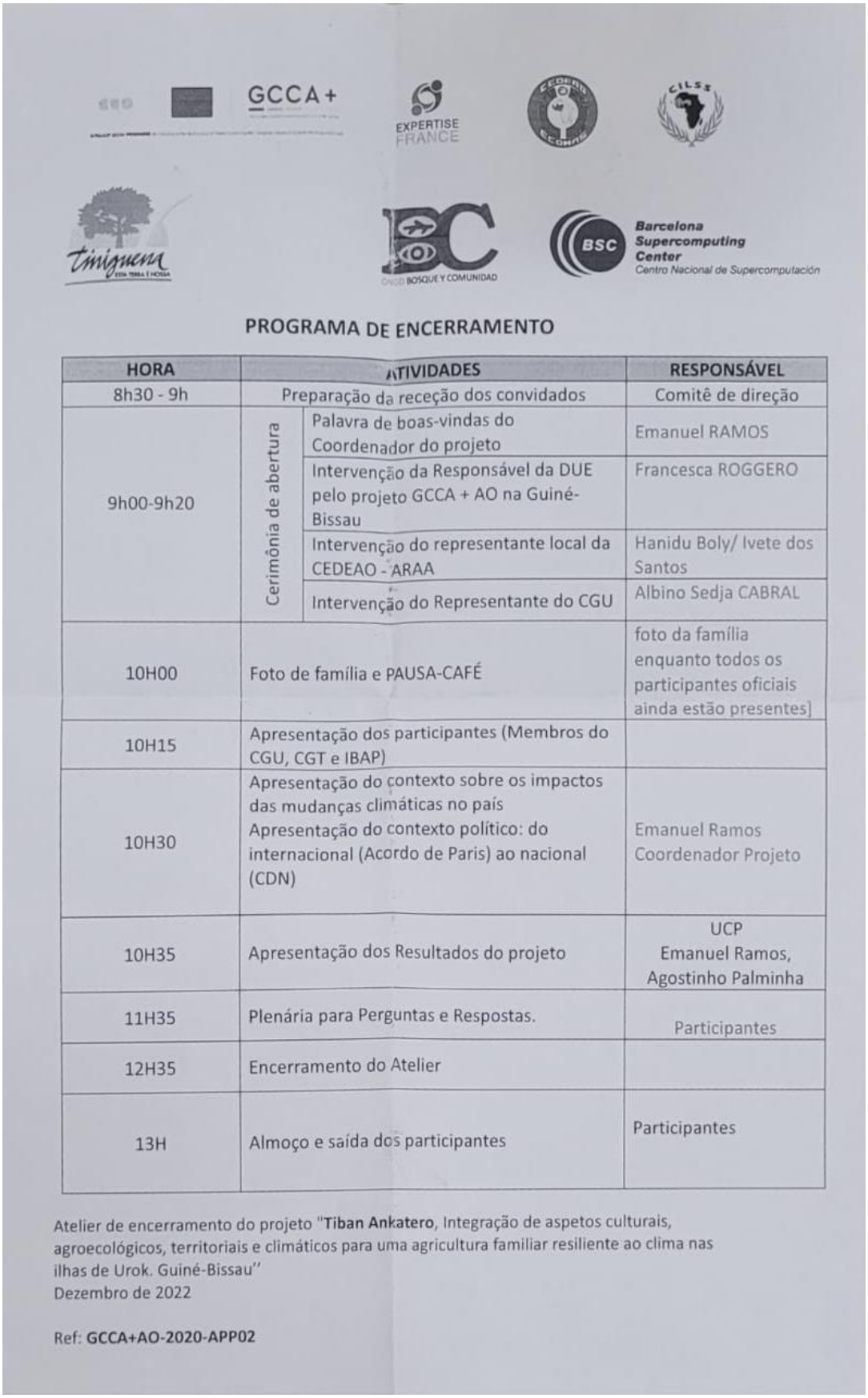
Terras emergidas

N Limite de território Urok

0Km 2 4 6

Concepção : TINIGUENA 2003
Realização: BISSAU – CELULE SG – INEP/

ANEXO II – Programação de encerramento do projeto *Tiban Ankatero*



PROGRAMA DE ENCERRAMENTO

HORA	ATIVIDADES		RESPONSÁVEL
8h30 - 9h	Preparação da receção dos convidados		Comitê de direção
9h00-9h20	Cerimônia de abertura	Palavra de boas-vindas do Coordenador do projeto	Emanuel RAMOS
		Intervenção da Responsável da DUE pelo projeto GCCA + AO na Guiné-Bissau	Francesca ROGGERO
		Intervenção do representante local da CEDEAO - ARAA	Hanidu Boly/ Ivete dos Santos
		Intervenção do Representante do CGU	Albino Sedja CABRAL
10H00	Foto de família e PAUSA-CAFÉ		foto da família enquanto todos os participantes oficiais ainda estão presentes]
10H15	Apresentação dos participantes (Membros do CGU, CGT e IBAP)		
10H30	Apresentação do contexto sobre os impactos das mudanças climáticas no país Apresentação do contexto político: do internacional (Acordo de Paris) ao nacional (CDN)		Emanuel Ramos Coordenador Projeto
10H35	Apresentação dos Resultados do projeto		UCP Emanuel Ramos, Agostinho Palminha
11H35	Plenária para Perguntas e Respostas.		Participantes
12H35	Encerramento do Atelier		
13H	Almoço e saída dos participantes		Participantes

Atelier de encerramento do projeto "**Tiban Ankatero**, Integração de aspetos culturais, agroecológicos, territoriais e climáticos para uma agricultura familiar resiliente ao clima nas ilhas de Urok. Guiné-Bissau''
Dezembro de 2022

Ref: **GCCA+AO-2020-APP02**


UROK

